
helena
magalhães
ferozes
SUMA
de letras

HELENA MAGALHÃES

FEROZES



À minha mãe, a mulher mais feroz.

Nota da autora

Em 2016, acabada de sair de um longo processo em tribunal contra a revista onde trabalhara nos últimos anos, desempregada, com a conta bancária negativa e a viver em casa dos meus pais, a única coisa que tinha a que me agarrar era uma história que estava a escrever e que viria a ser o meu segundo livro, *Raparigas como nós*. Enquanto tentava desesperadamente encontrar uma editora, recebendo apenas respostas negativas, acabei por conseguir um contacto com uma pequena editora que me desafiou, sem garantias, a escrever um livro sobre as relações modernas, uma sátira sobre homens e as redes sociais. Não levei aquilo muito a sério, todavia dediquei-me a escrevê-lo nesse verão, vendo-o mais como uma brincadeira que poderia abrir-me as portas ao que queria realmente escrever. Esse livro em particular, *Diz-lhe que não*, acabaria por mudar a minha vida e colocar o meu nome no circuito da literatura, não obstante os problemas que surgiram e que o retiraram do mercado. Frustrada, defraudada e a sentir-me impotente, iniciei uma batalha para reaver os direitos comerciais do meu próprio livro, que só iria ganhar em setembro de 2020.

Quando entrei para a Penguin Random House e me sugeriram voltar a publicar o primeiro livro, senti que já não o queria fazer, aquela já não era a minha voz. Mas percebi que podia pegar nesta oportunidade para a usar da forma que sempre sonhara e que nunca tivera coragem. Este livro, embora com algumas coisas desse primeiro, é a minha viagem de autodescoberta e crescimento, de aprendizagem e cura. Escrevê-lo nos últimos meses foi uma forma de fazer as pazes comigo mesma. Esta é a história de como deixei de ser invisível e me tornei feroz. Escrevi-o a pensar em todas as mulheres que todos os dias se sentem invisíveis e que anseiam por gritar.

Tornemo-nos ferozes.

deus devia ter feito as raparigas letais quando fez dos homens monstros

ELISABETH HEWER

Toda a minha vida tenho tentado encontrar o equilíbrio entre o desejo de ser invisível e o de ser visível. Vivemos num mundo que (ainda) diz que as mulheres não devem chamar muito a atenção, provocar ou falar demasiado alto, que nos silencia e nos torna invisíveis. A nossa invisibilidade está tão enraizada socialmente que, na procura pela nossa voz, muitas vezes esquecemos quem somos.

Na dúvida, que sejamos ferozes.

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,
Num mundo de maldades e pecados,
Sou mais um mau, sou mais um pecador…

FLORBELA ESPANCA

E tudo começa com duas histórias.

Primeira:

Caloira ignorante

Depois de um ano de pausa sabática para pensar no que queria fazer da vida, e que demoraria uma década a descobrir, tinha dezanove anos e estava na semana de praxes na faculdade, tendo passado o verão a ouvir histórias de amigas que já tinham entrado no ano anterior. «Esta é a semana mais importante dos quatro anos», diziam. «Tens de conhecer o máximo de pessoas possível, tens de participar nas praxes, tens de te encaixar, não podes ficar para trás, tens de fazer tudo o que te for proposto», tens, tens, tens, tantas regras. Rapidamente percebi que a maioria delas, ou das «tradições», como é politicamente correto dizer, eram, afinal, exclusivas das mulheres. A começar no traje, que rejeitei profundamente porque nunca concordei com a obrigação de me uniformizar. Imagino que, em muitas zonas do país, a tradição académica esteja bastante enraizada com códigos próprios que são levados a sério. Mas se a tradição do Traje Académico foi, em tempos, um simbolismo de uniformidade social e económica, a igualdade entre todos os estudantes universitários, não deveria hoje representar a urgente necessidade de se aceitar a individualidade de cada um? «Quem traja não pode estar maquilhada», ouvi um veterano dizer. «O traje é para mostrar quem realmente somos», continuou. «Nada de maquilhagem, penteados, acessórios, unhas pintadas, brincos, *piercings*…». Nesse mesmo dia, ouvi uma conversa no bar: «Com o traje vemos quem são realmente as gajas boas porque aquela merda não fica bem a nenhuma.» Até uniformizadas, os homens continuavam a diferenciar-nos.

Aos dezanove anos, ansiosa, sorridente e aterrorizada por estar na faculdade, só queria pertencer a qualquer coisa. Logo no primeiro dia fui abordada por um

rapaz mais velho que me disse que estava escolhida para o concurso *Miss Caloira*. Eu tinha sido uma adolescente estranha que gaguejava e, mesmo com toda a minha pomposidade, ser bonita ou atraente nunca foram conceitos com os quais me relacionasse. «*Miss Caloira* é um privilégio», pensei. Não era. Pouco ou nada participei nas praxes porque não via como é que simular sexo oral com bananas no meio do refeitório, encenar orgasmos no bar, comer sem talheres, ter a cara pintada ou andar amarrada a um veterano durante todo o dia fosse relevante para a minha integração académica. Durante aquela primeira semana fui uma reservada espectadora do circo.

«A menina aí atrás de *T-shirt* verde diga-me a raiz quadrada de dezasseis», pediu-me um simpático professor de Matemática de setenta anos. O que raio era a raiz quadrada? Tentei encontrar no fundo da minha memória alguns ensinamentos das aulas de Matemática, mas a minha mente estava em branco. «Esta veio aqui para passear», ouvi alguém sussurrar entre risos na fila de trás. Verdade seja dita, ou talvez fosse apenas uma tentativa de me desculpar perante a súbita perda de memória, não tinha aulas de Matemática desde o nono ano. Se me perguntassem sobre *Os Maias*, a *Mensagem*, o *Memorial do Convento* ou qualquer outro autor clássico onde tivera a cabeça enfiada nos meses anteriores, a estudar para o exame nacional de admissão, certamente saberia responder. Eu sabia que o meu cérebro era bem mais astuto, talvez estivesse apenas destreinado, ou talvez tenham sido os nervos por ter sido chamada a falar num anfiteatro cheio. Aquela manhã em particular, com os risos da fila de trás a ressoar nos meus ouvidos, seria o início de uma jornada para aprender a usar a minha voz e a contrariar o rótulo que, imediatamente, me foi dado, a *Miss Caloira* ignorante da turma.

Ao longo da vida vão dar-nos rótulos em todo o lado pelo nosso emprego, pela nossa aparência, pelo nosso corpo, pela forma como nos vestimos, como falamos, pelas escolhas que fazemos, pelas coisas de que gostamos, pela cor da nossa pele, pela nossa orientação sexual, pela nossa religião, pela nossa

ideologia política e, acima de tudo, pelo facto de sermos mulheres. Só temos de gritar um pouco mais alto.

No final da primeira semana, dez ou doze caloiras circularam timidamente pelo pátio com os rapazes a bater palmas e a dar pontuações. Lembro-me de pensar que os critérios de escolha entre raparigas e rapazes eram tão paradoxais, questionei-me se mais alguém reparava nisso. Se nós tínhamos sido escolhidas por critérios meramente focados na nossa aparência, os rapazes foram eleitos pelo seu sentido de humor ou por, de qualquer outra forma, se terem destacado durante aquela semana. Uma das caloiras faltara e um rapaz chamou uma rapariga do meu curso para a substituir. Ela olhou para mim em pânico e colocou-se ao meu lado. Clara viria a ser minha melhor amiga na faculdade, a minha companheira, parceira de trabalhos, de estudo e de vida académica. Hoje, tem um bebé, trabalha num programa das Nações Unidas em Bruxelas e passou de uma rapariguinha assustada de calças verde-tropa para uma mulher extraordinária.

Voltemos à *Miss Caloira*. Primeiro desafio: apanhar moedas do chão sem dobrar os joelhos. Pareceu-me bastante inofensivo até chegar a minha vez e perceber que o propósito era ficar de costas para os veteranos nos pontuarem. Segundo desafio: cada veterano iria escolher uma *Miss Caloira* para simular uma posição sexual. O público iria depois aplaudir, talvez a mais criativa ou fidedigna. Terceiro desafio: não sei o que foi porque já não fiquei para ver. Eu e Clara abandonámos o pátio. Não posso dizer que tenha sido um grande gesto feminista contra o patriarcado das praxes porque, confesso, estava meramente aterrorizada com a ideia de simular o quer que fosse com alguém.

Nessa noite, na primeira grande quinta-feira de festa universitária onde iriam ser eleitos a *Miss* e o *Mister Caloiros*, Clara não apareceu, mas fui com outras raparigas do nosso curso. Gosto de pensar que era ingénua e inocente, mas sei que continuei naquela fantochada porque estava a adorar a atenção. Eu devia ter dito que não, mas a rapariga de catorze anos que gaguejava e que ninguém convidava para dançar nas matinés do Bauhaus[1] ansiava por aquilo. Desfilei

no meio da faculdade de biquíni de braço dado com um caloiro tão desengonçado quanto eu e deixei que o júri de veteranos pontuasse o meu corpo. A dada altura, entrei na casa de banho e deparei-me com uma *miss* de outro curso sentada em cima do lavatório com a cabeça de um dos veteranos no meio das suas pernas. O pouco que conhecia de sexo experimentara com Sam, o meu primeiro namorado, era a personificação viva de uma caloira inocente, pudica e aquela imagem tão sexual e crua foi excitante e intrigante mas tremendamente assustadora. Eu podia estar de biquíni a comportar-me como uma estrela de cinema indulgente, mas mal sabia o que era o sexo e aquilo deixou-me embaraçada. Nesse momento, outro veterano com quem falara nessa noite entrou atrás de mim, encostou-me à parede com a mão em torno do meu pescoço, colocou a sua perna no meio das minhas e sussurrou-me ao ouvido: «Se quiseres, eu faço com que tu ganhes.» Devo ter feito um riso nervoso, provavelmente disse qualquer coisa como «Ai, desculpa, não, obrigada», porque nós, raparigas, estamos sempre a desculpar-nos por tudo e a memória mais vívida que tenho daquela noite é a de sair constrangida e de me juntar ao grupo da minha turma. Só queria ser invisível no meio daquela pantomima.

No dia seguinte, quando cheguei às aulas, uma rapariga da minha turma abordou-me: «Andam a dizer que fodeste com ele na casa de banho ontem à noite.» Quando o encontrei no bar com o grupo de amigos, olharam todos para mim e assobiaram. Ele acenou-me com um sorriso de escárnio. Todos acreditavam que, parafraseando, me tinha comido. Não consegui dizer que não.

Segunda:

Por qué no te callas?

(não, porque é que nos calamos?)

Durante a minha vida académica trabalhei como promotora numa infinidade de trabalhos, desde fazer de jarra em conferências e eventos até oferecer brindes nas estações de metro. Em 2008, no início do quarto e último ano de faculdade, fui chamada para ser hospedeira numa conferência onde iriam estar o então primeiro-ministro José Sócrates e o Presidente da Venezuela Hugo Chávez para um acordo qualquer sobre os polémicos computadores *Magalhães*. Por ser um trabalho mais ou menos importante, o diretor da agência que contratava as hospedeiras estava lá. Conversei bastante com ele, uma vez que as minhas importantes funções consistiam em estar à porta no início e no fim da conferência. Dizer olá e adeus aos convidados, jornalistas, políticos e outros ilustres anónimos. Era um homem mais velho, não sei ao certo colocá-lo numa faixa etária, mas não teria mais de quarenta anos. Era alto e atlético, usava um fato elegante, tinha sentido de humor, era simpático, conversador, enfim, um homem perfeitamente normal. Lembro-me de que me perguntou o que é que eu estudava, o que queria fazer, onde queria trabalhar, parecia genuinamente interessado.

Uns dias depois, num sábado, telefonou-me e disse que tinha muitas fotografias minhas de vários trabalhos e perguntou se as queria ver e escolher algumas para mim. Combinei ir a casa dele mais tarde nesse dia, um apartamento em Algés, ao pé dos bombeiros. Com a distância com que escrevo isto, claro que consigo ver como todos os sinais estavam lá. Ele podia simplesmente ter-me enviado por *e-mail* ou gravado num CD[2]. Mas, naquela

altura, e talvez fruto da minha inocência, apanhei o comboio, porque ainda não conduzia, e fui até lá. Quando cheguei, estava a beber uma cerveja no sofá, fizemos conversa de ocasião e, um pouco depois, levou-me a uma espécie de escritório, onde estava o computador e, quanta conveniência, uma cama de solteiro. Eu tinha levado um CD vazio e, sentada na sua secretária enquanto percorria as suas pastas com fotografias de trabalhos e escolhia as minhas, não me apercebi sequer de que ele saíra do quarto. Estava tão absorta naquilo que, uns minutos depois, quando o vi entrar completamente nu, nem tive reação. A rapidez da situação despontou a minha apatia porque nem sei precisar o que me passou pela cabeça no momento.

Lembro-me que se aproximou de mim por trás da cadeira, afastou-me o cabelo e começou a beijar-me o pescoço. Na ingenuidade da minha idade, ele assemelhava-se meramente a um homem adulto, imaginava-o íntegro. Nunca um homem mais velho me tocara, muito menos uma espécie de patrão, por isso, provavelmente, foi a mais pura das surpresas que me imobilizou. Eu tentava dizer que não, mas subitamente já estava sentada na cama e ele, inclinado por cima de mim, tentava desapertar-me as calças. Eu só queria gritar, tenho a certeza de que lhe pedi para parar. «Não me digas que vieste até aqui só para ver fotografias», disse com um sorriso complacente. Acho que, em situações assim, nunca queremos acreditar que tal coisa nos esteja a acontecer, o nosso cérebro fica com algum atraso a processar o que se está a passar no corpo, porque eu só pensava que aquilo não podia ser real. Aquelas coisas só aconteciam nos filmes e nas notícias longínquas. Não aqui, em Portugal, em Lisboa, com aquele homem com quem ainda dias antes conversara e que me pagava cinquenta euros por trabalho a recibos verdes. E é curioso que a palavra violação nunca me tenha passado pela cabeça. Só quando me puxou a camisola e a rasgou, porque me recusava a levantar os braços, é que me mentalizei que estava numa situação de merda da qual não sabia como é que iria sair. Lembro-me de que me beijou à força, que disse coisas nojentas e, com a mão enfiada à bruta dentro das minhas calças, tentou, a todo o custo, penetrar-me com os dedos. Só me apercebi de que

estava a gritar quando um miúdo, dois ou três anos mais novo do que eu, provavelmente o irmão dele, que nem ouvira chegar, entrou no quarto e lhe perguntou o que estava a fazer. A expressão do miúdo foi de profundo choque, ou assim pareceu aos meus olhos. Ele saiu de cima de mim, disse com uma gargalhada que nos estávamos a divertir. O miúdo perguntou-me se estava bem, talvez não por verdadeira preocupação, mas antes por reflexo. É o que perguntamos uns aos outros de forma rotineira: «Estás bem?» Como se pudesse estar bem, como se isso fosse sequer possível. E hoje, enquanto o recordo, não creio que tenha sido um incidente isolado. Só me lembro de pegar na minha mala e de sair a correr porta fora. Desci as escadas do prédio aos tropeções e só parei no fundo da rua quando me sentei à porta de um talho, o primeiro sítio que encontrei com pessoas. Só aí comecei a chorar. Foi a terrível constatação do que quase acontecera e, ao mesmo tempo, a dúvida se seria culpa minha, se teria dito alguma coisa errada ou dado a entender que queria que ele me fizesse aquilo. Quando Laura chegou, entrei no carro dela e chorei até chegarmos a casa dos meus pais.

Nunca fiz queixa dele, nem sabia o que poderia dizer. Não tinha ido a casa dele de livre vontade? E em 2008 as coisas eram muito diferentes. Portugal era um país diferente. Nunca mais atendi o telefone quando me ligaram para trabalhos, nem sequer enviei os recibos dos últimos que fizera. Limitei-me a desaparecer para nunca mais me cruzar com ele, fundi-me na minha própria invisibilidade. Devia ter sido mais perspicaz, mais inteligente, mais assertiva. E devia ter dito que não.

Sorte

substantivo feminino

1. Força invencível a que se atribuem o rumo e os diversos acontecimentos da vida; destino, fado.
2. Tendência para circunstâncias maioritariamente positivas; fortuna.

Tenho sido profundamente bafejada pela sorte. Não sou milionária, não vivo numa casa com jardim e piscina, não ganhei o Booker Prize ou o Prémio Camões ou o Prémio Saramago ou o Pulitzer ou — triste sina! — o Nobel, não tenho um milhão de seguidores, não tenho cabelo longo, não tenho pele morena, não tenho olhos azuis, não tenho dentes direitos, não sei pintar, não viajei por todo o mundo, não tenho um programa literário na televisão, não sou casada com o Albano Jerónimo nem com o Pedro Lamares, e, se é para aprofundar as improbabilidades da sorte, nem com o Matthew Goode, nem com o Ryan Gosling.

Não tenho nada disto.

Mas tenho muita sorte.

Porque naquela tarde de sábado, contra todas as probabilidades, o irmão dele apareceu. Saí fisicamente quase ilesa, não obstante todos os cacos emocionais que me acompanharam durante muito tempo.

Não sei ao certo a minha sorte. Terei sido uma exceção em quantas mulheres? Uma em dez? Uma em cem? Não há uma real noção deste problema em Portugal porque os casos participados são uma minoria. Os últimos dados davam conta de cerca de quatrocentos crimes de violação em 2019[3], ou seja, apenas estes

foram participados às autoridades, havendo, todavia, uma consciência de que os números são brutalmente mais elevados. Porque é que as mulheres não fazem queixa? Porque a justiça portuguesa é lenta, porque são casos difíceis de provar, porque a vítima sofre ainda mais depois por toda a exposição, pela burocracia e pelos exames físicos. Sem esquecer o ambiente que se vive em Portugal com uma justiça que continua a não penalizar os agressores nem a proteger as vítimas. Sem esquecer um juiz que dita uma sentença recorrendo a juízos moralistas, religiosos e machistas.

Porque é que não fiz queixa?

Não sei. Porque era miúda, porque achava que a culpa tinha sido minha, porque não queria pensar mais naquilo, porque não queria que os meus pais soubessem, porque queria continuar com a minha vida, porque queria ser invisível e porque não o queria ver nunca mais.

Mas vi.

Alguns anos volvidos, numa discoteca em Lisboa, vi-o encostado ao bar com um amigo. A olhar para mim de palhinha na boca. Vi a sua expressão, que podia ser remorso, mas, na verdade, pareceu-me mais gozo, uma constatação de desagrado desconfortável, que era mútuo, é certo, mas o que me incomodou foi o desprezo com que me olhou. Senti-me pilhada, invadida, ele não tinha o direito de violar o meu presente. Vi-o cumprimentar quem lá estava, vi-o rir, rodeado por mulheres, talvez fosse casado com uma delas, vi-o beber, vi-o dançar. E vi a sua insolência quando os nossos olhos se cruzavam como se fosse tudo uma grande inconveniência da minha parte, lembrá-lo daquela tarde de sábado anos antes. O *Espanhol* percebeu a minha tensão. «Tenho de dizer-te uma coisa», disse ao ouvido dele. «Está aqui aquele homem.» Nem sabia como lhe chamar. «Estás a falar de quem?», perguntou-me, confuso, ninguém está à espera de que saia um violador da cartola a meio da noite. «Aquele com quem trabalhei e que…» O *Espanhol* virou-se abruptamente. «Onde é que ele está?», gritou-me ao ouvido. E vi-o sair disparado do meu lado, os seus amigos a olhar para trás, a

questionar-me o que se passava. Ele era mais alto do que o *Espanhol*, mas foi apanhado de surpresa, pelo que não teve tempo de reagir, e vi a sua cabeça fazer um ângulo estranho para trás e para a frente como se fosse um daqueles bonecos com pescoço de mola. Os amigos do *Espanhol* aproximaram-se, o rapaz do bar gritou pelos seguranças, as pessoas à volta afastaram-se, as mulheres guincharam com medo da confusão e eu fiquei parada onde estava. Acabámos por ser expulsos da discoteca, também não fazíamos questão de lá ficar, e, já na rua, vi que o *Espanhol* tinha a mão ensanguentada e cortada devido aos cacos do copo que o outro tinha na mão. Mas senti-me grata, profundamente grata como se me estivesse a salvar, não daquilo, é certo, isso devo-o ao irmão que apareceu, mas talvez de mim mesma, da memória que retinha dentro de mim. Apaixonei-me ainda mais por ele nessa noite, como se isso fosse sequer possível. Caminhámos por Santos, inclinados um para o outro, ele com o braço em torno dos meus ombros, eu agarrada à sua cintura. «Aquele cabrão tão cedo não pensa em tocar em mais nenhuma mulher», disse-me. Beijei-lhe a mão ferida e encostei a minha cabeça à curva do seu pescoço.

Um trauma é válido mesmo que:

Outras pessoas tenham passado por situações piores.
As consequências não tenham sido assim tão graves.
Outras pessoas, na mesma situação, não se sintam traumatizadas.
Tenha acontecido há muito tempo.
Pudesse ter sido evitado.
Pareça que, afinal, estás bem.
Outras pessoas digam que tens de o ultrapassar.
Ninguém saiba.
Não sintas necessidade de falar com alguém sobre isso.
Ou só agora o sintas.
Ou só agora estejas a aprender a falar.
Hoje pareça patético.
Hoje pareça que não foi assim tão mau.
Hoje saibas que podia ter sido pior.
Hoje sintas que tiveste sorte.

O meu corpo

Tenho medo do meu corpo. Tenho medo de que seja demasiado visível e, um dia, um homem volte a sentir que pode pegar nele e fazer dele o que quiser. Tenho medo de que seja demasiado invisível e que silencie a voz que anseio ter. Como seria para nós, mulheres, se pudéssemos ser ferozes, se pudéssemos usar o nosso corpo como uma coroa sem termos de o moldar tanto para agradar como para nos proteger dos homens? Como seria para nós se não tivéssemos de viver, todos os dias, com a dualidade de querermos ser desejadas, amadas e, ao mesmo tempo, respeitadas e donas da nossa liberdade?

As mulheres vivem todos os dias com medo. Não é um medo que nos neutralize, mas está inconscientemente presente. Em crianças, somos ensinadas a ter cuidado, a não falar com estranhos, a não nos afastarmos demasiado. Em adolescentes, somos ensinadas a não provocar os rapazes, a não nos vestirmos de forma convidativa, a não largar os nossos copos quando estamos num bar. Em adultas, somos ensinadas a não andar sozinhas à noite, a não chamar a atenção, a não olhar para os carros do lado quando conduzimos à noite, a não nos sentarmos numa carruagem vazia do metro, a não entrarmos num elevador se só lá estiver um homem, a não estacionarmos o carro longe da porta num parque público, a não nos sentarmos ao lado de um homem no autocarro.

Este medo foi implantado dentro de nós desde crianças como uma música a tocar em pano de fundo no nosso dia a dia que nos lembra que devemos ter medo, porque, dessa forma, vamos tomar medidas em prol da nossa proteção. O medo da violação é uma companhia silenciosa quando vivemos numa sociedade que coloca sobre as mulheres este fardo, ao invés de se concentrar no problema

real — os homens, a cultura misógina, de poder e opressão que continua a passar de geração em geração.

Todas nós.

Um homem já nos mostrou o pénis pela braguilha das calças.
Um homem já se esfregou em nós no metro.
Um homem já se masturbou ao nosso lado no autocarro.
Um homem já nos perseguiu pela rua.
Um homem já nos tocou de forma indesejada porque
estávamos a pedi-las com a nossa roupa.
Um homem já nos fez correr até ao nosso carro.
Um homem já nos fez olhar para trás repetidas vezes.
Um homem já nos fez meter conversa com alguém na rua
para fingir ser um familiar ou um amigo.
Um homem já nos fez entrar num café e pedir ajuda.
Um homem já usou a sua posição de poder para nos silenciar.
Um homem já usou a sua voz para nos diminuir.
Um homem já nos assediou no local de trabalho.
Um homem já abusou do nosso estado de embriaguez.

É sempre a violência contra as mulheres, nunca a violência por parte dos homens. São sempre as mulheres que foram violadas, nunca os homens que violaram. São sempre as mulheres que podiam ter tido mais cuidado, nunca os homens que as atacaram. É sempre temos de proteger as raparigas, nunca temos de educar os rapazes. Como se este fosse um infeliz acontecimento na vida das mulheres e os homens nem sequer fizessem parte do problema. Enquanto o discurso da sociedade continuar focado na ideia de que nem todos os homens são assim, nunca nos vamos poder concentrar no problema real de que todas as mulheres vivem com medo. Porque é evidente que nem todos os homens são um perigo, mas são homens suficientes para uma em cada três mulheres[4] no mundo já ter sofrido algum tipo de violência e abuso.

São homens suficientes para nos fazer ter medo do nosso corpo.

São homens suficientes para nos fazer desejar que fôssemos invisíveis.

Dualidades

Todas as mulheres conhecem uma mulher que já sofreu
algum tipo de abuso, violência ou assédio.
Quantos homens conhecem um homem que já causou
algum tipo de abuso, violência ou assédio?

Uma história de amor

Certa noite, estava de costas, encostada ao bar do MusicBox, quando o vi. Até poderia não ser ele porque, resumindo esta triste história, via-o muitas vezes. Infelizmente, só na minha cabeça. Mas não agora. Ali estava o *Espanhol* parado no meio da pista com o seu sorriso melancólico que, céus, rebentava com o meu sistema. Larguei tudo e abracei-o, não precisávamos de grandes cerimónias. Ele continuava igual desde a última vez que o vira. Beijou-me e dançámos, rodopiámos pela pista durante minutos, ou horas, nem sei. Não dizíamos nada, porque não havia nada para dizer, olhávamos um para o outro em surtos repentinos de afeto. Sentámo-nos num sofá e beijámo-nos como se mais ninguém existisse. Ele puxou-me os cabelos para trás, agarrou-me pela cintura e eu deixei-me prender, não fosse ele fugir-me a qualquer momento.

Senti-me como quando tinha catorze anos e ia às matinés do Bauhaus. Tudo era excitante, aquela expetativa das coisas incríveis que poderiam acontecer e que, na adolescência, têm a carga mágica das primeiras experiências. Na verdade, não fazíamos nada mais do que olhar timidamente para os rapazes e, com muita sorte, ser escolhidas para dançar um *slow* nos dez minutos em que tocava Goo Goo Dolls, Seal ou Aerosmith. Sermos escolhidas, nunca escolher. Porque esta ideia romântica que se baseava em poucos minutos de passos e toques embaraçosos era o momento mais antecipado da noite. Infelizmente, não cresci numa década assim tão feminista e, no fim dos anos noventa, nenhuma rapariga acreditava que podia dar o primeiro passo porque o medo de ser rejeitada era bem mais doloroso do que a crença de que poderíamos ser emancipadas, independentes e ter vontade própria. Não havia redes sociais e não nos podíamos limitar a deixar uns *likes* no rapaz de que gostávamos ou a enviar

mensagens que, à falta de resposta, fingíamos que nunca tinham acontecido. A rejeição era palpável, *in loco*, olho no olho. Assim, nos minutos que antecipavam os tão aguardados *slows*, deixávamo-nos ficar. Nas minhas memórias, conto pelos dedos de uma mão as vezes em que me escolheram, pelo que eventualmente antecipava mais a expetativa do que o momento propriamente dito. Afinal, tínhamo-nos umas às outras para cantarmos Seal em uníssono e, de mãos dadas, dançarmos aquela ode infantil de se ser rapariga.

— Anda cá — disse-me, quando voltei com duas bebidas —, preciso de te beijar.

Talvez continuasse um pouquinho parada nos catorze anos. E talvez essa fosse a razão por que estava a viver aquele revivalismo emotivo da adolescência, a antecipar ansiosamente o momento, a imaginá-lo fervorosamente na minha cabeça, não obstante as dezenas de vezes que já acontecera.

— Nem acredito que estamos aqui — disse-me, entre beijos. — Sabes que gosto de ti, não sabes?

Gosto de ti, gosto de ti, gosto de ti, continuou a ribombar nos meus ouvidos. Quão fácil era para ele dizer isto? Não respondi. As nossas vidas estavam em países diferentes. Tínhamo-nos visto provavelmente uma dúzia de vezes nos últimos anos. Pelo meio, tivemos outras relações com outras pessoas, a vida é mesmo assim, não é? Mas naquela noite estávamos apenas os dois, sem mais ninguém. As nossas conversas intercaladas por muitas ausências, eu cá e ele lá, tantos quilómetros de tristes expetativas. Muitos telefonemas e trocas de mensagens a meio da madrugada em que tudo parecia possível e víamos um no outro a luz ao fundo do túnel para uma vida improvável que podíamos vir a ter. Ou talvez esta fosse apenas a minha interpretação. Pensava nele de tempos a tempos, talvez muito, talvez demasiado. Se ele pensava em mim? Não fazia ideia. Imaginava que sim, era isso que o meu telemóvel dizia sempre que o seu nome aparecia a piscar. E podia parecer bonito, na teoria, pensar que poderíamos tentar uma relação à distância, mas, na prática, isso seria uma merda que resulta,

muitas vezes, em demasiadas expetativas e muitas frustrações. Beijei-o em resposta.

Fomos embora e conduzimos durante muito tempo. Parámos no meio de Sintra, fizemos tudo o que é desconfortável de se fazer dentro do carro, vimos o Sol nascer, a luz laranja escondida por trás das nuvens cinzentas, e tomámos o pequeno-almoço num cafezinho perdido. Parei à porta da casa da mãe dele e ficámos sentados no carro algum tempo em silêncio — não aquele estranho, mas o confortável — e eu sabia que era isso que me desarmava. Esta facilidade em estar com ele, calados a olhar um para o outro, e que não tinha com mais ninguém. Passei os meus dedos pelos lábios dele, pelo pescoço, pelo cabelo despenteado, queria absorver tudo porque não sabia quando o voltaria a ver.

— Podias entrar comigo — disse-me, beijando-me os dedos das mãos.

E eu queria entrar, queria deitar-me na sua cama de infância. Queria ver as fotografias de criança, sentir um pouco do seu mundo, ver para lá daquilo que éramos, dois estranhos que se encontravam de tempos a tempos e adiavam o gostar por mais um tempo. Queria abraçá-lo e entrelaçar as minhas pernas nas dele, fundir-me ainda mais no presente porque sabia que dificilmente teríamos futuro. Ele tinha uma mão na minha perna e começou, com os dedos, a subir ao longo da pele. Pela barriga, pelo peito, pelo pescoço.

— Prefiro despedir-me já — acabei por dizer. Ele saiu do carro e eu saí para lhe tocar uma última vez. Estava um frio de cortar, o céu estava cinzento e aquele encanto de ver o nascer do Sol já desaparecera. Todas as possibilidades deixaram de ter magia porque a luz da manhã lembrou-nos novamente quem éramos. Encostámo-nos ao carro, com a chuva miudinha a cair-nos na cara. Abraçou-me e senti-lhe o coração por baixo da camisa, as suas mãos estavam geladas e, quando me agarrou no rosto e me beijou, voltou tudo numa avalanche. Apaixonei-me por ele outra vez. Apaixonei-me pela forma como despejou o açúcar no meu chá e como comeu dois bolos enquanto se ria com a boca cheia de açúcar e falava da mãe, de Jeff Buckley, do jogo de futebol a que fora naquela tarde e da festa na Faculdade de Agronomia no mês seguinte, dizendo que nos

podíamos encontrar lá. Apaixonei-me pela sua gargalhada irritante. Apaixonei-me pelos seus braços, que me faziam sentir minúscula dentro deles. E pelos seus lábios, que me interrompiam com beijos. Apaixonei-me pelas pastilhas de canela que trocámos na boca. E pelos seus dentes desalinhados que mordiam o lábio inferior de cada vez que eu falava, da sua atenção tosca a tudo o que eu dizia.

— Quando é que vais embora? — perguntei, não encontrando nada melhor para lhe dizer.

— Amanhã. — Fez um sorriso comovente. — Aliás, hoje. Tenho voo para Barcelona depois de almoço. — Barcelona, onde ele trabalhava e vivia há anos.

Abracei-o uma última vez e entrei no carro. Ele bateu-me no vidro e pediu para o abrir. Enfiou-se pela janela, agarrou-me com força e beijou-me. Depois afastou-se, puxou para trás o cabelo já molhado da chuva que caía e viu-me ligar o carro e arrancar. Era tudo cruelmente perfeito na minha fantasia de nós. Enquanto me afastava dele, vi-o parado no meio da estrada a ver o meu carro partir e disse-lhe, mentalmente, adeus mais uma vez. Senti-me a pessoa mais infeliz à face da Terra, seria impossível haver alguém que se sentisse mais solitário do que eu, tal era a tragédia redundante e assoberbada que gostava de alimentar. Reconheci o velhinho sentimento habitual, aquela dor bonita do amor impossível que me proporcionava conforto e segurança, porque, afinal, tal como iria aprender ao longo dos anos, viver destas fantasias protegia-me do medo de perder o controlo do meu próprio corpo. Tinha-o perdido, mais uma vez, para a distância, para os *timings* da vida, que às vezes são uma merda, para o amor que às vezes não basta, para as pessoas que conhecemos e vamos conhecer e que nos afastam cada vez mais. E sorri porque esta era a fantasia que eu sabia controlar.

Subitamente nos trinta

A vida pode ser mais complicada do que estávamos à espera quando chegamos aos trinta anos. Escolhas de carreira, problemas de relações, questões familiares, dinheiro, amigos, pressão da sociedade… Não era suposto, aos trinta, já termos a vida resolvida? Não foi isso que as comédias românticas, os musicais e os filmes da Disney nos ensinaram? Quando tinha dezassete anos, no Dia dos Namorados, fui jantar com Laura, outra amiga e os namorados de todas. Depois da troca de presentes em que Sam, o meu primeiro namorado, me deu o clássico *Swatch* de corações vermelhos, foi com grande frustração que o ouvi dizer que ia com amigos para uma festa no Garage, em Lisboa. «Anda também», disse-me, sem grande emoção. «Como é que ele pode preferir uma noite com os amigos?», questionei, ingenuamente abalada, depois de o ver apanhar o comboio. O namorado de Laura, que já conduzia, levou-me a casa em lágrimas no seu velho *Fiat Punto*, onde, uns meses mais tarde, tivemos um acidente de onde saímos sem um arranhão, mas que enviou o carro para a sucata e nos deixou, a mim e a Sam, sôfregos de amor perante a iminência da morte. Foi com inveja que vi Laura e o namorado seguirem para o cinema e eu, tragicamente desamparada e solitária, fui para a cama chorar e ouvir Destiny's Child, Britney Spears, K-Ci&Jojo e Pearl Jam, géneros tão arbitrários quanto os meus jovens sentimentos.

Eu queria passar tudo isto à frente, imaginava que a vida ia ser muito mais fácil aos trinta anos, porque os estereótipos de uma mulher de trinta eram infinitos: as nossas amigas vão estar lá para nos apoiar, a nossa carreira já vai estar consolidada, vamos saber o que queremos fazer da vida e, asseguradamente, vamos ser ótimas nisso, vamos ter dinheiro, vamos amar o nosso corpo, vamos ter os nossos medos e traumas resolvidos, vamos ter o

melhor sexo, o melhor marido e, com sorte, dois filhos lindos para partilhar fotografias no Instagram e receber centenas de *likes*.

Só que de repente és a última solteira do teu grupo de amigas. Ainda ontem estavam a sair da discoteca às seis da manhã e a correr descalças para apanhar o comboio no Cais do Sodré e, agora, elas estão a falar de fraldas, chuchas, dentes a nascer, cólicas e a procurar quintas para o próximo casamento. Os vossos encontros passaram de fins de semana juntas para cafés rápidos onde esperam que sejas o entretenimento («Conta-nos a tua última aventura, vá lá») e as faças esquecer durante dez minutos a sua vida rotineira com a tua louca vida de solteira inveterada. Mesmo que, debaixo dos seus sorrisos, consigas ver aquele olhar inconfundível porque, coitadinha, ainda estás sozinha. E tu até podes não querer a vida delas mas aquele sorriso piedoso corrói como ácido.

Eis o que nunca ninguém nos ensinou: ser-se uma mulher solteira de trinta anos é lidar com a pressão de uma família que não entende as nossas escolhas, com uma sociedade conservadora que continua a acreditar que estamos aqui apenas para gerar filhos e com amigos que, a dada altura, não vão saber como nos encaixar nas suas vidas já tão adultas. Não quando nós ainda estamos entre empregos mal pagos, mal temos dinheiro para pagar a renda ao fim do mês e o melhor sexo que tivemos nos últimos tempos foi a pilhas.

No meio destas duas faixas etárias, entre a adolescência e a vida mesmo, mesmo adulta, há toda uma geração de mulheres ainda meio desconfortável e sem saber muito bem o que quer fazer. Que foi atirada da faculdade para a vida adulta, espera-se que case e que tenha filhos, que encontre um emprego que não a faça sentir totalmente miserável, mas onde nunca ganhará o suficiente para comprar uma casa antes dos sessenta anos. Pelo meio, ainda temos de lidar com uma sociedade onde todos procuramos enfeitar a nossa vida com um filtro do Instagram. Onde as pessoas casam com medo de ficar sozinhas; onde amamentar em público é questionável, mas ver raparigas, muitas vezes menores, sexualizadas nas redes sociais já é liberdade; onde uma mulher no Tinder está desesperada mas um homem está somente a divertir-se; onde um homem sozinho

ainda não casou mas uma mulher *ainda está solteira*; onde as pessoas traem só porque há muita gente disponível numa aplicação; e onde não nos queremos comprometer porque estamos sempre à espera da próxima pessoa melhor.

Neste caminho para me tornar feroz, percebi que não queria, nem por um momento, resignar-me a algo menos que extraordinário. Somos a primeira geração a ter o poder de escolha. A minha avó fugiu de um marido que lhe batia, a minha tia fugiu para França de uma vida num convento, a minha mãe fugiu de uma infância num lar da igreja. Venho de uma linhagem de mulheres que fugiu e sobreviveu. Porque fugir ou aceitar era a única escolha que tinham. Então, porque é que continuamos presas a empregos que odiamos, a relações que não nos fazem bem, a amar homens que nos magoam e a manter amizades tóxicas? Porque teimamos em ser invisíveis em vez de ferozes?

A minha viagem de autodescoberta começa aqui, na luta insana por equilibrar os meus medos com as minhas ambições, o purgatório entre o receio de ser demasiado visível e a frustração por ser demasiado invisível. Enquanto procurava o meu lugar no mundo, cruzei-me com mulheres incríveis que mudaram a minha vida. Estas são também as histórias delas.

Romances *fast food*

Há muito sexo em Lisboa, mas já não há romance. E isto é meio dramático de se dizer mas qualquer mulher solteira vai acenar com a cabeça. Os homens vão revirar os olhos. E os felizes, juntos ou casados, vão dar-nos palmadinhas nas costas e dizer que, um dia, vamos encontrar o amor, como eles. Como se estivéssemos a fazer alguma coisa de errado. Que inconveniência, tanta esquisitice, Deus nos livre de procurar a pessoa certa.

Tragédia dos dias de hoje. Vivemos a vida nesta insatisfação perpétua onde egos inflados (os homens estão à espera de que, ao vivo, também tenhamos um filtro do Instagram) são combinados com padrões incrivelmente elevados (agora já rejeitamos um homem apenas porque ele tira fotografias dos seus pés ou diz *félix* com *s* em vez de *x*) e a ilusão de escolha infinita (há tanta gente disponível nas redes sociais, não é?).

É a era dos amores *fast food*, das não-relações, das conversas noite dentro pelo WhatsApp, dos amigos com benefícios, das relações casuais, do TikTok, do Tinder, do Instagram, do Facebook e, pausa para respirar, em quantas mais redes sociais temos de interagir? Quantos emojis beringela e pêssego temos de suportar? Não há nada pior do que conhecer alguém primeiro na sua personalidade virtual, que, invariavelmente, vai ser um pouco ridícula. É melhor que essas primeiras interações sejam na vida real e não em forma de escrita, fotografias, *likes* e *posts*, caso contrário, o abismo entre quem imaginamos que a outra pessoa é e quem ela realmente acaba por ser torna-se cada vez maior. Isto também se aplica a nós, se bem que arrisco dizer que as mulheres são menos dadas a palhaçadas virtuais. Lembro-me sempre de uma história de Beatriz, que conheceu um homem e, depois de passarem vários dias a trocar mensagens numa

aplicação qualquer, encontraram-se para beber café. Ela já tinha visto as suas fotografias no Instagram e ele parecia prometedor. Mas como não parecer? Não mostramos o nosso pior lado na nossa rede social favorita. «Ele tinha os dentes castanhos, sabes? Provavelmente de fumar», disse-me ela nessa noite. «Serei assim tão cretina por ter perdido logo o interesse?», questionou-me. Respondi-lhe que não. O problema não estava nos dentes dele, mas nas suas expetativas. Aquilo que ela imaginara que ele seria pelos filtros bonitos das fotografias acabara por não corresponder à pessoa em carne e osso. E ela já inventara uma pessoa na sua cabeça.

Sobre a amizade. Somos amigas há mais de dez anos, quando entrámos num programa das Nações Unidas para a participação política dos jovens na igualdade de género. Beatriz tinha, na altura, uma relação com um homem mais velho que já tinha uma filha. E eu achava fascinante que uma rapariga como ela já vivesse uma vida tão adulta, quando eu ainda pedia à minha mãe para me deixar o almoço no frigorífico. E, ao longo dos anos, Beatriz tornou-se uma irmã, uma mentora, uma companheira que me abre sempre os olhos para o mundo à minha volta. «Hoje em dia não se namora, fala-se», foi o que ela me disse um dia. Quando se fala numa rede social, não se fala, trocam-se mensagens. Quando se fala, aí a coisa já andou para a frente. E estas relações em que se fala muito e se ama pouco tornaram-se a normalidade. Chegámos aos trinta e cinco e é impossível saltar fora deste barco do sexo casual quando toda a gente nos tenta levar para essa festa e se queremos algo mais… já estamos a complicar.

Estou sempre a ouvir histórias que se baseiam no mesmo, um rol de relações não-relações. Tornaram-se quase um mantra, um clube exclusivo de que, afinal, todas as mulheres fazem parte. Também nos sentimos menos sozinhas, é certo. Por fim, a culpa não é exclusivamente nossa, não há nada tremendamente errado connosco. E o guião é quase sempre idêntico. Começa assim: conhecemos um homem, começamos a falar num registo diário, mensagens para cá, mensagens

para lá, jantares, cinemas, teatros, concertos, exposições, porque há sempre um plano para fazer, longas conversas ao telefone pela noite dentro, fins de semana a dois em que mal saímos da cama, trocas de experiências de vida. Está tudo a correr bem, certo? Não. Porque, quando menos esperamos, esta relação não é uma relação e somos apenas bons amigos. Em que momento é que não vimos os sinais? Onde é que eles nos escaparam? E este é um hábito que esta geração parece ter aceitado tão facilmente. Vivemos romances que não são romances para fugir de todo o drama emocional que isso envolve. E o que é que isso nos traz? Mais drama ainda.

Uma vez, Beatriz conheceu um tipo numa festa, passaram a noite aos beijos e, sem o prever, porque parecia tudo promissor, ele era apenas uma relação-não-relação. Mas no início ainda não sabíamos e na noite seguinte fomos jantar ao Mercado da Ribeira, ela colocou uma fotografia no Instagram e, uma hora depois, ele apareceu lá. Foi arrojado, porque nem todos os homens se dão a todo este trabalho. Ali estava ele sentado no meio de nós — eu, Beatriz, Laura e Olívia — a responder a perguntas idiotas que fazíamos com o propósito de o embaraçar e, ainda assim, e apesar da óbvia desvantagem, a manter a compostura. Isto é algo que admiro nos homens. Nós temos a necessidade de ir em grupo, precisamos das amigas para apoio moral, talvez aquela dose extra de coragem para sair de casa e nos propormos a mostrar que estamos interessadas em alguém. Noutra noite fomos a uma festa manhosa num buraco qualquer em Santos apenas para Olívia estar com um tipo por quem tinha uma pancada. Ele era DJ de música eletrónica ou trance, daquela que nos faz estourar o cérebro, e ficámos a um canto da pista a fingir-nos divertidas, a abanar a cabeça e a beber uma vodca qualquer coisa, menos eu, porque sabia que alguém tinha de estar totalmente sóbria. Na casa de banho, vimos uma loira, que na altura apresentava um programa de televisão num canal da cabo, a cheirar uma linha de coca no lavatório. Perguntou-nos se queríamos e respondemos «Oh, não, obrigada, estamos bem», como se aceitar cocaína numa casa de banho fosse o mesmo que nos perguntarem se queríamos um rolo de papel higiénico. Esperámos até o tipo

acabar a sua hora de música e, quando foi ter com Olívia, fomo-nos embora. Ninguém esperava que ela fosse sozinha ter com ele, mas os homens vão. Talvez esteja ainda escrito no seu ADN de quando vivíamos na pré-história e os homens saíam das cavernas sozinhos para caçar. Ou, talvez, numa distopia, uma mulher poderá encontrar-se tranquilamente com um grupo de homens sem ter medo de ser violada por todos.

Beatriz e o seu homem das cavernas saíram juntos do Mercado da Ribeira, foram beber um copo e acabaram aos beijos à beira-Tejo. Teria sido o início de uma bela história de amor. Mas, depois de duas ou três semanas de sonho, juntos todos os dias, a dormirem em casa um do outro, e já com as apresentações feitas aos amigos de cada um, ele deixou lentamente de aparecer.

— Queres vir até cá a casa? — perguntou-lhe ela uma noite, depois de chegar da faculdade onde dava aulas.

Uma hora e quarenta e cinco minutos depois, e muitas mensagens incrédulas dela para mim, ele respondeu: «Não me dá muito jeito hoje, tenho de lavar a roupa.»

Romance, para a nossa geração, tornou-se uma palavra sem definição. O meu avô, se fosse vivo, estaria sabiamente a lançar-me olhares de reprovação perante todos os homens com quem já *falei* e não voltei a ver. Os nossos avós também *falavam* por cartas e por intermédio das famílias. *Falavam* até ao dia do casamento. Pela altura dos nossos pais, o ato de *falar* transformou-se em saídas divertidas até à matiné ou idas ao cinema, onde podiam dar as mãos. A minha mãe conta-me que *falava* com o meu pai nos bailes de Carcavelos. Nós, a geração da Internet, levámos a casualidade de *falar* um passo adiante. Agora *falamos* ao mesmo tempo com várias pessoas para ver qual nos agrada mais. *Falamos* na horizontal, *falamos* de forma rápida e descartável, *falamos* até deixarmos de querer *falar* e aí vamos, à falta de melhor desculpa, lavar a roupa.

Ainda há sexo que leve a romance?

Retrospetiva noturna

Laura é a heroína desta história, mas o *Sem Cojones* representa, infelizmente, uma arte que os homens parecem ter aprimorado tão bem ao longo dos tempos: saber mentir e, conscientemente ou não, fazerem-nos sentir que há algo de errado connosco. Tudo começou, ou acabou, depende da perspetiva, quando o encontrei no Rádio Hotel. A minha primeira reação foi de choque. Não, não podia ser. Pisquei os olhos repetidas vezes porque a meia- luz poderia estar a deixar-me com alucinações momentâneas. Poderiam ser as luzes a confundir-me e, na verdade, aquela música estava a irritar-me, fora as pessoas suadas à minha volta. Não era a maior fã de discotecas, embora entre os quinze e os vinte e cinco anos tivesse sido uma *habitué* da noite lisboeta.

A minha excitante vida noturna começou aos catorze anos, altura em que todos os adolescentes de Cascais se juntavam à sexta-feira para as matinés do Bauhaus no Monte Estoril. Passávamos a semana a falar disso, a planear, magicar e a viver toda a antecipação das sextas-feiras. Entre as oito e a meia-noite, a discoteca abria para nós. À porta, recebíamos um cartão com direito a dez bebidas, entre todos os refrigerantes possíveis, quanto mais açúcar, gás e corantes, melhor. Tocavam todas as músicas do momento, as que passavam na Rádio Cidade e que, no final do ano, eram compiladas em CD de *hits*. Havia sempre alguém da turma que comprava para passar nas festas caseiras, na garagem de alguém ou em casa, quando os pais estavam fora. A minha primeira festa caseira fora aos treze anos, na garagem da casa de uma rapariga da turma. Os pais dela encomendaram pizas, os rapazes foram lá ter e, envergonhados, jogámos ao bate-pé, em que um chocho de meio de segundo já era

absolutamente impressionante e nos deixava de estômago contraído e o peito a rugir. Os rapazes começaram a fazer parzinhos para dançar e, quando eu achava que ninguém me iria convidar, aparecera Carlos, um rapaz magricelas e moreno de óculos, perante os risinhos de excitação das raparigas. Os meus pais tinham previsto que, a meio da noite, iria telefonar a implorar para me irem buscar porque nunca dormira fora de casa. Os rapazes foram-se embora e nós, as raparigas, dormimos todas no chão da garagem entre sacos-cama e restos de batatas fritas e pipocas. Foi a minha primeira vez fora de casa e, para surpresa dos meus pais, e minha, tudo aquilo foi revelador.

Cresci num colégio privado, não porque os meus pais tivessem dinheiro para isso, mas porque a minha mãe trabalhava lá e os filhos dos trabalhadores só pagavam metade da mensalidade. Lembro-me simplesmente de ser uma criança feliz, tranquila e extrovertida. Aos seis anos, comecei a gaguejar sem qualquer explicação. Nunca foi algo que me representasse, não me sentia inferior por falar de forma diferente e acredito que o tentei compensar ao ser a criança mais ativa e participadora em todas as atividades existentes, desde o teatro ao futebol. O problema, vejo-o agora, é que cresci no colégio onde a minha mãe trabalhava, vivia numa redoma de vidro, protegida por viver debaixo das suas saias. Quando não fui escolhida para o coro porque tive uma crise de pânico e fiquei calada, a minha mãe foi falar com a diretora e fiz uma segunda audição, sozinha, sem ninguém a assistir, e entrei. Quando um rapaz mais velho ganhou todos os meus tazos da Matutano, fui ter com a minha mãe a chorar e ela obrigou o miúdo a devolver-mos. Quando a Maria Moura me roubou os *All star* pretos na aula de Educação Física, a minha mãe telefonou para a mãe dela e, no dia seguinte, eles apareceram subitamente no meu cacifo. Eu era a sombra da minha mãe.

Aos doze anos, os meus pais perceberam que tinha de cortar o cordão umbilical. Tinha crises de pânico extremo sempre que era preciso fazer alguma coisa sozinha, sem a minha mãe por perto, era de tal forma dramático que ela vinha comigo a todas as festas de anos. Fui recambiada para a escola secundária em troca de um computador que ocupava um canto do meu quarto, equipado

com o *Windows 95*, uma coisa fascinante. Quando, naquela primeira noite fora, me comprometi a ficar para dormir, os meus pais perceberam que tirar-me do colégio fora provavelmente a melhor decisão das suas vidas. Ali eu já não era a filha da minha mãe, era apenas eu. E já tinha consciência da minha gaguez, que me embaraçava um pouco, mas não ao ponto de me retrair. As raparigas da minha turma eram pequenas Alfas, éramos ferozmente protetoras umas das outras. O que me faltava em capacidade de comunicação oral tinha de sobra em criatividade, personalidade e bazófia. Aquela noite na festa de garagem abriu-me a porta ao mundo adolescente em que troquei as saias da minha mãe pelas saias das minhas amigas, entre elas Laura. Passámos os anos seguintes a percorrer todas as discotecas de Lisboa e Cascais. Pela altura da faculdade, saíamos à quinta, à sexta e ao sábado, a festa nunca acabava. A energia, essa então, era infinita.

Julgo que hoje se esgotou. Ali estava eu no Rádio Hotel com umas colegas da revista onde trabalhava, a desejar secretamente ir para casa, quando vi o *Sem Cojones*. Por um momento, pensei que fosse uma assombração, mas era ele, sem dúvida, com uma camisa às riscas azuis e amarelas, demasiado foleira para uma assombração usar, aos beijos no meio da pista, um romance anedótico. Tive uma vontade voraz de lhe dar um toquezinho no ombro, uma coisa suave e educada só para o perturbar, talvez dizer-lhe qualquer coisa ameaçadora. A bazófia sempre fizera parte da minha personalidade, falava muito, falava alto e sem decoro. Pelos quinze ou dezasseis anos, já só tinha leves traços de gaguez depois de passar anos a ler em voz alta no quarto para controlar a dicção. E tão rápido estava a interpelar os rapazes de quem as minhas amigas gostavam para que reparassem nelas como estava a declamar Suzanne Vega nas aulas de Inglês. Toda esta fanfarronice saía-me naturalmente. Quando vi o *Sem Cojones*, o idiota que partira o coração de Laura, abordá-lo pareceu-me plausível, era o que eu costumava fazer.

Atropelei as pessoas à minha frente até chegar ao pé dos dois e dei-lhe um

toque educado no ombro. Como numa cena de um filme em câmara lenta, vi-o virar-se, olhar para mim, reconhecer-me, abrir muito os olhos e afastar-se, como se, ao aumentar a distância entre nós, eu pudesse desaparecer. Levantei os braços de forma teatral, pensei que, se tivesse um copo na mão, despejá-lo em cima dele teria sido divertido. Aproximei-me do ouvido dele para dizer qualquer coisa belicosa, mas percebi que a fanfarronice adolescente já me abandonara o corpo. Limitei-me a gritar por cima da música estridente: «Então a tua viagem espiritual? Já vi que vieste de lá bem acompanhado».

Ele não me respondeu. Provavelmente nem deve ter percebido, mas a Laura diria que o tinha deixado sem palavras. Abanei a cabeça, fiz um olhar afetado de desdém e virei costas. Olhei para trás, já perto da porta, e vi-o parado no mesmo sítio a olhar para mim. Levantei-lhe o dedo do meio.

«A culpa não é tua, Lena, Lena…»

Tinha conhecido o *Sem Cojones* meses antes quando Laura, apaixonada, o apresentara a todas. Era alto, moreno, vestia sempre umas horríveis camisas de manga curta e padrões extravagantes e tinha uns caracóis que teimava em deixar grandes, como se fossem a sua imagem de marca. Com aquela cabeleira encaracolada cheia de cera onde não me imaginava sequer a tocar, parecia um cantor de uma *boyband* dos anos noventa. Tudo começara como numa comédia romântica: o telemóvel dela avariara e ele tinha um para lhe vender. Na verdade, já se conheciam, é aquele fenómeno das redes sociais. Saíram uma noite em grupo e, embora nunca mais tenham voltado a falar, estavam no Facebook um do outro e foram comunicando através de *likes* em fotografias mútuas ao longo do tempo. Quando Laura perguntou se alguém tinha um telefone para vender, ele saltou das catacumbas dos seus amigos do Facebook.

Não sei precisar quando é que Laura se apaixonou, mas uma noite fomos ao cinema e, a meio do filme, ela olhou para mim e disse: «Meu Deus, Lena, nunca me tinha sentido assim!» Tive ciúmes. Foi a irritante maturidade daquela frase que me fez perceber que também queria aquilo. Aquela necessidade de falar de alguém que só temos quando nos apaixonamos, é recíproco e todos os assuntos vão dar a essa pessoa. Apeteceu-me pegar em tudo o que ela estava a dizer, embrulhar numa bola e atirar para debaixo das cadeiras do cinema juntamente com as pipocas que ficam coladas ao chão. Porque Laura tinha sido sempre o outro lado do meu eu. Enquanto Beatriz nos divertia com as suas histórias com homens como o *Lava-Roupa* e Olivia saltava de namorado em namorado, Laura e eu éramos um duo perfeito. Éramos Thelma & Louise e certamente a Louise seria eu porque não conseguia ver Laura a matar ninguém, mas já eu… E

também queria aquele brilho no olhar, as borboletas no estômago, as pernas a tremer enquanto me mostrava as mensagens dele e as fotografias que já haviam tirado juntos.

O *Sem Cojones* morava em Coimbra e começou a vir para Lisboa e a ficar em casa dela. Uma noite fui ter com ela e ele estava lá. Foi aí que o conheci e a memória que tenho é de o ver de camisa havaiana, o que me fez deixar escapar uma gargalhada que, logo ali, traçou a nossa antipatia mútua.

Quando tínhamos dezassete anos, eu e Laura namorámos com dois rapazes do mesmo grupo de amigos. Conhecêramo-nos todos na praia, no verão, e, depois de noites a falar no mIRC e de tardes juntos ao sol, nasceram aquelas paixões adolescentes. O *hip hop* tinha entrado na nossa vida naquela altura e os rapazes cantavam Boss AC, *A culpa não é tua*, *Lena*, *Lena*, e Sam, que viria a ser o meu primeiro namorado a sério, fumava muito, bebia ainda mais, vinha ter comigo de mota e, claro, eu estava terrivelmente apaixonada. Nas fotos do meu aniversário, naquele verão, aparecemos os dois abraçados na esplanada do Queens e Sam veste a sua famosa camisa havaiana com que os outros rapazes gozavam. Ele não queria saber e eu ficava fascinada com o facto de ser tão revolucionário. Na minha futilidade adolescente, este pequeno *faux pas* de moda fora irresistível. Esta foi também a noite em que me lembro de ter o meu primeiro ataque de ansiedade numa discoteca, embora na altura não entendesse. É curioso olhar para aquela fotografia com Sam e ver uma rapariguinha sorridente quando, na verdade, estava a sentir-me completamente fora do meu próprio corpo. Ora tremia e Sam embrulhava-me num casaco, ora suava de calor e não podia ter nada a tocar-me. Laura perguntava-me o que se passava e lembro-me de não conseguir explicar. Apenas sabia que não conseguia estar lá dentro e passei a noite sentada com Sam na esplanada, questionando-me se estaria aborrecido ou assustado com o meu chilique. Isto fora há mais de dez anos. O *Sem Cojones* de camisa havaiana parecia ridículo, ou talvez fosse apenas eu que o via assim. Lembro-me de olhar em volta e ver coisas dele por todo o lado.

— Ele está aqui a acampar? — perguntei a Laura na cozinha, enquanto

terminávamos de fazer o jantar.

— Epá, ele mora em Coimbra, então… — Ela desviou o assunto e começou a perguntar-me sobre o que andava a escrever ultimamente. Na altura em que Laura perdeu a cabeça pelo *Sem Cojones*, eu estava a trabalhar numa revista feminina, meio fascinada por tudo aquilo, meio enjoada com o que tinha efetivamente de fazer. Sonhava em trabalhar na *Máxima*, talvez escrever para a *Sábado* ou para a *Visão*, mas estava a escrever sobre dietas, cremes anticelulite e sandálias numa revista fútil, que era a total antítese da minha própria personalidade. A revista tinha uma página miserável e ridícula sobre leitura onde uma colega escrevia as sinopses de uma dúzia de livros que o diretor escolhia, olhando meramente para as capas. A sua decisão era tão aleatória quanto absurda. Mas isto fazia com que as editoras enviassem todos os meses novidades. Havia um grande armário no corredor atafulhado de livros que não paravam de chegar todas as semanas e eu roubava todos os que queria ler. Não é que alguém fosse dar pela falta deles. Por cada artigo disparatado que me faziam escrever, balanceava com o número de livros que iria levar para casa. Os segredos das *topmodels*? Dois livros. Os tratamentos anticelulite que são realmente eficazes? Três livros porque a celulite não é nenhuma doença, não precisa de tratamento. As últimas dietas que são tendência? Sem dúvida que merecia cinco livros por isto. Mas já lá vamos.

— Então, o quê? — insisti no assunto. — Vejo tralha dele por todo o lado.

— Fica aqui quando vem a Lisboa — respondeu, olhando-me de lado.

— Oh, Laura — cruzei os braços porque achava a situação absurda, conhecíamo-nos desde miúdas, eu sabia que ela se atirava sempre para tudo de cabeça —, mas vocês conhecem-se há três horas.

— A sério que me queres dar lições de moral? Tu que vives uma relação de fantasia na tua cabeça com um gajo que vês três vezes por ano.

Na *mouche*. Eu sabia que ela tinha razão e, verdade seja dita, há muito tempo que não a via assim e ele parecia, deveras, fazer-lhe bem. Já não eram namorados adolescentes a maltratar-nos e a acabar connosco por mensagem no

MSN, era um homem, um pouco foleiro, é verdade, mas que vinha de Coimbra de propósito para estar com ela, deixava-lhe *post-its* lamechas colados no espelho e queria uma relação séria e madura com ela. Quando estava em Lisboa, ia ter com ela ao trabalho, jantavam fora, iam ao teatro, viam filmes antigos no Cinema Ideal, bebiam copos no Bairro Alto. «Foda-se», disse-lhe um dia, «ele parece o Santo Graal da perfeição.» Estava convencida.

«Prefiro ter uma semana nas nuvens e depois seis meses na merda do que viver todos os dias assim-assim. É sinal de que estou viva», disse-me uma noite, enquanto comíamos hambúrgueres ao pé da casa dela. O *Sem Cojones* tinha ido para Coimbra depois de três ou quatro semanas juntos. E não havia nada a apontar, não houvera nenhum sinal, estava tudo na mesma. Mas uns dias depois voltou a Lisboa para falarem e, ao fim de três meses a viverem praticamente juntos, o *Sem Cojones* tinha, afinal, um desejo que nunca lhe dissera. Um sonho de uma vida inteira, imagine-se. Ele queria fazer uma viagem espiritual de mota aos Alpes e não podia estar preso a uma relação, porque não sabia quando é que ia voltar, ou se ia voltar. Para qualquer argumento que Laura desse, ele só falava na viagem espiritual. De repente, era a única coisa que importava. Onde é que estava a merda da viagem espiritual durante os últimos meses em que estivera a viver em casa dela? Depois de uma noite desgraçada em que nenhum dos dois dormiu, de manhã ela saiu para trabalhar. Quando voltou, ele já lá não estava.

Trinta mensagens enviadas por Laura depois, enquanto eu e Beatriz estávamos em casa dela literalmente a dar-lhe sopa à boca, ele respondeu: «Desculpa, não dá.» Ela pediu férias no trabalho e durante duas semanas mal saiu de casa. Nunca a tinha visto assim, completamente destroçada, derrotada e destruída. E vê-la a chorar compulsivamente partiu-me o coração.

— Estou arrependida de ter dito aquilo — disse-me uma noite deitada no sofá, quando lhe fui levar o jantar e a caixa de pudim que a minha mãe fizera para ela.

— O quê? — perguntei, não compreendendo ao que ela se referia.

— Aquilo de preferir uma semana nas nuvens e depois seis meses na merda — fungou. — Eu já estava a adivinhar que algo deveria estar para acontecer.

Nunca pensei que magoasse tanto ver o sofrimento de alguém que amamos e não podermos fazer nada. Tinha vontade de lhe arrancar o coração do peito e colar cada um dos bocados em que o *Sem Cojones* o partira. Queria telefonar-lhe. Queria enviar-lhe uma mensagem no Facebook e ofendê-lo de todas as formas possíveis. Mas alimentar ainda mais aquela dor era desnecessário. Ela precisava de se curar, levasse o tempo que levasse. Teria de chorar, gritar, dormir até aliviar tudo que estava a sentir.

Passaram dois ou três meses, mais coisa menos coisa, Laura retomou a sua vida. O *Sem Cojones* não respondeu a mais nenhuma mensagem, não foi buscar as roupas que, com a pressa de fugir, deixara em casa dela, nem lhe entregou a chave. E Laura acabou por mudar a fechadura e colocar toda a tralha dele num saco dentro do roupeiro. Ao apagar toda e qualquer existência dele conseguiu, enfim, continuar a viver como se ele nunca lá estivesse estado.

E aqui estava eu a perder as estribeiras no Rádio Hotel. Não por ele, mas pelo fumo a tabaco, que era insuportável, e pela sala a abarrotar pelas costuras, a pensar se iria ter um ataque de ansiedade e se era melhor ir para casa. Seria a viagem espiritual aos Alpes verdade? Fora apenas uma desculpa? Teria voltado com os chacras alinhados e as mãos nas pernas da rapariga com quem estava no meio da pista? Levantar-lhe o dedo do meio tivera, afinal, alguma piada. Foi como se lhe tivesse oferecido um raro vislumbre do que uma mulher sente e pensa. E uma mulher apenas quer a verdade. Mais cruel do que confessar que já não gostamos da outra pessoa é dizer uma mentira disparatada que induz em reticências e dúvidas. A verdade pode doer, mas não tanto quanto as meias palavras.

Depois de me pavonear por aí com Sam, conheci Zé numa festa no Scala e foi paixão à primeira vista. Não me culpabilizo muito por isto, não deixava de ser uma adolescente de dezassete anos a viver as primeiras experiências amorosas. Zé era alto, do género que tem de nos agarrar ao colo para nos beijar, e tinha os dentes mais brancos que alguma vez vira, o que, em contraste com a sua pele escura, tornava o seu sorriso arrebatador. Lembro-me de ele se meter comigo a

noite toda, de falarmos, dançarmos e bebermos *Bacardi* da mesma palhinha, o que fora excitante e íntimo, muito mais do que beijos, porque não demos nenhum. Laura só olhava para mim e eu encolhia os ombros, sabia que tinha de falar com Sam, mas não falei. No dia seguinte, mandei-lhe uma mensagem a dizer que precisava de um tempo ou algo do género igualmente infantil. Ele veio de mota até à porta de casa dos meus pais e pediu para eu descer. Recusei-me porque não o conseguia enfrentar, inventei uma desculpa qualquer em como estava doente e deixei-o ir enquanto falava com Zé e copiava todas as suas mensagens para uma folha de *Word*[5] para, na segunda-feira, mostrar a Laura e às outras amigas do nosso grupo. No fim de semana seguinte, fomos ao Scala e lá estava Zé com os amigos dele. Enquanto nos beijávamos fervorosamente encostados a um pilar, Sam apareceu. Já não sei o que me disse, mas lembro-me de que chamou puta, o que me deixou chocada e fez Zé reagir. Tivemos um curto e intenso romance de verão onde nos beijámos muito durante algumas semanas. Nunca pensei no que fizera a Sam até, uns tempos depois, ter encontrado a irmã dele. «Ele não tinha percebido que querias terminar, Lena, acho que podes imaginar a merda que foi quando te viu», dissera-me. Sam nunca mais falou comigo até hoje. Mesmo quando nos víamos, ele ignorava-me. Mesmo quando, depois da faculdade, namorei durante dois anos com Rico, que tinha sido do seu grupo de amigos nesta altura, e por vezes nos víamos em alguma festa ou jantar, ele nunca me dirigiu a palavra. Mesmo quando já éramos adultos e o encontrei num almoço de trabalho, ele ignorou-me e fingiu que não me conhecia.

Ninguém gosta para sempre. Mas uma coisa é deixar de amar alguém, outra é desaparecer para fazer uma viagem espiritual aos Alpes, que, afinal, foi só até ao Rádio Hotel em Alcântara. Não pertencemos a ninguém, somente a nós mesmos, cada pessoa é responsável pelas decisões que toma. E culparmo-nos pelas decisões de outra pessoa é um martírio indigno de suportarmos, que o diga Laura, que continuava a insistir que só poderia ter sido alguma coisa que ela tivesse feito. Ter-lhe-ia mandado demasiadas mensagens? Ligado demasiadas vezes? Ter-se-ia entregado demasiado? Ou duvidado demasiado? Tê-lo-ia

chateado demasiado? Estava saturada de ouvir as suas queixas, não porque me estivesse a aborrecer, mas porque queria abaná-la, chocalhar-lhe a cabeça até cair a ficha. «Ele desapareceu porque foi a vontade dele», queria gritar-lhe.

Todas as relações estão cheias de atitudes egoístas, mesmo que sejam pensadas altruisticamente. Talvez ele não quisesse realmente nada sério com Laura e, ao perceber o seu envolvimento, preferira afastar-se antes de provocar danos ainda maiores. Mas a última coisa que podemos fazer é decidir o nosso caminho a pensar nos passos dos outros. Isto não é altruísmo e ninguém gosta da sensação pavorosa de ter a vida de outra pessoa nos braços. Só nos resta sermos honestos.

A propósito, Laura viria, mais tarde, a enfiar-lhe os *Cojones* no sítio. Mas lá chegaremos.

É normal sentirmo-nos (por vezes) uma fraude

Passei a minha vida toda a querer fazer alguma coisa com significado. Sempre me assustou a ideia de ter um emprego igual para o resto dos meus dias, acordar, trabalhar, vir para casa, dormir. Repetir até morrer e nunca mais ninguém se lembrar de mim. A ânsia de deixar um legado que, para muitos de nós, se traduz nos filhos e na passagem da vida às próximas gerações, comigo sempre se manifestou pelo medo de desaparecer. Quando tinha seis ou sete anos, numa visita de estudo a uma exposição sobre medos, sentámo-nos em frente a uma parede de medos onde nos incentivaram a escolher o que mais nos afligia. Enquanto as outras crianças escolhiam medo do escuro, das aranhas, das alturas e outros tantos normais da infância, eu — lembro-me como se fosse hoje — escolhi o medo de morrer. Este pavor de coisas tão intangíveis como o facto de sermos todos passageiros sempre esteve presente no meu inconsciente, mesmo em criança.

Aos dezanove anos, coloquei a escrita de lado porque era um *hobby* e, depois de um ano parada em que decidira não entrar na faculdade porque não sabia o que queria fazer, achei que queria mudar o mundo, trabalhar com refugiados, ir para as fronteiras e salvar mulheres. Tinha feito, nessa altura, uma pequena formação no Conselho Português para os Refugiados e estava obcecada com essa ideia, por mais abstrata que fosse na realidade. Em 2003, não tínhamos sequer entrado na crise de refugiados que viria a aumentar ao longo da década seguinte, quando a Europa acordou para esta crise humanitária quando, em 2015, a Grécia contava com vinte e quatro mil refugiados vindos da África e Médio Oriente. E eu imaginava-me no terreno. Era uma ideia bonita, ainda que tremendamente irreal. Depois daquele ano de pausa, entrei na faculdade para

estudar Políticas Sociais. A criança que não largava as saias da mãe e, depois, as saias das amigas achava que iria para o outro lado do mundo salvar pessoas. Tinha uma ideia de mim que se assemelhava mais figurada do que real. Mas, quando me propuseram fazer Erasmus em Barcelona durante o segundo ano, rejeitei. Fui assolada por um pânico de que, sozinha, iria morrer engasgada ou atropelada ou qualquer outra coisa pouco provável, mas que, na minha cabeça, era uma iminente catástrofe. Como é que não conseguia ir para o país vizinho, mas num futuro hipotético, num corpo adulto que imaginava que iria ter, me via a trabalhar no fim do mundo? Tinha uma consciência social, queria fazer coisas boas mas estava profundamente mal informada e — por esta altura, já o tinha percebido — no curso errado. A voz que sonhava ter estava num patamar inalcançável e, aos vinte anos, continuava presa nas saias daquilo que era confortável, seguro e conhecido.

Claro que hoje sei que tudo isto é normal, estamos em constante mutação. É normal termos medos. É normal termos sonhos que, eventualmente, nunca iremos concretizar porque estão para lá das nossas possibilidades. E isso não faz mal. Ter sonhos faz-nos querer ser melhores, desafia-nos todos os dias. Mas iria viver durante anos envergonhada com esta fragilidade, pela imagem irreal que tinha de mim e pela frustração de sentir que era uma fraude comigo mesma, mesmo que, para os outros, me mostrasse feroz, intocável, certa do que queria fazer.

Velha infância

Hoje consigo perceber porque é que, nesta altura, mesmo no fim do segundo ano da faculdade, me apaixonei pelo *Gipsy King*. Era exatamente isto que ouvia no carro na noite em que o conheci. Ele era da escola onde eu e Laura tínhamos andado e lembrava-me dele apenas como um miúdo mais novo que via no pátio. Naquela noite, quando eu e Laura fomos ao Coconuts, ele já não era aquele miúdo de calças largas. Era mais alto do que eu, tinha cabelo rapado e um *piercing* na língua, o que, confesso, me aliciou. De certa maneira, fazia-me lembrar Sam, o meu primeiro namorado, com o seu ar indomável. E todas as raparigas precisam disso em algum momento da sua vida, a sensação subversiva de irmos contra aquilo que esperam de nós. Nesta altura, Clara, a minha melhor amiga da faculdade, estava em Barcelona no Erasmus que eu própria rejeitara, o que me deixara desamparada. Laura estava na faculdade de Artes, as outras raparigas estavam em Medicina, Enfermagem, Veterinária, Farmácia, Arquitetura e por aí fora. A verdade é que ninguém nos prepara para todas estas mudanças da vida. Era estranho que as raparigas com quem passara todos os dias entre os doze e os dezoito anos agora tivessem novas amigas e já só nos víssemos de vez em quando. Pouco a pouco, as nossas vidas foram mudando, ganhámos novos interesses e conhecemos outras pessoas. É até de uma certa brutalidade. Mas eu e Laura tínhamos um laço inquebrável que se manteve mesmo durante os anos da faculdade quando nos aproximamos um pouco mais da nossa versão adulta, vivemos outras experiências e, invariavelmente, podemos acabar por nos afastar de amigos de infância.

Quando conheci o *Gipsy King* no Coconuts e voltámos para casa no carro de um amigo dele, amontoadas no banco de trás no meio de mais dois rapazes, ele

ligou a música aos gritos e, de janelas abertas a percorrer a marginal, cantámos todos: *Volare oh oh, Cantare oh oh oh oh, Nel blu di pinto di blu, Felice di stare lassu*. Foi como unir novamente todos aqueles pequenos pontos que me ligavam à rapariga que fora e de quem, por vezes, sentia saudades.

Mas antes, vira-o a noite toda encostado à coluna a enrolar cigarros com ar de quem só estava ali porque não havia mais nenhum sítio de jeito onde ir. Vestia uma camisa xadrez que, a meio da noite, abriu. Um gesto tão premeditado e que fazia parte de toda aquela personagem que ele criava. Como não gostar? Só queria divertir-me, dar beijos na boca e apaixonar-me e ele era a audiência perfeita para a minha insatisfação. Quando saímos do Coconuts, fomos para a praia terminar a noite e conversar. E ele falava muito, era expressivo, cativante e arrebatador. Enquanto bebíamos e circulavam charros, ele tanto podia estar a falar sobre futebol, do referendo de despenalização do aborto ou do desaparecimento de Madeleine McCann no Algarve. Tinha uma opinião para tudo. Claro que eu devia ter desconfiado da sua idade porque ele falava com toda a gente menos comigo, não obstante os olhares ferozes que me lançava. No dia seguinte, provavelmente ressacado, adicionou-me no Hi5, uma rede social que havia antes do Facebook e servia basicamente para o mesmo, falar e partilhar fotografias. E depois de dois ou três dias de conversa virtual, perguntei-lhe se ele queria sair. «Claro, diz qualquer coisa quando quiseres», respondeu.

Para quem gosta de controlar o leme do seu barquinho da vida e de decisões concretas ao invés de sugestões vagas, tanta indecisão pode ser bastante cansativa. Só que eu não me apercebi disto a tempo porque ele tinha a camisa aberta e, bem, era bastante ardiloso. E eu estava um pouco carente e solitária, sem Clara e com Laura a estudar noutra faculdade. Então baldei-me às aulas, mandei-lhe uma mensagem e fomos almoçar a um café da praia. E estava lá um casal. A dada altura, o casal começou a beijar-se, o que foi desconfortável. As pessoas reviravam os olhos e riam-se umas para as outras. Eles continuavam a beijar-se e toda a gente estava de olhos no prato, a mastigar silenciosamente. Os beijos tornaram-se mais intensos e as pessoas já não sabiam o que fazer porque

se sentiam constrangidas. Só que o casal éramos mesmo nós e era eu que estava a fazer aquelas figuras.

O meu romance com o *Gipsy King* durou todo o verão. Mais por iniciativa minha do que dele. Eu perguntava-lhe se nos víamos no dia seguinte e ele limitava-se a dizer: «Diz qualquer coisa.» E eu dizia. Todos os dias. E quanto mais tempo passava com ele, mais estúpida me sentia. Nesse verão fiz muitas noitadas, dormi pouco, tive muito mau sexo e até Laura mal podia comigo. Passei a sair com os amigos dele, a passar dias inteiros na praia e a fazer coisas idiotas como escapar-me do quarto dele pela janela quando os pais chegavam do trabalho. Ele nunca parecera ter a idade que tinha, sabia que era mais novo mas nunca pensara muito nisso, e só a meio do verão soube que tinha dezoito, o que explicava muita coisa. Passávamos tardes inteiras na cama do seu pequeno quarto a ver filmes e, nessas alturas, praticamente me esquecia de que ele tinha acabado de sair da escola secundária, o que, certamente, era uma informação que o meu cérebro optava por ignorar. Ele era obcecado por *reggae*, pelo que frequentei muitas festas regadas a charros onde saía de dentro do meu próprio corpo e limitava-me a ser aquela rapariga, por seu turno, obcecada pelo *Gipsy King*. E depois íamos para casa dele e, com os seus pais a dormir, tentávamos fazer o mínimo barulho, o que também não era difícil. Já de manhã bem cedo, saía pela janela e ia a pé até casa dos meus pais a um ou dois quilómetros de distância. Muito perto.

Hoje, não sei dizer se gostava do *Gipsy King*. Era um conforto simples, era poder fingir que continuava a ser adolescente e ainda tinha muitos anos pela frente para tomar decisões que não queria tomar. Era continuar debaixo das saias da minha mãe, de Laura, da vida que tão bem conhecia, na minha velhinha infância. Mas estar com o *Gipsy King* era estupidificar-me um pouco todos os dias. Era viver numa roleta russa de idiotices que parecia nunca mais acabar, como quando os amigos dele se sentavam na areia da praia a gritar para as raparigas que passavam. Naquele verão, usava um biquíni vermelho minúsculo, estava magra como um pau de virar tripas, mas, ainda assim, numa tarde, um dos

rapazes gritou: «Vejam a Lena, também tem celulite.» Encolhi-me como se me pudesse enfiar pela areia como um caranguejo e desaparecer. «Epá, desculpa, não lhes ligues», disse-me o *Gipsy King*. Eles continuaram a rir, a fazer comentários e a trocar opiniões sobre as raparigas, enquanto eu me mantinha ali, desconfortável, entre eles, alheios à minha presença silenciosa. Talvez fosse por isso que não quisesse que Laura viesse ter connosco. No fundo, tinha vergonha, não queria que ninguém do meu mundo normal visse quem eu era no mundo do *Gipsy King*. Já no fim do verão, fomos passar uns dias à Ericeira a casa de Clara, e Laura também veio. Os pais dela eram meio *hippies* e viviam numa grande casa ao pé da praia. Eram tão descontraídos que concordaram que o *Gipsy King* fosse lá ter e passasse o fim de semana. Eu não fazia muita questão, é certo, mas ele estava irredutível naquela ideia de passar um fim de semana fora, imagino que comigo, ou não, fosse irrelevante, e acabou por aparecer com um amigo. Jantámos todos no jardim enquanto os pais dela fumavam charros com eles, falávamos sobre música, a faculdade, concertos, e Clara contou-nos histórias do ano que passara em Barcelona. Depois do jantar, fomos a um bar ter com uns amigos dela.

Enquanto estava sentada no colo do *Gipsy King* a beijá-lo como uma adolescente de dezasseis anos, os amigos de Clara apareceram. Foi nesta noite que conheci o *Espanhol* embora, na altura, pouca atenção lhe tenha prestado. Ali estava ele, um sinal de néon brilhante à minha frente e, ainda assim, invisível aos meus olhos. O *Gipsy King* e o amigo iniciaram uma discussão com um grupo que lá estava e acabaram a noite à pancada à porta do bar. Houve sangue, polícia, gritos, ameaças e acabaram por ser o *Espanhol* e os seus amigos a acalmar a situação. Eu estava envergonhada, sentada no passeio a pensar que só os adolescentes é que ainda faziam aquele tipo de coisas. Não sei se foram todas aquelas semanas a ser uma pessoa que não era, se fora a pancadaria à porta do bar ou a constatação de que passara o verão rodeada de miúdos da idade do meu irmão mais novo. Nessa noite, Laura dormiu com Clara e ele veio para a minha cama.

— Tens um penso? — perguntou quando me tocou.

— Sim.

— «Ca nojo», pensei que usavas tampões.

— Para dormir não.

Fiquei deitada na cama no escuro a olhar para o teto e a pensar se ele dissera mesmo aquilo, a infantilidade do comentário deixara-me até estarrecida, ou se já era o meu cérebro a inventar situações porque, de repente, tudo nele me parecia vazio e desprovido de encanto. Apercebi-me como era tão arrogante, tão seguro de si, mesmo quando estava errado, o que acontecia curiosamente muitas vezes, e a sua idade caiu como chumbo em cima de mim. Eu não queria nada daquilo.

Quando ele e o amigo foram embora, no dia seguinte, mal esperava por poder vê-los pelas costas. Foi como se tivesse descalçado um par de botas que me tinham passado o dia a magoar e sentir aquele alívio instantâneo e bom. Durante o resto dos dias, mal pensei nele, mas sentia-me na obrigação de dar um desfecho a tudo aquilo, a nós, o quer que tivéssemos sido durante aquele verão, não que ele mo tivesse pedido. Ainda assim, assustava-me a minha própria despreocupação. Quando cheguei a casa, sentada na cama com o fio do telefone enrolado aos meus pés, ganhei coragem e telefonei-lhe.

— Estás bom? — perguntei-lhe. Nunca tínhamos falado ao telefone, sempre faláramos por mensagens e ouvi-lo foi estranho e desconfortável mas fez-me sentir insolitamente adulta, certamente mais do que ele.

— Hum, sim, tudo bem. E contigo?

— Também — respondi. Ficámos em silêncio. — Olha — acabei por dizer —, temos de falar sobre esta situação. Encontramo-nos hoje à noite no café?

— Ah, *okay*.

Nessa noite, depois de jantar, fui ao café onde os amigos dele costumavam ir. Ele não apareceu. Um dos amigos, um palerma e desbocado que saía todos os sábados com a *T-shirt* do Benfica, acabou por me informar que o *Gipsy King*

tinha dito que eu lhe telefonara feita maluca a pedir para falar sobre a nossa relação. Só o voltei a ver anos mais tarde.

Sem controlo

Durante o último ano da faculdade estava tão doente que mal saía nem queria ver ninguém. Hoje acredito que, depois do trauma com que aquele homem me deixou, ainda que não o tenha contado a praticamente ninguém, o meu corpo se revoltou contra mim, coincidência ou não. Costumo dizer, agora à laia de brincadeira, que o meu corpo implodiu naquela altura porque o odiava profundamente. Mal me aguentava em pé, tinha tonturas a toda a hora, crises de ansiedade, desmaios, passava todo o dia com um cansaço constante, como se carregasse o peso do mundo em cima de mim, pesava menos de quarenta e cinco quilos e tinha insónias que duravam até às seis da manhã, altura em que caía num sono profundo até às quatro da tarde. No decorrer daquele ano confuso e estranho, o *Espanhol* foi uma fonte permanente de segurança, ainda que maioritariamente à distância, um lembrete de quem eu era antes daquilo ter acontecido, antes de o meu corpo se ter tornado uma fonte constante de angústia física e emocional.

Depois de nos termos conhecido naquele verão, eu e Laura fomos com outras amigas ao Casino Estoril para ver Nouvelle Vague e dei por mim sentada nas escadas do casino com um olho na porta, porque tinha de estar sempre em controlo e saber que podia sair a qualquer momento. As minhas crises de pânico em sítios fechados eram cada vez mais frequentes, ainda que não falasse disso com ninguém, achava que, se ignorasse, era como se o problema não se tornasse (ainda mais) real.

— Lena? — perguntou alguém que passou por mim. Olhei para cima e vi o *Espanhol*.

— Olá — disse. — Ah, és o amigo da Clara.

— Sim! Daquela noite em que o teu amigo partiu o nariz.

— Acho que não partiu — ri-me. Ele sentou-se ao meu lado nas escadas. — Mas sim, esse mesmo.

— Oh, olá — disse Laura quando o viu. — Os amigos da Ericeira!

— Estás boa? — Ele levantou-se para a cumprimentar e voltou a sentar-se nas escadas. — Estou aqui com o Jorge e outros. Eles estão ali no bar.

— Eu tenho mesmo de beber. — Laura olhou para mim. — Ficas bem?

— Sim — respondi. Tinha a certeza de que a última coisa que iria fazer era atravessar aquela multidão no casino para ir ao bar. — Fico aqui, ok? Vem cá ter.

— Cá estamos… — disse-me, ao fim de um momento. Ele olhou para mim de lado, acendeu um cigarro e riu-se para o ar. Conseguia perceber a sua falsa descontração.

— Não moravas em Barcelona? — perguntei.

—Sim, estou cá de férias.

— E fazes o quê, lá?

— Trabalho numa produtora de jogos eletrónicos.

— Pagam-te para jogares durante oito horas por dia?

— Na verdade, estou a traduzi-los para português. Mas também os jogo. É o emprego de sonho.

— Imagino que sim.

— Estás a estudar? — perguntou ao fim de algum tempo. Os Nouvelle Vague estavam a tocar *Too Drunk to Fuck* e ele estava perplexo a ouvir. — Esta banda é muito sugestiva.

— É ótima, não é? — dei uma gargalhada quando ele franziu a testa em discordância. — Estou na faculdade.

— E queres fazer o quê?

Era uma questão difícil de responder e com a qual me confrontava constantemente dentro da minha própria cabeça. Enquanto as minhas amigas estavam a tirar cursos *a sério*, eu estava a brincar às super-heroínas porque não

tinha uma ideia definida. Políticas Sociais era tão abrangente e, ao mesmo tempo, tão vago que, eventualmente, fora um curso escape para esconder o facto de que não sabia o que queria fazer nem me sentia preparada para pensar nisso. Quando me perguntavam o que gostava, dizia que queria trabalhar com mulheres, fazer algo que pudesse mudar as suas vidas, como se a minha não precisasse de ajuda. Lidava com crises de ansiedade cada vez mais frequentes e se no início do curso queria ir para o outro lado do mundo, agora já nem até Belém conseguia ir porque tinha ataques de pânico no comboio. Durante todo aquele ano, que parecera nunca mais acabar, entre exames e hospitais, a chegar a pesar tanto quanto uma criança de dez anos e já sem menstruação há meses, foi-me finalmente diagnosticada uma doença auto-imune da tiroide[6] que, pelo menos, ajudou a dar um nome ao que o meu corpo tinha, já que ninguém conseguia arranjar uma explicação. «Pronto, não estou a morrer, já podes descansar», dissera à minha mãe numa noite. Tinha sido doloroso vê-la sofrer por me ver a definhar, a arrastar-me entre médicos para trás e para a frente. E agora havia um nome e, apesar de não haver tratamento, podia-se controlar. Disseram que a ansiedade era um sintoma da desregulação hormonal. Nunca contei à minha mãe que tinha crises desde que me lembrava, ansiava por acreditar que agora iria ficar boa, agora iria ser *normal*. Foi com surpresa que percebi que uma pequena glândula em forma de borboleta localizada na base do nosso pescoço podia ser a fonte de tanto mal-estar. A tiroide era pouco conhecida, demoraram meses a lembrar-se de me fazer exames específicos porque se falava muito pouco das doenças da tiroide. E a ansiedade enquanto saúde mental também não era uma palavra recorrente do nosso dia a dia como hoje em que escrevo isto. Eu própria nunca chamara de ansiedade ao que sentia e, como nunca falara com ninguém, assumia que eram crises de pânico como as que tinha em criança porque, na minha mente, era apenas uma fraqueza que tinha de combater.

Mas estava tão medicada que adormecia nas aulas, faltava muito e os meus pais achavam que não iria terminar o curso. Tinha sido aluna de mérito, longe

daqueles primeiros tempos de *Miss Caloira ignorante*. Conseguia ter dezanove num exame apenas por ler apontamentos e ter uma boa capacidade de argumentação escrita. Estivera sempre mais inclinada em discutir temas do que a decorar sebentas, despejar e esquecer. Mas agora estava longe de conseguir sequer pensar, adormecia em todo o lado e, quando conseguia sair de casa de manhã, parecia um *zombie*. Não havia dia em que alguém não me dissesse «Estás tão magrinha, tens de comer», comentário que me devorava por dentro.

No primeiro semestre do último ano, não fiz as frequências. Abandonei a primeira a meio porque tive um ataque de pânico que terminou comigo deitada na casa de banho e uma rapariga que lá estava a molhar-me a cara. Retiraram-me a medicação ansiolítica — porque me fazia dormir e, para não adormecer, eu não a tomava, o que resultava em crises de pânico apenas por pensar que não tinha tomado a medicação — e trocaram-na por um tratamento com antidepressivos, juntamente com hormonas da tiroide. O meu corpo começou a controlar-se e a ansiedade acalmou, toda aquela dor, o quer que ela fosse, também abrandou, por fim. No final do ano, fiz os exames que não fizera no primeiro semestre e terminei o curso com pompa e circunstância.

Naquela noite, no Casino Estoril, dois anos antes, enquanto ouvíamos Nouvelle Vague, eu e o *Espanhol* trocámos números de telefone. Falámos muito. Encontrámo-nos muitas vezes nos anos seguintes, tivemos relações pelo meio, separámo-nos e juntámo-nos. Passei alguns anos sem me lembrar da ansiedade. E dele, é certo. Mas, tal como a ansiedade, ele também voltava sempre. E isso seria bom?

Opiniões

Quando tinha sete anos, a minha turma representou a *Branca de Neve* na peça de teatro do final do ano e lutei com muitas lágrimas pelo papel principal, tão previsível mas justificado pela inocência de qualquer criança que sonha em ser princesa. Acabei por ser a Rainha Má porque era a mais alta, imagino que a imagem de uma princesa tivesse de ser representada pela criança mais loira, pequena, frágil e delicada, como se a altura fosse um sinal duvidoso de graça e perfeição. Contrariada, e sob um coro de risinhos e troça infantis, porque todas as outras raparigas preferiam ser árvores e flores à famigerada Rainha Má, abracei o papel da vilã com toda a minha jovem alma. No dia da peça, vesti com orgulho a fantasia roxa e preta e, de passo decidido, passei pelas flores sem graça das minhas amigas com os seus *collants* verdes e cartolinas à volta da cabeça. Toda aquela birra foi infantil mas gosto de pensar que talvez tenha sido ali que comecei a desvalorizar as opiniões dos outros. Também ajudou ter ganhado um prémio. Quem não adorava um trofeuzinho de plástico para colocar na prateleira?

Quando tinha onze anos, participei nas marchas populares para celebrar o final do ano letivo. Todas as raparigas da minha sala queriam fazer par com Henrique, o miúdo mais giro e popular, de excelência a tudo, da Ginástica à Matemática. Enquanto ensaiávamos a marcha e aprendíamos a música, ficou claro que Henrique podia ser muito bonitinho, mas não tinha jeito nenhum para aquilo. Subitamente, perante os seus dois pés esquerdos, já ninguém queria fazer par com o pobre rapaz. Talvez tenha sido a minha ingénua consciência de que ser péssimo em alguma coisa, como eu era a falar, era mesmo uma grande merda. E

talvez tenha sido isso que me levou a abraçar o desafio de lhe ensinar todo aquele bailarico. Eu e Henrique acabámos por ser escolhidos para conduzir a nossa marcha e, sob as palmas de centenas de pais e avós emocionados, percorremos o campo de futebol na nossa magnificência popularucha. Infelizmente, como era mais alta do que ele, tive de fazer a marcha descalça, enquanto todas as outras raparigas dançaram com socas de madeira, e queimei as plantas dos pés no alcatrão do campo.

Quando tinha vinte e um anos, desgraçadamente apaixonada pelo *Espanhol*, fui com Laura, Beatriz e outras raparigas ao Loft, porque ele estava em Lisboa nesse fim de semana e, como aquilo era o ponto de encontro da altura, ia com os amigos para lá. Nós conhecíamo-nos há alguns meses, já tínhamos estado juntos algumas vezes e passávamos horas a falar na Internet pela noite dentro. Quando os vimos chegar, enquanto o meu coração acelerava a um ritmo disparatado, Laura apertou-me o braço e apontou para ele. «O gajo de quem estás à espera é o *Espanhol*?», perguntou-me uma das raparigas com quem estávamos. «Esquece, ele andou com a Ana Teresa, não tens hipóteses», disse-me. Ana Teresa, soube nessa noite, era uma bomba, Miss Biquíni não sei do quê. Lembro-me de me sentir imediatamente consciente de todos os meus defeitos, a magreza extrema, as costelas salientes, a cara assim, o cabelo assado, como se, confrontada com a bomba da Ana Teresa, todas as minhas particularidades ganhassem, então, uma proporção negativa enorme. Subitamente, o *Espanhol* veio do bar, abraçou-me a cintura, passou-me um *Malibu* e perguntou a Laura se me podia roubar. Enquanto nos afastávamos de mãos dadas, olhei para a rapariga, que segurava frouxamente na sua bebida, e encolhi os ombros, consciente, aos seus olhos, do disparate que era eu, medianamente banal, estar ao nível de Ana Teresa.

*****

Quando tinha vinte e cinco anos, fui a uma entrevista de emprego para uma

revista feminina e estava tão desvairada que, num jantar, contei a toda a gente. A dada altura, uma rapariga, que conhecíamos da zona, mas não era propriamente uma amiga, interpelou-me. «Mas tiraste Jornalismo?», perguntou. «Não, mas fui lá deixar um currículo com uns textos que escrevi e chamaram-me para uma entrevista», respondi, ansiosa. «Não me leves a mal», disse-me, «mas a minha irmã tirou Comunicação e, acredita, ela deve escrever melhor do que tu, já tentou várias vezes trabalhar em revistas e não conseguiu.» Como não levar a mal uma coisa destas? Não me lembro se lhe respondi, a única memória que guardo daquele jantar é a de estarmos na rua sentadas no muro das escadas e de ela me dizer aquilo com uma desfaçatez que lhe invejei. Ganhei aquele emprego (quase) de sonho e, quando atualizei orgulhosamente o meu estado de Facebook com o meu novo empregador, ela comentou: «Uau, parabéns.» Respondi a todos os comentários menos ao dela.

Ao longo da vida, as outras pessoas vão sempre opinar sobre as nossas escolhas, salientar as nossas fraquezas e desdenhar das nossas conquistas. E isso aplica-se a quase tudo, desde a vida pessoal à profissional, por termos pés esquerdos para o baile ou por estarmos a tentar com todas as nossas forças entrar num emprego aparentemente impossível. A coisa mais idiota que podemos fazer é permitir que os outros condicionem a nossa vida com as suas opiniões, críticas e julgamentos. A única pessoa com quem competimos é com nós mesmas.

Sonhos

Talvez nem sempre seja sobre os sonhos em si, sobre o que tanto desejamos alcançar, sobre tudo o que fazemos enquanto os perseguimos. Talvez seja sobre quem nos tornamos pelo caminho.

Este era o sonho.

Escrever.

Estas palavras impressas nestas páginas, neste papel, neste livro.

Mas estaria a fazê-lo agora se não tivesse passado por tudo antes?

Um emprego (quase) de sonho

Quando olho para trás, custa-me acreditar que passei três anos e meio num emprego que mudou a minha vida, mas, ao mesmo tempo, foi das experiências mais violentas, embora enriquecedora, que tive. Aos vinte e cinco anos, estava consciente de que odiava tudo o que fazia. Soubera desde sempre que tinha tirado a licenciatura errada, motivada por uma fantasia de ter uma voz que nem sabia como usar. Fizera também uma pós-graduação em Criminologia, focada nas desigualdades de género, porque queria trabalhar em algo que ver com feminismo e violência contra as mulheres. E acabara numa revista, o que era um curioso piscar de olho da vida e de tudo o que sonhara, a escrita tinha voltado para mim, ou eu para ela. Todavia, tantas coisas boas também tinham de ter um revés. A certa altura, uma das coordenadoras do programa onde conhecera Beatriz disse-me que era uma vergonha que tudo o que aprendera fosse utilizado para escrever artigos sobre dietas e como agradar os homens numa revista feminina que era tremendamente machista. Foi um murro no estômago que me partiu ao meio.

Mas três anos e meio antes, parada à porta de um emprego que nem sabia que ansiava por ter, pensei que talvez gostasse de fazer aquilo. O escritório era todo em vidro, um aquário sem privacidade que, mais tarde vim a perceber, também era uma forma de violência, já que o diretor, o *Freddy Krueger*, aparecia nas nossas costas como uma assombração para olhar para o nosso ecrã do computador. E esperei horas para a entrevista, porque ele não apareceu. Já tinha folheado todas as revistas e decidido que as odiava. Odiar é exagerado, talvez, mas não me identificava com nada daquilo que representavam: um rol de ideias bacocas sobre relações amorosas difíceis, sexo tirado do *As Cinquenta Sombras*

de Grey, roupas, cremes, dietas e como gastar o nosso ordenado a comprar coisas que não vão acrescentar nada à nossa vida. A minha literatura semanal consistia em tudo menos revistas femininas e não lia uma desde os tempos da escola, em que fazia os testes de amor da revista *Ragazza* para saber se o *Mota* gostava de mim.

Quase às sete da tarde, a rececionista apareceu com um sorriso complacente — coitada, já lhe perguntara vinte vezes se iria haver entrevista — para me avisar que o *Freddy* tinha chegado. Finalmente, pensei, estava quase a partir os vidros todos ao pontapé. É curioso que, quando o conheci, tenha sentido uma empatia enorme com ele, longe de saber que estava no limbo com o barqueiro e ele estava a conduzir-me para o inferno. O seu escritório tinha uma capa de uma revista em tamanho humano colada na parede e uma modelo de cabelo laranja com corpo de criança de dez anos. Fiquei um tempo a olhar para os temas que a revista anunciava: como vestir L mas parecer S; como agradar a um homem para que sexo de verão passe a relação; os segredos do corpo de sonho das *top models*; perder seis quilos com a dieta certa… Não me imaginava a escrever aquele tipo de coisas idiotas, mas, pensando bem, era melhor escrever coisas idiotas e ser paga por isso do que estar em casa a escrever coisas igualmente idiotas num blogue e ter a minha conta bancária negativa. O *Freddy* apareceu de casaco de cabedal e umas calças de ganga. Era alto, magríssimo como as modelos das suas capas, grisalho e simpático. Ao fim de dez minutos, já estávamos a conversar sobre a vida, tirar cursos errados e não sabermos o que fazer, coisa com que ele se identificou. Apesar do blusão da moda, do perfume caro a que cheirava, os sapatos de pele de cobra que tinha calçados e o *Mercedes* que conduzia, a julgar pela chave em cima da mesa, ele também andara perdido na vida e criar aquela revista fora o seu sonho. Foi fácil cair na teia que sempre soube criar, o charme, a sedução, o fazer-nos sentir as pessoas mais importantes da sala, diamantes em bruto que quer polir. Disse-me que adorara os textos que escrevia no meu blogue, que há muito tempo que não via uma rapariga com um

talento tão cru e natural para a escrita e que queria ser ele a instruir-me, a conduzir-me, a ensinar-me.

Eu já estava de cara no chão, esparramada a implorar silenciosamente por aquele emprego, emaranhada naqueles fios tóxicos que me iriam prender durante três anos e meio.

Depois disto, ficou calado durante muito tempo, quase como se se tivesse esquecido que eu estava ali. Ligou o computador, tirou umas pastas de dentro da mala, acendeu um cigarro e ficou a olhar para o ecrã com o olhar vago, como se pensasse enquanto fumava. Estava desconfortável, não sabia se era suposto dizer alguma coisa. O fumo dos cigarros agoniava-me. Seria inconveniente abrir a janela? Mexi-me na cadeira e, subitamente, ele focou o olhar em mim como se me visse pela primeira vez.

— Leste este número? — perguntou-me ao fim do que me pareceram duas horas de silêncio.

— Sim, gostei muito — menti.

— Estas são o tipo de mudanças que queremos fazer — disse, expirando fumo de cigarro para cima de mim. — Queremos chegar mais perto das leitoras, queremos que elas sintam que escrevemos diretamente para elas. Queremos começar a focar temas mais sérios.

— Sérios como? — questionei, excitada. Iria escrever sobre cultura? Sobre literatura? Sobre feminismo? Sobre saúde mental? Sobre o ambiente? Sobre economia? Sobre a pressão da sociedade para termos filhos? Sobre o facto de que revistas como esta continuam a criar padrões de beleza altamente tóxicos nas mulheres?

— Moda e beleza não são sérios para ti? — Senti que me lera a alma e a despira de todas as minhas ideias preconcebidas. Estava prestes a enterrar-me.

— Hum… — hesitei com uma branca.

— Moda e beleza são a razão por que tu estás aqui hoje. São impérios que movem milhões e empregam outros milhões de pessoas em todo o mundo. Até o

coitadinho na fábrica da Índia. Todos fazemos parte deste grande bolo, somos apenas uma fatia. Mas essa fatia pode ser mais rica, não achas?

— Sim…

— Queremos que as leitoras se saibam vestir bem, mas que também procurem estar bem consigo mesmas — interrompeu-me. Na minha cabeça só pensava em como é que uma capa que dizia «vestir L mas parecer S» era incentivar a estarmos bem connosco. — Queremos que sejam leitoras cultas, trabalhadoras, modernas, que se preocupam com a sua beleza, mas também com questões fundamentais, como aborto, adoção, sexualidade. Entendes?

Nos três anos e meio que lá trabalhei, raros seriam os artigos que iriam procurar debater questões relevantes ou promover o debate de ideias, mas, naquele dia, fui convencida. Falou-me de como montara a revista, dos valores que procurava nas jornalistas, falou-me da concorrência, dos números e das outras revistas, que eram uma merda neste mercado tradicional gerido por velhos, como se ele fosse, subitamente, um fidalgo na flor da idade. E eu fiquei sentada como uma menina bonita, muito direita a ouvi-lo falar. Toda eu era ouvidos e olhos abertos, a beber tudo o que dizia. Exatamente como ele gostava.

— Tens problemas com horários de trabalho? — questionou-me depois de mais uma pausa interminável em silêncio.

— Não.

— Aqui entramos às nove e saímos às seis, mas, nos fechos de edição, por vezes temos de trabalhar até mais tarde. Tens problemas com isso?

— Não — disse. Claro que tinha. Mas ele também não estava a ser honesto. Ele não me disse que, todos os meses, iríamos fazer diretas e trabalhar até às sete da manhã como se de um jornal de notícias se tratasse. Ele não me disse que iríamos trabalhar aos fins de semana porque, para ele, todos os dias eram iguais. Ele não me disse que só aparecia na redação à hora que chegara para a entrevista e que ninguém saía às seis porque era a essa hora que o dia dele começava.

— Desculpa a pergunta, mas tenho de a fazer. Tens filhos?

— Hum — hesitei, confusa. — Não.

— É só uma formalidade. Evitamos contratar mulheres com filhos.

— Ah… — Pensava que isso era crime e discriminação, mas fiquei calada.

— Tens que idade mesmo?

— Vinte e cinco.

— É uma boa idade — riu-se com gosto. — E não tenhas filhos tão cedo.

Fiquei calada. Mais porque não sabia o que responder a uma afirmação tão estúpida e sexista vinda de um homem que geria uma revista feminina. Ele levantou-se e percebi que a entrevista acabara. Levantei-me também e segui-o pelo corredor. Já eram quase nove da noite e a redação estava vazia. Ele abriu-me a porta, saiu para o átrio e carregou no botão do elevador.

— Porque é que te fartaste dos outros empregos? — perguntou-me inesperadamente.

— Não estava feliz — respondi. Era o mais honesta que estava a ser naquela entrevista toda.

— E achas que serias feliz aqui?

— Não sei. — Fiquei calada durante um pouco. — Mas a única coisa que neste momento me faz feliz é escrever.

Ele ficou a olhar para a porta fechada do elevador, pensativo, enquanto batia no maço de cigarros, preparando-se para se matar um pouco mais.

— Escuta — disse, por fim —, gostei de ti. Acho que és a pessoa certa. Tens um dom, acredita. Mas não está bem explorado. Quero ensinar-te. Queres aprender?

— Acho que sim.

— Fazemos um contrato de seis meses. Se no fim ainda te sentires feliz, ficas.

— Devo tirar um curso de Jornalismo? — questionei. Ele deu uma gargalhada alta.

— Claro que não. Esses cursos são todos uma merda e não te vão ensinar nada. Eu quero ensinar-te. Nos últimos meses entrevistei dezenas de jornalistas e

não gostei de nenhuma. Algumas já vêm de outras revistas e trazem hábitos de trabalho diferentes, outras simplesmente não sabem escrever ou acham que isto é a *Vogue* ou uma merda do género. Esta revista é diferente de todas. E preciso de uma pessoa diferente. Como tu. Começas segunda-feira às nove.

Eu devia ter percebido que, para o *Freddy*, tudo era uma merda. Só ele estava certo, só ele era bom, só o que ele fazia era relevante. E isso não era um bom augúrio. Mas naquele dia saí dali deslumbrada. Quase podia flutuar pelo corredor e tocar no teto, tão alto estava o meu ego. Senti-me profundamente bafejada pela sorte. Eu sempre fora uma *zé ninguém*, agora ia trabalhar numa revista feminina. Alguém tinha olhado para o que eu escrevia e vira potencial. Eu, que nem sequer tinha tirado o curso de Jornalismo. Eu que sempre achara que escrever era só um *hobby*.

Viver atrás do telemóvel

Chovia torrencialmente quando saí da entrevista e, a pingar que nem um pinto, aguardava na passadeira em pleno Marquês de Pombal a vez de atravessar para o metro. Levantei a cabeça para ver se o sinal já mudara e vi alguém a olhar para mim, a cara dele não me era necessariamente estranha. Atravessei e ele ficou no mesmo sítio. Quando passei por ele percebi que o conhecia, era um dos amigos do *Espanhol*, que conhecera naquela noite na Ericeira, anos antes. Não me lembrava do nome dele nem se tínhamos tido alguma conversa nas vezes em que estivéramos nas mesmas festas. A coisa começou como sempre, de uma forma bastante simplória e banal. «Olá, tudo bem? Como estás? Que tens feito?» Ele colocou o seu chapéu por cima de mim, descemos até à estação do metro para nos abrigarmos da chuva e ficámos uns minutos a falar de tudo e de nada, como velhos amigos que nunca fôramos. Ele tinha feito umas viagens, Bali, Nova Deli, Dubai, Banguecoque… Perguntou-me o que estava a fazer, falei-lhe da entrevista. Trocámos números de telefone, despedimo-nos, eu entrei no metro e fui para casa. No caminho, troquei mensagens com Beatriz e com Laura sobre a entrevista e o meu novo emprego. E quando, de repente, uma mensagem dele caiu no meu telefone, respondi animada. Eu e o *Espanhol* não estávamos juntos e, de certa forma, aquela nova amizade com um dos seus amigos era tentadora, talvez fosse uma forma infantil de chamar a atenção dele. Começámos numa troca incessante de WhatsApps. Falámos de viagens, de amigos em comum, de lembranças que tínhamos das vezes em que nos víramos no passado e subitamente perguntou se, um dia, queria beber um copo com ele. Respondi que sim, achei-o arrojado e intrigante, só não sabia que um dia era num futuro hipotético porque ele só sabia viver ao telemóvel. «O que estás a fazer neste

exato momento? Demoras tanto tempo a responder», escreveu. «Estou a jantar», respondi. «E estás a comer o quê?» Mas o que é que isso interessava? «Frango». Ele enviou-me um emoji de uma galinha. Senti que toda aquela excitação desaparecia e tive, subitamente, uma saudade avassaladora do *Espanhol*, das nossas conversas, telefonemas, piadas ordinárias e divagações. «A excitação pode ser recuperada», disse-me Laura no dia seguinte quando lhe contei com quem estava a trocar mensagens. «Foi pelo cano abaixo», disse-lhe. «Achas que tenho jeito para canalizadora? Eu acho que não». E como é que nos transformámos nestas pessoas que partilham tudo o que fazem, o que comem, onde vão, onde estão, o trânsito, as compras, os pés. Deixámos de ter conversas interessantes, arrebatadoras, profundas e íntimas para partilharmos *selfies* e falarmos do que estamos a jantar. «Acho que já o estás a comparar ao *Espanhol* e a colocar, em cima dele, uma fasquia difícil de superar», disse-me.

Nessa noite, ele voltou a falar comigo. Com o que Laura dissera a fazer ricochete na minha cabeça, perguntei-lhe se queria beber o tal copo. «Não sei se quero sair», disse-me, «amanhã talvez vá surfar logo de manhã.» Certo. «É só um copo depois de jantar», respondi. «Deixa-me ver, então.» Esperei uns minutos enquanto olhava para o telefone. Teria ido ver o quê? Se chovia no dia seguinte? Se a sua pele estava em condições? Se o seu reflexo no espelho lhe dizia que sim? Passado uma hora respondeu-me a dizer que já estava a ver um filme no sofá. «De que filmes gostas?», perguntou. Não respondi e fui encontrar-me com Beatriz e com umas amigas dela. Deixei-o a falar sozinho no telefone e fui viver.

Nos bons velhos tempos, sabíamos se gostávamos ou não de uma pessoa depois de uma série de encontros cara-a-cara. As pessoas saíam, passavam algum tempo na companhia uma da outra, conheciam os amigos de cada uma, conviviam e viam se, eventualmente, haveria conexão e compatibilidade. Também falávamos ao telefone. Lembro-me de implorar à minha mãe por um telefone só para mim no meu quarto, daqueles com um fio longo para poder falar à vontade. Agora, as mensagens e os *chats* são uma fonte de comunicação antes

de decidirmos se queremos ou não falar com essa pessoa cara-a-cara. Os namoros passaram daqueles encontros meio tímidos em que não sabemos se damos dois beijos ou apertamos a mão para horas de conversas via telemóvel onde decidimos se há ou não empatia, conexão e atração através de letras num ecrã.

Estas novas formas de relações trazem um *handicap*. Uma vez que as mensagens começam, podem nunca mais parar. Quantas mais mensagens recebemos, mais nos sentimos obrigados a responder de volta, criando-se um padrão de relações virtuais em que passamos mais tempo a escrever do que realmente a viver. Acabamos por não gostar da outra pessoa, mas da companhia que as suas mensagens nos fazem, da falsa intimidade que criámos com ela. Passamos tanto tempo a tentar criar uma opinião sobre os outros com base na sua personalidade virtual que, invariavelmente, acabamos por perder o interesse nas pessoas reais. E isto é saudável? Queremos isto para nós?

O topo da cadeia

Primeiro dia de trabalho. Às nove da manhã, cheguei ao meu novo emprego, excitada, com medo, entusiasmada mas a trepar pelas paredes de nervos. A recepcionista ficou surpresa quando me viu, mostrou-me o escritório e disse-me para me sentar onde quisesse porque ninguém iria chegar tão cedo. Sentei-me numa secretária e esperei… durante duas horas. A primeira pessoa que vi chegou quase às onze, olhou para mim como se fosse invisível e foi sentar-se. Mais tarde iria perceber que já era tão habitual estar sempre gente nova a aparecer e a despedir-se que, a dada altura, já mal reparávamos em quem chegava, a não ser que sobrevivesse à primeira semana. Ninguém me perguntou quem era, uns disseram olá, outros acenaram, a maioria ignorou-me. Eu era apenas mais uma miúda nova.

A meio da tarde já sabia que todos achavam aquela empresa um inferno. Falaram-me do *Freddy*, do *bullying*, das horas de trabalho desumanas e não pagas, da diretora, também ex-mulher, que não aparecia há dois anos, e da namorada, que era a diretora de *marketing*. Falaram-me do livro de apostas onde se tentava bater o recorde de quanto tempo as pessoas novas iriam aguentar. O recorde era de uma rapariga que fora embora ao fim de três horas. Comigo, tinham apostado no final da manhã.

Passei o dia sem fazer muita coisa e a conversar com Carlota, a outra jornalista, e com Alice, do *marketing*, que viria a tornar-se uma das minhas maiores amigas. Pouco passava das seis quando o *Freddy* apareceu e, como se nem se lembrasse de que eu ali estava, olhou para mim e exclamou: «Ah, já chegaste!» Feitas as contas, já ali estava há nove horas. Depois de cirandar por

ali, chamou-me ao seu escritório. Falou durante uma hora e meia enquanto, discretamente, ia olhando para o relógio.

— Estamos no topo da cadeia — disse-me a dada altura. — Somos a melhor revista, tudo o resto é uma merda e só escolho as melhores pessoas para trabalhar aqui. Claro que nem todas são as melhores companhias para ti. Escolhe bem as pessoas aqui dentro com quem te vais dar.

— *Okay*…

— Este país está a caminhar para um buraco, mas nós cultivamos o sonho e isso é preciso para as pessoas se manterem sãs. Durante as guerras, enquanto os homens combatiam, foram as revistas femininas que tiveram a responsabilidade de falar com as mulheres. E continuam a ter. Somos lidos por milhares de portuguesas e todas aspiram à nossa vida. Falamos de tendências, temos acesso às maiores novidades da moda e da beleza, vamos às melhores festas, aos principais desfiles. — O seu monólogo era febril e doentio, falava do alto do seu pedestal imaginário. — Uma marca rejeitada por nós vai ter morte certa em Portugal — continuou. Lembro-me de pensar se seria chalupa ou se o seu ego era tão alto que já nem se apercebia das tretas que dizia. — Todos vendem a alma ao diabo pela melhor oferta. E nós somos a melhor oferta para toda a publicidade em Portugal. Vais perceber isso com o tempo, não há imprensa sem publicidade. Há quem lhe chame mau jornalismo. Mas eu prefiro ter um jornalismo que consegue pagar ordenados.

Quando saí do escritório eram quase nove da noite e já ninguém lá estava. Fiz o meu *walk of shame* solitário pelo corredor. O primeiro mês passou a voar e rapidamente percebi que todo o peixe que me vendera não passava de um grande ardil. A ditadura consistia em ter uma equipa sentada em frente a um computador dez horas por dia. E depois havia toda a personagem que o *Freddy* vestia: tinha uma postura imponente, diabólica e, sem a sua falsa simpatia e charme do dia da entrevista, era violento e abusivo, insultava, gritava e ninguém queria ser o alvo da sua atenção. Naquelas primeiras semanas, contaram-me histórias de outras

raparigas que tinham trabalhado lá. Havia uma que fora despedida porque lhe colocaram cremes na mala para a acusar de roubo; havia outra que fora obrigada a trabalhar depois de meter baixa e, a meio da tarde, tiveram de chamar uma ambulância e ela nunca mais aparecera; e outra, a quem tinham ligado a um sábado à noite para ir ao Porto ver se havia revistas nas bombas de gasolina. Parecia anedótico.

Na última semana do mês, começou a preparar-se o fecho dessa edição, mas não conseguia perceber como é que isso se iria processar se o *Freddy* não aparecia, pouco ou nada o vira durante aquele mês e os dias pareciam uma grande inércia à espera de orientações que ele nos dava pela namorada do *marketing. S*exta-feira ao final do dia, e com tudo por terminar, porque ele não aprovara nada, percebi finalmente ao que todos se referiam quando diziam que se trabalhava pela noite dentro. Tinha de ir tudo para a gráfica na segunda-feira mas estava tudo por paginar. Percebi que era exatamente isto que iríamos fazer sexta-feira à noite e durante todo o fim de semana: paginar, ler, editar e corrigir. A revista toda. 200 páginas.

Também percebi porque é que este processo demorava horas. O *Freddy* ficava num hotel no fim da rua em vez de estar na redação. Talvez fosse o medo de que tivéssemos doenças contagiosas e preferisse evitar ficar fechado connosco. E por cada página que o *design* montava e imprimia, alguém tinha de descer e ir ao hotel, esperar que ele lesse e trazer de volta com as suas correções. Pelas quatro da manhã, o *Freddy* informou que estava cansado e disse-nos para voltarmos no dia seguinte às onze. Nessa sexta-feira trabalhei dezanove horas. E sete horas depois voltei para continuar a fazer coisas que poderiam ter sido feitas durante o mês, caso ele tivesse ido trabalhar.

Sábado de manhã, pelas onze, entrei na redação. Parecíamos pequenos *zombies* maltrapilhos, eu mal conseguia ter os olhos abertos. E passámos grande parte do dia a tentar adiantar o pouco que podíamos fazer porque o *Freddy* só deu sinal de vida às seis da tarde. Nessa noite, ele ficou em casa a enviar-nos recados por *e-mail* e a namorada fez o papel de estafeta. Tínhamos a música num

som estrondoso na redação, para ninguém adormecer, e senti que estava num episódio de uma série de comédia, tal era o absurdo da situação. Pelas seis da manhã, ele deixou de responder aos *e-mails* e de atender os telefonemas.

Sete…

Oito…

Nove…

Eram nove e meia da manhã de domingo quando decidi ir embora. Estava a explodir, com uma crise de ansiedade brutal e ninguém sabia o que fazer. Faltava aprovar meia dúzia de páginas e ele desaparecera. Hoje, sei que vivi uma espécie de síndrome de Estocolmo em que, perante toda a intimidação, violência psicológica e tortura emocional, continuava a desejar profundamente a sua aprovação. Mas naquele meu primeiro fecho de edição, às nove e meia da manhã de domingo, desisti e fui para casa.

No dia seguinte, soube que ele adormecera. Lembro-me de que me ri porque estava de tal forma descompensada com o cansaço e a brutalidade física e emocional do fim de semana que pensei que, se me despedisse, até agradecia. Mas tinha apenas um *e-mail* dele a pedir desculpa pelo que tinha acontecido, mas a lembrar-me de que não poderia voltar a acontecer. Não ele adormecer, logicamente, referia-se a eu ir-me embora depois de estar a trabalhar há 22 horas. A um fim de semana. Tantos crimes num só *e-mail*. Houve uma frase que me marcou: *Se não tens capacidade para trabalhar, acaba-se já a tua brincadeira aos jornalistas*. Mais tarde soube que todos tinham apostado em como seria despedida por ter ido embora. E ele viria a dizer-me que o que eu fazia não passava de uma brincadeira uma centena de vezes, que nunca iria para mais lado nenhum porque só ele me iria deixar brincar aos jornalistas.

Histórias de terror

Fui passar o fim de semana a casa de Alice, que crescera no Alentejo, com outra colega que trabalhara connosco, Paula, uma *designer* surfista que já se tinha despedido. Naturalmente, passámos grande parte do tempo a falar sobre o *Freddy* e a revista. Por esta altura trabalhava lá há mais de um ano, mas já tínhamos vivido tanta coisa que me sentia uma velha dama vitoriana. Alice trabalhava diretamente com a namorada dele, o que era, talvez, o pior pesadelo de alguém. «Ela envia-me *e-mails* sem parar durante o dia, parece doida», contou-nos, e isto não era nada. Dizia-lhe para fazer disparates que levavam o *Freddy* à histeria e, quando Alice informava que recebera essa ordem da namorada, ela desmentia numa saga de culpas para trás e para a frente que terminavam sempre com Alice a ser ofendida e chamada de tudo um pouco. Eu trabalhava diretamente com Carlota, que estava lá há quatro anos e era das mais antigas sobreviventes, e ela dissera-me logo no início que o truque era nunca ripostar. «Ele vai dizer-te merdas», explicou um dia, «porque quer ter uma reação tua, quer fazer de nós saco de pancada e a melhor forma de agires é simplesmente não reagir a nada do que ele te diga. Quando apontamos um dedo a alguém, temos três apontados para nós. Se ele disser que o céu é amarelo, que se lixe, seja amarelo», disse-me. E o *Freddy* chamava-nos tantas ofensas que, a certa altura, deixei de ficar atordoada. Já era o normal. Éramos atrasadas mentais, retardadas, putas, às vezes vacas, incompetentes, muito, e para lá de idiotas. E, dia após dia, tolerávamos toda a desumanização.

Nessa noite, em casa de Alice, entre gargalhadas, Paula disse: «Devíamos escrever uma telenovela, vá lá, ia ser um sucesso.» Tinha a certeza que sim. «Não, não», repliquei, «isto só funcionaria numa série de comédia.» Sem guião,

sem nada, já estávamos a discutir nomes de atores que nos iriam interpretar. «Eu quero ser a bomba da Diana Chaves», disse Alice. «Ele é o José Wallenstein, tem um certo ar maléfico, não tem?», comentei.

Capítulos não nos faltavam.

Piquenique no átrio do edifício

O dia em que o *Freddy* chegou ao escritório na hora de almoço, e não às seis da tarde, e gritou que estava um cheiro abominável. «Mas vocês comem merda?», perguntou enquanto atravessava o escritório em passo apressado, como se o cheiro a comida de humanos o fosse matar.

Não havia cozinha, aquecíamos a nossa comida num microondas que estava num cantinho, comendo nas nossas secretárias. Nesse dia, informou que estávamos proibidos de aquecer comida, teríamos de comer lá fora no *lobby* do edifício porque não queria cheiros no escritório, mesmo que nunca lá estivesse na hora de almoço. No dia seguinte, levámos o almoço em termos, um regresso à escola primária, e, na hora de almoço, saímos em filinha indiana e sentámo-nos na zona comum do edifício com os nossos termos e os nossos guardanapos. Quinze pisos de escritórios a descer e, boquiabertos, viram-nos acampados no *lobby* com as nossas marmitas. Um dos seguranças abordou-nos e disse que não podíamos comer ali. «Foi ordem do *Freddy*», respondemos quando nos informou que iria reportar à direção do edifício. Nós rimo-nos e, excitados, batemos com os pés no chão porque, não obstante toda a parvoíce da situação, sabíamos que o *Freddy* iria ter problemas. Nessa tarde, ele apareceu como se nada fosse e, tão benevolente, disse que tinha pensado melhor e podíamos continuar a comer na redação. Quando desapareceu no seu escritório, explodimos em risos silenciosos. O piquenique acabara.

Despedida
às quatro da manhã

O dia em que a ex-mulher do *Freddy* apareceu e entrou pela redação com um casaco de pelo comprido a esvoaçar atrás dela em pleno mês de agosto.

«Olá, sou a Clarice, a diretora geral», informou, à medida que ia de departamento em departamento, qual sargento a quem tínhamos de fazer a continência. Eu trabalhava ali há um ano e meio e nunca a vira, apesar do seu gabinete fantasma de porta trancada. «A sensação que me dá», disse ela depois de fazer a sua ronda da aparição, «é que cheguei a um infantário onde todas as criancinhas foram deixadas ao deus-dará. Voltei para salvar a revista.» Amém. Simultaneamente, para alegria de Alice, a namorada do *Freddy* desaparecera. Nesse mês, durante o turno da noite, em que dizíamos que éramos como médicos a fazer banco, o *Freddy* fez-nos a cortesia de partilhar o espaço connosco. Já não podíamos ouvir música, ler ou ver filmes nas horas mortas porque eles andavam por ali a deambular e a fumar nos corredores. Pelas quatro da manhã, foram comer ao hotel e ficaram por lá a corrigir páginas. Uma jornalista de moda estava sentada no sofá a ler um livro quando Clarice apareceu e, apesar de estarmos todos caídos pelos cantos, foi direita à rapariga e informou que não estava na esplanada. «Estou apenas a ler para não adormecer», respondeu. Clarice virou costas e, minutos depois, o *Freddy* entrou pela redação a bufar, com os olhos a saltar das órbitas. Talvez fosse do álcool, o cheiro sentia-se a dois metros de distância. Se me contassem, não teria acreditado. Mas os meus olhos assistiram ao *Freddy* a puxar a rapariga pelo braço. «Mas achas que tens de te ocupar para não dormir? Achas que estamos aqui a brincar?», gritou. A rapariga

ficou de todas as cores. Eu acordei imediatamente e pus-me em sentinela, direita como uma tábua na minha cadeira. «A Clarice é a diretora geral e, se não a sabes respeitar, vais para a puta que te pariu.» Ficou um silêncio espectral na redação. A rapariga afastou-se do sofá e começou a arrumar a sua mala enquanto abria e fechava gavetas, todos nós a fingir-nos ocupados e surdos, a olhar para os computadores. Eu estava embasbacada e Carlota agarrou-me a mão por baixo da mesa. Talvez tenha sido a falta de reação dela que soltou o *Krueger* de dentro do *Freddy*. «Olha, minha puta de merda, vais já para o olho da rua. Se te apanho lá fora, parto-te as pernas. Tu não sabes quem eu sou.» Silêncio. «Que merda foi esta?», perguntei, em choque, a Carlota. Esta rapariga foi uma das muitas que foram para tribunal e ganharam. Eu também lá iria chegar, mas nesta altura ainda não sabia.

Um *tête-à-tête*
com a inspeção do trabalho

O dia em que a inspeção do trabalho apareceu num sábado foi hilariante.

Tínhamos saído de lá às quatro da manhã e estávamos na pasmaceira à espera que o *Freddy* e a Clarice se dignassem a aparecer para fecharmos a edição. A meio da tarde tocaram à campainha. Fui eu que abri a porta porque estava de pé na impressora e, tamanha felicidade, esta foi a minha primeira vez cara a cara com os inspetores da Autoridade para as Condições do Trabalho. Mostraram os seus crachás autoritários e informaram que queriam falar com quem estava a trabalhar. Entrámos no *open space* e eles pararam a olhar para toda a gente, qual cena de crime num filme rasca.

— A que horas saíram do trabalho ontem? — perguntou um deles. Ninguém respondeu. Aproximou-se de mim ao fim de uns segundos. — A que horas saiu ontem?

— Hum… saí um pouco mais tarde… à hora de jantar — respondi.

— E o que é isso da hora de jantar?

— Bem, a hora normal, acho eu.

— Para si a hora normal de jantar pode ser às onze da noite e para mim às sete.

— Foi mais ou menos isso — acabei por dizer.

— Isso… às onze da noite?

— Sim, sim — menti.

O inspetor suspirou, olhou para o outro e falou alto para todos ouvirmos: «Não estamos aqui para vos trazer problemas, estamos aqui para vos ajudar. E se

vão todos mentir sobre as horas a que saíram ontem à noite, não fica fácil. A vossa chefia não vos pode punir por qualquer resposta que nos deem.»

Ansiávamos por isso. Eles continuaram a fazer questões sobre os horários de trabalho, o pagamento das horas extras e as folgas. Alguém já tinha, entretanto, avisado o *Freddy*, sabe lá Deus quem tivera essa coragem, e uns minutos depois recebemos todos mensagens a dizer que estávamos proibidos de falar, mas, que pena, fora tarde demais. Se ele estivesse lá a trabalhar em vez de estar em casa de pijama a debitar ordens por *e-mail*, poderia ter-nos escondido a todos na casa de banho. Estávamos excitados, um pouco nervosos, com medo da fúria do *Freddy* quando aparecesse, mas ansiosos para perceber o que iria acontecer. Ele apareceu umas horas depois, a cantarolar pelo corredor como se nada fosse. Terminámos de paginar a revista pelas cinco ou seis da manhã e, antes de fugirmos dali para o merecido descanso, ele reuniu-nos a todos.

— Estão proibidos de falar sobre o quer que seja fora da empresa. Se telefonarem a perguntar a que horas vocês saem do trabalho, respondem que saem às seis da tarde. Se perguntarem se trabalham ao fim de semana, vocês dizem que não. Não custa muito, pois não? Não teria sido muito difícil contar esta mentirinha, não acham?

No último dia do mês, pagaram-nos as horas extras nesse fecho de edição com tudo discriminado no recibo. Ficámos desvairados, cantámos e dançámos no meio do escritório porque, afinal, a vinda dos inspetores contribuíra para uma mudança, todavia a festa durou pouco tempo. Quando o contabilista chegou, disse-nos que teríamos de devolver o valor das horas extras, em dinheiro na mão.

— Isso é crime — disse uma miúda da moda. — Não vamos devolver dinheiro que está no nosso recibo de ordenado e que vamos descontar para as finanças.

— O *Freddy* disse que quem não devolver pode arrumar as coisas e sair.

Começámos numa cacofonia. Se nos recusássemos, ele não poderia despedir toda a gente. Mas tínhamos de ser todos juntos. Fortes, unidos, excitados, um a

um dissemos que sim. Até que uma miúda do *Design* se recusou. «Desculpem, mas não quero arranjar problemas», disse. E o elo quebrou ali. Fomos ao multibanco levantar as horas extras e consentir mais um crime. Quando o *Freddy* chegou, pegou no envelope com o dinheiro de toda a gente e afirmou: «Ninguém nesta empresa recebe horas extras, quem não está bem só tem de sair.» Atrás dele vinha a namorada do *marketing*. Afinal, estava viva e recomendava-se.

Um corno da Chanel

O dia em que Clarice chegou de manhã e deu de caras com a namorada do *Freddy* no escritório e começou o circo.

Verdade seja dita, a presença de Clarice era caricata, pouco ou nada fazia e só atrapalhava o trabalho de todos. Com a namorada ali, começou uma guerra de Titãs: cada uma a soltar raios e coriscos para a outra em pleno palco, nós éramos a plateia. Lembro-me de dois episódios em particular que ainda hoje me fazem rir. Tocaram à campainha e entregaram uma caixa da Chanel para a namorada. A saltitar pelo corredor com a caixa na mão, mostrando o presente que o *Freddy* lhe enviara, fez questão de a abrir no meio da redação, mas era um belo corno com um laço vermelho, enviado por Clarice. Noutro momento, apareceu o segurança do edifício e, mais tarde, soubemos que Clarice fora filmada pelas câmaras de vigilância a furar os pneus de um carro que julgava ser o da namorada. A piada é que as duas tinham o mesmo carro, oferta do *Freddy*, mas ela furara os pneus de um de outra marca.

Nesse fecho de edição, Clarice estava fechada no seu escritório e a namorada com o *Freddy* no dele. Cá fora, ouvíamos os seus risos. Sempre que as duas se cruzavam no corredor, Clarice fazia questão de se manter hirta, sendo a namorada obrigada a afastar-se ou chocavam uma com a outra, o que teria sido anedótico. A meio da noite, Clarice gritou pelo *Freddy*, ele ignorou-a e continuou fechado no seu escritório com a namorada e, a soltar fumo pelas orelhas, Clarice arrastou as suas botas de dois mil euros pelo corredor e entrou no gabinete dele sem bater à porta e deu um grito. Parámos todos com as cabeças levantadas. Mas foi isto. Um grito. Saiu, pegou nas suas coisas e foi-se embora.

Auf wiedersehen. Uma miúda da moda que começara a trabalhar nesse mês disse que estava a ver pontinhos brancos e precisava de apanhar ar. Pegou na mala, foi fumar um cigarro à rua e nunca mais apareceu. Nunca chegámos a saber o que lhe aconteceu. Eclipsou-se na noite, esfumou-se no ar como Clarice. Gostava de ter tido a coragem que ela teve, pensei inúmeras vezes, de mandar tudo ao ar e retomar a minha vida feliz fora dali, mas fiquei. Clarice iria voltar e iria ser graças a ela que me iria despedir. Mas naquela altura ainda não o sabia.

A liberdade dos dezoito anos

A minha mãe disse-me que estava diferente. Eu também o via. Aos vinte e seis anos, trabalhava numa revista, era paga para escrever, pelo que, de alguma forma meio inesperada, tudo fazia sentido na minha vida. Não gostava do que fazia, mas escrevia, sentia-me mais próxima da pessoa que imaginava que poderia vir a ser. A minha mãe também achou. «Ainda bem que já não és parecida com a miúda que eras aos dezoito anos», disse-me. «Eras um bocadinho idiota, não eras?»

No dia que fiz dezoito anos, os meus pais fizeram um grande jantar em nossa casa. Na noite anterior, fora para Sintra com Laura e outras amigas. Bebemos em casa de um rapaz que morava numa vivenda enorme e, benefícios de os pais estarem de férias, fizera uma festa para mim. Chegou imensa gente que conhecíamos de Cascais, ouvimos música, falámos, eles fumaram e o único sentido em estar ali era porque tinha uma pancada por um dos amigos dele, o *Rodas*, um rapaz mais velho de caracóis. Passei metade do tempo a olhar para a porta e a perguntar aos outros se ele sempre vinha. Demorou uma eternidade a chegar, toda a tensão daquela noite a culminar quando ele entrou pela porta da garagem. Não tarda, estávamos a curtir no sofá como quem faz conversa sobre os transportes públicos ou o tempo. Naquela noite, eu e Laura ficámos a dormir no quarto da irmã mais nova do rapaz, na sua cama cor-de-rosa com um edredão de póneis. O *Rodas* não dormiu lá. Apaixonei-me ainda mais por ele por imaginar que não me queria só para me levar para a cama, que era o que todos nos faziam, na minha fantasia ele era perfeito, respeitador, casto. No dia seguinte, no dia dos meus anos, fomos para a serra de Sintra andar de mota. Nem

sequer enviei mensagem aos meus pais a dizer que não dormia em casa. Eles estariam certamente gratos por ter deixado de viver agarrada às saias da minha mãe e por me ter tornado um pequeno ser humano independente porque sempre me deram liberdade e confiança, duas abébias que muitas vezes não usei da melhor forma. Eu e Laura estávamos só com as partes de cima do biquíni e com calções dos rapazes vestidos. Desafiaram-nos a tirar o biquíni e eu desci a serra, agarrada ao *Rodas* na mota, com os braços levantados e o biquíni na mão a voar com os meus orgulhosos seios ao léu. Sentia-me livre e feliz e, naquela altura, não havia telefones com câmaras e não corria o risco de ninguém me filmar e, mais tarde, ir parar à Internet. Passámos o dia com este grupo, fomos para a praia das Maçãs, beijámo-nos muito na areia e, à noite, fui com Laura para minha casa, para o jantar de família. A minha preocupação era saber se o *Rodas* iria nessa noite ao Coconuts ter comigo. Ele ignorou as minhas mensagens e às dez da noite disse que não. Passei o meu jantar de anos de trombas. Os meus pais, coitados, incrédulos com a minha atitude. Eu, infantil e egoísta, de braços cruzados a bufar para o ar.

Há pouco tempo, perguntei à minha mãe se a tinha magoado naquele dia. Contei-lhe este episódio em particular, mas ela não se lembrava. «Fizeste tantas coisas idiotas nessa idade que, eventualmente, essa foi só mais uma», disse-me.

E eu pensava que, a dada altura, ficávamos vacinadas. Já nos partiram o coração, já acabaram connosco por mensagem, já nos mentiram, traíram, chegamos a uma certa idade e simplesmente já não temos paciência para nada disto e juramos que nunca mais vamos querer reviver aquela inquietude e desespero da adolescência. Mas, naquela noite, deitada no sofá-cama de Alice, observei-a freneticamente a escrever mensagem atrás de mensagem no telemóvel. Estávamos a fazer uma maratona de filmes e a comer pipocas. E era isto que lhe restava, o ecrã brilhante do telemóvel que ela tentava desesperadamente que a fizesse aproximar-se de um miúdo de vinte anos que conhecera e que, subitamente, mudara toda a sua rotina. Ela trabalhava na revista

em Lisboa, mas ia aos fins de semana para o Alentejo, para casa dos pais, uma quinta enorme que exploravam e alugavam. Era aqui que estávamos, no meio do nada, mas não era para passar tempo com os pais que ela vinha.

Alice conhecera aquele miúdo através de uns amigos, ele era irmão mais novo de alguém, e começaram a ver-se sempre que ela ia a casa, um jogo do toca e foge para ela bastante excitante, já eu só a conseguia imaginar num pesadelo. Ela vinha para casa ao fim de semana, saíam à noite, iam para a cama, ele ignorava-a, metia-se com ela, mandava-lhe mensagens, iam para a cama. Não passava disto.

— O que é que queres dele? — perguntei-lhe.

— Quero estar com ele — disse, voltando a olhar para o telemóvel quando apitou. — É querido, divertido, rimo-nos, o sexo é bom.

— Mas e depois? — voltei a perguntar. — Tens quase trinta anos e ele tem vinte. As expetativas de cada um são diferentes…

— E então? Isso não significa nada.

Significava tudo, mas Alice tinha de bater com a cabeça naquela pedra. No dia seguinte, fomos ao centro para nos encontrarmos com uns amigos dela, bebemos uns copos e acabámos a noite em Évora, num buraco cuja saída de emergência estava trancada com um cadeado. Quase conseguia ver a velhinha amiga ansiedade a acenar-me lá ao fundo. Alice estava alucinada à procura dele, Paula já estava bêbeda e, à nossa volta, a faixa etária rondava os vinte anos. Sentia-me terrivelmente velha. Uns momentos depois, Alice voltou da casa de banho desvairada, tinha-o visto com outra rapariga.

— Ainda há meia hora me estava a mandar mensagens — gritou colada ao meu ouvido —, a dizer que hoje não lhe apetecia sair.

— E disseste que vinhas para aqui? — perguntei.

— Não. Ele disse que não ia sair e eu já não lhe perguntei se queria vir connosco.

Apetecia-me rir porque toda a situação era tão previsível, nós também já

tínhamos tido vinte anos, já tínhamos feito a mesma coisa. Mas assumi um ar bastante sério.

— Amiga — coloquei-lhe o braço em redor dos ombros —, esquece isso. Sai desta história da melhor maneira e ignora-o.

E Alice disse que era mesmo isso que iria fazer, ela era uma mulher, porra. Desde quando é que perdia a cabeça por um miúdo? «Olha para ela, olha para ela», gritou-me ao ouvido. «Alguém usa uns calções tão curtos? Já viste bem o ar de porca que ela tem?» Abanei a cabeça perante este discurso que nos é entranhado desde que somos crianças. Viram-nos sempre umas contra as outras e é sempre aos homens que desculpamos tudo aquilo que nos fazem. Mas deixei-a falar. «Ele vai perceber a diferença entre uma criança e uma mulher», disse-me. Sorri porque ele mesmo era uma criança e até poderia vir a perceber. Mas ainda faltavam uns dez anos para lá chegar.

Não sei em que momento é que ela se esqueceu deste discurso, mas, uns dois copos depois, vi-a puxá-lo por um braço. Quando cheguei ao pé dela, já havia lágrimas e uma Alice totalmente perdida, com os olhos esborratados até ao queixo. Arrastei-a, e a Paula, para casa, a uns bons quarenta minutos do centro de Évora. «Pode ser divertido e excitante», disse-lhe no carro, «e podem passar bons momentos juntos, mas ele não deixa de ter vinte anos, provavelmente não pensa nisto da mesma forma.» A olhar pela janela, ela murmurava-me respostas vagas.

Acordei cedo e estava sentada numa cadeira de baloiço a beber café e a observar as cabras quando a vi aparecer à porta descabelada, meio despida e com ele atrás dela. Constrangidos, despediram-se e ele desapareceu a voar.

— O que é que aconteceu aqui? — perguntei. Ela sacudiu o cabelo para trás, apanhou-o num rabo-de-cavalo e espreguiçou-se.

— Quando nos fomos deitar, comecei a falar com ele por mensagem e ele acabou por vir aqui ter — respondeu com os braços esticados e apoiados na ombreira da porta.

— Depois de o teres visto com outra rapariga, disseste-lhe para vir ter

contigo? — Ela entrou em casa.

— Oh! — Voltou com um café. — Com a outra não significou nada.

— A sério? Contigo também não significa nada. Se significasse, a outra não existia.

Passámos o resto do domingo a conversar, a andar de bicicleta pelo monte e, na segunda-feira de manhã, regressámos a Lisboa e ao nosso emprego no sanatório. Depois daquela noite, ele desapareceu. Deixou de responder às mensagens e Alice acabou, estoicamente, por esquecer. Quando duas pessoas estão em *timings* diferentes nas suas vidas, não há nada que se possa fazer. E não importa quão mágica, intensa, especial, divertida e apaixonante seja a relação. E podemos ser a mulher mais bonita, inteligente e fascinante, e somos, mas aquela relação não vai ser aquilo que queremos. Não podemos fazer nada para mudar a vivência emocional, mental e física de uma pessoa, independentemente da sua idade. Nem podemos apaixonar-nos pela expetativa do que aquela pessoa pode vir a ser.

Naquela manhã, no carro, Alice perguntou-me porque é que estava sempre a procurar um desígnio para tudo. «Nós não somos *puzzles*», disse-me. «Não encaixamos sem falhas, somos humanos a tentar encontrar sintonia uns com os outros. Porque é que não te deixas simplesmente viver? Pode ser uma merda? Pode, mas também pode ser incrível.»

Sintonia

Eu, Laura e Olívia, que, nesta altura, já fazia parte do nosso grupo, fomos passar a passagem de ano a casa de um colega de Laura, que organizara uma festa. A casa era indescritível, na Ericeira, em Paço D'Ilhas, com uma vista até obscena com o mar no horizonte, um jardim imenso e uma piscina iluminada. Havia uma mesa enorme num terraço fechado com aquecedores que nos faziam esquecer que estavam, talvez, três ou quatro graus na rua, com janelas panorâmicas em todo o redor. A meio da noite, acabei sentada em frente de um tipo de barba que usava uns suspensórios por cima de uma camisa e um pequeno chapéu de coco. Talvez noutra pessoa parecesse pretensioso, mas nele fazia sentido, tinha uma certa piada. «Ah, o patronato português que explora a formiguinha», disse a dada altura. «Quanto mais trabalhar, quantas mais horas ficar no escritório, melhor trabalhador sou.» Ri-me porque era tão formiguinha que até me doía a alma. No rescaldo do fim de ano, senti-me bastante meditativa na vida que levava. «Gostava de escrever livros, isto soa estúpido, não soa? Uma pessoa não acorda de manhã e decide escrever livros. Mas passo os meus dias a escrever sobre merdas irrelevantes», disse-lhe.

— E sobre o que é que gostavas de escrever? — perguntou-me.

— Não sei bem… queria escrever coisas com algum significado. Que possam ter algum impacto na vida de alguém como os livros têm na minha.

— Não há nada como explorar a nossa própria criatividade, ao nosso próprio ritmo, sem horários, sem regras e sem a desmotivação que trabalhar para outra pessoa acaba sempre por trazer — disse-me.

— Também não é sempre assim. A maioria de nós tem de trabalhar para outras

pessoas e está feliz com isso mesmo. E depende também da personalidade, quantos de nós têm realmente estofo para trabalhar por conta própria?

— Querida — disse-me, sorrindo de forma condescendente, mas, naquela altura, não o interpretei assim —, há os que nasceram para estar no palco e outros na plateia. És tu que escolhes o lado onde queres estar.

— E que lado escolheste tu? — perguntei.

— Eu estava numa produtora musical e passava o dia todo a trabalhar em merdas de que nem sequer gostava. Agora tenho um estúdio em casa, trabalho com artistas que gosto, produzo música que faz sentido — sorriu. — Vivo o sonho.

Isto tocou-me. Por esta altura, já adorava os seus suspensórios e olhava para o *Pila Pequena* com adoração — esta alcunha só viera depois. Quando me disse que tinha uma banda — «uma coisa pequena, calma, não é que estejamos a atuar no Coliseu, fazemos pequenos espetáculos acústicos por gozo» —, estávamos à mesa, mas tão plenamente embrenhados na conversa que era como se mais ninguém existisse à nossa volta. A certa altura, o anfitrião chamou toda a gente para a sala. Elas amontoaram-se no sofá ao meu lado e, intrigada, porque o *Pila Pequena* dissera que me ia surpreender, perguntei a Laura se o conhecia. «Tem uma banda com o meu colega», disse-me, «bebem uns copos, fumam uns charros e tocam em bares.» Eles, entretanto, entraram na sala e exigiram silêncio. O *Pila Pequena* trazia uma guitarra e o dono da casa, com um piano elétrico que parecia de brincar, sentou-se no chão e começaram a tocar uma música que, embora nunca tivesse ouvido, toda a gente parecia conhecer, com a mulher do dono da casa, de vestido comprido de veludo, a cantar. Parecia uma fada medieval, tudo aquilo era tão inusitado e delirante que me senti ainda mais atraída por ele, por aquele universo de que ele parecia fazer parte, tão diferente do meu. A noite continuou com atuações improvisadas, muita música, muitos copos, e os nossos olhos a brindar um no outro. Quando nos despedimos, com Olívia a cair de bêbada, ele aproximou-se e, de cigarro pendurado nos lábios,

tirou o telefone do bolso. «Dás-me o teu número?», pediu, «ligo-te um dia destes para bebermos um copo.» E eu dei.

Surpreendentemente, ele não ligou um dia desses. Ligou no dia seguinte e no outro e no outro. E voltámos a ver-nos. E certa noite, no meio de uma festa no Clube Ferroviário, enquanto me contava uma história qualquer, beijou-me. Eu queria tudo, ele disfarçava, no final ele decidia e eu deixava-o decidir, escolher quando me escolhia. E deixei-me ir porque era o que eu fazia, procurava incessantemente sentir aquela magia, apaixonava-me mais pela antecipação e essa representação do que pela pessoa em si, cega de que estava a repetir continuamente um padrão. A fugir das pessoas reais para me refugiar na fantasia que criava delas dentro de mim.

Começámos a ver-nos quase todos os dias. É engraçado como basta uma gratificação externa para colocarmos tudo em perspetiva. Já nem do *Freddy* tinha medo porque, chegada a minha hora, saía da revista a voar e ia para casa dele, que, convenientemente, era perto, num primeiro andar por cima de um restaurante indiano ao pé do Martim Moniz. Líamos, conversávamos, beijávamo-nos e o facto de ele morar ao pé da revista e estar sempre em casa tornou a nossa relação bastante intensa muito cedo. Lembro-me de um fecho de edição em que saí da redação a meio da madrugada e apareci lá em casa. Ele estava de calças de fato de treino a tocar no seu estúdio, abriu-me a porta com os cabelos despenteados e a guitarra na mão, toda a sua quietude dissimulada em excesso e, ainda assim, genial. Levou-me para a cama como se fosse um bebé, vestiu-me uma camisola dele e, quando acordei, algumas horas mais tarde, para voltar para a redação, fizera-me o pequeno-almoço. E esta beleza simples da sintonia fabricada era viciante. Estava a fazer o que Alice me dissera, a viver e a procurar sintonia. E ela até existia. Tínhamos as mesmas ideias em relação à arte e ao elitismo, gostávamos do mesmo tipo de música, muito *jazz* e música *indie*, da mesma comida, o que tinha piada, porque detestávamos marisco e comida indiana, quando era mesmo a isso que a sua casa cheirava. E podíamos ficar

horas em silêncio no sofá, cada um absorto nas suas leituras, sem que nos sentíssemos desconfortáveis, passávamos horas à noite a ver filmes, íamos ao cinema constantemente, a concertos, ao teatro, não havia uma única noite em que não inventasse uma qualquer coisa para fazermos. E era difícil não imaginar que ele era justamente tudo aquilo que eu queria, ou me forçava a querer porque, no final do dia, não era o *Espanhol*, com quem continuava a falar regularmente.

A Arca de Nu é

Uma noite, finalmente, fui vê-lo a tocar ao vivo numa festa de Carnaval duvidosa organizada pelos seus amigos e cujo tema era a «Arca de Nu É»[7]. Levei Beatriz comigo, porque não queria ir sozinha, evidentemente não está no nosso ADN, e porque ela estava desejosa de o conhecer. Era um bar do qual nunca ouvira falar, numa transversal à Avenida da Liberdade, e, percebemos quando entrámos, uma antiga casa de *striptease* com varões no meio da pista e espelhos em redor. Estava lotado, fosse o grupo grande ou a noite concorrida, e com um ambiente lascivo, tanto pelo tema da festa como pelo sítio em si. Quando o concerto começou, senti-me vibrar. Não era pela voz da rapariga que cantava uma versão acústica de Maxwell, não era pela letra, não era pelo ambiente profundamente selvagem e porque, enfim, também é isso que uma máscara proporciona, esta pequena viagem a outros territórios durante uma noite, somente com umas orelhas de gato, que era o meu caso. Era por ele. Pelos seus dedos na guitarra, os olhos fechados, um fio de suor a escorrer pelo pescoço, a voz rouca e o sorriso. Era ele e a guitarra. Ele era genial. E eu sentia-me parte de algo enorme porque, de certa forma, ele tocava para mim.

— Bem — Beatriz estava encostada a mim num dos sofás —, ele é bom. Já foram para a cama?

— Não! Quero dizer, isto não é fantástico? Ele diz que não temos de apressar as coisas com o objetivo de irmos para a cama, que nos devemos conhecer melhor.

— O quê? — Ela deixou de olhar para o palco para olhar para mim. — Há quanto tempo estão juntos?

— Desde a passagem de ano. — Estávamos a meio de Fevereiro.

— E não achas isso estranho? — perguntou.

— Não — respondi. — O sexo é o que confunde as pessoas e estraga as relações. As pessoas já não se querem conhecer porque só têm um objetivo em mente e tu sabes como é. Estou farta de gajos como o *Lava-Roupa*, como o *Sem Cojones*, que arruinou a vida da Laura, gajos que só nos querem levar para a cama. E depois desaparecem.

— Mas um tipo que está contigo há dois meses e ainda não tiveram nada, não achas que há qualquer coisa errada? — perguntou.

— Nós damo-nos bem em tudo, quando acontecer vai ser brutal porque já temos uma cumplicidade enorme — respondi-lhe. — Provavelmente até é hoje. Uma pessoa está aqui a aquecer, não pode ir para casa dormir.

Aquela festa parecia o prenúncio de um filme *porno*, um ritual noturno para celebrar o solstício de inverno no meio da selva. Ao nosso lado, estava uma rapariga com um fato justo de zebra que se contorcia de tal forma num varão que a imaginei a dar piruetas no ar até aterrar no pénis do papagaio sentado em frente dela. No intervalo do concerto, e enquanto um dos amigos dele punha a tocar músicas de R&B, o *Pila Pequena* veio ter comigo. Encostámo-nos a um canto do bar e, enquanto o beijava, sentia-me terrivelmente acesa. Ele afastou-me e deu-me uma palmada no rabo. «Agora não», sussurrou-me ao ouvido. Troquei um olhar com Beatriz que, no meio do bar, falava com a namorada de um dos amigos dele. Lembrei-me das palavras dela, tinha sido preciso alguém verbalizar para o conseguir visualizar. Ele era tão confiante e seguro em tudo o que fazia que parecia não haver espaço para se sentir a ausência de nada. E fazíamos coisas. Bem, talvez não… Ele fazia-me coisas sem deixar que lhe tocasse. Numa noite em que estávamos a ouvir Prince aos gritos na sala dele, apenas com as luzes da rua a iluminar a casa, deitara-me no chão, beijara-me e tocara-me em todo o lado. Fora estranho e bom, mas, logo de seguida, começara a tocar guitarra e eu ficara ali com a camisa dele vestida, deitada de costas no chão a olhar para ele. Toda a sua postura era invulgar e profundamente indecifrável.

Ele voltou para o palco, pegou na guitarra e sorriu para mim. A rapariga estava agora a cantar Pásion de Rodrigo Leão, uma versão carnal da voz de Lula Pena. *Ay abrazame esta noche, Y aunque no tengas ganas, Prefeiero que me mientas*. Mas esfumou-se tudo da minha mente quando Beatriz me puxou o braço e vi o *Espanhol*. Gostava de não ter sentido nada, mas o meu corpo atraiçoou-me, o estômago revirou-se e as pernas tremeram-me.

— Olá — sussurrou ao meu ouvido. Mas foi o sorriso que me desarmou. Puxou-me pela cintura e abraçou-me.

— Tu aqui? — perguntei, atordoada, o seu cheiro a rasgar-me a pele.

— Quem diria que nos íamos encontrar numa festa de nus, mas em que estamos todos vestidos. Estranho, não?

— Completamente estranho — dei uma gargalhada nervosa.

— Ou é o destino — piscou-me o olho.

Ficámos meio constrangidos a olhar um para o outro sem saber muito bem o que dizer. O *Pila Pequena* a tocar e uma rapariga a olhar para nós.

— Estás acompanhado — acabei por observar. Eu já sabia que ele estava com alguém. Bem, eu também. E o meu estava ali no palco, mas agora parecia-me ridículo com o seu blusão de cabedal e os cabelos colados na testa.

— É a Flávia. — Soube depois que era a irmã mais nova de um dos amigos do *Pila Pequena*. A terrível constatação de vivermos numa cidade minúscula.

— Eu sei. — Sorri e apertei-lhe o braço. — Fico feliz. Está ali a Beatriz, vou ter com ela, *okay*?

Beatriz deu-me a mão. Ela sabia, não precisava de me dizer nada. Simplesmente sabia. Eles tocaram durante mais meia hora. Via o *Espanhol* a dançar com Flávia e, embora evitasse olhar, os meus olhos iam sempre nessa direção. Percebi que ele também estava a ter um surto porque conseguia vê-lo a olhar de soslaio para mim. E já o vira beber três copos seguidos. Quando acabaram de tocar, o *Pila Pequena* veio para o pé de nós e beijou-me no pescoço. Enquanto ele falava com Beatriz e me agarrava na mão, senti-me

estranha, não queria que o *Espanhol* visse. Como se isso importasse alguma coisa. Despedi-me do *Pila Pequena*, ia ficar com os amigos o resto da noite, arrumei as orelhas de gato na mala e decidi ir para casa de Beatriz. Quando já estávamos à porta, o *Espanhol* chamou-me.

— Podes ajudar-me? — perguntou.

— O que foi?

— A Flávia está demasiado bêbeda. — «Que conveniente», sussurrou-me Beatriz. — E tenho a certeza de que, apesar de não me sentir bêbedo, não devia conduzir. Podes levar o meu carro?

— Eu fico com o teu carro — disse-me Beatriz, quando ele voltou para dentro do bar para ir buscar Flávia. — Não faças nada que eu não fizesse.

—Vou só levá-los a casa.

— Ouve — ela agarrou-me nos ombros —, vive a merda dessa relação. Vocês só se veem de meses a meses. Tira-o do teu sistema, vão para a cama, faz o que te apetecer. Amanhã é outro dia e ele vai novamente para Barcelona e tu ficas cá. Ninguém tem de saber.

Íamos em silêncio pela autoestrada, com a rapariga adormecida no banco de trás. Deixámo-la em casa dos pais dela em Algés e entrei na marginal para conduzir até à casa dos meus. Imaginei que, depois, a bebedeira lhe passasse e ele conduzisse para casa. Ou não pensei em nada.

— Não queres ver a minha casa nova? — perguntou-me a medo, cruzando as mãos nas pernas.

— Tens uma casa em Lisboa? — perguntei, não tirando os olhos da estrada.

— Era do meu avô — disse. — Eu e a minha irmã estamos a remodelá-la aos poucos para alugar.

Parecia surreal estar com ele no carro a conversar sobre o panorama imobiliário em Lisboa. Nem sei bem como, fizemos inversão de marcha e dei por mim a caminho da casa e a estacionar numa rua paralela à marginal em Alcântara. Subimos ao terraço, ainda em obras, e sentámo-nos numas paletes de

madeira a olhar para o horizonte desenhado pela ponte e pelo Tejo. A vista era incrível, quase irreal, com as luzes da ponte a luzir em cima de nós. Iria conseguir alugar a casa só por esta vista. Ficámos ali, debaixo do céu estrelado, sentados a olhar, ora para o céu, ora um para o outro, numa conversa interminável sobre tudo e sobre nada, menos sobre nós. E depois fomos deitar-nos no sofá. E conversámos. E conversámos. E conversámos. Parecia que aquele fora sempre o meu sofá. E aquela fora sempre a minha sala, ainda sem muita mobília. Foi como se nunca tivesse saído de lá. Como se não houvesse nenhum outro sítio onde devesse estar, se não ali. Com ele. Em todas as formas ridículas, absurdas e um pouco erradas de ver aquela situação. Deitei-me enroscada na curva da sua cintura, onde tudo encaixava na perfeição, ou talvez apenas fosse assim porque não era real. O som da sua voz, o seu cheiro, a sua gargalhada, tudo continuava igual. E ele estava à minha frente, podia tocar-lhe e nada me parecia tão real quanto aquilo. Amei-o como sabia amar, com tudo o que tinha dentro de mim, mesmo que fosse pouco e errado.

O Sol já estava a nascer quando chamei um táxi para casa. No ar frio da manhã, abraçámo-nos durante muito tempo e despedi-me mentalmente dele várias vezes. Imaginei que corria atrás de mim, que me beijava no meio da rua, imaginei que lhe dizia que continuava a acreditar em nós. De todos os cenários hipotéticos que me passaram pela cabeça, escolhi o mais correto a fazer, deixei-o ir. Acenei-lhe dentro do táxi e não olhei para trás. Só nessa altura percebi que nem por um momento pensara no *Pila Pequena*. Ver a pessoa com quem o *Espanhol* estava, dar-lhe um nome e um rosto, fora o que mais me movera e, de certa forma, odiei-me por isso. Sabia que não podia continuar a colocá-lo no centro dos meus pensamentos e a sabotar todas as minhas relações numa esperança vã de que tudo resultasse com ele. É curioso que hoje consiga perceber o quão cómoda era a nossa relação, porque não era real, sem falar no facto de estar deliberadamente a trair Flávia, o meu orgulho e os meus valores. Mas na altura, confesso, não o vi desta forma. Somos todos humanos a tentar

prolongar a mutabilidade que é a felicidade, temos de nos saber perdoar pelas coisas que sentimos, sendo certas ou erradas.

Uma brisa

Quis com todas as minhas forças que funcionasse com o *Pila Pequena*, tal era a minha obsessão em provar ao *Espanhol* que também podia estar bem sem ele. E tínhamos de ir para a cama, aquilo tinha de ser real. Entrei em casa dele como um foguete, tirei a minha roupa no meio da sala e, com a surpresa, ou o choque, mal teve reação. «Não fiz a depilação no peito», disse subitamente enquanto nos beijávamos e lhe despia a camisola. Parei e olhei-o nos olhos, até onde era aceitável o nervosismo de alguém? Inesperadamente, ele decidiu assumir o controlo, a forma como se atirou para dentro de mim, como um pistoleiro de um filme de *cowboys* a entrar de rompante num bar, tinha tudo para me fazer voar contra a parede. Imaginei que me tocaria com a mesma sensibilidade com que tocava as cordas das suas guitarras, que fizesse de mim arte, então senti-o arquear, tremer e, com um impulso, deixou-se cair em cima de mim, o meu peito esmagado debaixo de oitenta quilos de peso morto. «Vamos mudar de posição?», perguntei. «Hum», ele levantou-se de cima de mim, deu-me um beijo no nariz. «Já acabei, querida», disse. Ligou a televisão num canal de música, entrou na casa de banho e ligou o chuveiro. Fiquei no mesmo sítio sem me mexer até ele voltar. «Estás melancólica?», perguntou com um sorriso, lembro-me de pensar que fora como uma brisa, mal o tinha sentido, não o chamaria de melancolia. Sorri-lhe de volta porque não sabia o que lhe dizer. Ele deitou-se ao meu lado no sofá, beijou-me as costas e perguntou se queria um crepe, aceitei porque só o queria encorajar. A situação repetiu-se mais duas ou três vezes nos dias seguintes, julgo que batemos o recorde mundial dos trinta segundos, se calhar merecia um prémio olímpico.

— Acho que temos de falar sobre isto — disse-lhe, constrangida, quando ele

chegou com mérito à linha dos trinta segundos, indubitavelmente medalha de ouro.

— Falar sobre o quê? — perguntou. Levantou-se, vestiu umas calças de fato de treino. — Vamos almoçar. Vou fazer-te um prato que é uma especialidade da minha família.

Enquanto o ouvia na cozinha, enviei uma mensagem a Beatriz.

— Fomos para a cama — escrevi. — Ele tem a pila pequena.

— O tamanho não é tudo — respondeu. — É só saber usar o utensílio que se tem.

— Ele não a sabe usar — escrevi.

— Estou a morrer a rir, desculpa. Mas a primeira vez é sempre estranha.

— Esta já foi a terceira vez. Durou trinta segundos — escrevi.

— O que lhe disseste? — perguntou.

— Ele não quer falar sobre o assunto — escrevi.

— Livra-te dele. Já.

Enquanto almoçávamos a sua especialidade, arroz de tamboril, por sinal bem bom, voltei a tocar no assunto. «Há algo que eu possa fazer para, tu sabes, ajudar?» perguntei enquanto mexia no arroz para não olhar para ele. «Não entendo o que queres dizer», respondeu. Abriu uma garrafa de vinho e encheu-me o copo. Olhou para mim, estilhaços de uma vida mal resolvida a vir na minha direção. «É só que não estamos a conseguir ter sintonia», disse-lhe. Ele pousou os talheres com força no prato. «Não percebo, acho que correu bastante bem. Não te vieste?» Imagino que a minha expressão facial deva ter sido de profundo espanto, porque o vi levantar-se da mesa, despejar o resto do arroz no lixo e beber o vinho que restava no copo. «Então?», perguntou-me. «Alguém falhou as aulas de anatomia feminina na escola», respondi com um sorriso, não queria tornar a conversa numa discussão mas, eventualmente, ainda piorei as coisas. «Olha, tenho de ir trabalhar, é melhor ires para casa». Fechou-se no estúdio e deixou-me sentada na mesa da cozinha, a tentar transformar a desilusão noutra coisa.

— Não acredito — sussurrou Beatriz entre risos quando fomos jantar nessa noite. — Desculpa, peço desculpa se não estou a ser sensível, estes problemas são sérios.

— Mas ele não disse mais nada? — perguntou Olívia.

— Ele expulsou-me de casa — respondi. — Só faltou arrastar-me pelos cabelos.

— Bem, não há grande coisas que possas fazer, não é? — perguntou Beatriz com delicadeza. — Quando é que vais acabar com ele?

— Que horror, coitado, não vou fazer isso.

Ela lançou-me um olhar penetrante e silencioso.

— Ouve — murmurou Olívia —, acabaste de o chamar de coitado. Não há tesão com pena.

— Tudo bem, mas temos uma relação ótima, não vou abdicar disso devido a um problema na cama, de certeza que havemos de falar sobre isso — rematei.

— Estás parva? — interrompeu Beatriz. — Ele tem um problema que vai muito além de não te fazer vir. Nem sequer quis falar sobre isso e fingiu que não entendeu o que lhe perguntaste, o que significa que esta situação não está a acontecer pela primeira vez.

Esta conversa nem sequer me acalmou e não tardei a mandar-lhe mensagens a que não respondeu. No dia seguinte, liguei-lhe, não me atendeu. E no outro, idem. Depois de dois meses bons e algumas experiências falhadas que, por estranho que pareça, eu parecia capaz de compreender, ele simplesmente desaparecera. Ao quarto dia fui a casa dele quando saí da revista.

— Ah, olá — disse-me, quando abriu a porta, uma fumarada de marijuana a sair. — O que se passa?

— O que se passa? — perguntei, incrédula à porta, ele prostrado na ombreira. — Estou a ligar-te, a mandar-te mensagens, pensei que tinha acontecido alguma coisa. Fiquei preocupada…

— Apenas tenho estado com muito trabalho, o que é bom, claro, mas fiquei

sem grande tempo para outras coisas — respondeu, de mãos nos bolsos como se nada fosse.

— Posso entrar? Podemos falar?

Ele olhou em volta, como se tentasse ganhar tempo enquanto procurava dentro dele alguma desculpa para me dar.

— Na verdade, estou mesmo muito ocupado agora. Podemos falar depois?

Nos dias seguintes, passou a inventar desculpas incríveis para não nos vermos, simplesmente saiu da minha vida, tal como entrara, como uma brisa. Não me deu qualquer explicação, o que me fez sentir doida e, em retaliação, enchi-lhe a caixa de mensagens com o meu rol de questões. O que tinha feito de errado? Será que o tinha pressionado? Ou ofendido de alguma forma? O que é que ele esperava? Que tivéssemos uma relação platónica à base de beijos até sermos velhos e flácidos? E seria a culpa minha? Seria eu culpada pelas suas ejaculações não esperarem pela altura certa? Isto já ia para lá da dor. Queria a merda de uma explicação. E então ele respondeu-me. «Lena, por favor, não se passou nada. Simplesmente vi que não temos sintonia e não vale a pena arrastarmos uma relação que vai acabar por não funcionar. Desculpa.» Aqui estava ela, a sintonia, a virar-se contra mim.

Subitamente, percebi tudo com uma clareza impressionante. Ele sabia. Foi por isso que adiou o sexo até não poder mais. Havia sinais em todo o lado, eu é que não os vira, o papel que representava ao lado dele agradava-me, mas agora imaginava-me a ser alvo de uma certa chacota. Pior ainda, entendi que ele não sabia lidar com o seu problema, evitando-o. Passar a culpa para mim fora a sua forma de lidar com o que sentia, fosse vergonha ou outra coisa qualquer. Parece loucura como o trauma nos faz afastar as pessoas quando tudo o que queremos é amor.

No momento em que escrevo isto, o *Pila Pequena* tem um filho. E um cão. Por isso, talvez tenha acabado por pedir a ajuda de que precisava. Mas não está com a mãe do filho e, pelo que sei, continua a viver sozinho na sua casa com

cheiro a comida indiana. Ou seja, porventura, ainda não. Imagino que estejamos todos nesta vida a tentar lidar, dia após dia, com a dureza e a barbaridade daquilo que somos.

Uma conversa constrangedora

Houve um momento em que quase me apaixonei pelo *Freddy*, valha-nos a síndrome de Estocolmo para o justificar. Não era uma paixão física, era uma mistura de medo com respeito e tesão emocional. Depois de Clarice ter pegado nas suas coisas e esfumado no nevoeiro como D. Sebastião, um dia apareceu Marília, uma mulher nos seus quarenta anos que veio dirigir a redação. Eu trabalhava ali há dois anos, já fazia parte da velha guarda, tal era a quantidade de pessoas que entravam e saíam. Ela era uma mulher faladora, divertida, cheia de conversa e energia, que comia um ovo cozido todas as manhãs à secretária. Quando percebeu que não tinha o curso de Jornalismo, colocou-me um atestado de estupidez na testa. Criticava tudo o que escrevia, como se tudo o que fizesse fosse uma incompetência pelo simples facto de não ser jornalista e estar a tirar o lugar a alguém credível e formado. Deixei-a coordenar o meu próprio trabalho porque, na teoria, era minha superior. Dizia-me coisas como «Escreves com demasiadas bengalas» ou «Não tens rigor jornalístico» e, num ato de confiança, respondi, a dada altura, que tinha sido pela minha forma de escrever que o *Freddy* me contratara e, se me pagava o ordenado, era porque gostava. «Vamos ver se continua a gostar durante muito mais tempo», respondera.

Naquela altura, vivia numa tensão desgraçada. Uma coisa era lidar com o *Freddy* à distância, outra era ter Marília em cima de mim todos os dias. A pressionar-me, a julgar-me, a criticar-me continuamente, todas as horas de todos os dias. No fecho dessa edição, o meu vigésimo sexto, o primeiro dela, levou-me ao limite. Tinha editado todos os meus textos, mudado a minha forma de escrever, frases inteiras alteradas e transformadas na escrita de outra pessoa. E

não há certo ou errado. A escrita é algo tão pessoal quanto o cheiro ou a voz. Eu recusei-me a aceitar a sua edição num artigo qualquer, discutimos uma com a outra e, numa explosão de fúria, Marília gritou: «Tu achas que sabes escrever, mas escreves uma merda.» Toda a redação ouviu.

No dia seguinte, sábado ou domingo, já nem sei, depois do jantar, o *Freddy* apareceu na redação com um maço de folhas corrigidas para paginar.

— Anda comigo lá fora para eu fumar enquanto falamos — disse-me.

Saí atrás dele e esperámos em silêncio pelo elevador, enquanto ele batia com o maço de cigarros na mão, preparando-se para a sua dose lenta de morte antecipada por cancro do pulmão ou qualquer coisa igualmente dolorosa. Eu olhava para as mãos e arrancava as peles nos cantos das unhas. Lá descemos, oito pisos de constrangimento. Encostámo-nos a um pilar na rua e ele acendeu, finalmente, o seu fatídico cigarro, expirou para o outro lado da rua e olhou para mim nos primeiros três ou quatro bafos que se misturavam com o ar gelado da noite. Imaginei que Marília lhe tivesse dito alguma coisa, eventualmente iria despedir-me.

— O que se passa com a Marília? — perguntou-me ao fim do que me pareceu três anos e duzentos cigarros.

— Não sei — respondi. Olhei para o chão, queria enfiar-me num buraco.

— Podes falar comigo. — Atirou a beata para o passeio e tirou outro cigarro do maço. — É para isso que aqui estou. Não é para discutir contigo, é para perceber.

— São só algumas divergências e opiniões diferentes — respondi.

— Eu sei o que ela te disse, já me contaram.

— Ah, pronto, foi isso. — A voz tremeu-me. E as lágrimas deram o ar da sua graça. Conseguira evitar chorar durante dois anos, à frente dele, é certo, a casa de banho fora sempre uma boa amiga.

— Epá, tem calma — disse ele, atirando o cigarro ainda a meio e puxando-me pelo braço para nos encostarmos à parede. — Estou aqui para te ajudar, caso ainda não tenhas entendido. — Aqui estava a manipulação, a sedução na qual ele

era mestre, que nos fazia esquecer meses de abusos verbais para, num segundo, nos sentirmos o foco da sua atenção.

— A Marília tem-me feito a vida num inferno. Tudo o que faço está sempre mal, não sei nada porque não sou jornalista, diz que os meus dias aqui estão contados e um sem fim de ameaças e de críticas, é exaustivo.

— Escuta, vou dizer-te uma coisa para ver se ganhas consciência de como as coisas são aqui. Imagina que isto é uma corrida e estão todos na linha de partida. Tu és nova, ninguém te liga muito. E até te deixam de parte e ninguém te vê como concorrente. A corrida começa e, de fora, tu passas a meta antes de todos e ganhas. É assim que tens de ver as coisas. Entendes isso?

— Não sei.

— A Marília já falou comigo várias vezes e tentou à força mostrar que tu não funcionavas aqui. E, de todas as vezes, eu disse que o teu lugar não era negociável. O que ela está a fazer é tentar manipular-te. Reage, porra. És boa no que fazes mas tens de ser tu a impor-te, não vou ser eu a fazer isso por ti.

— Ok — balbuciei. — Obrigada.

Nessa noite apaixonei-me um pouco por ele. Não era a paixão física, era um profundo agradecimento por isto, por uma conversa na rua encostada à parede. A sua arte de manipular era cortante. Ele podia ofender, gritar, ameaçar e rebaixar, mas depois fazia isto. Sabia dizer as palavras certas, tornar a tortura em conforto. Mas eu não era especial como tantas vezes me fizera crer, era apenas útil naquele momento. E hoje, volvidos seis anos, não o consigo odiar. Agradeço-lhe pelas portas que me abriu e por me ter trazido para o mundo da escrita. E estou-lhe grata, acima de tudo, por todo o assédio, tortura e *bullying* laboral. Porque me transformaram em aço.

Ao longo dos anos viria a trabalhar para outros homens igualmente violentos e misóginos e, de toda as vezes, iria vestir a minha carapaça e impedir que as suas palavras me afetassem. Um deles, na altura nos cargos de direção de um grande jornal, viria a dizer-me que não era ninguém e que pouca ou nenhuma relevância

iria ter na literatura. «Achas que escreves um livro e isso significa alguma coisa?», perguntou com uma gargalhada seca. Do outro lado, estava uma miúda nervosa e com as mãos suadas a fazer um esforço animal para engolir as lágrimas. «É engraçado que aches que um projeto na Internet possa colocar uma geração a ler, só pode ter sido um lapso da tua parte. Além disso, nós não temos por hábito escrever sobre romances, aqui temos uma cultura de exigência grande porque é isso que os leitores esperam de nós e é esse o espaço que preenchemos no mercado. Percebes isso?» Eu fiquei em silêncio, as pernas a tremer debaixo da mesa e, sem sucesso, a tentar lançar granadas em resposta. «Se queres mesmo que alguém escreva sobre os teus livros ou o teu projeto, sugiro que mudes a tua abordagem para algo mais rigoroso e factual.»

Se um homem partilha as suas experiências na escrita, é audaz e corajoso. Uma mulher está a dramatizar ou quer atenção. Se um homem defende o seu trabalho, é confiante, ambicioso, tem audácia. Uma mulher é insolente, arrogante e, nela, a palavra ambiciosa já é pejorativa. Mas o que mais me impressionou foi como aquele homem nem por um segundo parou para pensar no impacto que as suas palavras poderiam ter numa jovem escritora a tentar encontrar o seu lugar, as mãos vazias mas cheias de sonhos e planos. As palavras ferem e destroem vidas. Ele poderia ter-me arruinado emocionalmente, tão confiante estava no seu pedestal fálico, hoje um pouco mais murcho sem toda aquela pujança do cargo de direção que já não tem. Volta e meia, penso naquela tarde em que, mal entrei no carro, liguei para Beatriz e chorei, desalmada como estava, não de tristeza, talvez de frustração. Mas gosto de encarar tudo com uma certa leveza, também trouxe de lá coisas boas, nem que seja a consciência de não levar nada, nem a mim própria, muito a sério. E tenho aprendido, às minhas custas, é certo, a ser responsável pelas coisas que digo e como trato os outros, porque cada pessoa trava uma batalha consigo mesma.

Uma noite no Porto

As mulheres saem em conjunto: vão ao cinema, falam horas ao telefone, trocam mensagens intermináveis, dormem em casa umas das outras, partilham roupa, passam fins de semana juntas no sofá a ver filmes, vão às compras, choram e criam ligações emocionais profundas entre elas. Os homens vão ao ginásio e embebedam-se juntos.

Dei por mim a caminho do Porto. Não fui contar revistas nas bombas de gasolina, mas fui fazer uma coisa igualmente estúpida: ver restaurantes que o *Freddy* queria, não para comer, somente ver para depois escrever três linhas sobre eles num roteiro certamente pouco credível sobre a Invicta. E levei Beatriz e Laura comigo. Ficámos alojadas numa residencial minúscula ao pé dos Aliados, mas fora o único sítio barato que encontráramos de um dia para o outro. O *Freddy* tinha-se recusado a pagar estadia e queria que fosse e viesse no mesmo dia, interpretei-o com sentido de humor, só podia ser o seu habitual humor mórbido. Fui na sexta porque queria fazer turismo, mas Beatriz tinha outros planos e esquecera-se de nos avisar.

— Hoje vamos ao Plano B — disse-nos, enquanto estávamos deitadas nas camas do minúsculo quarto para três, cada uma a mexer no seu telemóvel. Se esticasse a perna, conseguia tocar em Laura na cama do lado.

— Qual é que era que o plano A? — perguntei, espreguiçando-me e atirando com o telefone para a mala, no chão ao lado da cama.

— Não, o Plano B é uma discoteca.

— Queres mesmo ir a uma discoteca na nossa única noite no Porto? — perguntou Laura depois de me beliscar o braço.

— Porque não vamos jantar a um sítio bom e depois damos umas voltas para

ver a cidade? — perguntei.

— Vá lá. Tenho um encontro, preciso que venham comigo.

Beatriz continuava a sair com homens que sabia que não tinham nada para lhe dar. Ainda assim, continuava a acreditar nesta semântica sem lógica. «A matemática é mesmo assim», dizia, «temos de ir testando as probabilidades.» Percorremos a Cândido dos Reis, nós de ténis e Beatriz a arrastar uns saltos altos que traduziam engate. A discoteca estava apinhada de gente e nós andávamos aos empurrões à procura do famoso encontro. Esta expetativa é sempre boa, quase conseguia sentir as borboletas no estômago dela. E é isto que nos puxa. Espalhamo-nos ao comprido no chão, partem-nos o coração, despedaçam-no em dezenas de bocados, mas continuamos a perseguir as malditas borboletas. Beatriz conhecera o *Solteirão* do Porto numa conferência e acabaram a trocar números de telefone e muitas mensagens pela noite dentro. E depois de o conhecer percebi o óbvio, era alto, bonito, tinha trinta e seis anos, era artista ou algo do género, dizia que desenhava *comics* ou bandas desenhadas, já não me recordo ao certo. Encontrámo-lo no bar de braços no ar, como se fosse o organizador da festa. Enquanto Beatriz bebia um copo com ele, eu e Laura estávamos encostadas ao balcão, um copo na mão, carteiras ao ombro. Duas raparigas aproximaram-se de nós.

— Estão com eles? — perguntou a mais alta. Tinha o cabelo enorme, a pele escura, os olhos grandes, lábios pintados de vermelho, bonita daquele género que nos faz logo sentir meio estranhas.

— Não propriamente — respondi. — A nossa amiga está com o da camisa azul — apontei para o *Solteirão*.

— Ah, o *Solteirão* — respondeu a outra com uma gargalhada, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a sua franja, o género que sempre sonhara ter.

— Conhecem-no?

— Toda a gente os conhece — riu-se a da franja. — Já percebemos, pelo sotaque, que são de Lisboa. Bebem um copo connosco?

E assim nasceu uma amizade. Pelo menos por uma noite. Falámos sobre o que

fazíamos e como Beatriz conhecera o *Solteirão* e, num ápice, já estávamos a trocar histórias deprimentes, aceleradas pelo álcool e pelas amizades fáceis que nascem à noite.

— Aquele — apontou a morena para um dos amigos dele — gaba-se das mulheres com quem dorme. Acha que a má reputação é excitante.

— E o *Solteirão*? — perguntei.

— É casado — respondeu a da franja. Devo ter feito uma cara de surpresa porque elas deram uma gargalhada. — Mas eternamente solteiro.

— E a mulher sabe? — perguntou Laura.

— Ele é discreto, não sei, talvez saiba, talvez não. Ela é *pandeireta*. Nós dizemos que ela o sustenta e, em troca, talvez ele satisfaça algum fetiche bizarro dela. Talvez lhe deixe lamber-lhe os pés. Ou mija-lhe em cima, quem sabe?

— E aquele — a da franja apontou para um de cabelo pelos ombros, um *Adónis* dos nossos tempos, daqueles que já sabemos que são para fugir porque dão demasiado trabalho — já andou com a Lúcia, mas é uma merda de gajo. — Lúcia encolheu os ombros e bebeu da sua vodca. — Ah, sou a Mafalda, já agora.

Entretanto, o *Adónis* aproximou-se, enrolou os seus braços em torno da cintura de Lúcia, tentou beijar-lhe o pescoço e riu-se quando ela o afastou.

— Vamos todos para casa do Sandro — disse. — Querem acompanhar-nos?

A noite, embora acabada para mim, ainda estava a começar e eu já me via surpresa com a insolência deste grupo que olhava para nós com desdém, certamente não correspondíamos ao seu padrão de engate de uma noite, sendo isso bom ou mau. Mal sabíamos onde estávamos e a Cândido dos Reis assemelhava-se a um lugar tão desconhecido quanto a China. As amigas disseram que podíamos ir com elas, Beatriz já estava empoleirada na parte de trás da mota do *Solteirão*. Um baixinho aproximou-se e disse que vinha connosco.

— Não temos lugar — informou Mafalda. — O carro está cheio.

— E preferem dar lugar a essas duas que não conhecem de lado nenhum do

que a mim, que conhecem há anos?

— Desculpa? — intervim.

— Andor, bioleta — respondeu, colocando o seu copo de cerveja no capô do pequeno carro de Mafalda. — Aqui o que interessa é a amizade e eu sou amigo delas há anos e vocês há meia hora.

— Podes ir no porta-bagagens — disse Lúcia com uma gargalhada.

— Vai-te cozer — gritou de forma teatral. — Vai uma delas e eu vou no banco da frente contigo.

Olhei expectante para as duas novas amigas, mas elas limitaram-se a sorrir. Não fora a minha primeira experiência com um grupo de homens vaidosos e prepotentes, habituados a que se lhes fizessem todas as vontades. Lembrei-me dos amigos do *Gipsy King* com os dezoito anos ainda mal feitos, as fraldas acabadas de largar e o rei na barriga, e imaginei que, aos trinta e cinco, iriam comportar-se como estes. Ele foi no porta-bagagens, também era uma amostra de homem, não deve ter ido desconfortável.

A casa de Sandro, um de olhos azuis e uma *T-shirt* infantil de uma banda desenhada qualquer de super-heróis, era absolutamente pomposa do género foleiro, aquilo que uma pessoa diz porque tem de se contentar com o seu T1 pequeno e desdenhar da opulência dos outros faz parte do pacote. Estava no meio do Porto, a minha memória geográfica era fraca, mas sabia que era um condomínio privado e ele morava no último piso com uma piscina no terraço. O que é que uma pessoa tinha de fazer na vida para, aos trinta e cinco anos, viver num apartamento assim? Imaginei uma festinha entre amigos e, quando lá chegámos, a casa estava lotada. Umas quantas raparigas estavam na piscina e os copos continuavam a passar por todo o lado, charros e garrafas de cerveja atiradas para cima da mesa ou abandonadas numa qualquer prateleira, a música era estridente, uma mistura de *reggae* com *funk*, e tive de recuperar o fôlego apenas por tentar atravessar a comprida sala apinhada. Beatriz e o *Solteirão* já se tinham esgueirado para longe dali, provavelmente escondidos num quarto qualquer. Havia toda uma parafernália de droga na mesa da sala, coisas que, na

verdade, nunca me atraíram nem fascinaram, não obstante ter crescido rodeada delas em Carcavelos. Vi os pares a formar-se, engates de uma noite do Porto a terminar naquele apartamento surreal e questionei-me se, para eles, seria apenas só mais uma noite de sexta-feira igual a tantas outras.

Sandro foi engolido por uma rapariga de cabelos loiros, as mãos enfiadas por baixo do vestido dela. E o *Adónis* estava a dançar no meio da sala com uma rapariga de calções de ganga minúsculos que pareciam comprados na secção de roupa infantil, mesmo ali ao lado de Lúcia, um poço de agonia com pernas altas e bonitas. As raparigas pareciam terrivelmente jovens e seguras de si e ocorreu-me que estava mais para Madame Bovary do que para adolescente ainda crente no amor. Há quanto tempo não ia a uma festa de *funk*? Tive saudades daquele verão de 2006 ou 2007 em que dançávamos todos os fins de semana até cair para o lado ao som dos êxitos de *funk* brasileiro da altura numa discoteca na praia do Estoril. Era tudo tão simples, uma liberdade que nem questionávamos, acreditando que seria assim para sempre. Se estivessem a espetar um ferro em brasas nas costas de Lúcia, a sua expressão não teria nem metade da aflição que mostrava. Qualquer coisa seria melhor do que passar uma noite na companhia do ex-namorado que a traíra, mas ali estava ela a vê-lo enfiar a língua na boca daquela pequena cria acabada de sair da pré-primária.

«A Beatriz vai ter de nos compensar muito bem por esta noite no bordel do Sandro», comentei com Laura. E quão curioso, de certa forma também infeliz, era que um grupo de homens adultos continuasse a comportar-se como miúdos de vinte anos. O *Adónis* largou a rapariga dos calções, que voltou para a piscina com um grito entusiasmado, e encostou-se indolentemente à janela a fumar um cigarro e a expirar o fumo para o lado. Parecia posar para uma qualquer fotografia mental que alguém lhe estivesse a tirar, questionei-me quem é que ele estaria a tentar impressionar. Quando terminou, veio sentar-se ao pé de nós no sofá. Na ausência de Lúcia, que por aquela hora já se tinha ido embora, começou a conversar com Laura. Um dos amigos apareceu no meio da sala totalmente nu, apenas com um avental mal apertado e uma travessa levantada no alto. Enquanto

toda a gente batia palmas, ele marchou pelo espaço a distribuir *shots*, a beijar raparigas na boca e a mover o seu rabo nu de modo dramático.

— Eles são sempre assim? — perguntei a Mafalda, que, com uma gargalhada, terminou de beber uma cerveja e aproximou-se do meu ouvido.

— Isto não é nada — sussurrou-me. — Hoje até estão a tratá-las bem. Há uns tempos o *Adónis* deixou uma rapariga na rua depois de foder com ela.

— Bem, uau, não o imaginava tão cavalheiro.

— Estávamos em Sagres, no festival, e ele vai sempre na sua Pão de Forma porque diz que não dorme em tendas. Adiante, encontrámos um grupo de raparigas que costuma andar sempre atrás deles aqui no Porto. Nesta altura, eu já nem sequer estava com eles, estava com o meu irmão a ver um concerto.

— Ah, o teu irmão está aqui? — interrompi.

— Deve estar a martelar alguma miúda no quarto. Mas ouve o resto, o *Adónis* levou uma delas para a Pão de Forma, coitada, a miúda era apaixonada por ele. No fim, a rapariga veio cá fora, certo?

— Fazer o quê?

— Carago, sei lá, limpar o *pito* — disse com uma gargalhada. — Estavam no meio do mato, deve ter ido mijar. E ele pendurou a mala dela no espelho, trancou a porta e foi dormir. De manhã, ainda contou a todos que ela ficou durante imenso tempo a bater à porta e a dar pontapés.

Achei-os repugnantes, não obstante o facto de serem todos homens fisicamente bonitos e cheios de atrativos que, claramente, encantavam as raparigas mas que, agora, eu já não conseguia ver.

Por volta das cinco da manhã, a festa fora reduzida à ralé, ou seja, a nós. A maioria já tinha ido embora, os mais felizardos estavam num qualquer quarto e havia um pobre coitado desmaiado em cima de uma poltrona com as unhas dos pés pintadas de amarelo. Beatriz apareceu quando estávamos na cozinha a fazer tostas com fatias de um pão velho e duro, o dia já estava a nascer e só queríamos dormir. Da piscina vieram gargalhadas e gritos, os casais estivais a regressar à

sala despenteados e corados. Achei simultaneamente atraente e repugnante, a liberdade do sexo com a prontidão do seu desfecho. Questionei-me se alguns se voltariam a ver, certamente que não, e, subitamente, a noite conseguiu degradar-se ainda mais. Pior do que veteranos nas praxes a classificar os corpos das caloiras, era ver homens de trinta e cinco anos a pontuar as raparigas que tinham levado para a cama. «O Sandro fodeu com a mais feia», gritou um deles sob um coro de assobios. Sandro levantou os braços no ar, «*Okay*, *okay*, hoje pago eu a conta.» O *Solteirão* abraçou Beatriz por trás. «Não ligues às brincadeiras deles», disse-lhe.

— Sabes que o *Solteirão* é casado, não sabes? — perguntei a Beatriz, enquanto descíamos no elevador para a rua.

— Estás a gozar?

— Oh… sim — confirmou Mafalda. — Ele é casado com uma mulher mais velha que sustenta as suas bandas desenhadas idiotas.

Beatriz ficou a olhar para si própria no espelho durante um tempo.

— Bem… — disse ela. — Pelo menos não fui a mais feia. — E riu-se secamente.

— Venham lá — disse Mafalda, dando-me o braço. — Eu dou-vos boleia. Onde é que estão alojadas?

*

Percorremos as ruas do Porto aos primeiros raios de sol. Já passava das seis da manhã e tínhamos entrado naquele nível de exaustão em que já só nos rimos por tudo e por nada. Sentia-me como se tivesse saído de uma realidade alternativa e, com a luz do dia, parecia-me tudo meio irreal. Despedimo-nos de Mafalda, prometemos falar e voltar a combinar qualquer coisa, aquilo que dizemos sempre mesmo sabendo que nunca irá acontecer. Já fora do carro, sentámo-nos no passeio em frente à porta da residencial. Beatriz acendeu um cigarro e expirou para o ar.

— Achas que valeu a pena teres vindo cá? — perguntei-lhe.

— Claro que sim — respondeu, expirando o fumo em círculos. — Nem tudo tem que ver com compromisso e amor.

— Mas tu queres um compromisso e amor — interrompeu Laura. — E continuas a envolver-te com tipos que nunca te vão dar isso.

— Achas que eu não sabia? Ao fim de dois dias a falarmos no WhatsApp, ele já me enviava fotografias da pila.

Demos uma gargalhada estúpida que ecoou três vezes mais alta no silêncio da rua. Alguém ao longe gritou para irmos para casa.

— Mas apetecia-me e pronto. — Ela suspirou e levantou-se do chão. — Ele é engraçado, divertido e dava-me tesão. Foi bom, é o que interessa. Se quero repetir? Provavelmente não. Mas estávamos cá e não tinha nada a perder. Ah, obrigadinha por terem feito sala.

— De nada, amiga — respondi. Toquei à campainha da residencial.

Um senhor nos seus sessenta anos, expressão amável e idade para ser nosso pai surgiu apressado para nos abrir a porta. Pedimos desculpa pelas horas inoportunas. «Ide dormir, meninas, que o galo já aí canta», disse enquanto trancava a porta a sete chaves atrás de nós. Perguntámos se podíamos ir buscar qualquer coisa para comer, dificilmente acordaríamos para tomar o pequeno-almoço a horas decentes. Levou-nos por um corredor onde, mesmo que não quiséssemos, vislumbrámos uma salinha com um sofá e uma televisão ligada num canal pornográfico, colocada de frente para a porta, impossível de não ser vista, fossem que horas fossem. Olhei de soslaio para elas, sabia que, se trocássemos um olhar, me desmancharia a rir. Quando saímos da cozinha, ele mudara estrategicamente para um canal de notícias e desejou-nos boa noite com os braços atrás das costas. Olhei para o chão enquanto percorria o corredor em direção às escadas. Conseguia ver Beatriz num esforço bárbaro para não se rir.

Entrámos no quarto, atirámo-nos para as camas e rimos tanto que achei que me iria saltar um pulmão pela boca.

Alguns meses depois, voltámos a ver as amigas do Porto. Fora com Beatriz ao festival Sudoeste para ir ter com o *Espanhol* e, no dia seguinte, encontrámo-nos com Lúcia e Mafalda numa festa manhosa numa casa algures em Vila Nova de Milfontes. E demos de caras com o *Sem Cojones*. É fascinante como a vida dá tantas voltas e nos põe sempre nos sítios certos à hora certa. Laura apareceu lá em tempo recorde, imaginei-a a voar pela autoestrada com o fumo a sair pelo nariz, com todas as suas tralhas num saco de plástico. Tinham estado todo aquele tempo dentro do armário dela, uma vez que ele nunca tivera *cojones* para as ir buscar. Ela entrou por ali de forma teatral com um saco de plástico preto ao ombro, as raparigas do Porto fizeram-lhe uma vénia e sem grandes cerimónias atirámos com tudo para a piscina. Vimo-lo levar as mãos à cabeça e entrar dentro de casa. As suas roupas fizeram uma viagem espiritual até à água, talvez tenham ficado abençoadas. «Porque é que o fizeram?», perguntou um qualquer amigo dele. Eu reformulei a questão: por que não o faríamos?

Atirar as suas roupas para a piscina não foi uma birra, ainda assim acredito que o tenha parecido, foi a libertação de Laura. Ela estava a libertar-se de toda a mágoa que a aprisionava há meses. E teve uma certa piada ver o *Sem Cojones* humilhado.

Soldadinha de chumbo

Uns meses antes de me despedir, tive um dos piores fechos de edição de que me consigo lembrar. Encharcada em ansiolíticos, cheguei a pensar que podia morrer ali. Houvera mais um rol de pessoas a entrar e a sair e, naquele momento, o departamento de moda era constituído por três estagiárias. Por esta altura, Marília já percebera o circo em que trabalhávamos e tornara-se uma boa colega e, posso dizer agora, querida amiga. Por vezes, quando penso nestes tempos, quase consigo ouvi-lo papaguear «Esta é a melhor revista feminina em Portugal» e tenho vontade de rir porque, algures em 2013, o departamento de moda tinha três estagiárias de vinte e um anos que não faziam ideia do que estavam a fazer e, por aquela altura, já vira umas cinquenta pessoas a começar a trabalhar e, dias ou semanas depois, a ir embora. Poucos de nós resistiam estoicamente.

Às cinco da manhã, depois de a redação ter passado a madrugada de sexta-feira a fazer as páginas de moda que as estagiárias não tinham conseguido fazer, e com toda a gente a dormir pelos cantos e já sem capacidade mental para escrever, ele deixou-nos ir dormir, quanta bondade. O sábado custou-me ainda mais. O *Freddy* deixara-me, ao lado da fotografia do Albano Jerónimo que Alice colara um dia no canto do meu monitor para me motivar, um *post-it* a pedir para escrever um artigo extra, uma vez que os de moda tinham falhado. Claro que podia ter recusado, dito que não trabalhava mais ao fim de semana nem de madrugada, que não era um robô de escrever artigos. Podia dizer que tudo aquilo era desumano, mas comecei a escrever, qual soldadinho de chumbo. Na hora de almoço, enquanto toda a gente foi para a esplanada do outro lado da rua apanhar sol e espairecer, comi sentada ao computador e pesquisei, telefonei, pedi opiniões e escrevi ininterruptamente durante horas. Pelas nove da noite, senti

que precisava de parar porque estava prestes a colapsar. Saí com Carlota e fomos a pé procurar qualquer coisa para jantar e apanhar ar. Ainda nem estávamos a meio da avenida da Liberdade e já estava o *Freddy* a telefonar-me. Tive uma vontade súbita de atirar o telefone pelo ar, gritar, partir uma janela, dar pontapés, esmagar o telefone com os pés e saltar em cima dele. Aos gritos, mandou-nos regressar.

Sentei-me no passeio, coloquei a cabeça entre as pernas e gritei, tal era o meu esgotamento. Comprámos uma sandes num café e voltámos para lá. Quando entrámos, toda a redação estava em silêncio, sinal de que tinham ouvido os gritos, e soubemos imediatamente o que nos esperava. Mal nos sentámos, ouvimos a porta a chiar e ele materializou-se à nossa frente.

— À minha sala agora — sibilou. Virou-nos as costas.

E nós lá fomos a arrastar os pés pelo corredor. Só nos faltava levar chibatadas para andarmos mais depressa. Enquanto ele gritava, ofendia e continuava a berrar sem sequer nos dar espaço para falar, eu tentava, sem sucesso, explicar que passara o dia sentada ao computador a fazer a merda do artigo extra que me pedira. Carlota, que estivera a apanhar sol na hora de almoço e não tinha qualquer argumento para dar, olhou para mim solidária.

— Posso dizer uma coisa? — falei mais alto para ele me poder ouvir.

— Podes ir para a puta que te pariu — gritou por cima de mim.

E desisti. Simplesmente virei as costas, saí desvairada do escritório dele e comecei a tentar arrumar as minhas coisas, o corpo a tremer num esforço animal para não chorar. Marília agarrou-me nos braços e levou-me para a casa de banho e fechou a porta.

— Não deites tudo a perder. Se te vais embora, ele ganha. E aquele cabrão de merda não pode ganhar.

Chorei sentada na sanita com Marília ajoelhada no chão à minha frente, o que foi meio embaraçoso, mas, ao mesmo tempo, reconfortante. Criámos um laço naquela noite.

Naquela altura, comparávamos a nossa vivência aos homens nas trincheiras.

Sem as bombas, é certo. Mas tínhamos plena consciência de que precisávamos uns dos outros para sobreviver. E hoje, com a distância em cima, penso que teria sido mais fácil simplesmente sair. Aquele emprego não era a minha vida. Era somente um trabalho que me dava dinheiro para viver no pouco tempo que me restava fora dali. Tanta gente antes de mim saíra e continuara com a sua vida feliz, calma, sem violência, sem noitadas, sem pressão, sem ofensas, sem *bullying*. Porque é que eu continuava ali? O que é que queria provar?

Loucura

Depois daquele fecho de edição em que tive um colapso na casa de banho, aconteceram muitas coisas que levaram à minha saída. Tudo começou quando Clarice, uma manhã, entrou pela porta de óculos de sol como se não tivesse ido embora uns meses antes, a meio da madrugada. E passou a vir de manhã para a redação e a namorada do *Freddy* à tarde, nunca se cruzavam. Naquela altura, Clarice estava novamente a tentar assumir a função de diretora, o quer que isso significasse na realidade. Eu respondia-lhe o mais politicamente correta que podia e tentava, a todo o custo, que ela nem se lembrasse de mim. Nesse mês, já perto do fecho dessa edição, Clarice teve uma discussão que terminou com gritos e Marília a chamá-la de mentirosa.

— Aquela doida disse-me para avançar com uma entrevista porque a íamos comprar e aceitou o valor que cobraram — Marília partilhou connosco mais tarde. — Eu formalizei o processo, traduzi-a e o *Freddy* passou-se. Perguntou quem é que tinha sido a atrasada mental a aceitar aquele valor e Clarice disse que tinha sido eu. Foda-se! Só me faltava esta maluca vir arranjar-me problemas.

Clarice começou a tentar ganhar aliados, precisava de testemunhas para avançar com um processo disciplinar e um despedimento por justa causa. O *Freddy* nem estava para se chatear com aquilo e não voltou a tocar no assunto, deixando-a ocupar-se com a sua investigação criminal. Quando Clarice me chamou ao seu escritório para apurar se eu tinha ouvido aquela, como ela a chamou, falta de respeito perante a chefia, respondi que estava com os auscultadores e a música alta. Carlota disse que estava ao telefone. Uma a uma,

todas as pessoas foram inventando desculpas e garantindo que ninguém ouvira nada.

Nesse fecho de edição, Clarice estava delirante, só falava no mesmo e interrompia o nosso trabalho a toda a hora, instigando a desordem numa tentativa de melindrar Marília. Eu fizera um artigo com uma dermatologista que analisara vários cremes e escolhera as melhores formulações para as rugas ou coisa parecida, e estavam todos em cima da minha mesa. Pelas quatro ou cinco da manhã fomos embora. Clarice avisara Marília que, uma vez que estava tudo atrasado, ela teria de vir mais cedo.

Quando lá cheguei, no dia seguinte, Clarice chamou-me ao seu escritório ainda antes de me sentar, como se tivesse estado ansiosamente à minha espera, e pediu-me os cremes. Coloquei tudo num saco e entreguei-lhe. Ainda não me tinha sentado à secretária, quando me voltou a chamar.

— Onde está o creme da Chanel? — perguntou, com o saco despejado em cima da sua mesa. Era impossível ter tido tempo de procurar um creme em dois segundos. Percebi imediatamente que tudo aquilo era premeditado.

— Estão todos aí — respondi.

— Não está o da Chanel, logo, não estão aqui todos — suspirou profundamente. — Se o creme não está aqui, é porque alguém o roubou.

— Acho que ninguém queria um creme para nada. Talvez o *Freddy* o tenha levado.

— Não, o *Freddy* não o levou — interrompeu. — A Marília foi a primeira a chegar hoje, não achas que foi ela?

— Por essa lógica, pode ter sido qualquer pessoa. As coisas ficam sempre em cima da mesa e toda a gente passa por elas.

— Mas ontem, quando te foste embora, o creme estava em cima da mesa?

— Não sei, não reparei. Devia estar.

— Isto é assim — disse-me —, este creme desapareceu e alguém vai ter de o pagar.

— Foi uma oferta da marca, não foi um gasto da empresa — respondi,

perplexa.

— Mas é um creme que pertence à empresa e alguém tem de pagar pelo seu desaparecimento — declarou. — Temos de responsabilizar a Marília porque só pode ter sido ela.

Fiquei calada. Naquele momento percebi todas as pontas soltas do plano que andara a conjurar para despedir Marília.

— Não vou culpar a Marília — acabei por dizer.

— Minha menina, as coisas são muito simples. Se não queres culpar a Marília, terás de ser tu a pagar o creme. A escolha é tua e acho que não queres pagar um creme tão caro — disse com um sorriso.

— Muito bem — respondi, levantei-me e saí do seu escritório.

Sentia-me impotente porque não havia nada que pudesse fazer, tudo aquilo era demasiado rebuscado. Eu própria, ao escrever neste momento, tenho sérias dúvidas se aconteceu realmente ou se o sonhei, porque parece inacreditável que coisas destas tenham acontecido numa empresa real. Lembro-me de ter uma vontade súbita de atirar todos os cremes contra a parede, espezinhá-los, parti-los e fazer com que ela ficasse sem qualquer cremezinho estúpido. Uma ou duas horas depois, perguntou-me se já sabia o que queria fazer, respondi placidamente que não iria acusar Marília de nada. Ela virou-me costas, foi ao escritório do *Freddy* exigir que ele viesse cá fora e declarou que, uma vez que era o meu artigo, e um dos cremes fora roubado, eu teria de o pagar. Limitei-me a olhar para o *Freddy*, não queria acreditar que iria deixar aquela história ir avante, mas ele suspirou, como se fosse tudo uma grande inconveniência da minha parte, e disse-me para o fazer.

Levantei-me, peguei na carteira, bati com a porta da rua e fui ao multibanco. Levantei o dinheiro, cento e cinquenta euros que me doeram na alma, mas não a ia deixar ganhar. Quando terminámos aquela edição, ele chegou à minha mesa e entregou-me uma chave. «O armário que está no corredor é teu e és a única pessoa a ter a chave», disse-me. «Passa a guardar tudo lá dentro para que esta

merda não se repita.» Fiquei perplexa, pensei que me fosse devolver o dinheiro. «Quero um recibo a confirmar que paguei este valor à empresa», disse-lhe. Ele assentiu mas, mais tarde, iria pedir várias vezes o recibo na contabilidade e nunca mo iriam dar. No final desse mês, Marília, Carlota e outras colegas andaram a juntar trocos entre toda a gente para me pagarem o valor do creme.

Despedidas e recomeços

Ao não ganhar a guerra com Marília, Clarice fora mais uma vez embora. E sucederam-se muitas coisas a que o *Freddy* deveria ter colocado um travão, mas ele já tinha tão pouco controlo no que o rodeava que hoje não fico surpreendida pela forma como tudo descambou. Depois de toda a violência emocional perpetrada pela namorada do *Freddy* para fazer Alice despedir-se, sem sucesso, tiraram-lhe o computador e foi-lhe dada uma mesa com uma folha de papel e uma caneta, de frente para a parede. Lembro-me de ter passado uma circular que informava que não podíamos falar com ela, tal era a alienação daquelas pessoas. Alice já estava num processo judicial contra a empresa, mas não podia abandonar o local de trabalho e ela resistiu, estoicamente, dia após dia, a todas as ameaças e perseguições. E acabou por ir a tribunal e ganhar, tendo-lhe sido paga uma indemnização. Sabendo ou não o que me esperava, comecei a guardar todos os *e-mails* que recebia com ofensas e ameaças. E deixei de atender o telefone fora de horas, obrigando a que o *Freddy* me escrevesse mensagens e, com isso, ficasse tudo registado.

Eis o que me aconteceu. Certo dia, recebi uma mensagem de Clarice, dizia que sabia que eu estava a ter um caso com o *Freddy*. Chamava-me de tudo um pouco, de puta a alpinista social que queria subir na vida graças ao dinheiro dele. Fui obrigada a mostrá-la ao *Freddy* que, surpreso, disse para ignorar e não responder. Mas apenas fez com que, nos dias seguintes, ela me enviasse mais mensagens e ameaças de que tinha de me despedir, tendo chegado ao ponto de afirmar que me vira num restaurante com ele, era uma loucura inimaginável. Se naquela noite não tivesse estado em casa de uma assistente de redação que me estava a ajudar com um inquérito, eu própria teria duvidado da minha sanidade

mental. Teria ido a um restaurante com o *Freddy* e não me lembrava? Quando ele chegou à redação, no final do dia, mostrei-lhe a mensagem. «Responde-lhe, por favor, para ver se ela se deixa destas merdas.»

Fiquei pasmada por não assumir responsabilidade. Não era eu que tinha de responder, isto era um problema dele. Eu era apenas uma funcionária a ser assediada pela ex-mulher, diretora ou ex-diretora, os cargos dela eram irrelevantes no momento. Clarice passou a enviar-me três e quatro mensagens por dia com ameaças e declarações confusas sobre o meu suposto caso sórdido com o *Freddy*. No pico da sua loucura, enviou uma mensagem à minha mãe pelo Facebook: «É uma vergonha ter uma filha que é uma puta que anda a dormir com o patrão.» Foi o meu limite. O *Freddy* desculpou-se, disse-me para bloquear o número de Clarice e de todas as redes sociais e para não me preocupar mais com ela.

Um mês depois disto, um dos comerciais ligou-me a avisar que Clarice iria voltar a trabalhar lá, mas era informação confidencial, ela tinha pedido especificamente que eu não soubesse. Como é que o *Freddy* permitia isto? Teria noção de que o assédio moral no trabalho era crime? Percebi que chegara a minha hora de saltar do barco, mas não me iria despedir, aquele era o meu trunfo, merecia usar e abusar dele por tudo o que passara naqueles anos e por toda a violência emocional. Um dia, antes de me ir embora, fui ter com ele e informei-o que atingira o meu limite e que estava à beira de um esgotamento nervoso. Eu queria sair de lá com subsídio de desemprego e tinha de apelar ao resto de humanidade que sabia que ele tinha, bem lá no fundo da carcaça cinzenta que devia ser o seu coração. Ele ficou surpreendido por nunca ter falado com ele antes sobre a forma como me estava a sentir. E eu pensei que ele devia viver num universo alternativo porque, no mês anterior, a ex-mulher assediara-me diariamente. «Com tudo o que aconteceu com a Clarice, tudo isto foi demasiado para mim, preciso de parar mas também não me posso despedir e perder o subsídio, não sei o que fazer», concluí com o meu trunfo, os olhos marejados de lágrimas numa encenação teatral digna de Globo de Ouro, talvez

não tão teatral, já que, por dentro, estava realmente no limite. «Tudo bem, eu percebo», disse-me, depois de um momento em silêncio. «E se te passar o papel para o desemprego e pagar-te por fora alguns artigos? Achas que pode funcionar para ti? Quando estiveres bem, podes voltar e fazemos um novo contrato», disse-me, consciente, ou não, de que aquilo nunca iria acontecer.

Ninguém queria acreditar que me ia embora, nem eu. Em maio de 2014, arrumei as minhas coisas, despedi-me de toda a gente e saí para a rua com um sentimento estranho. Triste por deixar aquelas pessoas que, embora já poucas, eram como família, tal era a ligação intensa que tínhamos por toda aquela vivência opressiva. Meio abandonada por deixar um sítio que fora como uma casa durante três anos e meio. E, ao mesmo tempo, com o coração apertado porque, de certa forma, sentia uma ligação com o *Freddy*. Odiava-o, mas, no fundo, não o conseguia odiar, sentimentos antagónicos, porque mudara a minha vida.

Três ou quatro dias depois, Clarice voltou e, quando não me viu a martelar o teclado na minha pequena secretária, teve um ataque de nervos. Mais tarde soube que tentara contactar-me, sem sucesso, já que a tinha bloqueado. Por aquela altura já estava como que em desintoxicação, a aprender a ver as coisas como uma pessoa de fora, e tudo aquilo era absurdo. Nessa tarde recebi uma mensagem do *Freddy* a informar-me que, se queria trabalhar de casa, tinha de respeitar Clarice porque ela voltara para assumir a direção da redação. Imaginei-o encharcado em álcool, caído no chão enquanto me escrevia aquela mensagem sem nexo. Respondi apenas que, depois do que acontecera, não iria ter qualquer contacto com Clarice nem a iria desbloquear. A resposta dele foi devastadora: «Pensas que vais longe mas não vais ser ninguém em Portugal, vou fazer questão disso.» Quando fui à contabilidade uns dias depois, fizeram-me assinar o recibo de fecho de contas, «para ficar já despachado», disseram, o que, na minha boa-fé, assinei. Nunca me pagaram, nem o último mês de ordenado nem os subsídios.

Demorei algum tempo a processar tudo o que tinha acontecido. De certa forma, continuava a ter esperança de que, algum dia, o *Freddy* me fosse contactar, pedir desculpa, pagar o que me devia. Não sei por que razão esperei que o fizesse. E revoltava-me mais a falta de um pedido de desculpa do que o dinheiro em si, o que, de certa forma, também me deixava frustrada comigo mesma. Já não estava lá e, mesmo assim, continuava a ansiar pela sua aprovação. Dois ou três meses depois de ter saído, uma *designer* foi também para tribunal e pediu-me para ser sua testemunha. «És uma parva se não fores para a frente com tudo o que tens contra eles», disse-me. E senti uma fúria que me era desconhecida a tomar conta de mim. Nessa mesma semana dei entrada no Tribunal de Trabalho uma ação contra a empresa e fui à polícia apresentar uma queixa-crime contra Clarice por assédio, difamação, perseguição e levantamento de falsos testemunhos. Tudo isto demorou um ano e estive várias vezes para desistir. O *Freddy* não aparecia nas audiências, os advogados alegavam que tudo o que eu dizia era falso e tive de reviver vezes sem conta tudo o que acontecera. Eu assinara um recibo que dizia que me tinham pago e provar a má-fé era muito difícil. Mas havia outras coisas mais relevantes, o assédio, as ameaças, o trabalho fora de horas, os *e-mails* a ofender e a perseguição de Clarice que, afinal, continuava como diretora da empresa.

Resumidamente, foi avassalador. «Mudou a minha vida e vou estar grata para sempre. Mas isso não invalida tudo o que de mau fez», foi a única coisa que acabei por dizer. O juiz pegou no processo e começou a ler algumas das mensagens e *e-mails* em voz alta. Perguntou aos advogados do *Freddy* se era preciso continuar, não era. Ganhei a ação. Não era pelo dinheiro, era para que, pelo menos, ele e Clarice ganhassem consciência do que tinham feito. Gosto de pensar que, de alguma forma, posso ter contribuído para que o *Freddy* se tenha tornado uma pessoa um pouco melhor, mais humano, menos *Krueger*. Talvez, graças a mim, alguma jovem jornalista tenha sido mais bem tratada. Talvez ele tenha gritado menos com as pessoas. Talvez tenha pensado duas vezes antes de ofender, agredir e destruir emocionalmente outra pessoa.

Talvez sim.
Talvez não.

(falta de) Representação

A literatura, assim como a arte no geral, foi durante muito tempo realizada por homens. E os livros, na forma como nos são apresentados, vêm pela voz de homens. Frequentei a escola, altura do nosso crescimento e formação intelectual em que os livros passam a ser integrados na nossa vida de forma regular, entre 1997 e 2003. Esta clausura cultural que nos é imposta desde muito novos, apenas pela visão masculina, vai ter impacto na forma como vemos o mundo e, acima de tudo, como nos integramos nele.

Entre os doze e os dezassete anos, as portas que a escola me abriu vieram pela voz de homens: Gil Vicente e os seus autos; Camões e o amor é fogo que arde sem se ver; o Padre António Vieira e o sermão que já nem sei do que tratava; Almeida Garrett e o *Frei Luís de Sousa*; Alexandre Herculano e o *Eurico* que, inacreditavelmente, foi a minha primeira e única negativa a português, tal foi o massacre que aquilo provocou à minha jovem cabeça; Camilo Castelo Branco e haja um livro que não me tenha dado vontade de dormir; Eça de Queiroz e o incesto do Carlos e da Maria Eduarda; Antero de Quental e Cesário Verde, mas já não me lembro do que falavam; Fernando Pessoa e os seus amigos imaginários; Vergílio Ferreira, que foi uma verdadeira aparição; Saramago e o *Memorial do Convento* que, durante anos, me fez pensar que não queria, nunca mais, ler nada em português. Mas também havia poetas contemporâneos, fizeram-me acreditar. Nomes modernos e novas vozes da literatura portuguesa que me fizeram engolir aos dezassete anos. Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Jorge de Sena, Manuel Alegre. Foi com tristeza que percebi que novas vozes significavam, na verdade, a mesma coisa que no último século: vozes de homens.

Assim que aprendi a ler, o meu mundo mudou. E a minha aflição em comunicar através da escrita, uma vez que falar não era o meu ponto forte, foi um catalisador para ver nos livros um escape para as minhas próprias fragilidades. Sophia de Mello Breyner Andresen e Alice Vieira falavam diretamente à minha alma e, sedenta por me sentir compreendida, mergulhava na *Fada Ariana*, na *Menina do Mar*, na *Rosa, Minha Irmã Rosa*, e via nelas um pouco daquilo que ansiava ser. Em dezembro, três meses depois de entrar na escola, já sabia ler, fui mesmo a primeira criança da minha sala a fazê-lo, porque, no papel, as palavras não se encravavam. Nos livros, as pessoas não olhavam para mim com desconforto quando me ouviam *fa-fa-falar*. Naturalmente, ao longo da minha infância, aprendi a dominar a arte de manusear os sons que me atormentavam, como os «des» e os «tes». E, mesmo assim, na minha cabeça, eu continuava a ser a heroína dos meus livros. Eu era Hebe, a pequena deusa adolescente escrita por Teresa Buongiorno, condenada a ficar jovem para sempre no Olimpo e que procurava um sentido para essa vida. Eu era a Teresa e a Luísa, as gémeas aventureiras de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Eu era a irreverente Jo March de Louisa May Alcott na sua busca por uma identidade. Eu era a Hermione de J. K. Rowling, que, apesar de ser uma Sangue de Lama no meio de feiticeiros, continuava a ter orgulho em si. Na minha própria narrativa, eu era esta heroína que vivia dentro de mim.

Durante a adolescência, e já despida das dificuldades da fala que acompanharam a minha infância, enquanto lia forçosamente Camões, Fernando Pessoa ou Eça de Queiroz e tentava perceber porque é que a cultura portuguesa, a herança e o nosso sangue nos eram transmitidos somente pela visão masculina, foram algumas professoras e a minha mãe que me abriram as portas para o mundo pela voz das mulheres.

A falta de representação feminina, e acima de tudo jovem, na literatura portuguesa tem sido devastadora. Nomes sonantes não nos faltam: Florbela Espanca, Judith Teixeira, Irene Lisboa, Maria Archer, Maria Judite de Carvalho, Natália Correia, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno, Maria Velho da

Costa, Agustina Bessa-Luís, Maria Ondina Braga, Lídia Jorge, Teolinda Gersão, Alice Vieira, e nomes mais recentes, como Dulce Maria Cardoso, Inês Pedrosa, Patrícia Reis ou Ana Teresa Pereira. Todas elas marcaram a sua época e tiveram um papel indescritível no panorama português e na forma como a voz das mulheres foi transformadora. Mas chegamos a 2021, quase vinte anos depois do meu último dia na escola, e a geração de raparigas de hoje continua a crescer e a ver o mundo pela voz dos homens.

O Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico atual tem algumas mudanças. Entre os doze os quinze anos, embora em representação mínima, já se ouvem as vozes de Teolinda Gersão, Alice Vieira, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner Andresen, Florbela Espanca, Ilse Losa, Maria Judite de Carvalho e Clarice Lispector. Fiz as contas: para setenta e sete autores homens, há treze mulheres. Quando entramos no ensino secundário, o programa continua tão antiquado quanto misógino. Não há uma única voz feminina e, na única vez em que isso acontece, quando se estudam os poetas contemporâneos, e aqui a palavra contemporânea tem rasteira porque só três deles estão vivos, há apenas a opção de, em dez poetas e duas poetisas, os professores poderem escolher três.

As raparigas de hoje continuam a crescer sem representação e a sentir-se uma pequena gota num oceano de possibilidades. E a literatura continua, não obstante misógina, profundamente antiquada e enclausurada no saudosismo clássico de outros tempos. As vozes jovens, hoje, são caladas e desvalorizadas neste propósito tradicionalista de tornar a literatura uma arte de elite e de minorias. E esta mentalidade continua a ser defendida e proliferada por todos os decisores, dos críticos aos prémios literários, organizadores de festivas, editores e media no geral. Em tempos, houve um movimento estético e literário, chamaram-no de saudosismo português, porque se assumia como uma atitude humana perante o mundo que tinha como base a saudade, o grande traço espiritual da alma portuguesa. Já lá vão quase cento e cinquenta anos, mas este pensamento continua entranhado na nossa, fatídica, arrisco dizer, alma lusitana.

Quantas mais raparigas vão crescer sem ouvir uma única voz moderna e do seu tempo? Quantas vão crescer sem ver mulheres jovens na literatura a anteceder os seus passos e a abrir o seu caminho? Quantas autoras vão continuar sem conseguir publicar os seus trabalhos numa indústria literária dominada por homens e por esta crença infundada do que é a literatura a sério?

Foi pernicioso, demorei anos até perceber que podia criar a representação que nunca tive. Quando, ao despedir-me, o *Freddy* disse «Não vais ser ninguém em Portugal», estava a fazer aquilo que, durante décadas, fizeram às mulheres: calaram-nas.

Se uma jovem de quinze anos algures no seu quarto a escrever os seus textos e a ler os seus livros perceber, ao ler-me, que também há lugar para ela, a minha pequena voz já terá transformado outra voz.

Como disse Fran Lebowitz, «Um livro não é um espelho, é uma porta.» Que se abram as portas.

Quando em Paris

Em 2014, tinha acabado de me despedir da revista onde roubava livros, com orgulho, e no meio de tanta coisa má, acabei por também trazer algumas coisas boas, entre elas Alice e, claro, Olívia, que trabalhava numa agência de publicidade e com quem falava praticamente todas as semanas. Depois de nos conhecermos pessoalmente numa viagem a Paris dois anos antes, uma das poucas ocasiões em que o *Freddy* me autorizara a ir numa viagem de imprensa, foi amor à primeira vista. Eu estava em modo de sobrevivência, uma pessoa com claustrofobia dentro de um avião não é a experiência de sonho que vejo todos os dias nas redes sociais, e, no meu caso, isso implica estar ocupada durante toda a viagem para não pensar na única coisa que está a saltar num trampolim dentro do meu cérebro. Estava a ver uma série no computador quando Olívia, que na altura mal conhecia, perguntou se podia ver. Partilhei os meus auscultadores com ela e passei metade do tempo a explicar-lhe a história, mas acabámos por já não ver nada porque começámos a falar de outras coisas. Quanto maior fosse a viagem, mais tema de conversa teríamos tido, tal foi a sintonia.

Passámos três dias em Paris para o lançamento europeu de um perfume. Eu ia entrevistar o perfumista e ela fazia parte da equipa de publicidade da marca em Portugal. Connosco foi ainda uma atriz muito popular, duas jornalistas, uma da já extinta *Cosmopolitan* e outra do segmento de *lifestyle* de um jornal, e três *bloggers*. Foi a primeira vez que estive em contacto direto com o universo *blogger*, que me fascinou, não pelos melhores motivos. Naquela altura ainda não havia *instagramers* nem *influencers* e as *bloggers* dominavam o panorama digital. Enquanto a minha preocupação era garantir que a entrevista saía minimamente decente nos poucos minutos que iria ter para a fazer, as *bloggers*

passavam o seu tempo a tirar fotografias, a vestir dois e três conjuntos de roupa por dia e a fazer vídeos. Ficava exausta só de olhar para elas.

Mas houve uma situação em particular que, naquela viagem, me fez invejar as *bloggers* e, acima de tudo, perceber que não aguentava mais trabalhar naquela revista. Enquanto recebia mensagens do *Freddy* de hora em hora a melindrar-me e a garantir que não conseguia ter um minuto de paz, as *bloggers* pareciam-me simples e genuinamente felizes, apenas queriam tirar o melhor partido da viagem. Ao passo que eu queria desaparecer. «Não estás aí para te divertires; quero ver trabalho quando voltares; é bom que a marca faça publicidade que justifique estes três dias de férias que estás a ter» era o género de mensagens que recebia, numa pressão diária exaustiva. Só no final desse mês soube que tinha, de verdade, menos três dias de férias.

Voltando a Paris, no fim do primeiro dia, partilhei uma fotografia minha na janela do hotel, uma coisa simplória de quem estava em Paris pela primeira vez. Na altura ainda tinha uma conta de Instagram pessoal que servia apenas para partilhar fotografias dos meus gatos, livros e festas, o normal de uma rede social privada, mas o *Freddy* era o tipo de patrão que via todas as nossas redes sociais para controlar o que fazíamos, fosse ou não legal. Momentos depois de partilhar a minha silhueta feliz com a cidade das luzes atrás, recebi uma mensagem a avisar-me que só estava em Paris porque ele autorizara. Pensei que terminara com as suas ameaças, mas com ele nunca nada estava terminado: «Não estás aí para tirar fotografiazinhas da paisagem», acrescentou. A minha ansiedade estava catatónica, tal era a pressão diária em que vivia. Lembro-me de tomar dois ansiolíticos antes de dormir e desejar perder o telemóvel para ter uma desculpa para não receber mais mensagens dele.

Na noite seguinte, a marca que estava a lançar o perfume deu uma festa abismal num palácio algures no meio de Paris, uma realidade alternativa onde dei por mim a olhar para todo o lado como a Heidi da primeira vez que chega aos Alpes. Foi como estar a viver dentro do meu Instagram e ter todas aquelas *bloggers* e jornalistas internacionais a surgir à minha frente como fantoches

vivos. Aconteceu uma coisa curiosa que me fez repensar todo o universo digital e a magia irreal que passa para o público que consome estes conteúdos diariamente com uma devoção doentia. Eu e Olívia estávamos sentadas nuns sofás pretos almofadados numa sala mais tranquila, a conversar, quando aquela famosa *influencer* loira italiana apareceu. Uma hora antes, víramos fotografias dela numa festa e, subitamente, apareceu na nossa com outra roupa. Entrou de trombas, tirou fotografias numa parede, riu artificialmente para o telemóvel, voltou a cerrar a boca e foi-se embora. Passado uma hora ou duas vimos a fotografia que ela partilhara na *nossa* festa: não obstante os minutos que lá estivera só para tirar fotografias e a pouca disposição com que entrara e saíra, para os seus não sei quantos milhões de seguidores tivera a melhor noite da sua vida.

Vimos uma outra rapariga, que, na altura, estava nos píncaros da fama digital e corria o mundo em campanhas para marcas e semanas da moda. Era alta, loira, esquelética, linda. Não deixava de ser alta e ridiculamente bonita, mas, ao vivo, percebi como as suas fotografias eram editadas até à exaustão para ela parecer mais magra e perfeita, como se a sua própria beleza natural não fosse suficiente. Dois anos mais tarde, iria entrevistá-la quando fez a capa de uma revista portuguesa e iria saber que a equipa dela controlava todos os ângulos em que era fotografada e a edição final das imagens. Naquela noite apenas me questionei porque tentavam todas estas *bloggers*, *instagramers*, *influencers* partilhar uma fantasia irreal da sua vida. E porque é que milhões de raparigas pelo mundo fora tentavam com todas as suas forças comparar os seus corpos, os seus rostos e as suas vidas a uma fotografia falsa numa rede social.

A meio da noite, o grupo português tirou uma fotografia e eu fiquei ao lado das jornalistas, meio desconfortável, meio a medo. Rapidamente começou a circular pelas redes sociais de todas, mas não a partilhei, vivia num pânico constante de dizer ou fazer alguma coisa errada. Ainda assim, no final da noite tinha uma mensagem aterradora onde o *Freddy* me dizia que estava proibida de falar com as jornalistas da concorrência e que me despedia se soubesse que tinha

trocado sequer uma palavra com elas. Partilhei tudo isto com Olívia que, perplexa, perguntou se não tinha ideias de me ir embora. Ter até tinha, mas ainda iria demorar um ano até isso realmente acontecer.

Numa outra viagem a Madrid, a pedido do *Freddy*, fui noutro voo mais tarde, separada das outras jornalistas. Enquanto procurava o sítio onde era suposto ir ter, sozinha, perdida no meio de Madrid, liguei para Olívia que, para me ajudar, telefonou a uma das jornalistas que estava lá. «Ela que se desenrasque», respondera a outra jornalista. Quando finalmente encontrei o sítio e, atrapalhada, me juntei ao grupo, senti-me deslocada. Desejava ardentemente falar com alguém, mas a cada hora recebia mensagens do *Freddy* a lembrar-me das consequências caso falasse com alguém da concorrência.

Nas dezenas de vezes em que me cruzei com jornalistas das outras revistas femininas em apresentações à imprensa, almoços, entrevistas e eventos, pouco ou nada falei com elas, por mais que desejasse integrar-me. A única pessoa preocupada com a concorrência era o *Freddy*, na sua febre de superioridade infeliz. E o terror em que vivia, o medo de que alguém me visse a falar com alguém e lhe chegasse aos ouvidos, arruinou todas as minhas hipóteses de, mais tarde, trabalhar noutra revista. E a vida segue o rumo que tem de seguir porque teria de receber todos aqueles *nãos* para arriscar naquilo que realmente queria fazer. Escrever livros.

Depois de me despedir, enquanto tentava com todas as minhas forças trabalhar na *Máxima*, a então diretora iria dizer-me que não sabia como é que uma pessoa como eu se iria integrar numa redação. Atónita, perguntei porquê. «Sempre pareceste muito arrogante, nunca falavas com ninguém.» Mas enviou-me para Paris para fazer uma entrevista. «Aproveita esta oportunidade para falares com as outras jornalistas», disse-me. Sentada no Costes a almoçar com elas, acanhada no meio das suas conversas animadas, a jornalista da *Vogue* puxou o assunto comigo. Timidamente, partilhei que aquilo que elas consideravam arrogância era, na verdade, um pavor penoso e *bullying* laboral. A jornalista que se recusara

a telefonar-me em Madrid olhou para mim do outro lado da mesa, acenou a cabeça e fez um pedido de desculpa silencioso, ou fui eu que interpretei dessa forma. Muitas vezes rotulamos as pessoas à nossa volta sem lhes dar uma oportunidade de se darem a conhecer. Eu só precisava disso.

Durante três anos, coloquei a revista *Máxima* no meu foco de sucesso. Mesmo quando já escrevia de forma regular para um jornal, continuava a enviar *e-mails* para a *Máxima*, falava com as diretoras do momento, sugeria artigos, entrevistas e ideias, voltava a enviar *e-mails* só para não se esquecerem de mim, mesmo que raramente me respondessem. Por mais trabalhos que fizesse, eu queria trabalhar na *Máxima*. E, não obstante ter feito alguns artigos e entrevistas para lá, percebi que nunca me iriam contratar. Essa meta de sucesso nunca se iria concretizar e, ainda para mais, não dependia de mim. A dada altura comecei a ler, todos os meses, com uma veia mesquinha de rancor a percorrer-me o corpo. Lia febrilmente todos os artigos só para concluir para mim mesma que teria feito melhor. E isso estava a deixar-me amargurada. Não me contratarem não significava que não fosse boa, simplesmente não tinha de ser. Havia uma interminável lista de coisas que queria fazer e aquela obsessão estava a impedir-me de passar à frente. Quando deixei de colocar a *Máxima* no centro dos meus objetivos, acabei por me focar nos livros e na literatura e, inconscientemente, essa decisão mudou toda a minha vida. Um ano e meio depois, a *Máxima*, em papel, iria chegar ao fim. Sempre que me sinto desanimada ou fracassada em alguma coisa, lembro-me disto. A única conclusão é que temos de confiar mais nos desígnios da vida, por mais frustrantes que nos pareçam no momento.

As gavetas da nossa vida

Naquela altura, Olívia tinha um namorado modelo que era bastante bonito, mas também bastante tolinho. E quanto mais conhecia Olívia mais me questionava como é que uma rapariga tão cativante e divertida podia ter um namorado como ele. Não é que fosse má pessoa, mas falava com entusiasmo sobre coisas tão inúteis como um relógio de marca e usava um porta-chaves de um carro que não conduzia, o que era caricato. Mal a conheci, percebi que ela era daquelas raparigas que dão tudo de si até mais não. Ela poderia ter sido a inspiração de todos os problemas de matemática da escola: se Olívia tiver dez laranjas e oferecer nove, com quantas vai ficar? Bem, Olívia daria as laranjas todas. Ela e o famigerado modelo namoravam há anos. Fora o primeiro amor de Olívia e era tudo o que conhecia, percebi-o rapidamente, e, embora sem compreender, porque não era a minha realidade, respeitava e imaginava que não via a sua vida de outra forma porque também não tivera mais nada. Conheci-o, finalmente, numa festa de apresentação de um novo carro organizada pela agência dela. O modelo apareceu com um fato amarelo-torrado que, disse-nos, «era tendência». Havia tanto mais para Olívia, mesmo que ela não o visse. Havia toda uma vida para lá daquela relação confortável de fatinho amarelo-torrado a que já se habituara porque era uma gaveta acolhedora.

Mas ali estava eu a criticar a gaveta confortável de Olívia quando tropecei na última que imaginava ver. Com tantos hotéis, tantos carros, tantas festas, ele tinha de ir precisamente à que eu fui. O *Mota*.

Retrospectiva da minha triste vida amorosa. Entre a rapariguinha que dançou timidamente com o Carlos naquela festa infantil até à adolescente que deu o seu primeiro beijo na boca a um rapaz mais velho de dentes tortos, o que fora

contraditório, porque eu tinha a boca cheia de ferros e elásticos coloridos, houve a obsessão pelo *Mota*, que viria a fazer com que passasse os quinze anos seguintes a compará-lo a todos os homens. De cigarro sempre na boca e a mota por onde entrava a acelerar pelo portão todas as manhãs, ele era um sonho com pernas, o motor de arranque de todos os meus dias, o tópico de conversa nas minhas tardes adolescentes em casa de amigas a sofrer a dor trágica e bela do amor juvenil ao som de Britney Spears, Aerosmith, The Corrs ou Destiny's Child. A minha longa paixão pelo *Mota* foi um marco, não só em todas as paredes e mesas da escola, mas também da minha adolescência. Enquanto as minhas amigas andavam verdadeiramente a experienciar as alegrias de se ser uma adolescente no início do milénio, eu lia em voz alta no quarto para corrigir a gaguez. E depois escrevia longas cartas de amor ao *Mota*, inspiradas por um *Grande Gatsby* e um *Orgulho e Preconceito* que, aos catorze anos, estavam longe da minha compreensão, mas que representavam tudo aquilo que via nele. Não me preocupava o que pudesse achar das minhas cartas ou de mim, certamente um pouco desequilibrada, mas não seria razoável dizer-lhe o que sentia? Os sentimentos eram para ser partilhados, eu via poesia em tudo e ansiava por um desses grandes amores escritos para a história, forte, intenso, profundo e arrebatador. Cresci a acreditar que o amor podia tudo e, verdade seja dita, tudo levava ao *Mota*. Ele fazia-me sentir feroz todos os dias.

Antes das redes sociais, do Instagram e do TikTok, as raparigas de catorze anos eram muito diferentes das raparigas de hoje. Talvez fôssemos mais puras, desprendidas, espontâneas, porque nada ficava gravado para a posteridade, e vivíamos tudo de forma muito mais intensa porque, ao não sabermos nada sobre ninguém, tudo à nossa volta era um mistério. Claro que agora consigo perceber que o *Mota* era uma espécie de paixão adolescente que, normalmente, temos por um cantor ou um ator. Era nele que pensava quando chegava a casa da escola e, de olhos fechados, beijava os *posters* na parede do quarto. Na vida real, não esperava nada do *Mota*, nem um mero beijo. Tinha catorze anos e era uma

paixão pura e inocente, daquelas em que escrevemos nos cantos das mesas na esperança de que, numa aula, ele veja e responda, mas a verdade é que ele tinha dezasseis ou dezassete, vivia num mundo diferente do meu.

Hoje em dia, provavelmente, ele ter-me ia enganado pelos cantos da escola até me tirar a virgindade ou ter-me-ia incentivado a mandar fotografias nua, que depois iria partilhar com os amigos pelo WhatsApp, mas, há quase duas décadas, o *Mota* simplesmente recebia os meus molhos de cartas, recados no cacifo, *post-its* com corações colados na sua mota — eu era uma adolescente intensa — e sorria. Eu pedia-lhe para tirar uma fotografia comigo na visita de estudo, e ele tirava. Eu pedia-lhe para vir ver a minha peça de teatro, e ele vinha. Eu pedia para assistir à sua aula de *surf*, e ele dizia-me para ir. Tratava-me como se fosse uma irmã mais nova que queria evitar magoar. Enquanto o *Mota* continuava a chumbar de ano para ano e a fumar charros nos bancos atrás da escola, a sua gentileza nunca desapareceu. E eu fui crescendo e a fantasia do *Mota* tornou-se numa lembrança no fundo da minha memória, cada vez mais longínqua à medida que comecei a viver experiências reais. A memória ficou fechada na gaveta. A minha vida começou a acontecer e a adolescente que escrevia cartas de amor desapareceu.

A razão por que os primeiros amores são tão intensos é porque as experiências de amor jovem são marcantes. Os nossos corações são inocentes, mas, acima de tudo, as memórias ganham um poder arrebatador dentro de nós com o passar dos anos. São gavetas que fechamos e que, sempre que as abrimos, nos lembram de uma altura da nossa vida em que éramos felizes ou, imaginamos nós, éramos mais felizes do que o presente. Todas estas lembranças do *Mota* e daqueles anos são mágicas na minha cabeça e criaram um fosso enorme dentro de mim, tendo passado anos a batalhar entre a fantasia do que ele era e as experiências reais que vivia. A verdade é que passei anos a querer voltar àquela gaveta, não a ele propriamente dito, mas à forma como achava que me fazia sentir. Porque, naquela altura, ainda não tinha medo do meu corpo e o *Mota* fazia-me sentir luminosa e visível.

Subir o Evereste

O bar do hotel estava a abarrotar e, enquanto me afastava de Olívia e do fatinho amarelo para respirar, só via copos no ar. Já estava naquela fase da festa em que só me apetecia ir embora, sufocada pelo cheiro nauseabundo a tabaco num espaço com pessoas a mais, muitos *flashes* de máquinas fotográficas, câmaras, apresentadoras de televisão de programas de celebridades, cantores e atores e *bloggers,* muitos saltos altos e roupas vistosas. Quando nos sentimos deslocados em algum sítio, ver uma cara conhecida torna-se, de repente, uma espécie de oásis no deserto. E quando o *Mota* sorriu, o meu coração pareceu pular uma batida.

Ele continuava incrível, ou apenas assim o pareceu aos meus olhos, e já não conduzia uma mota azul, mas sim uma caravana de surfista com o seu cão lá dentro. Estava na festa porque era patrocinado pela marca em questão. O *Mota* tornara-se num daqueles rapazes que viajam pelo mundo a fazer *surf*. E é curioso que, apesar de nos seguirmos nas redes sociais, nunca pensara no que o *Mota* da minha adolescência fazia na sua vida real. Para mim, ele estava congelado no tempo e continuava a ser aquele rapazinho a acelerar pela rampa da escola. Conhecer a sua versão adulta foi avassalador, toda a vida dele me parecera espantosa. Tinha-me despedido, achava que iria revolucionar a minha vida, escrever artigos para todos os jornais e revistas, escrever o meu primeiro livro, mas isso estava longe da minha realidade. Estava a meio do processo em tribunal e a previsão do *Freddy* realizara-se, estava em casa dos meus pais, sem trabalho, a escrever pontualmente para alguns jornais, na maioria sem ser paga, e a sentir-me totalmente inútil. Encontrá-lo naquela festa fez-me voltar a sentir o conforto daquela gaveta mágica.

Passámos algum tempo a tentar falar por cima da música, mas acabámos por sair e fomos na caravana dele comprar comida a uma loja no Martim Moniz. Com um saco cheio de *croissants*, iogurtes e bolachas, estacionámos em Belém de frente para o rio e, com o Sol a nascer à nossa frente, comemos e conversámos como velhos amigos que se conheciam desde sempre, que trocavam histórias antigas e tentavam encaixar as peças daquela pessoa que tinham estado uma década sem ver.

— Ainda escreves? — perguntou-me subitamente. Talvez tenha sido todo o arrebatamento ou a nostalgia, mas sentia-me espontânea.

— Se escrevo cartas de amor? — Dei uma gargalhada. — Bem, já não escrevo cartas. Acho que já ninguém o faz, não é?

— As cartas eram… bem, acho que eram incríveis — disse, entre risos, e deu-me uma cotovelada.

— Tenho dúvidas disso mas obrigada por me recordares de um dos momentos mais embaraçosos da minha vida. — Quase jurava que o vira corar.

Falar com ele era fácil e descomplicado, não precisava de fingir ser algo que não era, porque, afinal de contas, ele conhecia-me desde sempre, por mais abstrato que isso fosse porque, na realidade, não me conhecia minimamente. Sentia-me outra vez com catorze anos, solta, desprendida, a flutuar naquela memória viva na minha cabeça. Ele ligou a música e subimos ao teto da caravana e deitámo-nos embrulhados nos casacos a olhar para o céu com os seus primeiros raios de luz a baterem-nos na cara. De repente, eu era de novo aquela miúda de aparelho nos dentes a deixar-lhe cartas no cacifo e a passar de bicicleta à porta de casa dele aos sábados à tarde. E ele era de novo o *Mota* a entrar na escola com o capacete debaixo do braço, a roubar-me batatas fritas no bar e a passar por mim na praia e a atirar-me caricas para chamar a minha atenção. Então ele aproximou-se e beijou-me. E sabia a iogurte de morango misturado com bolachas de chocolate. Era assim que ele sabia?

A partir daquela madrugada à beira-Tejo, não nos largámos durante um par de

meses e estar com ele era poderoso, intenso e real, digo isto sem qualquer parcimónia. O amor é o mais próximo que temos de mágico no nosso mundo, faz-nos sentir como se tivéssemos capacidade para subir o Evereste e, num dado momento, chegamos mesmo a sentir-nos invencíveis. Mas o primeiro amor é especialmente intenso porque não levamos bagagem de relações antigas, entramos com o nosso coração em tábua rasa e aquilo que vivermos pode moldar a forma como vamos ver o amor para o resto da nossa vida.

Tudo com ele era mágico porque o vivia na pele do meu eu adolescente. Saíamos à noite, íamos a concertos, passávamos horas na praia. E viver presa àquela nostalgia estava a ser bom, mas durante todo aquele tempo ignorara um pormenor, nós não tínhamos nada que ver um com o outro, éramos completos estranhos com uma história em comum. Após aquele fogo inicial, apercebi-me de que não me identificava com o mundo dele de saídas, bares apertados, *reggae* e sempre rodeada de drogas. Numa festa cruzei-me com o *Gipsy King*, agora sete ou oito anos mais velho, e pensei que estava de volta ao mesmo sítio, desta vez com o *Mota*. E ele era incrível, divertido, doce e bonito justamente como era, eu é que estava apaixonada por uma fantasia e não conseguia ver a pessoa real que ele era. E era nestes momentos que a gaveta do *Espanhol* se voltava a abrir, a fantasia, as comparações, o desalento de que, com ele, é que a minha vida iria encaixar.

Todo aquele amor com o *Mota* não era mágico como eu me obrigara a acreditar, não mais. Tudo aquilo que ele significava fazia parte do meu eu de catorze anos e não do meu eu já quase com trinta, ele era mágico aos meus olhos de adolescente. E quando conheci a pessoa real para lá da imaginária que criara na minha cabeça, percebi que nunca o devia ter tirado de onde estava. É bom abrir estas gavetas, olhar para elas, pensar nelas, desejá-las até, mas nunca devemos colocar em causa o nosso presente com a ânsia de tirar a memória de lá. Ela é especial porque fez parte de um período da nossa vida e não do presente, são a nostalgia, a melancolia e a saudade que lhe dão toda essa força dentro de nós. E isso também é bom, nós somos feitos de água, poeira estelar e

memórias. Provavelmente vou gostar dele para sempre, um gostar com carinho por ambos termos passado pela vida um do outro. E tivemos sorte: passámos duas vezes.

Irei voltar a encontrar-me com o *Mota* muitas vezes, ficaremos amigos, iremos falar ao telefone e, quando apresentar o meu primeiro livro, ele irá aparecer na Bertrand e fazer-me sentir novamente feroz. Eu vou estar encharcada em ansiolíticos, mas ele irá sorrir e irei sentir que todos os desígnios da vida farão um pouco mais de sentido.

A *Atomic Kitty*

A minha primeira experiência com redes sociais foi em 2000 quando não havia vivalma na escola que não estivesse no mIRC[8]. Eu usava o meu velhinho computador com o *Windows 95*, na altura uma máquina maravilhosa, para escrever e jogar *Paciência*. Muitas das minhas tardes eram passadas de olhos postos no ecrã de tamanho industrial que ocupava a mesa quase toda, a fazer o que já então sabia que era a única coisa para a qual tinha provavelmente jeito: escrever. Quando o mIRC se tornou a aventura mais fascinante dos nossos dias, implorei aos meus pais por Internet e pelo tão ansiado *beep, beep, beep* característico do *modem* a ligar. O mIRC era uma sala de *chat* infinita onde podíamos entrar e conversar com quem estava no canal e, evidentemente, ter conversas privadas. A geração seguinte deixaria de ver relevância em *chats* anónimos, porque iríamos ansiar por nos dar a conhecer ao mundo. Mas, naquela altura, e com a magia da Internet a entrar na nossa vida, as pessoas (com os seus *nicknames*) falavam umas com as outras. Criavam-se canais privados, para os grupos de amigos, e na festa principal, os canais grandes e públicos, juntavam-se milhares de pessoas ao mesmo tempo no mesmo *chat.* Todas as noites, centenas de miúdos da escola de Carcavelos se juntavam no canal da escola. Ali se discutia e debatia os temas importantes do nosso microcosmos social, já eu só queria descobrir qual era o *nickname* do *Mota*. O meu era um disparatado *Atomic Kitty*. Sem a conotação sexual que, eventualmente, hoje lhe iriam dar, naquela altura foi apenas fruto da pressão e da falta de ideias. Sentada no computador da escola com as minhas amigas, olhei para a televisão quando estava a passar um *videoclip* das *Atomic Kitten*, uma *girlband* inglesa cujo *hit* cantávamos nos intervalos das aulas sem ligar ao que dizíamos, «que um rapaz nos podia deixar

completas novamente». Aos treze ou catorze anos ainda não estávamos familiarizadas com o feminismo, cantar que «estávamos na lista de espera para poder estar com ele» era arrebatador. Assim nasceu o meu primeiro eu virtual.

Foi também naquele *chat* de ecrã preto e letras brancas que aprendi a vantajosa arte de sacar informações que, ao longo dos anos, se viria a revelar muito útil. Antes de entrar para o décimo ano, retirei o aparelho e, por mais redundante que pareça, só quem passou anos de ferros nos dentes entende a sensação de nos sentirmos outra pessoa quando os tiramos. A aumentar todo este entusiasmo, fora para Humanidades, enquanto Laura e todas as outras raparigas estavam em Ciências e em Artes. No primeiro dia de aulas, houve uma grande assembleia no ginásio, lembro-me de olhar com curiosidade para o *Mota* com o seu enorme grupo de rapazes mais velhos, que nunca pareciam terminar a escola, sentados nos bancos do fundo. Já estava noutro patamar, porque ele já era uma memória fechada na gaveta. Naquele ano, um grupo de rapazes novos chamara a atenção, teria sido difícil passarem despercebidos porque pareciam uma *boyband* de cabelos espetados e calças largas com cintos pendurados. Pouco ou nada lhes prestei atenção porque estava mais interessada em saber quem eram as raparigas da minha nova turma, um pouco de entusiasmo misturado com ansiedade por não conhecer ninguém. Rapidamente, um dos miúdos novos entrou no nosso universo quando, sentada no muro com Laura e outras raparigas, percebemos que um de cabelos pretos espetados e olhos azuis, com o seu grupo de amigos *boyband*, olhava continuamente para mim. Eu fora uma miúda esquisita de aparelho nos dentes e totós estranhos que gaguejava e escrevia cartas de amor ao *Mota*, mas, naquele momento, sentira-me absolutamente genial. E houve uma química febril entre mim e o *Vold*, diminutivo de Voldemort, o seu *nickname* no mIRC, o que arrebatou esta jovem leitora. Tudo aquilo era um sentimento novo e difícil de assimilar porque podia já não ser essa miúda estranha por fora, mas ela continuava bem viva dentro de mim. Passávamos os dias a olhar um para o outro, eu ansiava pelos intervalos para o ver, naquele desejo infantil de me

cruzar com ele, os amigos que tínhamos em comum criavam ambiente e provocavam-nos, mas longa vida ao mIRC, que nos ajudou nas primeiras interações. A *Atomic Kitty* e o *Vold* tornaram-se bastante faladores no *chat* e depois passámos para o telefone. Ele ligava-me todas as noites para casa, e, deitada na cama com o fio do telefone esticado pelo quarto, o meu coração vibrava em conversas intermináveis que depois se prolongaram pelos intervalos na escola e pelas horas de almoço no bar. E numa tarde farrusca de outono, atrás do ginásio, ele beijou-me.

Faíscas. Estrelas. Borboletas. Relâmpagos.

Juntos, ouvíamos Guns n' Roses e Incubus no leitor de CD dele, sentados no muro do campo, passávamos as tardes depois das aulas na praia e andávamos de bicicleta no parque. Saíamos à sexta-feira, íamos ao Scala e aos bares da praia com os amigos dele e as minhas amigas e fazíamos tudo o que os miúdos de quinze e dezasseis anos faziam. Ou seja, beijávamo-nos. Apenas. Mas muito. Não éramos namorados, porque nunca faláramos sobre isso, mas a ternura dele era imensa, transbordava-me e fazia-me sentir como nunca me sentira.

Naquela altura tornei-me muito amiga de duas raparigas da minha nova turma, Madalena e Sofia. E num domingo de manhã Madalena ligou-me para contar histericamente que, através da prima dela, que era namorada de um dos amigos *boyband*, soubera que ele tinha saído no sábado com uma rapariga. Entrei no mIRC e, no canal com o nosso grupo de amigos, começaram a surgir comentários e indiretas, aquela característica tão deliciosa dos adolescentes de semear o caos. Não foi preciso esmiuçar muito para descobrirmos o *nickname* da rapariga. No dia seguinte, na escola, convenci a irmã dele, que andava um ano atrás e dividia o computador com ele, a entrar no histórico de conversas para ver o que falava com a rapariga. Ela foi a casa na hora de almoço e apareceu com todo o histórico impresso. Acho que foi ali, aos quinze anos, que percebi como as raparigas se deviam ajudar e defender, somos as salvadoras umas das outras. Nunca esperei sequer que o fizesse, mas quando a vi tirar da mochila um molho de folhas senti uma onda enorme de afeto por ela. Sentámo-nos atrás de um

pavilhão com a missiva em mãos. Sofia, Madalena e Laura apareceram, a irmã dele disse-me «prepara-te porque é mau» e, umas em cima das outras, lemos as conversas que ele tivera com a rapariga durante as últimas duas ou três semanas. Foi a primeira vez que senti aquela dor excruciante de nos furarem o peito e rebentarem a pele, os músculos, os ossos. Imaginá-lo aos beijos não me magoara tanto quanto esperava. Foram as conversas virtuais que tivera com ela que dilaceraram o meu jovem coração. A versão dele que eu não conhecia e que nem sequer existia na minha fantasia do rapaz que ele era. Quando veio ter comigo no final do dia, tirei do meu dossiê o molho de folhas que a irmã me dera e esfreguei-as na sua cara de forma dramática. Não éramos namorados mas, já então, eu sabia que merecia mais do que aquilo. Mais tarde, a irmã dele iria entrar na mesma faculdade que eu e iríamos ficar amigas durante alguns anos, mas ela iria envolver-se com um namorado de Laura numa festa e, perante a escolha de lados, eu iria escolher o de Laura. Mas amei-a durante vários anos. E ainda hoje lhe guardo um carinho enorme.

Chegámos a 2021 e este é um dos maiores obstáculos das relações onde não queremos ninguém porque estamos sempre à procura da próxima pessoa melhor. A magia que começou no mIRC transformou-se no Tinder e nas outras aplicações, onde nos avaliamos durante um milésimo de segundo numa fotografia até fazermos um juízo de valor sobre essa pessoa, única e exclusivamente pela sua aparência. Beatriz disse-me uma vez que, se soubesse o que aí vinha, tinha tido um filho aos vinte anos. «Já estava despachada», desabafou. Hoje, a pressão para casar e ter filhos é brutal. E os namoros *online* tornaram-se um filme de terror. Os homens recusam-se a assumir compromissos porque estão viciados em aplicações de encontros, esquerda, esquerda, esquerda e direita numa rapariga com a qual nunca nos iremos parecer, nem depois de tanto botox e preenchimentos labiais. Todo o sexo é pornográfico e os homens não nos querem a nós, querem a nossa versão virtual com filtros no Instagram. E se sairmos do ecrã? Continuarão a gostar de nós?

A vida vivida através de um ecrã

As redes sociais tornaram-se um perigo para a noção antropológica do que somos, tornando esta sensação falsa de sucesso um objetivo de vida que impede a evolução cultural, uma vez que tudo gira em torno de números e seguidores.

Viver atrás de um ecrã. Uma vez, uma leitora disse-me: «Escreves sobre a tua vida pessoal e, ainda assim, mostras menos do que as outras pessoas nas redes sociais.» Achei esta ideia curiosa. «É também uma parte da minha vida já editada», respondi, «são histórias, a maioria pertencentes ao passado, o que me dá tempo de as maturar.» As redes sociais permitem-nos isto, entrar na vida das outras pessoas e deixar que entrem um pouco na nossa, mas qual é o limite daquilo que partilhamos? O amor já não é um fogo que arde sem se ver, agora tem de dar *likes*, satisfazer uma audiência virtual e competimos, *post* atrás de *post*, pela vida perfeita. E quando amamos, amamos tanto que, se não partilharmos o que amamos em todas as redes sociais, será esse amor menor?

Em tempos conheci duas raparigas que, não tendo qualquer relação uma com a outra, eram curiosamente muito parecidas e partilhavam toda a sua vida no Instagram. Tudo o que faziam era em prol do conteúdo que isso poderia gerar, todos os dias. Como seria a sua vida por trás do telemóvel? Ambas partilhavam rotinas perfeitas que somavam *likes*, patrocínios de marcas e uma audiência sedenta de mais, mais, mais. Uma noite, estava eu com o *Mota* num concerto de *reggae* quando encontrámos o namorado de uma delas. Aparentemente conheciam-se e o *Mota* não queria acreditar que ele tinha namorada, e muito menos grávida, porque era habitual vê-lo com engates. A outra viajava com o namorado para todo o lado, o Instagram dos dois era um rol de fotografias

perfeitas, daquelas que nos fazem pensar que a nossa vida é uma merda, porque, ao sábado à tarde, estamos de pijama no sofá e não a fazer o pino numa praia enquanto beijamos o nosso amor de cabeça para baixo. Só que um dia estava com Olívia, que a conhecia, e encontrámo-la numa festa, a cair de bêbeda e muito conversadora. Pensei durante muito tempo no que ela dissera e passei a olhar para as redes sociais com outros olhos. «Ele não me toca há mais de um ano», disse ela. «Acham isto normal?», perguntou. Eu abanei a cabeça. Deixei de as seguir porque, depois daquelas duas situações, aquilo que partilhavam deixava-me zangada, fosse com elas ou comigo. Toda aquela felicidade era tóxica. Mesmo sabendo que elas mostravam aquilo que queriam, cortado e editado para parecer perfeito, não deixava de me sentir frustrada.

Nesse dia olhei para as minhas redes sociais e pensei que, além de todas as pessoas que não conhecia, mas cuja vida parecia conhecer ao pormenor, como aquelas duas raparigas, percebi que seguia uma infinidade de pessoas que fabricavam uma vida digital, mas viviam com problemas financeiros e gastavam o pouco que ganhavam em mais coisas para mostrar. Seguia pessoas que mostravam um estilo de vida fabuloso, mas que, na realidade, tudo o que faziam era tirar fotografias que davam *likes* em sítios que davam *likes* com roupas que davam *likes* numa rotina diária vazia de significado. Seguia pessoas que apelavam ao amor próprio, mas colocavam tantos efeitos nas suas fotografias que, no fim, aquilo que publicavam era um desenho animado delas mesmas. E apercebi-me de que receber diariamente este tipo de informações era tóxico, toda esta obsessão com a vida digital estava a deixar-me demasiado ansiosa.

Aquele momento foi uma espécie de catalisador e, para mim, o início do fim das redes sociais da forma como eu as conhecia. Agora, elas têm um papel importante nas relações, partilhamos tanto, tanto, tanto que acabamos por abrir todas as nossas relações ao mundo. Quanto mais partilhamos, mais pessoas envolvemos e cada uma delas tira uma conclusão sobre a nossa própria vida. Hoje, longe da liberdade do anonimato, a Internet tornou-se uma agência

reguladora da nossa vida e tudo o que dissermos, publicarmos e partilharmos será usado contra nós neste tribunal onde estar *online* é mais importante do que estar presente, vivo, feliz. Tanta coisa a ganhar com a tecnologia, mas, na realidade, perdemos a arte da privacidade. Agora vamos moldando a nossa pessoa de acordo com a forma como queremos ser vistos pelos outros, sendo esses outros não amigos, colegas ou família, mas uma infinidade de pessoas. Aquilo que está na base do ser humano — ser aceite, a procura pela aprovação e o medo do julgamento — e que sempre existiu, agora ganhou uma dimensão de tal forma importante que deixámos de viver a nossa vida real para estarmos focados numa vida digital. Todos aqueles casais omnipresentes nas redes sociais não são aquilo que partilham. O que nós vemos é a versão cor-de-rosa da sua relação editada e cheia de cortes finais para parecer perfeita, mesmo que esteja retalhada de mágoa, frustração, dor e desilusão.

Passei a moderar toda a informação que recebia dos outros e percebi que tinha o poder de controlar a informação que deixava que soubessem de mim. E a *Atomic Kitty* deu lugar a esta nova versão que não queria viver num ecrã. Não me despedi das redes sociais porque gosto muito delas e do seu poder de comunicação quando usado de forma positiva. Mas percebi que gostava ainda mais da minha vida privada sem a aprovação de estranhos.

Intimidade

Queremos amor, ansiamos por ele, vivemos toda uma vida em busca dessas sensações primárias de conforto e segurança.

Mas convencemo-nos de que queremos apenas sexo.

A nossa geração pensa que é bom não nos importarmos, é bom fazer jogos, é bom não dizer o que sentimos. Mas não é.

É intimidade que queremos.

Sermos tocadas, olhadas, compreendidas, admiradas, desejadas, respeitadas.

É isso que desejamos.

A carta

Houve um momento em que percebi que não conhecia minimamente o *Espanhol*, pelo menos não as partes mais importantes da sua vida. Imagino que guardasse essas para Flávia, embora naquela altura acreditasse que sabia tudo o que havia para saber. O meu amor estava tão emaranhado na perceção que tinha da nossa realidade e das minhas próprias expetativas que, ingenuamente acreditava, eram iguais às dele, embora nunca lho tivesse perguntado, é certo. Mas, muitas vezes, as pessoas guardam as suas emoções, desejos e vontades mais profundas a sete chaves no peito. Não faria eu o mesmo?

Ele estava em Lisboa e fomos almoçar ao Lx Factory num cafezinho onde eu costumava escrever. Nem o vira chegar, mas o meu corpo sentiu-o, o que é tremendamente patético, mas a pele de galinha e os pelos dos braços eriçados não me deixavam mentir. Que desperdício, tanto amor, e para quê, aliás? «Já cá estou», disse-me, quando se sentou ao meu lado na mesa, porque, valha-nos isso, a necessidade de nos tocarmos era tão grande que entrelaçámos as mãos nesse mesmo instante e permanecemos calados de olhos postos um no outro. Imagino que ele sentisse o mesmo que eu, a libertação da sua vida real, o deixar para trás a confusão quase palpável do que fazíamos, talvez para ele uma fuga da rotina, para mim uma mistura de esperanças e de medos. Ele suspirou de alívio, beijou-me na curva entre o pescoço e a orelha e encostou-se para trás.

— O que fizeste hoje? — perguntou, depois de pedirmos comida.

— Vim ter contigo…

— Ah… ainda bem. — Encaixou a sua mão na minha cara e puxou-me para um beijo. — Tive saudades tuas.

— Ah, sim?

— Diz lá… — Beliscou-me a perna.

— Não tenho grande coisa para dizer — respondi, a brincar. Era um jogo que sabíamos jogar muito bem.

— Deixa, falamos quando te levar daqui para fora.

— Hum, não sei se quero ir — respondi com uma falsa má vontade.

— Diz lá… — insistiu com um sorriso.

— Também eu…

— Custou assim tanto dizer que também tiveste saudades minhas? — troçou. E era assim que me deixava ir, condenada a uma escravidão de sentimentos que nem sabia se queria.

— Ganhei no tribunal, sabias?

— Bem… uau. E estás bem? — perguntou numa voz cautelosa. Respondi-lhe que sim, ele agarrou-me na mão. — Era só um emprego. Quando te conheci, querias escrever, querias fazer alguma coisa com significado, mas só te vi desiludida, frustrada e cansada nos últimos anos. De que valia estares num emprego que nem sequer te preenchia?

— Eu sei — concordei. — Agora só tenho de perceber o que é que quero fazer.

— Até lá… ficas comigo — murmurou e sorriu. Franzi os olhos e cruzei os braços desconfiada. — Vou cá ficar uma semana.

— E a Flávia? — acabei por perguntar.

Ele abanou a cabeça. Percebi que se preparava para dizer qualquer coisa, mas voltou a fechar a boca.

— Não falamos disso? — voltei a perguntar.

— Queres falar?

Não respondi. Se o fizesse, teria de me ir embora. E eu queria muito ficar.

Passámos a semana juntos. E eu fiz este género de coisas vezes sem conta, silenciar as perguntas gritantes que queria fazer e as respostas dolorosas que ele teria de me dar. Era fácil ver amor naquelas férias de fantasia quando, no resto

do tempo, e com a distância sobre as nossas cabeças, nos alimentávamos de mensagens, telefonemas e ilusões. «Vamos ao Lux?», perguntou-me nessa noite. «Não gosto nada do Lux, aquela música dá-me cabo do juízo», respondi. «E hoje é quinta-feira, são só miúdos.» Ele deu uma gargalhada. «Vamos fingir que somos miúdos», ronronou ao meu ouvido. E não o éramos, afinal? *Fondue* para dois, pezinho de dança no Lux. Necessidade. Ambos a tínhamos, um do outro, e por norma não me sentia embaraçada, mas, volta e meia, o telefone dele tocava ou sentava-se a responder a alguma mensagem e o meu corpo afastava-se com relutância, a minha coerência, razão e orgulho a agir por ele. Arrastámo-nos languidamente pela pista do Lux, colados um no outro. Tocámo-nos, beijámo-nos e rimos porque era a coisa mais fácil a fazer quando todo o meu corpo gritava por ele. A mim, ele amava; a ela, ele adorava. Nunca o contrário, mesmo que assim fosse. O Sol já estava a nascer quando entrámos na casa dele que, em breve, estaria alugada a turistas felizes. O sofá continuava no mesmo sítio da outra noite, dois anos antes, em que lá estivera, mas, desta vez, levou-me para o quarto. E eu dizia muitas vezes que aquilo era temporário, só acontecia porque não aparecia ninguém de jeito, era por isto ou por aquilo, arranjava desculpas para justificar aquela inércia de emoções. Convencia-me de que, tal como acontecera no passado, quando me apaixonasse a sério, iria deixá-lo. Acalentava a esperança de que poderia ser agora, porque o fantasma de Flávia estava sempre a pairar por cima de mim e tinha a certeza, antes de ter entrado no quarto, de que aquela seria a última vez. Mas depois ele despiu-me e tudo se esfumou rapidamente.

Dormimos, vimos filmes, encomendámos muitos almoços e jantares, mas também saímos, passeámos por Lisboa e conversámos muito sobre nós, sobre a vida, sobre o passado e o presente. Nunca o futuro, uma agressão emocional passiva e corrosiva. «Com a Flávia as coisas são como são», disse-me numa noite em que, deitados no sofá, falámos, por fim, sobre ela. «É fácil estar com ela, percebes?» Eu não percebia. «Não é como nós, isto é tão bom quanto mau,

uma maravilha agora, mas uma merda quando me for embora, não penses que não me sinto como tu.» Uma pessoa passa a vida a ouvir explicações sem lógica sobre porque é que traímos ou ficamos em relações agarrados ao luxo do que é familiar, desdenhamos dos outros na ignorância de que, nas mesmas circunstâncias, eventualmente faríamos o mesmo. Iríamos afundar-nos na lama até ao pescoço porque as relações humanas e os sentimentos são confusos e contraditórios. Foi nessa semana que dei por mim a pôr em causa tudo o que até então fora a base da nossa relação. E se simplesmente tentássemos viver com a distância? No meu entender, a vida dele com Flávia era algo que, pura e simplesmente, poderia acabar porque nós éramos mais importantes. Por fim, escrevi-lhe uma carta. Aquela não era uma conversa para termos no seu último dia em Lisboa. E o conforto da distância era mais apelativo do que ser confrontada, ali mesmo, com a sua possível rejeição.

Já no aeroporto, fomos comprar um livro que ele queria e, quando foi despachar as suas malas, coloquei a carta lá dentro. Foi qualquer coisa assim:

Uma relação à distância sempre foi impensável para mim, mas esta semana mostrou-me que estar sem ti também. E se for para ficarmos juntos? E se andámos a viver estes anos todos apenas à espera deste momento? Eu acredito em nós. E não consigo pensar em mais nada que não seja tentar uma vida a sério contigo, sem medo da distância e de tudo o que sempre coloquei em causa. Mas não consigo lidar mais com isto, com a Flávia, com o sentir-me uma pessoa miserável por tudo o que estou a fazer. E esta carta é uma despedida ou um olá. Vou continuar a gostar de ti, independentemente da tua decisão, mas se gostas de mim vais perceber que continuar assim é impossível.

*****

Não sabia o que lhe estava a pedir, mas era, nitidamente, uma escolha.

Vê-lo partir foi agonizante. Ele olhou para trás, sorriu, encolheu os ombros e foi embora. Eu sabia que tentar uma relação à distância era mentalizar-me para isto. Uma despedida agonizante sem fim. Passadas umas horas, recebi uma mensagem dele. «Acabei de ler a tua carta. O que é que me estás a fazer? Nunca

imaginei que algum dia me dissesses isto. Eu e tu foi sempre, a meu ver, algo impossível de concretizar. Sempre foste um sonho que deixava em Lisboa. Não sei o que te dizer. Posso pedir-te algum tempo?»

As relações e a vida no geral seriam muito mais fáceis se fôssemos honestos. Eu já não era aquela rapariguinha sentada nas escadas do casino a ouvir Nouvelle Vague ou a esperar timidamente que ele viesse ter comigo quando nos encontrávamos. Eu era uma mulher diametralmente oposta à que ele conhecera e, ainda assim, continuava a ser, com ele, incrivelmente a mesma. O tempo passou. Uma semana, duas, três… não sei quantas mais se passaram até ter percebido que, afinal, aquela carta fora uma despedida. Mas é claro que, na verdade, eu compreendia o que é que ele obtinha daquela relação *simples e fácil*, como a chamara. Flávia vivia para ele e era isso que o *Espanhol* queria, talvez sem se dar conta.

O poder dos livros

Quando comecei o meu estágio no gabinete social da pediatria de oncologia infantil, a que só Deus sabe porque é que concorri, queria fazer qualquer coisa com significado. Tinha acabado de sair da faculdade e, enquanto me arrastava pelos corredores e conhecia famílias em luto, crianças fisicamente frágeis e emocionalmente duras como touros, vivi algumas das experiências que mais me enriqueceram. Despedi-me de muitas crianças e fiquei zangada com um Deus que as levava sem razão, deixando entre nós um rasto de famílias destroçadas que nunca irão voltar a erguer-se. Chorei, quebrei todas as regras profissionais, ri às gargalhadas, ensinei português, abracei pais sem chão, cantei parabéns, participei em festas de remissão, rezei com mães na capela. E conheci Simónica. Vinda de Cabo Verde para fazer tratamentos em Portugal, estava cá com uma tia, uma vez que a mãe, grávida de mais um filho, não pudera fazer a viagem. Uma tia que, também ela mãe de outros filhos, deixara todos para trás para acompanhar Simónica no seu internamento[9], o que é amor e dor em simultâneo. Com dez ou doze anos, uma energia sem fim e uma gargalhada barulhenta, era o passarinho do nosso piso, voando para trás e para a frente, entrando em todos os quartos, falando com todos os médicos, enfermeiros, auxiliares e assistentes sociais.

Rapidamente percebi que Simónica passava grande parte do seu dia com livros debaixo do braço, amassados de tanto os ler e a transportá-los da sua mesa de cabeceira para a sala comum. Um dia, depois de a ver agarrada pelo terceiro ou quarto dia ao mesmo livro *Uma Aventura*, disse-me que já lera tudo o que havia na biblioteca infantil e todos os dias, mal acordava, corria para pegar naquele, o seu favorito, para que mais nenhuma criança o levasse. O seu apego

ao livro tocou-me profundamente. Longe da sua família, da sua casa, da sua infância, e enquanto lutava contra um tumor que, umas semanas depois, lhe levou metade de uma perna, a Teresa, a Luísa, o Chico, o Pedro e o João tornaram-se os seus amigos e confidentes. Quando cheguei a casa, fui procurar todos os livros *Uma Aventura* que tinha da minha infância e coloquei-os numa mochila velha. No dia seguinte, entrei no seu quarto após a visita médica e dei-lhe a mochila. De olhos muito abertos, vi-a tirar os livros, um a um, empilhando-os muito direitos uns em cima dos outros, cada vez mais boquiaberta à medida que o monte aumentava. No fim, espalhou todos pela cama, não sabendo em qual pegar primeiro. «São todos para mim?», perguntou incrédula. «Sim, foram livros que eu li quando tinha a tua idade e agora são para ti.» Ela olhava ora para mim, ora para o monte de capas coloridas na sua cama. «Mas são para mim, mesmo para mim, ou quando for embora tenho de os deixar aqui para os outros meninos?» Era uma pergunta curiosa e, ao mesmo tempo, dolorosa. «São todos teus e, quando voltares para casa, podes levá-los contigo.» Uma Simónica em lágrimas agarrou-se à minha cintura, quase consigo ouvi-la dizer na sua voz rouca e infantil que nunca tivera livros só dela, *mesmo dela*.

Nas semanas seguintes, Simónica fez questão de me contar todas as aventuras que os cinco amigos viviam, esquecida de que também eu já as lera. Algumas tardes, lia para as outras crianças, emprestava alguns livros, sem nunca se esquecer de apontar na sua lista de empréstimos o número do quarto onde estava cada livro emprestado. Uma coisa tão trivial como uma mochila de livros velhos teve um impacto tão grande na vida de Simónica ou, pelo menos, naquele momento da sua vida que, até hoje, sempre que falo dos livros *Uma Aventura*, não é da minha infância que me lembro. É de Simónica. Da felicidade no seu olhar, da magia que os livros lhe proporcionaram e do privilégio de ter feito parte daquele momento.

Uma segunda-feira de manhã, quando entrei ao serviço, a primeira coisa em que reparei foi no silêncio, pesado e espectral, de certa forma familiar quando já sabemos aquilo que anuncia. Simónica morrera no fim de semana. Aquilo não

era para mim, eu não tinha a carapaça sobre-humana que os profissionais de saúde aprenderam a vestir para lidar todos os dias com a vida e a morte, uma batalha titânica que depende, muitas vezes, de fé em milagres que, tantas outras vezes, nos desfazem. Ainda que não tivesse sido a primeira criança com quem trabalhara a morrer, a colisão abalou os alicerces dos meus limites. Não imaginava a minha vida assim, naquela terra de ninguém que, dia após dia, e apesar dos momentos felizes de cura e remissão, me parecia um luto sem fim.

Naquele dia, apaixonei-me ainda mais pelos livros. Pelo poder das palavras. Pela força transformadora da leitura e a expansão da nossa vivência através das histórias. E foi a eles que recorri em busca de conforto. Faltavam dois meses para terminar o estágio, mas saí mais cedo. Não sabia o que queria fazer, mas sabia que a minha passagem ali tinha terminado.

Simónica, passarinho estrepitoso com a energia de um cometa, é uma estrela no céu.

Impenetrabilidade

Quando conheci o *Flash*, ele fez-me sentir cadente. Porque há muito tempo que não me sentia desejada e aquilo bateu-me forte. Tinha ido à festa de aniversário de uma rapariga que fora do meu curso e ele era amigo do namorado dela. Passámos a noite a trocar piadas e indiretas num jogo hilariante de preliminares. Há séculos que nos alimentamos destes jogos, homens e mulheres adultos andam para trás e para a frente na vida e tentam arranjar formas de sentir este vendaval para sempre. Antes de me ir embora, ele deu-me o telemóvel dele para a mão. «Não saio daqui sem o teu número», disse-me. «Podes procurar-me no Facebook», gozei sem pegar no telefone. «Não tenho redes sociais», respondeu com um encolher de ombros. Até vi estrelas. Escrevi languidamente o meu número.

Antigamente, existia aquela regra subliminar de esperar três dias até se telefonar a alguém. Com as redes sociais acho que esperamos três minutos até a outra pessoa nos adicionar ou começar a seguir e receber toda esta dose de informação sobre nós e vice-versa. O *Flash* mandou-me mensagem no dia seguinte. Fomos jantar a Sintra e levou-me a um miradouro para ver a vista da serra. E às duas da manhã, sentada no carro dele com as pernas em cima do tabliê e toda aquela agonia que antecede os primeiros beijos, o meu telemóvel tocou. Tirei-o da mala e vi uma mensagem do *Espanhol*. «A nossa história não acabou, pois não?», dizia. O meu estômago tremeu, a ironia do momento não deixava de ser uma partida de mau gosto. «Não sei», respondi. Tirei o som do telefone e arrumei-o na mala. E deixei que o *Flash* me beijasse. Porque ele puxou-me para ele e fez-me sentir viva.

O *Flash* era educado, charmoso e tremendamente divertido, acho que me

apaixonei um pouco por ele. Ou talvez muito. Foi tudo demasiado rápido, mas, às vezes, o tempo que demoramos a dar nomes às coisas é irrelevante. E o facto de não ter redes sociais era pitoresco. Ao não lidar com o seu eu virtual, evitei todo o desinteresse que invariavelmente sinto depois de ver a rede social de alguém, e ele era *personal trainer*, imagino que, se tivesse Instagram, estaria cheio de fotografias ao espelho em tronco nu. Todo o seu mistério era tanto repulsivo como aliciante. Nessas semanas saí muito à noite com os amigos dele e a minha amiga da faculdade. Já ganhava algum dinheiro como *freelancer*, que me permitia não ter de me preocupar, e, como estava a viver em casa dos meus pais, gastava-o todo em roupa, festas e livros, mas tinha, acima de tudo, muito tempo livre para me encaixar com facilidade nos seus horários. Ele jogava voleibol numa equipa mais ou menos profissional e de competição, pelo que passava muitos fins de semana fora em jogos, ou assim me dizia. Num sábado, convenci Laura e Beatriz a irem comigo a um jogo porque a equipa jogava em casa. Ele não sabia que eu ia, nunca demonstrara grande interesse nos seus jogos e era um assunto mais ou menos subliminar entre nós. Ele fazia a sua vida e eu a minha, encontrávamo-nos a meio. Naquele dia, apeteceu-me surpreendê-lo. O pavilhão desportivo estava cheio, mas acabámos por encontrar três lugares num canto. Quando me viu, tive a sensação de que ficou pálido. Abriu muito os olhos e acenou ao de leve. «Que querido, ficou envergonhado», comentou Laura. No fim do jogo, aproximei-me aos pulinhos e ele, educadamente, despachou-me. Disse que estava suado e queria ir para o balneário. «Encontramo-nos à noite?», perguntei. «Ainda não sei se vou sair com eles», disse-me. «Mas ligo-te.» Este episódio, na altura, pareceu-me banal. Fomos para casa de Laura e não me lembro se ele me ligou ou não.

Mais ou menos uma semana depois daquele jogo, recebi uma mensagem de uma rapariga no Facebook. Vamos chamá-la de Rita. E ela perguntava se nos podíamos encontrar para falar sobre o *Flash*. Claro que podia ter ignorado, mas alguma mulher consegue realmente fazer isso? Nessa mesma tarde fui ter com ela a um café no Chiado.

— Espero que não me aches maluca por te ter mandado mensagem — disse, quando me sentei —, mas acho que estamos as duas a ser enganadas.

— Como assim?

— Pelo *Flash*.

— Estamos a falar da mesma pessoa? — Evidentemente que não podia ser.

— Há cerca de um mês vi uma fotografia tua com o *Flash* no telemóvel dele — disse. — Na altura, confrontei-o e ele justificou que eram colegas de trabalho e estavam a aparvalhar na hora de almoço.

— Como? — perguntei, incrédula. Além de que eu tinha tudo menos o corpo tonificado de uma *personal trainer*.

— Pois — disse ela —, eu também desconfiei e, numa noite em que ele estava no banho, fui às conversas dele do WhatsApp. Só tive tempo de ver o teu nome. No sábado, vi-te no jogo e, bem, somei um mais um.

— O que é que ele fazia em tua casa a tomar banho? — perguntei já meio desconcertada.

— Espera — disse ela, e suspirou. — Quando o confrontei para saber porque é que a colega de trabalho estava a ver um jogo idiota, ele disse que tu andavas sempre atrás dele e não podia simplesmente impedir-te de ir ver um jogo porque era público.

— Eu andava atrás dele? — Estava perplexa. — Mas quem és tu?

— A namorada dele, acho eu.

— Mas eu também sou a namorada dele… acho eu.

Nas duas horas que se seguiram, chafurdámos nas nossas tristezas. Rita tivera uma relação com o *Flash* durante os últimos três anos e tinham realmente terminado há uns meses. Isto coincidira com a altura em que nos conhecemos. Mas estavam a tentar dar uma hipótese à relação. Já não viviam juntos, vivia cada um em sua casa, e estavam a levar as coisas devagar. Isto permitia-lhe ter toda esta permeabilidade de movimentos. Era uma vida dupla bem delineada e planeada e, porque não tinha redes sociais, com poucas probabilidades de ser

descoberta. Quando me dizia que ia sair com os amigos ou de viagem para os jogos, pouco lhe ligava. Não me preocupava em ver fotografias de onde estava ou tentar seguir o seu rasto virtual porque não o tinha. Nem nunca lhe cobrara esse tipo de informação porque me parecia tudo natural.

A dada altura, começámos a comparar mensagens em que ele nos dizia exatamente as mesmas coisas. Foi com surpresa que lemos as mesmas balelas românticas escritas, algumas vezes apenas com intervalos de minutos. Estava triste, de que outra forma me poderia sentir? Mas conseguia perceber que Rita estava muito mais despedaçada. Ela tinha toda uma vida construída com ele, tinham um passado, um presente, famílias envolvidas, uma casa comprada onde agora só vivia ela. E a mentira, para ela, era muito mais profunda.

— O que é que queres fazer? — perguntei-lhe.

— Não sei, não consigo sequer falar com ele. Esta mentira assumiu proporções inacreditáveis.

— E se o confrontarmos em conjunto?

— Como?

— Não sei. — Pensei durante um bocado. — E se eu marcar um jantar com ele e aparecemos as duas?

— Ele odeia confrontos — disse-me.

— Ainda bem. Há que tirar algum prazer desta merda toda.

Durante algum tempo, perguntei-me porque é que o *Flash* fizera tudo isto. Porque é que me tinha mentido? Nós tínhamos qualquer coisa boa. Pior do que a mentira, do que a traição, era o facto de me ter apercebido de que nem o conhecia minimamente. O *Flash* era uma personagem criada para mim. O que ele era para Rita só ela o poderia saber. Consegui estar uma semana a agir como se nada fosse e, no sábado, marquei um jantar num restaurante da praia. «É um jantar especial?», perguntou-me. «Se calhar é», respondi com um emoji sorridente. Sentámo-nos as duas de frente para a porta. Quando o vi entrar, a relinchar alegremente como um cavalo, o meu coração acelerou. Até então fora

tudo uma brincadeira, eu e ela tínhamos passado a semana a trocar mensagens e a falar sobre ele, mas só naquele momento percebi que chegáramos ao fim e, apesar de o querer, não sabia se estava preparada para aquilo. Ele entrou com o seu ar de estrela de cinema com um ramo de flores na mão. Quando focou o olhar em mim e realmente percebeu o que estava a acontecer, estacou. Ficou uns segundos parado, a pensar, talvez, e depois aproximou-se da mesa.

— O que se passa? Não estou a compreender.

— Então — sorri, mas por dentro estava a suar por todo o lado —, podes jantar logo connosco ao mesmo tempo. Assim não tens de estar a pensar na tua agenda nem nas mentiras que vais inventar.

— Uma colega de trabalho? A sério? — perguntou Rita ao meu lado.

— Isto é inacreditável — disse ele, atirando as flores para cima da mesa. — O que é que pretendem com isto?

— O que pretendemos? — Eu e a Rita olhámos uma para a outra. — Achaste que nunca iríamos descobrir?

—Isto foi coisa tua, não foi? — perguntou-me. — Não tinhas o direito de te meter na nossa vida.

O peito caiu-me aos pés. Porque era a vida deles. Não a minha e a dele.

— Na verdade, foi coisa minha — interrompeu Rita ao meu lado. — Nunca acreditei na história da tua colega de trabalho.

— Fiquem as duas, então. — Bufou com as mãos na mesa, virou-nos costas e foi-se embora.

*

Para a maioria de nós, a ideia de que a outra, neste caso eu, nos roubou o namorado é a mais plausível, Rita podia simplesmente ter pensado isso. Mas apaixonei-me um pouco por ela naquela altura porque tentou ver para lá do que poderia ser o óbvio sem me acusar de nada. Se me perguntarem qual é a sensação, deve ser destrutiva. Embora não o tivesse feito, porque fora tão

enganada quanto ela, sentia-me responsável e em certa medida culpada pelo seu sofrimento. Se não tivesse estado tão cegamente focada em provar ao *Espanhol* que era feliz com outra pessoa, talvez tivesse visto os sinais. Porque eles estavam todos lá. Todo o seu mistério, as meias palavras, a ausência de redes sociais, a impenetrabilidade na sua vida, que me parecera tão natural porque, na verdade, eu também não queria muito entrar. E no meio disto tudo havia ainda o facto de os amigos dele jogarem tão bem aquela charada sempre que eu estava presente. Lembro-me de falar com a minha amiga da faculdade, que também nada sabia porque o namorado nunca tocara naquele assunto com ela, e de comentarmos que eles iriam conseguir mentir sem pestanejar caso um deles cometesse um homicídio.

Durante uns tempos, eu e Rita fomos unha com carne. Estávamos obcecadas uma pela outra. Laura dizia-me que esta relação de amizade não era saudável, e não era, de todo, porque passávamos o tempo todo a falar sobre ele. Eu levava Rita para todo o lado, como se fosse a minha sombra, a minha mala de ombro. Uma noite fomos jantar com Laura como se fôssemos velhas amigas e Laura, sem cerimónias, perguntou-lhe se ainda falava com o *Flash*. Ela olhou para mim e encolheu os ombros. «Epá, sim, sei lá, falamos às vezes», disse. Fiquei admirada. Imaginava-a tão resoluta quanto eu. Como é que, depois de tudo, ela podia falar com ele? «E ele sabe que tu e a Lena passam a vida juntas?», perguntou Laura. Ela hesitou, mas não precisou responder. Falámos mais algumas vezes e o desapego acabou por ser gradual. Nós não éramos amigas. Tínhamos apenas uma ferida aberta em conjunto.

Raparigas em missão

Por esta altura, aconteceu uma coisa fascinante. Olívia e o *fatinho amarelo* separaram-se de vez. Depois teve uma pancada pelo DJ de música eletrónica, seguido do professor de Zumba. E, numa noite, fui ter com ela às Amoreiras para vermos o documentário de Amy Winehouse e ela apareceu com um velho. «Ele acabou de se separar e está um bocado em baixo. Quando me perguntou o que ia fazer hoje à noite, convidei-o para vir», disse-me na casa de banho. Nunca fui fã de caridade emocional, temos de fazer o luto das relações passadas em vez de nos agarrarmos a bengalas sob a forma de outras pessoas. Não entendi que estavam a ser a bengala um do outro e que Olívia, demasiado habituada à versão de si própria que conhecia com o *fatinho amarelo*, não sabia estar de outra forma. O *Velho* era um homem de cinquenta anos com três ex-mulheres, dois filhos da primeira, outro da segunda, um bebé da terceira e uma bagagem emocional ao nível de uma guerra mundial. Na altura, ainda mal o conhecia e não sabia que era um homem de cinquenta anos com uma inteligência emocional de vinte que, se estiver mais de uma semana sem dar uma queca, já acha que está com um problema. E Olívia apaixonou-se por ele.

Sem ninguém prever, ela e o *Velho* tornaram-se qualquer coisa parecida com um casal. E ela mudou-se para casa dele, digamos, a casa onde vivera com a ex-mulher. Levou os seus tarecos e um colchão novo porque se recusara a dormir no outro onde ele dormira com a ex-mulher, era justo. Uma vez, fomos passar o fim de semana à Comporta, à casa de férias dele. Quando lá cheguei, atirei-me para uma espreguiçadeira e comentei, à laia de brincadeira, que o meu objetivo de vida era ter uma casa de férias. «Tens muito livro para escrever», disse-me ela.

Já não era desempregada a *full-time* porque, entretanto, começara a colaborar de forma regular com um jornal. Mas, curiosamente, acabara a fazer a mesma coisa que fazia na revista, a escrever sobre beleza e *lifestyle*. Tantas voltas e tinha voltado ao mesmo sítio. Quatro anos mais tarde, iria pedir para passar para a cultura, para o segmento de livros, e iriam ignorar-me como se só servisse para escrever sobre cremes e roupas. Essa rejeição iria motivar-me para me dedicar exclusivamente aos livros. Mas ali, em 2015, com Olívia na Comporta, ela disse-me: «Devias escrever sobre estas histórias.» «Sobre o quê?», questionei. «Sobre isto tudo: *o Espanhol*, o *Sem Cojones*, o *Flash*, o *Pila Pequena*, aposto que imensas mulheres se vão identificar.» E nessa noite, deitada no sofá do *Velho*, escrevi um *post* no meu blogue. E estava longe de imaginar que, dois anos volvidos, enquanto escrevia o esboço do que viria a ser o *Raparigas como Nós*, e o tentava desesperadamente apresentar a editoras, um editor iria achar piada aos meus *posts* e desafiar-me a escrever antes um livro sobre homens e relações. Não seria o que eu tinha em mente, mas esse livro em particular, com algumas destas histórias, incluindo a do *Velho* e a do *Espanhol*, mudou a minha vida.

Posto que aqui estávamos nós na casa do *Velho* a apanhar sol e a dormir. No sábado à noite, enquanto víamos um filme, bateram à porta. E aquilo não era um bater normal, eram pontapés tresloucados. Levantámo-nos do sofá num salto e ficámos no meio da sala a olhar uma para a outra. Antes de pensarmos sequer no que fazer, ouvimos uma chave a entrar na fechadura e a porta abriu-se devagar. Nem sei como sobrevivi. Mas não era um fantasma, era mesmo a ex-mulher do *Velho* que se materializou à nossa frente. Era tudo o que menos esperava. Tinha cabelo loiro pintado, quase oxigenado, e vestia calças de ganga rasgadas com uma *T-shirt* pingona até aos joelhos, todo um aparato que traduzia problemas.

— O que é que estão a fazer na minha casa? — perguntou de braços cruzados no meio do *hall* de entrada, quebrando o silêncio. Olhei, confusa, para Olívia.

— Ah, bem, sim… Olá, Vanessa, fomos convidadas.

— Putas não entram na minha casa — interrompeu. — Nem tiram fotografias

na piscina do meu condomínio para partilhar no Instagram. Por isso, podem fazer as vossas malinhas e ir-se embora.

— Vanessa — lá estava Olívia na sua voz calma e conciliadora —, nós não vamos a lado nenhum, temos autorização para a estadia nesta casa e o melhor será falares com o *Velho*.

— Ouve, minha puta — interrompeu com um berro —, não quero saber se o meu marido anda a foder contigo. Esta casa também é minha e do meu filho e vais sair.

Já estava habituada ao facto de nos chamarem putas em qualquer circunstância, mas fiquei magoada por vir de outra mulher. E percebi que, à medida que ia ficando mais velho, o *Velho* ia recuando na faixa etária. Vanessa teria os seus trinta e oito anos, mais coisa, menos coisa. Era também curioso que a ex-mulher, ou mulher porque ainda não tinham assinado os papéis do divórcio, se tivesse dado ao trabalho de ir até à Comporta num sábado à noite só para aquilo.

No meio da discussão, e com Vanessa aos gritos, disse a Olívia que ela era responsabilidade do *Velho* e não nossa. Éramos as últimas pessoas que teriam de levar com aquilo. E, uma vez que o *Velho* não atendia o telefone, eventualmente estaria a dormir, já passava da meia-noite e o senhor tinha cinquenta anos, só nos restava ir embora para não nos chatearmos mais. Fizemos as malas, arrumámos as nossas coisas, deixámo-la a falar sozinha e saímos. Quando chegámos ao carro, estacionado na garagem do condomínio, estava riscado com *spray*. Voltámos à casa, tocámos a campainha vezes sem conta. Ouvimo-la a rir-se do outro lado e nunca nos abriu a porta. Era o meu carro.

*

O *Velho* pagou o arranjo. Mas o que me incomodou foi a sua inércia. «Não quero ter problemas com a mãe do meu filho», justificou-se a Olívia. E ela ali

ficou, acomodada ao pouco que ele tinha para lhe dar. Houve uma ocasião em que discutimos. Como é que ela era a única pessoa a não ver como aquela relação era tão errada, tão tóxica? E porque é que ela era tão passiva? Já mal a víamos, estava a treinar para uma maratona com o *Velho* e comecei a aperceber-me de um padrão. A Olívia que só saía à noite para festas de música eletrónica; a Olívia das aulas de Zumba; e agora a Olívia que treinava para uma maratona. Ela ia-se moldando àquilo que queriam que ela fosse. «Tu odeias correr e agora vais para uma maratona? Isso não és tu!», gritei. Porque é que ela não era, simplesmente, ela própria? Respondeu-me secamente: «E porque é que não hei de ir? O que é que me custa fazer algo de que ele gosta? Sabes, é isto que é uma relação. Tentarmos gostar um pouco das coisas que a outra pessoa gosta em vez de esperarmos que ela seja moldada aos nossos gostos como que por magia, que é o que tu esperas.» Foi um murro no estômago. Olívia tinha razão. Porque é que tivera sempre tanta certeza de que eu e o *Espanhol* éramos certos um para o outro? Por uma dúzia de encontros nos últimos anos? Por conversas debaixo das estrelas, telefonemas, mensagens e muita fantasia daquilo que poderíamos ser? Ele não tinha sido magicamente moldado para mim, por mais que o meu coração batesse que sim, confuso, e visse aquilo que queria ver. Porque continuava sozinha e a procurar outras pessoas que substituíssem a ausência daquilo que imaginava que poderia vir a ter com ele. E, no final do dia, continuava a viver numa fantasia. E aqui estava Olívia a jogar todas as cartas numa hipótese real. Que podia não ser a certa. Mas ela estava disposta a tentar.

Umas semanas depois, fui com Olívia e com o *Velho* a uma festa no Terreiro do Paço. Fora no meu carro para sair quando quisesse, caso ficasse muito cheia, gatilho já conhecido da minha ansiedade, e mal tinha dançado uma música quando vi o *Flash* encostado ao balcão, todo ele sorrisos e charme com a rapariga ao seu lado, outra namorada, presumi. Então a rapariga, numa gargalhada em resposta a algo que ele lhe dissera ao ouvido, virou-se e vislumbrei Rita. O meu corpo retesou-se, talvez ciúmes, mesmo que injustificados, e resisti ao impulso de ir até lá. Quando me viram, além de

constrangidos, talvez um pouco embaraçados, os seus olhares disseram tudo. Era um olhar de sintonia. Era um olhar de perdão. Rita veio ter comigo.

— Olá — cumprimentou-me. Apagou o cigarro num cinzeiro numa mesa ao nosso lado e suspirou. — Eu sei que não vais compreender, mas eu gosto dele. E, sei lá, tu já não querias mesmo ficar com ele, pois não?

— Eu? — questionei, surpresa. — Oh, não, sem dúvida. Mas depois de todas as mentiras… Como é que consegues olhar para ele?

— Eu sei… — sorriu.

— A sério, Rita, nem sei o que te diga. Estás bem?

— Estou — confirmou. — Não fiquei senil nem nada do género.

Dei uma gargalhada, mas continuei a olhar para ela.

— Aprendi a perdoar — acabou por dizer. — Perdoei-o a ele e a mim mesma por tê-lo perdoado.

Olhei para ele ao balcão. Acenou-me e encolheu os ombros. Li-lhe um pedido de desculpas nos lábios. Então era isso que eu recebia, um «desculpa lá qualquer merdinha», como se a sensibilidade alguma vez tivesse sido o seu forte. Acenei de volta.

— Olha — disse-lhe, por fim —, espero mesmo que sejam felizes, Rita. Não o deixes magoar-te.

Ela agarrou-me na mão, apertou-ma e deu-me um abraço rápido. Vi-a afastar-se e sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ele olhou para mim e sorriu. Esperava ver algum sentido naquilo tudo, mas vê-los arrasou-me. Não era por o *Flash* estar com Rita nem por a ter escolhido, se é que houvera alguma escolha, nem por ela o ter perdoado. Era porque o *Espanhol* escolhera Flávia e de súbito senti-me profundamente rejeitada e sozinha. Hoje percebo que, por vezes, fazemos escolhas que nos fazem mais felizes, mesmo que não sejam as certas, como Rita perdoar o *Flash*. Talvez eles fossem o amor da vida um do outro e eu tivesse de passar pela vida deles para lhes mostrar isso. Esse pode ter sido, desde o início, o desígnio das suas vidas. Então porque é que o *Espanhol* não me escolhia? Não podia ser esse o desígnio da minha vida?

Depois disto fui para casa e deixei Olívia e o *Velho* na festa. No dia seguinte, ela telefonou-me para me contar que Vanessa aparecera lá. Deixei escapar uma exalação discreta, gostava de ter assistido, só por diversão. «E o que é que ele fez?», perguntei. Ela não respondeu durante cerca de um segundo, senti a tensão imediata naquela pausa, e depois disse-me: «Deu-me a chave do carro dele e disse-me para ir para casa porque a Vanessa não estava bem e ele ia levá-la.» Fiquei em silêncio.

Sempre que vejo uma mulher a desligar o seu cérebro e a comportar-se como um ser emocionalmente dependente de um homem, morro um bocadinho por dentro. Somos livres como nenhuma geração antes de nós foi. Podemos casar com quem quisermos. Podemos divorciar-nos. Podemos voltar a casar quantas vezes quisermos. Podemos meter-nos na cama do número de homens que nos apetecer antes de escolhermos um com quem ter filhos. E temos a liberdade para fazer o que bem entendermos com o nosso corpo e a nossa vida. Porque é que a colocamos nas mãos de um homem e tornamos toda a nossa existência dependente das suas escolhas? Como é que Vanessa se colocava nesta posição? Como é que se humilhava desta forma atrás de um ex-marido que estava com outra, a minha amiga, a quem lhe prometia mundos e fundos e por quem ela acabara por se apaixonar? E como é que, depois do que acontecera na Comporta, ele ainda deixava Olívia para a levar a casa?

Nessa noite, o *Velho* disse a Olívia que precisava de um tempo para pensar nas suas escolhas. Com cinquenta anos, ainda usava a desculpa do tempo. «Tenho de pensar nos efeitos que as minhas escolhas têm no meu filho», dissera. Um filho que ele já tinha quando se separaram. Um filho que já estava a lidar com as suas escolhas quando decidira usar a minha amiga como bengala. Um filho que já tinha o pai ausente quando obrigara a minha amiga a apresentá-lo a toda a sua família porque achava que ela tinha vergonha por ele ser mais velho. Um filho que já existia quando decidira iludir a minha amiga com promessas de uma vida maravilhosa a dois para silenciar a sua própria infelicidade e o falhanço do seu

terceiro casamento. Quem pede um tempo quer um tempo para quê? Para a outra pessoa voltar mais tarde? Pede um tempo e anota no calendário quando é que vai voltar a telefonar? Olívia saiu de casa dele desvairada a arrastar o colchão. Felizmente, ele morava no rés-do-chão. No dia seguinte, fui lá com Laura buscar as coisas dela.

Enquanto andávamos pela casa, com três malas de viagem, a recolher roupa, sapatos, cremes, livros, uma máquina de café, máquinas fotográficas e os restos da vida da nossa amiga, ele andava atrás de mim a palrar como um papagaio irritante. Dava desculpas, não a mim, talvez a ele próprio, falava da relação, do que tinha falhado, das coisas que o incomodavam, do filho que precisava de crescer com um pai.

— E isto não tem nada a ver com a Vanessa — concluiu a dada altura —, disso podes ter a certeza. Esta decisão só teve em conta o meu filho.

— Não te estou a perguntar nada — bufei —, nem me interessam os teus motivos.

Ele deixou de nos chatear, terminámos de recolher as coisas de Olívia, levámos as malas para o meu carro e voltámos para ver se não tinha ficado nada esquecido. Quando voltámos a sair do apartamento dele, vi-a. Vanessa estava estacionada em frente ao prédio, olhou para mim e riu-se. Vimo-la sair do carro, dirigir-se à porta e, de chave a abanar na mão, abriu e entrou.

Porque é que os homens fazem isto? Porque é que nos usam quando precisam de uma pausa na sua vida? Como é que o *Velho* estava a voltar para a ex-mulher que tanto mal lhe fizera? Não tinha passado os últimos meses a dizer mal dela enquanto enfiava o pénis dentro da minha amiga e dizia estar apaixonado? E tudo o que ela fizera, que ele jurava que o deixara constrangido, afinal, não significava nada porque ali estava ele a voltar para ela. Magoar alguém vai torná-la mais feliz? Não. Mas vai trazer o seu homem de volta? Pelos vistos, sim.

Umas semanas depois, numa noite de inércia, demos por nós a levar avante

uma ideia disparatada que, quanto mais falávamos dela, mais entusiasmadas nos deixava. Fomos ao supermercado comprar *sprays* de tinta e, numa grande bazófia, delineámos um plano para pintar o carro do *Velho* e escrever qualquer porcaria na porta. Se tudo corresse mal e fôssemos apanhadas, teríamos uma história engraçada para contar e vandalismo no nosso cadastro. Ainda assim, valia a pena correr o risco.

Às duas da manhã, com *sprays* na mão, dirigimo-nos à rua dele. Não para nos vingarmos, mas para retaliar, para equilibrar um pouco o universo.

— Alguém tem de escrever pila pequena — disse — em grande mesmo. No vidro de trás, para os outros condutores verem.

— Oh, coitado — referiu Olívia, pensativa.

— Coitado? Coitado da merda — interrompeu Beatriz. — É mesmo para lhe arrasar a dignidade.

Olívia hesitou, mas acabou por concordar. E eu deixei o carro ligado, para o caso de termos de fugir, evidentemente. Aproximámo-nos do carro dele, estacionado em frente ao prédio, e ouvimos uma discussão pela janela, eram eles os dois. Ficámos paradas no meio da rua em silêncio a ouvir os gritos. Ofendiam-se mutuamente, acusavam-se, gritavam por cima um do outro, eram um casal infeliz. Olhámos umas para as outras, guardámos os *sprays*, entrámos no carro e fomos embora.

Não valia a pena pintar o carro dele. Porque ele já era infeliz. E longa vida a Lúcia Moniz que, em 1999, nos ensinou uma lição para a vida: *é sempre mais feliz aquele que mais amou*.[10]

Era Olívia que iria ser mais feliz. Porque, sem dúvida, fora ela quem mais amara.

As nossas palavras são asteróides

Quando lancei o primeiro livro, tive algumas participações modestas na televisão e na rádio. Esta fase coincidiu com um período brutal de ansiedade que fez com que não aproveitasse o que estava a viver porque tudo me fora demasiado penoso. Medicava-me todos os dias só para conseguir sair de casa e tolerar uma conversa com alguém. Uma destas participações foi num programa da manhã de uma rádio onde fora gravar uma pequena entrevista. Fortemente medicada, calma como se me tivessem dado um tranquilizante de cavalo, cruzei-me com uma locutora que conhecera quando era mais nova.

No fim da faculdade, estava uma desgraça, física e emocionalmente, a lidar com uma doença autoimune desconhecida e os cacos de quase ter sido violada, e o quase não é nada singelo porque uma pessoa nunca volta a ser a mesma depois de uma coisa destas. Interiorizara, de alguma forma, que a culpa fora minha, o que quer que tivesse feito que o levara a escolher-me para me desmontar peça a peça. E, apesar dele não ter conseguido ir até ao fim, aquela tarde deixara feridas profundas na forma como me via no mundo. Longe estava aquela rapariga cheia de fanfarronice que gostava de ser o centro das atenções, porque, agora, só queria ser invisível. E é curioso que, por vezes, demonstremos as nossas lesões das formas mais banais. Estive muito tempo sem sair e passava muito tempo *online*. Nesta altura começara também o meu estágio e esquivava-me a qualquer convite ou festa com a desculpa de que estava cansada. Não era que não quisesse ver ninguém, não queria era que ninguém me visse. Foi *online*, em conversas pela noite dentro, que comecei a falar com Rico, que conhecia dos tempos do meu primeiro namorado, Sam. Eles tinham sido do mesmo grupo de amigos e saíramos juntos algumas vezes. Passávamos horas a conversar, a trocar músicas,

a falar dos nossos sonhos e das coisas que gostávamos. Era de uma simplicidade estonteante. Rico estava no último ano de Engenharia Informática e, enquanto o provocava dizendo que era um cromo chato, ele respondia-me que era uma beta irritante, num jogo de palavras que ateava um fogo longe de nos queimar. Sem saber, ardia por isso. Eu, Laura e outras amigas começámos a sair com Rico e os amigos dele. Marcávamos cafés depois de jantar ou íamos jogar cartas para casa de alguém ou andar de bicicleta ou de mota ao fim de semana. Quando o meu avô morreu, ele apareceu em casa dos meus pais com uma caixa de gelado. Passámos a noite no sofá a ver filmes e beijámo-nos pela primeira vez nessa madrugada quando, já à porta de minha casa, nos despedimos, atrapalhados. Algumas semanas depois, eu e Laura fomos a uma festa e encontrei o *Espanhol*. Ele sabia que estava com Rico, mas vê-lo foi extenuante. Tentei manter-me neutra quando me deu a mão e me puxou para falarmos. Sentia-me prestes a vacilar porque tudo nele me levava para uma outra parte de mim que me trazia conforto. «É sério, com ele?», perguntou quando nos encostámos ao muro da varanda. «Acho que sim», respondi. Ficámos algum tempo de mãos dadas sem dizer nada. E foi aí que percebi que estava apaixonada por Rico porque, sabendo que provavelmente não iria conseguir extrair de dentro de mim o que sentia pelo *Espanhol*, era a cara de Rico que desejava ver. Mandei-lhe uma mensagem e pedi para me ir buscar. Ali estava uma amostra do meu âmago na trivialidade das escolhas que fazemos. Quando entrei no carro, agarrei-me a ele. Estivemos juntos dois anos e talvez Rico tenha entrado na minha vida para curar muitas das minhas feridas. Apenas porque me viu quando eu estava vazia e transparente, ele viu-me quando só queria ser invisível, viu para lá de toda a confusão em que estava a minha cabeça, e o meu corpo, e fez-me sentir novamente eu, segura na minha própria pele.

A locutora de rádio era amiga de Rico há anos e tinham tido uma relação anda-não-anda, ou seja, iam para a cama regularmente. No meio desse para-arranca, eu e ele apaixonámo-nos. Custa-me horrores dizê-lo, porque sabia que ela continuava apaixonada por ele, mas pouco me importava com isso. Também

já fora usada, apalpada, enganada e rejeitada e a minha vida continuara. Só não entendia porque é que queria manter uma amizade forçada com Rico e sentia-me desconfortável sempre que ela lhe telefonava e pedia para falar comigo como se fôssemos amigas há anos e dizia solenemente coisas como «Ai, temos mesmo de ir beber um café porque temos tanto para falar». Quando fez questão de me conhecer, lá fui para um jantar embaraçoso onde ela falou muito, riu alto e tentou passar um ar de despreocupação que lhe conseguia ler, talvez Rico não, e perceber que não era real. E sempre fui calorosa com ela e fazia questão de a incluir nos jantares de grupo, confrontando-me sempre com os limites até onde ela poderia ir, ou eu, sem criar um ambiente de cortar à faca. Mesmo quando um dos amigos dele me confidenciou, bêbedo, que ela tinha vaticinado que não iríamos durar muito tempo, dei por mim consternada porque conseguia perceber a sua tristeza e a frustração. Eu também já a sentira um milhão de vezes.

As nossas vidas continuaram e o seu vaticínio realmente concretizou-se porque, dois anos volvidos, eu e Rico decidimos separar-nos. Crescemos juntos numa altura crucial, ambos a entrar na vida adulta e a descobrir quem éramos. Enquanto eu lidava com a desmotivação de odiar todos os meus empregos e procurava desesperadamente perceber o que queria fazer, Rico entrara para uma *startup* de informática e vivia para isso, conseguia sentir-lhe aquele fervor acelerado que me corroía como ácido. E acabámos por seguir caminhos diferentes, embora tenhamos ficado amigos até aos dias de hoje.

Passei anos sem me lembrar dela até àquela manhã em que, sentada numa cadeira no estúdio da rádio à espera do locutor que me ia entrevistar, ela entrou sem hesitação e disse olá. Falámos durante uns minutos, bebemos um café e fizemos conversa de circunstância amável até o locutor chegar. Curiosamente, fiquei feliz por vê-la fora daquele papel irascível que ela teimara em representar anos antes.

— Essa puta vem cá à rádio? Não quero essa gaja aqui. Mas quem é que a convidou, foda-se? — Foi isto que ela disse nessa manhã ao ver o meu nome no alinhamento. O locutor ficou tão atrapalhado, embora não o tivesse demonstrado

durante a entrevista, que, uns dias depois, contou a uma amiga que tínhamos em comum.

Posto isto, eu era uma puta. Porque, noutra vida, me tinha apaixonado por Rico e ele por mim. No momento em que soube disto, tive uma vontade feroz de a contactar, ainda que nunca o tenha feito. Fora apenas mais um exemplo de como nós, mulheres, tendemos a ofender-nos umas às outras, assanhadas, colocamos as garras de fora sem pensar na forma como as nossas ações vão ter impacto na vida das outras. Eu estava numa crise atroz de saúde mental e as suas palavras poderiam ter-me arrasado, cortado debilmente a pele, penetrado na carne até quase me esquecer da pessoa que era antes de, numa manhã, uma locutora de rádio me ter resumido a uma palavra. Ainda para mais, uma palavra que vem de uma cultura machista que julga e controla o nosso comportamento sexual. Ainda que não tenhamos a força de um asteróide, as palavras podem provocar tantos danos quanto a sua colisão com o nosso planeta. Temos de aprender a usá-las com cautela.

Barcelona

Nos últimos anos aceitei muitos trabalhos de merda para ganhar dinheiro, nome, contactos e credibilidade. E trabalhei muito sem ganhar nada. Só a perder — tempo, energia, confiança. Mas tentei ver sempre para lá do presente. Plantei, plantei, plantei. Plantei sementes por todo o lado. E aguardei muito tempo para ver as flores nascer. E também coloquei a minha cabeça a prémio. Bati a muitas portas e ouvi muitos nãos, uns mais simpáticos do que outros. Tive entrevistas com diretores de jornais, editores e gestores de agências que roçaram o insultuoso e, curiosamente, eram todos homens. Mas, no meio, também conheci profissionais incríveis que me proporcionaram experiências que me enriqueceram. Jornalistas com quem viajei, trabalhei e troquei ideias. Diretores e editores que, com confiança, me ofereceram trabalhos extraordinários que não só me deram dinheiro para sobreviver, mas também bagagem que levo comigo para todo o lado. Foi assim que acabei em Barcelona a fazer um artigo para uma revista. Com tantas cidades na Europa, tinha de ir para a mesma que ele. Não nos víamos há mais de um ano, tirando uma troca de mensagens pontuais, mas sabia que nos íamos ver. Era uma força invisível que nos puxava um para o outro. E eu mergulhava todos os dias nessa força sobrenatural que acreditava ser o motivo de tudo.

Entrei em Barcelona debaixo de um dilúvio. Enquanto um carro me conduzia pelas ruas labirínticas até ao hotel, não tirava os olhos da janela. Olhava para todo o lado: para os edifícios góticos, para as ruas coloridas que via ao longe e para os bairros pitorescos. Nem o tempo chuvoso e o céu cinzento conseguiam tirar a cor desta cidade. Ou era a vaga perspetiva de ver o *Espanhol* que me fizera ver poesia em todo o lado. Deixaram-me à porta do hotel Ohla Barcelona,

um antigo palácio no centro da cidade e um edifício neoclássico classificado como património histórico. Fiquei debaixo de chuva a olhar boquiaberta para cima enquanto o porteiro se apressava a chegar até mim e a colocar-me debaixo de um guarda-chuva. O meu quarto era espantoso, mesmo parecendo um sótão com uma cama no centro do quarto e uma grande janela no teto. Deitei-me no meio da cama a ver a chuva cair em cima de mim. Tinha o dia todo livre, porque a entrevista só seria no dia seguinte, e tentei afastar da mente a ideia de que estava totalmente sozinha no meio de Barcelona. O meu eu de doze anos ressurgiu do meu âmago e usei todas as forças para o afastar. «Sou uma mulher adulta», murmurei. «Sou uma mulher adulta. Sou uma mulher adulta.» Pensamentos que aprendi a ter para relativizar a sensação de pânico em qualquer situação, neste caso: estava a três andares das rececionistas, estava a uma porta de distância do quarto ao lado, estava a uma mensagem do *Espanhol*. Não ia morrer ali sozinha. Tomei um ansiolítico e fiquei a olhar para a janela do teto enquanto sentia o novelo na minha cabeça a desemaranhar-se e a minha respiração a tornar-se regular. Telefonei à minha mãe para dizer que chegara e para ouvir a voz da minha pessoa favorita no mundo inteiro, o meu calmante instantâneo. E devo ter adormecido. A meio da tarde, pedi um guarda-chuva na receção, coloquei a morada do hotel no telemóvel para não me perder e fiz-me às ruas.

— Então? — perguntou-me Beatriz ao telefone. — O que é que andas a fazer?

— Estou a lanchar aqui num café nas Ramblas — disse. Estava sentada numa esplanada coberta, ao frio é certo, mas queria observar as pessoas que passavam. — Já estive na Plaça de Catalunya. Também não dá para ver muita coisa porque está a chover.

— E a entrevista? Vai ser onde? — perguntou.

— Vai ser amanhã, num hotel que se chama El Palace. Isto é tudo em grande — disse, petiscando umas tapas com tomate e queijo. — Havias de ver o hotel em que estou, é num antigo palácio e o meu quarto tem uma janela no teto…

— E vais dizer ao *Espanhol* que estás aí? — perguntou, interrompendo-me da descrição inútil do hotel.

— Não sei. Não é que não o queira ver, mas depois lembro-me de que ele tem uma relação e odeio-me, percebes? E eu escrevi-lhe a merda de uma carta. Uma carta!

— Perdes demasiado tempo a preocupar-te com o que os outros vão pensar ou o que é suposto fazeres nesse ideal de vida que criaste dentro de ti. Mas o que é que tu queres?

— Não sei…

— Então liga-lhe e logo vês.

Não liguei. Passei no La Boqueria para tirar umas fotografias e parei no Mirador de Colom. Só pensava nele. Via-o por todo o lado. Imaginava que nos iríamos cruzar porque era assim que tinha de ser. Era transcendental, fantasiava eu. O frio era demoníaco, estava exausta, molhada e apanhei um táxi de volta ao hotel, ao invés de regressar a pé. Pensei nele enquanto tomava um banho a escaldar para desentorpecer do frio, imaginava-o a entrar no quarto a qualquer momento. Jantei no restaurante do hotel, pedi um chá para levar para o quarto e sentei-me na cama com a televisão ligada para me sentir menos sozinha. E então publiquei uma fotografia no Instagram com a localização do hotel, propositadamente. De pernas cruzadas na cama esperei a olhar para o telemóvel. Não pensei no que iria fazer a seguir, apenas esperei. Sabia que me iria enviar uma mensagem. Tentei ler, mas, sempre que o telemóvel vibrava, o meu estômago contorcia-se. E então ele tocou. Claro que era ele.

— Estou aqui em baixo, podes descer um pouco?

— Em baixo…?

— Estou à porta do hotel.

— Como assim? — perguntei.

— Anda lá, desce e já falamos.

Saí do hotel a voar com o coração a mil, olhei para a direita e ali estava ele, encostado ao carro, de mãos nos bolsos. Olhou para mim e desatou a rir. Quando nos aproximámos, puxou-me e abraçou-me. Não foi preciso dizer nada. Chovia, estava um frio de morte e corremos de novo para o hotel.

— Porque é que não me disseste que estavas em Barcelona? — perguntou enquanto subíamos no elevador, os nossos ombros a tocar-se.

— Tenho um trabalho, não vim propriamente em lazer. — Abri a porta do quarto. — E como é que soubeste que estava aqui?

— Colocaste uma fotografia no Instagram, eu vi a localização e saí de casa — respondeu, com um sorriso malicioso. Isto era tão bonito quanto assustador, é certo. Era o que eu pretendia quando publiquei a fotografia, mas só mais tarde iria pensar como a questão da localização pública podia ser tão perigosa em qualquer outro contexto. Ali, naquela noite, achei tudo deliciosamente perfeito.

Agora, à luz do candeeiro no quarto, e sentados na cama, não sabíamos o que fazer. Percebi que ele também se movia pela expetativa. Era tudo mais fácil quando debitávamos sonhos e declarações de amor por mensagens, seguros pela distância entre nós e embalados pela fantasia que representávamos um para o outro. Levantei-me, arrumei o meu livro e o caderno com a entrevista na mesa, comecei a puxar a mala para o canto do quarto. Perguntei-lhe se queria comer alguma coisa. Ele disse que não. E quando não tinha mais nada para arrumar sentei-me no lado oposto da cama. Ficámos a olhar um para o outro. Naquele momento, senti em todos os meus nervos que, se não fizesse nada, o ambiente ia explodir porque havia uma tensão desconcertante entre nós. Era a carta por responder, mentalizava-me eu. Hoje consigo vê-lo de outra forma: era o meu cérebro a racionalizar o facto de estar com uma pessoa que me mentia constantemente e que vivia feliz na sua vida real enquanto tecia comigo uma outra vida fantasiosa, talvez estimulante no tédio do seu dia-a-dia, que não pretendia levar avante. Comecei a falar, o que mais poderia fazer? Disparei para todo o lado. Falei do que estava a fazer, do que tinha visto na cidade, do que tinha comido, de como as tapas eram salgadas. Andava pelo quarto de um lado

para o outro e não conseguia parar de falar, a minha língua a martelar com vida própria. «Posso dormir aqui?», perguntou-me subitamente, deitado na cama de barriga para cima enquanto ouvia o meu monólogo disparatado. Olhei para ele. A sua presença física era real em mim. Sempre que se ria, a sua gargalhada entrava-me pelo corpo e vibrava por todos os meus nervos, tendões, músculos e ossos. Lembro-me de olhar para o espelho e de pensar que estava uma desgraça, com umas calças de pijama ridículas. Ele puxou-me a mão e deitei-me ao lado dele. Ficámos a olhar para a janela no teto e para os pingos de chuva que escorriam pelo vidro. Então ele virou-se de lado e colocou um braço por cima de mim, enrolados um no outro, tal era a necessidade que tínhamos de simplesmente sentir.

— Onde está a Flávia? — perguntei. Não que quisesse saber, confesso.

— Ela já não vive aqui — disse. Apertou-me a mão como se me dissesse que estava tudo bem. Só que não estava. — Foi trabalhar para Lisboa.

Poderia ter feito perguntas concretas, sem dúvida, mas não queria ouvir as respostas. Era mais fácil assim, confortável e apaziguante. Queria-o porque o amava realmente ou apenas porque ele me permitia viver naquela velhinha amiga fantasia? Ele deu-me um beijo no ombro e o meu corpo reagiu mais depressa do que o meu cérebro. Virei-me para ele e os nossos lábios tocaram-se. E foi como se tivesse ligado todos os meus botões. No meio do caos mental, os nossos corpos encaixavam na perfeição e, muitas vezes, é isso que nos confunde. O nosso coração pede tréguas, o cérebro diz-nos para nos afastarmos, mas o corpo pede mais e mais e mais. Algumas horas depois fomos acordados pelo som do telefone dele a tocar. Levantei-me da cama, apanhei-o do chão e li o nome de Flávia. Ele olhou para mim, suspirou e abraçou-me até os meus ossos não aguentarem mais. Levantou-se para ir trabalhar. À luz da madrugada que entrava pela janela, vi-o tomar banho e vestir-se. E foi isto que me dilacerou, ver a simplicidade da rotina do dia a dia que nunca iria ter.

— Queres tomar o pequeno-almoço? — perguntou-me enquanto secava o cabelo com a toalha.

— Não.

O telefone dele voltou a tocar. Ele rejeitou a chamada e sentou-se na cama com a cabeça apoiada nas mãos.

— Eu sei, Lena — disse, agarrando-me na cara com as duas mãos. — Isto tudo é uma merda. Não sei o que ando a fazer. Foda-se, perdoa-me.

— É assim que as coisas são.

— Não é. Deixa-me resolver isto. Prometo.

Abraçou-me, olhou para mim à porta e saiu. E eu fiquei sentada na cama a olhar para a porta fechada. A olhar para o vazio dele. Rebolei na cama ainda com o cheiro dele, agarrei-me à almofada e encaixei-me no bocado da cama onde ele dormira. E, enfim, adormeci novamente. Quando acordei, o quarto estava como se ele nunca ali tivesse estado. A única prova da presença dele era a toalha do banho aos pés da cama e o cheiro dele em mim. Nem sequer tomei banho porque não o queria apagar. Fui tomar o pequeno-almoço com a assessora da médica que ia entrevistar e passei o tempo todo infantilmente a pensar nele. Entre uma pergunta e outra, o nome dele aparecia-me à frente dos olhos e percebi que não podia alimentar aquilo muito mais tempo. Este *loop* de sentimentos de extrema felicidade intercalados com dias de extrema infelicidade e solidão. Nunca iria conseguir ser feliz com mais ninguém, nem comigo mesma, se continuasse a acreditar nesta história de amor.

E era amor?

Dor

Então a verdade far-me-á seu servo. Que o final me cale, no princípio o verbo[11].

É curioso como fazemos de mentiras as nossas grandes verdades porque nos iludimos com prazer. O *Espanhol* veio a Lisboa uma semana depois. «Vou resolver tudo», disse-me numa mensagem. Cada dia pareceu-me ter cinquenta horas, arrastei-me numa ânsia de o ver e quase conseguia sentir que ele estava a menos de dez quilómetros de mim. No sábado, não consegui falar com ele. Tinha o telefone desligado, o que, por si só, deveria ter sido um sinal, mas ludibriei-me com desculpas misericordiosas. «Tenho de lhe dar o tempo de que ele precisa», comentei com Beatriz. «Ele vai acabar por aparecer», mentalizei-me. Tinha de ter fé nisso. Não me tinha ele gritado, uma vez, numa discussão ao telefone, que era a mulher da vida dele? Agarrava-me a todas as minúsculas coisas que me prendiam a ele. Não conseguia estar quieta e fui jantar com Beatriz ao Cais do Sodré. E acabei arrastada até ao Lux porque um amigo dela estava à porta e não pagámos. E o *Espanhol* conhecia-me muito bem, sabia que o Lux era o sítio mais improvável onde aparecer a um sábado à noite. Estava cheio, atafulhado de gente, claustrofobicamente apertado. Enquanto dizia a Beatriz que não ia ficar muito tempo, subitamente vi-o. Estava de lado ao pé da janela. Era ele, conhecia o seu perfil de olhos fechados. Iria reconhecê-lo na escuridão e no meio de uma multidão. Comecei a empurrar as pessoas à minha frente e a tentar não cair no meio do chão. Tinha as pernas feitas de gelatina, o meu coração pulsava com uma força de tal forma estridente que o conseguia ouvir por cima do *pum-pum-pum* da música. Vi os amigos dele, um deles agarrou-me e disse-me qualquer coisa ao ouvido, mas não entendi nem fiz um grande esforço para tal. Afastei-o e atirei-me para os braços do *Espanhol*.

— Então? — agarrei-lhe na cara para o olhar nos olhos. E depois gritei ao seu

ouvido. — Não dizes nada?

— Não digo? Eu disse-te que vinha a Lisboa.

— Tentei ligar-te — gritei.

— Fiquei sem bateria.

Congelei, olhei para ele, confusa, talvez. Não sabia muito bem o que dizer, de todos os cenários que imaginara na minha cabeça, aquela não era de todo a reação que esperava. Vi-o olhar por cima do meu ombro e respirar fundo como se precisasse de puxar o ar de dentro do seu peito. E, algures por trás da multidão, Beatriz apareceu, agarrou-se ao meu pescoço e disse-me que Flávia estava ali. O chão abriu-se debaixo de mim, podia ter-me engolido também. Virei-me e vi-a no bar à procura dele. Olhei de novo para ele. Quando tentou agarrar-me no braço, afastei-o. Foi nessa altura que vi que tinha vestido uma camisola que lhe oferecera, o que foi, de certa forma, igualmente doloroso. Com ela e com a merda da minha camisola vestida. A última coisa que o ouvi dizer foram as três palavras que nunca pensei ouvir. «Desculpa, não consegui.» Virei costas, empurrei toda a gente e desci as escadas a correr. Quando entrei no carro, recebi uma mensagem dele. Não dizia nada. Só tinha um coração. Afinal, tinha bateria.

Fiquei vários dias fechada em casa, não falei com ninguém, não vi ninguém. Doía-me tudo. Doíam-me todos aqueles sentimentos que me estavam a sair pelas entranhas. Doía-me a desilusão. Doíam-me as mentiras. Doía-me a falta de coragem dele. Doía-me ter gostado tanto de alguém que me dera tão pouco. Doíam-me todas as nossas conversas, sonhos e fantasias. Doíam-me todas as promessas que, conscientemente ou não, me fizera. Doíam-me todas as vezes em que me dissera que era a mulher da vida dele quando, no fim, escolheu Flávia. E o que é que viria de tudo aquilo? Nada. Porque eu sempre fora livre para fantasiar com ele. Para idealizar aquele homem, oh, tão perfeito. Tão perto e, ao mesmo tempo, tão fora do meu alcance. E deixei-me fazê-lo porque era um sentimento fácil, era uma forma de viver a que estava habituada. Porque nada era

real. Nós éramos um amor intermitente que pairava na distância e nas fantasias que tínhamos sobre aquilo que poderíamos vir a ser.

Nunca vou saber se também lhe doeram as entranhas quando me viu pela última vez. Nunca vou saber se, ali, ele sentiu que era o fim. Mas, por vezes, não saber é a melhor coisa que podemos fazer por nós. Naquela altura, pensei que nunca mais me iria esquecer da voz dele, da gargalhada, do sabor da sua boca, do toque da sua mão, da forma como nunca me sentia sozinha porque sabia que havia alguém que via o mundo da mesma forma que eu. Mas hoje sei que isso era apenas o que eu via do pouco que ele me dava. Quando me telefonava, bêbedo, a chorar porque a distância o estava a matar, eu era apenas o que ele precisava na altura, uma possibilidade de uma outra vida, uma fantasia a que se agarrar.

E o que é que aconteceu? Esqueci-me. De tudo.

Sabedoria revivalista

Tem dias que sinto saudades de quando era adolescente e tudo se curava com uma tarde no sofá de casa de alguém a ver televisão, a ouvir música e a falar. Falávamos tanto. E era tudo tão simples. Não consigo imaginar como é ser adolescente em 2021 quando tudo gira em torno das redes sociais e em corresponder a um padrão de vida, imagem e beleza que gera *likes*. Sentes-te deslocada? Ainda bem. Estás no caminho certo. Eu fui uma adolescente que gaguejava, que escrevia cartas de amor ao *Mota*, mas veja-se, a ser muito feliz, e que usava roupas ridículas. E no que é que isso me tornou? Em mim mesma.

E o mundo muda, nós crescemos, a vida continua e há momentos em que me continuo a sentir como a rapariga de catorze anos de aparelho nos dentes, um corte de cabelo pavoroso e a ler no quarto para corrigir a gaguez. Mas sempre que me sinto deslocada ou frustrada, sei que que estou a chegar ainda mais perto da mulher que quero ser. Esta ânsia por sermos mais, por chegarmos mais longe, por fazermos diferente, por driblar as contrariedades, é o que faz o mundo girar e nos torna pessoas singulares dentro do nosso círculo.

Quatro coisas que gostava de ter sabido quando era uma adolescente estranha, mas que continuo a aplicar na vida adulta:

Tudo aquilo que nos faz sentir uma aberração, eventualmente vai ser a fonte do nosso sucesso. Eu escrevia cartas de amor ao *Mota*. Não foram meia dúzia de cartas. Foi toda uma caixa de sapatos cheia de postais, cartas, poemas, bilhetes, *post-its* que, quando a vi em adulta, quase me fizeram chorar. E depois eram os contos, as histórias, os textos, os diários que, invariavelmente, giravam sempre

em torno do mesmo. Esta ânsia de escrever que me incendiava as mãos trouxe-me aqui, agora. A minha memória embaraçosa tornou-se a minha arte.

Os outros vão sempre rir-se de nós. Só temos de nos rir também. O embaraço adolescente é diabólico, mas não é eterno. E pode parecer o fim do mundo quando temos quinze anos e só queremos fazer parte de qualquer coisa, mas o segredo está em não nos tentarmos encaixar. Porque vamos chegar à vida adulta e a pressão para nos encaixarmos vai ser igual: num emprego, numa relação, numa família, num papel. E as pessoas vão rir-se de nós por fazermos diferente. Temos duas escolhas: encaixar ou relativizar as opiniões dos outros e sermos simplesmente felizes com as nossas.

Somos dignas de amor e os homens, e as mulheres, vão apaixonar-se por nós e não pela nossa imagem. Nos momentos em que me sinto mais estranha, lembro-me muitas vezes que, mesmo quando era uma adolescente bizarra que tentava falar sem gaguejar, Sam ou o *Vold se* apaixonaram por mim. Os outros veem sempre em nós coisas que nem sabemos que temos. É essa a magia do amor. Em qualquer idade e fase da vida.

Vamos ser aberrações provavelmente para sempre. E isso não é mau. Toda a nossa vida vai ser cheia de momentos constrangedores. Só temos de saber abraçar as nossas peculiaridades. Sermos nós mesmas é a aventura mais incrível, desafiadora e recompensadora.

Três Tinder surpresa

Se os homens estão solteiros, estão no Tinder. E se estão numa relação feliz e sexualmente satisfatória, se estão casados, se têm filhos… provavelmente também estão no Tinder. Tanto tempo a ensinar a bela arte de conquistar para sermos ultrapassados por uma aplicação onde folheamos fotografias como cromos numa caderneta. E toda a ideia de se escolher alguém por uma fotografia assenta numa base superficial que não deixa de ser o lento, triste e gradual fim do romance. Como poderemos criar uma conexão emocional com os outros se continuamos a folhear a caderneta à espera de encontrar uma pessoa melhor que a anterior? Eu pensava que não precisávamos de uma aplicação para conhecer idiotas. Eu preciso é de uma para fugir deles.

«Onde é que achas que hoje vais conhecer alguém?», perguntou-me Beatriz com algum divertimento. «Na biblioteca? Deixa-te de fantasias.» E estará ela errada? Quando saímos da faculdade e entramos na rotina laboral, a probabilidade de conhecermos pessoas novas diminui drasticamente, sem falar no facto de os portugueses serem brutalmente fechados nos seus círculos. Como é que nos tornámos uma geração que, até para encontrar o amor, fica fechada em casa de olhos postos no telemóvel? Esquerda, esquerda, esquerda, esquerda. «Não consigo escolher nenhum», disse a Beatriz depois de instalar o Tinder. Em que momento é que, ao olhar para uma fotografia, posso decidir se gosto ou não dessa pessoa? Nós apaixonamo-nos pela linguagem corporal, pelos cheiros, pela voz, pelo toque, pelo sorriso, pelas expressões. Apaixonamo-nos pelo sentido de humor, pela presença, pelas gargalhadas, pela sintonia. Não nos apaixonamos por mensagens nem por fotografias numa aplicação. E, embora possam aumentar a probabilidade de conhecermos pessoas, é impossível criar uma empatia com

alguém que está em casa a olhar para a nossa fotografia e a decidir se somos interessantes o suficiente para nos puxar para a direita. «Céus, lá estás tu a complicar uma coisa tão básica. Achas piada a um? Parece engraçado? Isso basta. Depois falam e logo vês. Se te fartares, não falas mais.»

Decidi tentar não complicar. E tive três Tinder surpresa.

O *Artista* amargurado

Comecei a falar com o *Artista* depois de ver as suas fotografias e me parecer um homem normalíssimo a que podia ter achado piada, caso o tivesse conhecido num bar ou numa festa. Disse-me que tinha uma banda, que estudara Literatura na Universidade de Letras e que, naquele momento, só se dedicava à música. «Outra palavra para desempregado», comentara Beatriz com uma gargalhada. Mas se lhe dissesse que, no momento, só me dedicava à escrita, isso significaria efetivamente o quê? Eu era uma desempregada que escrevia para jornais, muitas vezes sem ser paga, enquanto sonhava publicar um livro. Pelo nome da banda, fui pesquisá-los e rapidamente encontrei o perfil dele no Facebook, vídeos no YouTube e o bar do Cais do Sodré onde tocavam todas as semanas. Falámos durante uns dias sobre música, literatura, cinema e um sem fim de temas triviais para decidirmos se queríamos ou não conhecer-nos pessoalmente. Quando, numa terça-feira, me perguntou se queria ir ao Cais do Sodré beber um copo, pensei: *porque não?* Beatriz foi comigo vê-los tocar. «Isto tudo manda ares do *Pila Pequena*, não manda?», gozou. Quando eles acabaram de tocar, ela foi embora. «Queres que te ligue mais tarde?», perguntou-me numa mensagem. «Se eu não atender, chama a polícia, ele pode querer vender o meu rim para comprar uma guitarra nova», respondi.

O que me fez ficar, além das nossas conversas, foi o facto de ele ser bonito, não valia a pena tentar arranjar mais justificações. Fomos à Pensão Amor e sentámo-nos numa mesinha num canto de uma sala.

— Gostaste de nos ouvir tocar? — perguntou, depois de pedir bebidas para nós.

— Sim, vocês são bons — respondi genuinamente.

— A sério? — riu-se. — Só é pena que, em Portugal, só tenham sucesso os da música pimba ou aquela merda do *hip hop* que nem é música nem é nada. Ou aqueles de calças justas à paneleiro que cantam umas merdas de que as miúdas gostam.

— Hum, acho que há lugar para tudo, não? — respondi, desconcertada. De onde viera tanta amargura?

— Se houvesse, não estava a tocar num bar de merda a uma terça-feira.

Deixei-o falar. E ele falou, falou, falou sobre a sua vida como se estivesse numa entrevista com a Júlia Pinheiro. Não desgostei, confesso, assim não tive de pensar no que dizer. E ele também não parecia muito interessado em ouvir-me. Queixou-se do dinheiro, do cenário musical português, das rádios, criticou todas as bandas de que se lembrava. «Gajos como os Expensive Soul ou os D.A.M.A. são uns paneleiros de merda que continuam a misturar *pop* e *rap* e não sabem fazer sequer outra coisa, não tocam, não fazem misturas, é tudo gravado e replicado de álbum em álbum, percebes?» Não percebia. O que percebi, e bem, foi a forma nada subliminar como introduzia comentários homofóbicos em todos os assuntos. Rapidamente me fartei do seu monólogo amargurado.

— E pronto, as coisas não são fáceis — disse ao fim do que me pareceram três horas, batendo com mais um copo vazio na mesa e acordando-me dos meus pensamentos. — Então e tu? Que me contas?

— Bem, gostei muito de te conhecer, mas na verdade — olhei para o relógio — já são duas da manhã e vou acordar cedo.

Levantei-me da mesa num ápice, para não haver hipótese de me reter por mais tempo.

— Foi divertido, não foi? — perguntou enquanto me acompanhava ao carro. Não, não tinha sido.

— Sim, também gostei — menti.

— Podemos voltar a combinar?

— Claro que sim — sorri. — Falamos depois. — Menti novamente.

— Dás-me o teu número de telefone? — interpelou-me, quando já estava a entrar no carro.

Tive meio segundo para pensar. Subitamente, senti-me como uma personagem numa comédia, que era o que aquela noite fora. Dei-lhe um número errado, despedi-me e acelerei com o carro antes que me desse um toque e visse que o meu telefone não tocava. Senti-me audaz.

O das meias rotas

Rapidamente percebi o vício destas aplicações. Passar horas a falar com alguém proporciona um certo conforto emocional que ansiamos ter, aquela janela a piscar no telemóvel, o *beep-beep* que nos lembra que há alguém que deseja a nossa atenção. E isto acaba por ser *per se* uma pandemia que não mata, mas mói. Todos ludibriamos a nossa solidão com um pouco de amor virtual. Quando comecei a falar com o *Meias Rotas*, deixei-me encantar pelo *snobismo* que por vezes gosto de pensar que posso vir a ter. Ele era jornalista de música, escrevia para uma série de jornais, era presença assídua em programas e festivais intelectuais e, fiquei a saber depois, um crítico musical mais ou menos relevante. Para mim, toda a arte é subjetiva, cada pessoa faz dela o seu julgamento. O que é bom para uns é medíocre para outros, pelo que a opinião de um crítico soa-me sempre um pouco irrelevante. Mas não lhe disse isto, apenas pensei. Eventualmente deveria ter dito, isso ter-me-ia evitado uma das noites mais surreais da minha vida.

Uns dias depois, combinámos jantar no Bairro Alto e, culpe-se a antecipação que estas conversas virtuais criam, estava expectante por vê-lo ao vivo. Chegou quase meia hora atrasado, tendo-me dado tempo suficiente para colocar em causa a minha vontade em ter mais encontros às cegas.

— Não te deixei pendurada, hã — disse, quando se sentou à minha frente na minúscula mesa onde as nossas pernas mal cabiam. — Aposto que já estavas a pensar que não vinha.

Sentido de humor mórbido, portanto. Vestia umas calças de ganga pretas com uma camisa xadrez e usava uns óculos de aros grossos que lhe davam um ar caricato, no mínimo interessante. Vestia bem com a ideia de crítico intelectual

que fizera dele. Contou-me histórias de trabalhos que tinha feito, partilhou alguns segredos e curiosidades de cantores e bandas, falámos de escrita e, confesso, foi bom estar com alguém minimamente cativante. Ele falou demasiado dele e poucas coisas me perguntou, o que era um facto curioso na dinâmica que os homens têm nestes contextos. A minha parca experiência já me permitia fazer um estudo de caso.

«Dividimos?», perguntei, quando nos deram a conta. Não queria que ele pagasse para não aumentar o peso daquele jantar informal. E gosto de equidade e isso basta. Enquanto tirava uma nota da carteira, ele espalhou dezenas de moedas na mesa. De nota na mão, fiquei a vê-lo contar moedinhas enquanto o empregado esperava, tal como eu, pacientemente. No fim do que me pareceu uma espera constrangedora e interminável, ele concluiu que não tinha o suficiente, imagino que mais moedas não coubessem na carteira. «Podes pagar a minha parte? Dou-te depois.»

Debaixo de chuva, saímos do restaurante e descemos para o bar do Hotel do Chiado onde, garantiu-me, ia adorar o *mocktail Coco Loco*. «Estou sóbrio há dezasseis meses», partilhou. «Ninguém diria, hã, a sobriedade é uma coisa que se espera que uma pessoa assuma depois de bater no fundo. Não que eu tenha batido, claro.» E foi aí que percebi que ele não conversava. Limitava-se a dizer qualquer coisa e esperava que eu respondesse só para, depois, refutar a minha opinião. Em tudo. Fosse qual fosse o tema, a sua opinião era a mais correta e válida. Como se, quanta inconveniência, eu fosse mesmo muito estúpida. «Mas tu achas que no universo do futebol não há uma sexualidade fora da norma?», perguntou-me a meio de uma conversa enfadonha. «Depende do que consideras a norma», respondi. Ele riu-se. «Há pressupostos básicos do que é uma sexualidade com ética, principalmente em pessoas com uma grande exposição. Estão sempre a sair notícias de festas em que jogadores se envolvem em orgias ou com prostitutas e, quando isto passa para o público em geral, é assumido como norma quando não o devia ser.» Isto soava-me tão tacanho, ele devia, pelo menos, repensar a sua sobriedade, poderia então justificar as suas opiniões

idiotas com o álcool. «A sexualidade deve ser espontânea», respondi. «Esta anarquia do que é a norma ou usares sequer a palavra ética não faz sentido no universo da sexualidade, que deve ser libertária, e cada pessoa deve fazer o que lhe apetece, sendo ou não famosa.» Ele olhou-me com desdém enquanto contava novamente as suas moedinhas para pagar as bebidas. «Ah, és dessas», acabou por dizer, «ainda és nova, imagino que daqui a uns anos, depois de teres sido fodida por mais uns quantos idiotas, vás ver a tua "sexualidade libertária" de outra forma.» Levantou os braços tão alto para fazer aspas com tanto vigor que bateu com a mão direita na ombreira da porta e gritou um «foda-se». Saí atrás dele em silêncio.

— Bem, já passou a hora do último barco — disse-me quando, à porta do hotel, me preparava para uma despedida rápida.

— Do barco? — perguntei, confusa.

— Sim, moro na Margem Sul.

— Hum… *okay*. E porque é que vieste de barco?

— Não queria gastar gasolina.

— Hã… E agora? — Não queria imaginar que ele me estava a pedir o que sentia que me ia pedir.

— Estava a pensar se não me podias dar boleia.

É curioso que um crítico, jornalista, intelectual e DJ nas horas vagas, soubera depois, pedisse a uma pobre desempregada aspirante a escritora, o que praticamente garantia que haveria de permanecer na penúria para sempre, que lhe pagasse o jantar, posto que era ainda mais absurdo ter de o levar à Margem Sul para depois voltar para Cascais. Naquele momento já o odiava. Enquanto percorríamos a ponte, disse-me que tinha uma coleção de mais de cinco mil discos em casa e que tinha de os ver. «Não gastas dinheiro em gasolina para comprar discos?», perguntei à laia de brincadeira. «A maioria nem compro, sabias? São as vantagens desta profissão, recebo dezenas de discos todos os meses. Aposto que gostavas, não? Receber livros.» Dei uma gargalhada seca.

«Gosto de pensar que, no mínimo, devo ajudar a indústria onde desejo entrar», disse-lhe. «Ai sim?», perguntou, enquanto me dava indicações para a sua casa. «Agora vou mostrar-te a minha coleção e estou para ver se não mudas de ideias.»

Questionei-me se seria uma tática meio palerma de me levar até casa dele. «Anda lá, são só cinco minutos. Vais gostar de alguns, tenho discos da Amy Winehouse, Ella, Nina Simone, Jessie Ware.» Não sabia qual seria o propósito daquela tertúlia noturna. Iria oferecer-me discos para me compensar pelo jantar que pagara? Ninguém iria acreditar quando contasse que subira à casa de um homem que, para não gastar gasolina, fora de barco para um encontro e que, depois de contar as suas moedinhas de cêntimos, não tivera dinheiro para pagar a sua parte do jantar. Acho que acabei por subir só para despachar a coisa. Como quando vamos à ginecologista e, com as pernas levantadas, já só queremos acabar com aquilo rapidamente. E tínhamos muitos amigos e colegas em comum, ele não poderia revelar-se um psicopata violador quando circulávamos nos mesmos meandros. Ainda assim, mantive-me sempre atenta.

Subi. Quinze segundos de silêncio incómodo no elevador.

A primeira coisa em que reparei foi que não tinha móveis. Entrei numa sala com um sofá no meio, uma televisão no chão assente em cima de uma caixa de madeira e os discos — pelo menos não tinha mentido sobre isso — estavam espalhados ao longo da sala, em montes encostados às paredes. Ao lado do sofá, e também no chão, estava o seu computador. Num canto, e que surpresa, também no chão, uma aparelhagem com dezenas de fios ligados a duas colunas monstruosas.

— Mudaste-te para aqui há pouco tempo? — perguntei enquanto circulava pelo meio dos discos.

— Não. — Tirou um disco de um monte e colocou-o num gira-discos. — Já moro aqui há três anos.

Não tinha mobília, nem cortinados, nem um tapete, ou uma plantinha para dar vida àquele cemitério. Foi à cozinha e trouxe dois copos de vinho. Nessa altura

reparei que se tinha descalçado e, depois de olhar não consegui parar de o fazer, tinha os dois dedos grandes fora das meias, que estavam rotas.

— Tens as meias rotas — acabei por dizer porque os dedos dele eram como um elefante no meio da sala a olhar para mim.

— Ah sim, eu sei — respondeu. — São as minhas meias de usar em casa.

— Porque é que usas meias rotas em casa? — perguntei.

— Porque assim consigo calçar chinelos — disse, enfiando umas havaianas e, com os dedos de fora das meias, encaixando-as nos pés.

— Não estavas sóbrio? — perguntei, subitamente.

— Só bebo em casa, de vez em quando. Beber na rua é o meu gatilho.

Tinha de me ir embora dali. Lá consegui despedir-me, apesar das insistências dele para ficar. Já à porta, quase a fugir do purgatório, ele encostou-me à ombreira e beijou-me. Quando cheguei a casa, desfiz o nosso *match* no Tinder. Não queria mais falar com ele. Não foi pelo dinheiro, ou pela boleia ou pelas meias — conseguia ver-me a oferecer-lhe uma dúzia de pares de meias novas, talvez daquelas com dedos para usar com os seus chinelos à vontade. Foi por me ter feito sentir durante toda a noite que era estúpida quando, no fim, sem toda aquela tagarelice pedante, não havia muito mais para espremer.

O *Porta-Chaves*

Por esta altura, já sabia que o Tinder não era para mim. Mas então comecei a falar com o *Porta-Chaves* e pensei que podia dar uma terceira oportunidade. Porque, ao invés de falar dele, dele, dele, queria saber tudo sobre mim. Perguntava-me pelo meu dia, pedia-me para partilhar o que estava a escrever, falava-me de livros que tinha lido e que, eventualmente, eu poderia gostar e pedia-me sugestões de leituras que lhe pudessem interessar. E acabei por ceder num café na hora de almoço para lhe tirar a pressão de um encontro. Mas a expetativa continuava a pular dentro de mim.

Sentei-me numa esplanada ao pé do Marquês de Pombal, pedi um café e li um pouco de Mary McCarthy enquanto esperava que ele chegasse. Uma descontração propositada, mas que, na verdade, não sentia. Mal o vi chegar, deduzi que fosse baixo. Ainda assim, levantei-me para o cumprimentar e pensei que devia ter ficado sentada. A educação está mesmo sobrevalorizada. Ele era baixo, mas um baixo ao nível dos meus ombros, o que, a não ser que eu medisse um metro e noventa, que não meço, não se podia dizer que fosse uma altura razoável. Alguns anos volvidos, irei encontrá-lo com a sua pequenina noiva de um metro e cinquenta e, bem, há mesmo uma tampa para todas as panelas, não é? Aquela meia hora de café foi constrangedora, como, aliás, todos os encontros às cegas o são, mas acrescente-se o factor altura e ainda por cima não tínhamos muito para falar porque, eventualmente, ele ficara tão constrangido quanto eu. Todavia, continuou a fazer piadas, o que demonstrou uma boa dose de desportivismo. «Acho que podemos mesmo concluir que os homens porta-chaves não são para ti», disse. Quase me engasguei com o café.

Apaguei o Tinder.

Porque não deixa de ser como a janela de uma loja de doces que tem uma placa à porta a dizer «fechado». De fora, os doces parecem-nos deliciosos, coloridos, ansiamos por eles. Após comermos uns quantos, acabamos enjoados. Eu não como doces, mas imagino que muita gente o faça, mesmo sabendo a forma como as gomas são feitas. Estas aplicações funcionam relativamente da mesma forma e, pior, forçam o pior nas pessoas. Avaliamos os outros meramente com base na sua aparência e ignoramos o que está na base das relações: a química entre nós.

Cedências

Sempre sonhei apaixonar-me por um escritor ou um editor, alguém do mundo dos livros com quem imaginei que viesse a ter conversas estimulantes, que mudasse a minha vida e me desafiasse a levar a minha escrita para o próximo nível. Então Beatriz conheceu o *Pseudo-Intelectual* através de um colega de trabalho e perdi a vontade de namorar um escritor. Fomos a uma leitura que ele ia fazer numa livraria e, no fim, deixei-os conversar e fui fazer uma das coisas que melhor sei fazer na vida, comprar livros. É curioso como a carga da nossa ancestralidade enquanto seres humanos nos leva a ter empatia com pessoas que, aos olhos dos outros, não significam nada. Carregamos em nós medos, dores, angústias, anseios, gostos, formas de pensar, agir e sentir que nem sequer sabemos a sua origem. Isso talvez explique por que razão achara o *Pseudo-Intelectual* aborrecido e enfadonho, ao contrário de Beatriz, que ficara arrebatada. Ele era daqueles homens que falam sempre num tom monocórdico porque alguém lhes deve ter dito que os faria soar intelectuais. A meio da leitura já achava o seu livro chato até dizer chega, finalista do prémio Leya e, nem seria de esperar outra coisa, demasiado pedante, intelectual e literário. Isso talvez explique porque é que éramos as duas únicas pessoas com menos de cinquenta anos na sala. Quando eu já dava tudo para me ir embora, ele convidou-nos para jantar ali perto. Tive de ir, faz parte do contrato da amizade. A dada altura disse-lhe que um dos problemas dos escritores em Portugal era a falta de representação. Um escritor só chegava ao patamar digno de se chamar assim já numa idade avançada como se em novos nunca tivéssemos valor. Era uma conversa com rasteira que ele não percebeu. Ele já ia nos quarentas e queria ver para onde a sua balança iria pesar.

— Há muitos autores novos de grande sucesso — disse-me. — A literatura até está cada vez mais aberta em Portugal.

— Ai sim? Não me lembro de ninguém, assim de repente.

— Tens o Afonso Reis Cabral, o João Tordo, o José Luís Peixoto, o João Reis, o Hugo Gonçalves, o Valter Hugo Mãe…

— E não reparaste que têm todos algo em comum? — perguntei, interrompendo-o.

— Como assim?

— São todos homens e vencedores ou finalistas de prémios dados por outros homens. Não achas que há alguma coisa de errado quando só os autores que agradam a meia dúzia de críticos conseguem vingar num país onde se lê cada vez menos e onde estes mesmos autores não escrevem propriamente livros que apelam às novas gerações?

— Eu…

— Tu foste finalista de um prémio onde só um membro do júri tem menos de cinquenta anos. Não vês nada de errado nisto?

— Os prémios procuram contemplar obras que se distinguem pela sua qualidade literária e claro que é preciso uma certa maturação para se lá chegar. O Afonso foi uma exceção, mas o gajo escreve literatura a sério. Não estás à espera de que uma merda de adolescentes ou romances de cordel mereçam ganhar prémios, pois não?

— Por acaso a literatura de cordel[12] eram rimas populares — disse-lhe. — O teu compincha Gil Vicente parece que vingou, não?

*

Nunca mais consegui ter uma conversa de jeito com o *Pseudo-Intelectual*. Também não era eu que andava a dormir com ele. A certa altura comentei com Olívia a razão pela qual um homem de quarenta anos inteligente, escritor, culto e bonito (mas não tão charmoso como o José Eduardo Agualusa) continuava

solteiro. Há sempre um problemazinho qualquer que fica a pairar no ar, qualquer coisa que nos está a escapar. Foram precisos passar dois ou três meses para Beatriz perceber qual era, afinal, a grande Caixa de Pandora. Ele não queria conhecer a família dela e a dele continuava a ser um mistério, não queria estar presente em nada mais que a cama. E eu fora a única amiga que ele conhecera porque tivera o belo prazer da sua companhia naquele jantar. Recusava-se terminantemente a fazer parte da vida dela. Se ela ameaçava que se ia embora da casa dele para o fazer reagir, ele respondia com um sorriso que ela devia fazer aquilo que a fizesse feliz. Se ela comentava que não conhecia nenhum amigo, ele alegava que não tinha muitos e que os colegas de trabalho também não tinham interesse nenhum. Se ela dizia que queria saber para onde é que a relação ia, ele parava para pensar e afirmava calmamente que podiam morrer amanhã e o importante era viver o presente. Os dois. Só os dois. Sem qualquer interação com o resto do mundo, sem um plano, sem segurança que, afinal, era o que Beatriz precisava. E um dia ela explodiu, gritou e bateu com a porta de casa dele.

Uns dias depois, ele mandou-me uma série de mensagens e pediu para falar comigo. Aceitei porque Beatriz suplicara-me para o fazer.

— Ela simplesmente não percebe que não temos de viver a correr — disse-me ele ao telefone quando falámos. — Roma não se fez num dia.

— Todos precisamos de segurança e isso faz parte do estarmos bem numa relação — respondi-lhe.

— Mas eu estar com ela não é suficiente? Estávamos bem, sem pressão, e ela ficou obcecada em apresentar-me aos pais. A seguir era o quê? Enviar um avião a informar o mundo que estamos numa relação?

— Tu vês as coisas pelo teu ponto de vista e de acordo com a tua forma de ver o mundo — disse-lhe a dada altura —, mas ela também. E parte de gostar de alguém é encontrar um meio termo, fazer algumas cedências. Ela precisa de segurança e, se não a queres dar, deixa-a ir.

— Sabes, na verdade, ela é muito infantil. Disse-lhe isto várias vezes. Não temos de colocar rótulos em tudo o que fazemos…

— Acho que esta conversa termina aqui — interrompi-o e desliguei.

Beatriz nunca mais o viu, também não é que fizesse grande questão. Há pessoas que passam pela nossa vida sem deixar grande coisa e há outras que, quando saem, deixam um vendaval que muda tudo para sempre, os cacos ficam espalhados e tornam-se difíceis de colar. Há cacos tão pesados que simplesmente criam uma ruptura com o antes e o depois, perdemos amigos pelo caminho. Tenho aprendido, muito a custo, que a vida é mesmo assim. E não há nada que possamos fazer porque é o percurso normal de todos nós. Conhecemos pessoas novas, ganhamos outros interesses, mudamos de vida e muitas pessoas que faziam parte dela ficam subitamente para trás, as conversas diárias passam a mensagens pontuais para saber se está tudo bem. E sim, está tudo bem. Por vezes, as mudanças dos outros vão ser tão abruptas que vai deixar de haver espaço para nos encaixarem a nós. Até com as pessoas que, em tempos, foram toda a nossa vida, como Laura. Os rapazes foram e vieram, nós ficámos sempre. Até ao dia em que Laura se apaixonou por um homem mais velho e a perdi. Naquele dia, desliguei o telefone ao *Pseudo-Intelectual*, porque ainda não sabia o que ele iria deixar na vida de Beatriz, mas sabia que somos todos um pouco permeáveis à influência dos outros. E a dele não era positiva na vida dela.

Mudanças

A última viagem que fiz com Laura foi a Madrid para passar o meu aniversário, só as duas, como sempre. Nunca precisáramos de ninguém. Não sei precisar em que momento é que percebi que Laura estava diferente. Estas coisas nunca são instantâneas. A familiaridade está tão entranhada que demoramos muito tempo a perceber que alguma coisa está diferente porque vemos as outras pessoas com o filtro de amor com que sempre as vimos. Penso que houve dois momentos distintos que marcaram o antes e o depois.

Primeiro.

Fomos jantar ao Palácio no Chiado e vimos o *Sem Cojones*. Na última vez, estávamos a atirar as suas roupas para a piscina. A presença dele em Lisboa era tão inusitada que tivemos de olhar duas vezes para percebermos se era mesmo ele. Estava diferente, afinal de contas. As suas camisas berrantes tinham dado lugar a uma versão citadina de *safari* que fazia lembrar o Indiana Jones nos anos oitenta. Como se tivesse feito uma viagem espiritual e descoberto a Arca Perdida. Foi com surpresa que o vimos abordar Laura e pedir para falar com ela.

— Então? — perguntei curiosa quando ela voltou. — O que é que ele queria?

— Bem… — bebeu o resto do seu copo de vinho —, disse-me que sabia que tinha errado.

— Isso é muito bonito — comentou Beatriz. — Para começar, errou nas roupas que usa, não é?

— Disse que não tinha estado numa fase boa da sua vida. E que precisava de encerrar esta história e de me pedir desculpa por tudo — partilhou Laura.

— Pediu a absolvição dos seus pecados?

— Vai casar — disse, por fim, Laura. — Casar!

Saímos com os copos de vinho e fomos sentar-nos num degrau de uma porta ao lado. Olívia comprara uma caixa de *sushi* e queria comer, mas Laura não conseguia estar lá dentro. Sentadas no chão frio, ficámos em silêncio com os copos na mão, cada uma absorta nos seus pensamentos. O único som que se ouvia, para lá dos barulhos à nossa volta, era Olívia a mastigar peixe cru e, pontualmente, Beatriz a tirar um pedaço da caixa e Olívia a reclamar para ela comprar uma caixa para ela. Era difícil, naquela cena deprimente, as quatro sentadas numas escadas, não pensar na forma como muitos homens são egoístas, olham para as suas necessidades e entram e saem das nossas vidas conforme precisam, sem dedicar muito tempo a pensar nos danos que fazem pelo caminho.

Nessa noite, num momento de fraqueza, mandei uma mensagem ao *Espanhol*. O coração ainda lá estava por responder, um lembrete do amor que partira o meu. Não foi entregue. Tentei falar pelo WhatsApp e não deu, arrisquei telefonar e o número não estava atribuído, procurei-o nas redes sociais e nada. Foi com surpresa que percebi que me bloqueara em todas as formas possíveis de comunicação virtual. Só me restava enviar-lhe um *e-mail*, que foi o que fiz imediatamente a seguir, a perguntar se me tinha bloqueado. «Já estava à espera que, mais cedo ou mais tarde, me enviasses um *e-mail*. Achei que era melhor não termos qualquer contacto e um de nós teria de tomar esta decisão. É melhor assim», respondeu-me logo de imediato. Fiquei alguns minutos a ler sem saber o que responder. Era melhor para quem? Para mim? Para não ter recaídas como a que ele previu que iria ter? Quão altruístico da parte dele. «Nem consigo acreditar que cortar qualquer contacto comigo depois de tudo o que vivemos seja a tua melhor decisão. Posso perguntar porquê?», escrevi. «Porquê ela e não eu?», escrevi noutro *e-mail*, toda a minha tristeza escarrapachada em cinco palavras, esquecida de todas as tretas de independência em que acreditava e defendia, o que, de certa forma, espelhava a vulgaridade daquilo que somos e a nossa profunda humanidade. As emoções são sempre mais fortes do que a razão. A resposta foi rápida e dilacerou-me: «Aquilo que tu és para mim é o que eu sou

para ela. E eu prefiro assim. É melhor não falarmos mais, Lena, só quero que sejas feliz.»

Nessa noite, chorei muito com a cabeça enfiada na almofada, que é o que se faz quando todo o nosso corpo dói. Esta era a absolvição de que ele precisava. Demorei muito tempo a perceber porquê, mas bloquear-me talvez tenha sido a sua forma de se perdoar a si mesmo. Ao apagar-me da sua vida, talvez tenha conseguido apagar, dentro dele, tudo o que fez. A mim e a Flávia.

Segundo.

Laura mudou de trabalho. E inicialmente isto foi fantástico porque ela é uma mulher talentosa e merecia um emprego onde pudesse explorar a sua criatividade e onde lhe dessem valor. Mas foi então que apareceu o *Hannibal*[13] e toda a nossa vida mudou. Manipulador, mais velho, tão trafulha quanto rico, má pessoa e diretor comercial na empresa para onde Laura fora trabalhar. A sua obsessão por ela tornou-se doentia e Laura só queria ser amada. Ele soube tocar em todos os seus pontos mais frágeis e usar isso em seu favor, fazendo com que ela deixasse de conseguir existir sem ele. Vimo-la gradualmente afastar-se de nós, dela mesma, e a sua vida deixar de encaixar na nossa. Ainda assim, íamos sabendo das suas traições e, certa noite, Laura apareceu em minha casa a chorar porque descobrira que ele fora para Ibiza com uma cliente. Mas foi ficando cada vez mais presa naquela relação tóxica, violenta e possessiva com aquele homem que, ao controlar todos os aspetos da sua vida, conseguiu isolá-la de toda a sua vida anterior e de todos os seus amigos. Apanhámo-la em cacos várias vezes. Ele agrediu-a, bateu-lhe, manipulou-a, traiu-a e, ainda assim, ela voltou sempre. E depois de vermos uma pessoa que amamos fazer tanto mal a si mesma, chega um momento em que também temos que nos afastar porque a impotência de não podermos fazer nada dói. Laura optara por esta relação em detrimento de toda a sua vida. E eu tive de a deixar viver a vida que ela escolheu.

Ansiedade

No final de 2016, comecei a entrar numa espiral de ansiedade sem explicação, porque tinha tudo para ter uma vida feliz. Acabara de publicar o meu primeiro livro e, independentemente de ser um sucesso ou um fracasso, tinha conseguido. Entrara numa editora com uma ideia para uma história — e que viria a ser o meu segundo livro — e saíra com um desafio para transformar as crónicas do meu blogue num livro sobre relações modernas, uma sátira sobre a forma como nos relacionamos. Já tinha alguma estabilidade enquanto *freelancer*, era independente, estava apaixonada, tinha tudo. Então porque é que me sentia diariamente perfurada de dor?

Passara os últimos anos sem pensar em ansiedade, quase me esquecera dessa velha amiga, mas não totalmente, já que é como uma cicatriz que nos lembra de uma ferida que nos abriu. Uma das coisas mais frustrantes para quem lida com ansiedade é, muitas vezes, não conseguir arranjar uma explicação concreta para a forma como nos sentimos. Os outros podem pensar que não temos motivos para nos sentirmos assim. Temos tudo e, ainda assim, falta-nos qualquer coisa. Matt Haig escreveu uma frase que me tem acompanhado: «Por vezes, parece que resolvemos temporariamente o problema da escassez, substituindo-o pelo problema do excesso.»[14] Uma pessoa tem casa, trabalho, comida, saúde, família, amigos, amor, paz, democracia, liberdade, sol, vive num país razoavelmente bom e arranja razões para se sentir ansiosa. Tudo começou com um leve incómodo a que não prestei muita atenção, um aperto no peito, dificuldade em respirar, por vezes uma sensação de estar debaixo de água. Se ignorasse, talvez desaparecesse. Mas quem sofre ou já sofreu de ataques e crises de pânico sabe o que é viver com medo de que a qualquer momento surja um.

Nesta altura, procurei terapia pela primeira vez, porque precisava de entender porque é que isto me estava novamente a acontecer; porque é que tinha de me sentir assim; porque é que não podia ser normal (e o que é ser normal?). Toda a minha vida fora um combate pessoal contra a ansiedade, o medo de morrer, a necessidade de controlo, a claustrofobia e o medo de ficar sozinha, uma guerra que eu teimava que ia ganhar. E até podemos esquecer-nos dela, mas a ansiedade nunca se esquece de nós. Enquanto fazemos a nossa vida, ela está sempre à espera, a treinar para nos aniquilar. Naquela altura, já não era só tomar ansiolíticos e dormir quando me sentia em crise, um grande apanágio da medicação à qual hoje sou profundamente grata. Agora era um tormento diário que me estava a levar à loucura. Acordava de manhã e o primeiro pensamento que tinha era se me iria sentir ansiosa. E começava tudo outra vez: a dificuldade em respirar, o peito pesado, a impaciência, a necessidade de estar sempre ocupada para não pensar, a agonia interior desde que acordava até à hora que me deitava. A terapeuta disse-me que passara os últimos anos a sobreviver a uma experiência laboral avassaladora, todo o meu corpo estivera ocupado a manter-se à tona da água. Depois de me despedir, depois de todo o processo em tribunal, depois do desemprego, do medo de não voltar a trabalhar, do desespero para encontrar qualquer coisa a que me dedicar, quando finalmente parara para respirar, o meu corpo e a cabeça também pararam. E viera tudo ao de cima.

Ao mesmo tempo, batalhava comigo mesma para não voltar para o tratamento com antidepressivos que fizera aos vinte e dois anos, não porque tivesse alguma coisa contra ele, até porque me salvara a vida quando o meu corpo estava em colapso, mas porque acreditava que, agora, podia aprender a controlar. E isto era, de certa forma, irónico quando só confiava no meu ansiolítico e não vivia sem ele. Todavia, esta era uma relação de amor-ódio. Não conseguia sair de casa sem ele, mas fazia de tudo para nunca o tomar, levando o meu corpo ao limite apenas com obstinação em controlar a ansiedade.

Uma das primeiras coisas que a terapeuta me disse foi que a medicação não era o bicho-papão. «O que é que uma pessoa que sofre de enxaquecas faz?»,

perguntou-me. «Toma um paracetamol ou qualquer coisa do género», respondi quase contrariada. «Então porque é que, quando te sentes ansiosa, não hás de tomar um ansiolítico?» Porque não queria. Porque não queria ceder à medicação. Porque não podia ficar dependente de ansiolíticos para o resto da vida. Porque o que é que isso iria dizer de mim? E porque era mais forte do que isso. Porque eu controlava o meu corpo. Porque… porque… porque… «Tu não controlas a ansiedade», disse-me. «Aprendes a viver com ela, a conhecê-la e a conhecer-te a ti com ela.» Que bonito, desdenhei.

Aceitei começar um novo tratamento, um pouco contrariada, e dei-me um mês para ver melhorias. Eu queria respostas imediatas, queria deixar de sentir tudo o que sentia e que ninguém parecia compreender. Não sei dizer ao certo o que aconteceu, porque não foi como desligar um interruptor. Um dia estava mal e no outro o céu era outra vez azul. Continuei simplesmente a viver e a fazer o tratamento e, uma vez por semana, a sentar-me no consultório da terapeuta a dissecar tudo o que me atormentava. Então um dia acordei, duas ou três semanas depois, e percebi que me sentia bem. Simplesmente bem. Respirar fundo era novamente um prazer. Não me lembrava de há quantos dias não pensava em ansiedade. Não sentir nada era… libertador, depois de tanto tempo a sentir-me atormentada durante todos os minutos em que estava acordada. E foi como sentir-me novamente eu.

Uma das coisas que a terapia mais me ajudou foi a lidar com a medicação e a não ver nisso uma fraqueza. Havia tantos gatilhos à minha volta que me criavam ansiedade que viver constantemente com medo deles apenas criava ainda mais ansiedade. A terapeuta disse-me para não esperar que um ataque de pânico começasse e para tomar um ansiolítico sempre que sentisse que poderia perder o controlo. «Ganhaste ansiedade à própria ansiedade», disse. «Tens de te expor às situações que te criam pânico e ver que nada te acontece, para que esses gatilhos deixem de te controlar.»

Vivia em pânico de, em trabalhos com entrevistas em vídeo, bloquear com um ataque de ansiedade e estragar tudo. Fora sempre mais virada para a escrita, mas

não podia simplesmente rejeitar trabalhos. De alguma forma irónica, achavam que era boa em conversas em vídeo, por mais que o meu inconsciente sofresse com isso. Não era só o facto de estragar o trabalho que me atormentava, era a vergonha de pessoas que respeitava poderem ver-me num estado desses e que a minha própria credibilidade fosse posta em causa. Não queria ser a jornalista dos chiliques. Houve um momento em particular em que fora contratada por uma marca para entrevistar os porta-vozes da sua campanha e outros convidados num grande evento em Lisboa, num armazém fechado cheio de gente e o caos por todo o lado. Eu tinha os nomes de todos e preparara tudo para controlar o fio condutor da conversa. No último momento, houvera uma mudança de planos porque duas pessoas faltaram e informaram-me que teria de entrevistar outras em alternativa, sem ter preparado nada. Tinha duas opções. Deixar que a ansiedade me controlasse por tudo estar a fugir do meu controlo, eventualmente entrar em colapso, não conseguir fazer nada e estragar o trabalho para o qual me estavam a pagar. Ou podia tomar um ansiolítico, evitar um ataque de pânico e resolver todos os meus problemas. Fechei-me na casa de banho, tomei um comprimido, fiquei ali uns momentos a contar respirações e tudo acabou por correr bem. Já perdi a conta à quantidade de trabalhos, entrevistas, vídeos, reportagens e viagens que fiz posteriormente sem entrar em pânico de bloquear, morrer, ter um ataque cardíaco, uma paragem cardiorrespiratória ou qualquer outro cenário catastrófico improvável. Fiz até entrevistas em francês em que não entendi nada do que a outra pessoa disse, sorri, acenei e, mais tarde em casa, traduzi palavra a palavra. Se gostei de os fazer? Não propriamente. Mas sempre lutei contra estes obstáculos pessoais que me faziam sentir uma fraude. Não aceitava que uma coisa que para tantas outras pessoas era banal, apenas mais um dia de trabalho, me provocasse tanto mal-estar. Cheguei a pensar que talvez o *Freddy* tivesse razão. Se calhar estava na hora de parar de brincar aos jornalistas. Mas continuei. Entre 2015 e 2020, fiz centenas de trabalhos para imprensa, empresas e marcas. E de todas as vezes senti uma espécie de pico de adrenalina pessoal quando, no final do dia, entrei no carro e conduzi para casa, uma

sensação de realização indescritível. Porque naqueles momentos fui eu e a ansiedade na nossa forma mais crua e eu ganhei. Acho que só quem sofre de ansiedade consegue sentir isto, uma injeção de oxitocina, porque naquele momento sentimo-nos invencíveis.

Fiz o tratamento durante um ano e meio e, até hoje, tenho estado bem. Embora o ansiolítico continue a ser o meu amigo de emergências, depender dele não me torna melhor ou pior, menos independente ou fraca. Durante esse tempo, escrevi o segundo livro, apaixonei-me, desapaixonei-me, tive trabalhos bons, trabalhos maus, fui viver sozinha, fiquei sem dinheiro, tive quase de regressar a casa dos meus pais, reinventei-me, criei dois negócios para ser autossustentável, realizei o sonho de viver dos livros, ouvi nãos, tive medo, sofri, encontrei o *Espanhol*, a minha mãe foi operada a um tumor e a ansiedade esteve sempre lá no fundo da minha mente, algumas vezes desceu até ao meu corpo, mas, nessas alturas, o ansiolítico lutou, ao meu lado, contra ela. E é nessas alturas que sei que a vida é boa. O meu corpo está vivo. E eu estou bem. Não me esqueço da ansiedade, mas de alguma forma, aprendi a lidar com ela na minha vida. E o ansiolítico continua a ser a minha bengala, sempre guardado na mala para onde quer que vá. E isto não me torna pior, fraca, incapaz, inferior. Somos companheiras de viagem.

Trintona

Quando me tornei trintona, comecei a refletir nas amizades, no facto de as pessoas com quem nos divertirmos nem sempre serem os nossos melhores amigos. E podemos passar meses sem falar com uma amiga com quem passámos mais de metade da nossa vida e continuar a amá-la profundamente. Laura era mais do que uma irmã para mim. Foi em casa dos meus pais que ela ficou quando os seus se separaram. Foi a ela que telefonei quando, a tremer, saí de casa daquele homem e corri até ao local mais próximo com pessoas e me sentei à porta a chorar até ela me vir buscar. Foi a mim que ela telefonou quando a avó morreu. Foi o traje dela que vesti quando, na bênção das fitas, cedi à pressão da uniformização e entrei pelo Mosteiro dos Jerónimos trajada a rigor e, provavelmente, a quebrar todas as regras, mas deixando, pelo menos, a minha mãe feliz. Numa noite não há muito tempo, depois de uma discussão no carro com o *Hannibal*, ele parara numa bomba de gasolina no meio da autoestrada e mandara-a sair. A meio da noite, saí de casa para a ir buscar e, em silêncio, levei-a a casa, aprendi a não fazer questões que sabia que Laura não queria responder. Ela esteve comigo praticamente todos os dias da minha vida, entre os doze e os trinta anos. Mas tive de aprender a viver numa nova vida em que Laura continuava a existir. Só já não era a mesma Laura. E aceitar a mudança, o crescimento e o caminho que as outras pessoas escolhem também é uma prova da nossa amizade.

Durante os vinte anos, achei que as pessoas com quem me divertia, saía à noite e passava férias de verão eram amigos para a vida. Havia uma certa beleza naqueles momentos em que os laços do grupo eram tão fortes que parecia que nada nos abalava. Por sorte, os trinta trouxeram-me alguma sapiência ou, o mais

certo, uma dose abismal de intolerância e impaciência. E talvez essa seja a bênção de entrarmos nos trinta anos. O nosso corpo, com sorte, se cuidarmos bem dele, ainda está nos vinte, mas a cabeça já lá vai mais à frente.

Ao longo da vida fui perdendo amigos e ganhando outros. Deixei de me dar com pessoas com quem não me identificava, pessoas negativas, tóxicas e que estavam mais disponíveis para noitadas e menos para manhãs. A vida dá voltas e vamos todos seguindo os nossos caminhos, procurando o nosso propósito e reforçando a nossa forma de ver o mundo. Se, inicialmente, isto me parecera um pouco triste, acabei por perceber que era simplesmente o plano geral das coisas em que nos tornamos adultos e vamos afunilando cada vez mais o nosso círculo. Se aos vinte anos temos todo o tempo do mundo para todas as pessoas que conhecemos, aos trinta já quase nem uma mensagem nos lembramos de mandar para dar os parabéns no aniversário do bebé. E isso não significa que deixámos de gostar daquela pessoa. Significa apenas que nos tornámos adultos e temos uma infinidade de coisas com que nos preocupar.

Hoje olho para Olívia, para Beatriz e para as novas amigas que, agora, fazem parte do nosso grupo. Mulheres incríveis que conhecemos nos últimos anos e com quem temos partilhado esta coisa fabulosa e assustadora que é viver. E a amizade na vida adulta acaba por se tornar bem mais simples, e menos dramática, que na juventude. Talvez nos tornemos mais empáticos, talvez deixemos simplesmente de ter tempo para nos preocuparmos com as escolhas de quem nos rodeia quando estamos apenas a tentar sobreviver dia após dia.

Mas também olho para Laura, a minha Laura, e vejo-a feliz, numa nova vida sem o *Hannibal*, não obstante as feridas profundas que ele deixou e que tiveram impacto em todas nós e na nossa relação com ela. Como se Laura tivesse querido começar uma nova vida sem ele, sem toda a dor que ele lhe trouxera, uma nova vida da qual nós já não fazemos parte. Talvez tenha sido mais fácil para ela começar do zero, talvez nós a fizéssemos lembrar o que ela tanto queria esquecer. As nossas conversas agora podem basear-se em trocas de mensagens de vez em quando, um café aqui e ali para meter a conversa em dia e uma

cumplicidade que, quando nos encontramos, vemos que ainda não morreu, apesar de sabermos que, depois de nos despedirmos, cada uma irá à sua vida. Mas também sabemos que podemos contar com a outra a qualquer momento. E isso também é amizade. Pode não ser sempre presente, mas é permanente.

A nossa vida num *puzzle*

Uma das coisas mais frustrantes dos trinta anos é a angústia com que passamos a olhar para a vida de quem nos rodeia e constatamos que falta uma peça no nosso *puzzle*, há um buraco que nada parece preencher. Passei os meus vinte anos a saltar de relação em relação e a tentar com todas as minhas forças não ser um *puzzle* incompleto, a deixar-me consumir pelo medo de ficar sozinha. E cheguei aos trinta com uma agradável paz na minha solitude. Mas consigo perceber a angústia da idade. «Estar solteira muda toda a dinâmica das amizades», disse-me Beatriz. «E quem diz que nada vai mudar está errado. Porque tudo muda.» Quando as nossas amigas começam a ficar noivas, a viver com namorados, a ter filhos, tudo muda. Podemos sentir o mesmo umas pelas outras, mas a forma como nos relacionamos passa para um plano secundário. Deixamos de viver a vida em conjunto e passamos a figurar apenas nos intervalos. Nós só queremos viver em *loop* em 1999 quando as Spice Girls andavam pelo mundo e, agora, elas também estão nas suas vidas e encontram-se de vez em quando para nos lembrarem que continuam amigas porque *friendship never ends*. Mas a vida continua. E, subitamente, temos de nos adaptar à nova vida das nossas amigas porque, lamentavelmente, vi mais mulheres a encaixarem na vida dos seus namorados do que eles nas suas. E não, eles não têm de se dar com as amigas para aquela relação funcionar. As Spice Girls estavam tremendamente enganadas.

Depois do *Velho*, vi Olívia encaixar na vida do *Toureiro* e a viver numa casa que parecia um museu de tauromaquia. Depois do *Pseudo-Intelectual*, vi Beatriz a encaixar na vida do *Cozinheiro* com quem vivia por turnos porque, quando ele chegava a casa do restaurante, já ela estava a dormir e, quando ela acordava de

manhã para ir trabalhar, ele ainda não acordara. Vi amigas, colegas e conhecidas encaixar extraordinariamente nas vidas de outras pessoas e a carregar no botão de pausa das suas. E eu percebi que não queria isso para mim. Fartei-me de ser encaixada à força apenas para não ser um *puzzle* incompleto. Beatriz e Olívia voltaram às suas vidas. Mas Alice não. A minha amiga Alice, aquela mulher com uma força sobrenatural nos anos em que trabalhámos juntas, decidira que tinha de casar. «Já está na altura, percebes?», perguntou-me. Eu não percebia mas conseguia ver toda a angústia dos trinta tatuada nos seus olhos. «Mas achas que ele é o amor da tua vida?», perguntei-lhe quando passámos o fim de semana juntas antes do casamento. «Ou casamos ou acabamos», disse-me de forma melodramática. Só no dia do casamento acabei por perceber, todas as suas amigas andavam por ali a correr com criancinhas de um lado para o outro.

A vida é isto. Escolhas que fazemos. Círculos onde nos movemos. Buracos do *puzzle* que queremos preencher porque crescemos, a vida muda e, a dada altura, as peças em falta ganham proporções colossais. Um ano mais tarde, Alice vai estar grávida, o marido vai traí-la com uma colega de trabalho e, antes de o bebé nascer, Alice já vai estar divorciada. E vamos acabar por nos rir porque um dia, enquanto almoçamos num café em Santos, ela vai dizer-me: «Pior que solteira aos trinta é divorciada aos trinta, não é? Dá aquela sensação de que talvez seja um pouquinho maluca e ele fugiu de mim a sete pés.» E eu vou dizer que não. «Dá a sensação que queres mais para ti do que um gajo que te traiu quando estavas prestes a parir um ovo.»

Mas aqui ainda não sabíamos disto.

Então aceitei sair com um amigo do então marido de Alice, com quem me cruzara no casamento, embora pouco ou nada me lembrasse dele. E aquilo que parecia um programa de apanhados era, afinal, um encontro com alguém absolutamente chalupa.

Todavia, ele parecia promissor. Era médico, não tinha um Instagram com *selfies* ou fotografias no ginásio, não dava erros ortográficos, o que mais pode uma pessoa pedir? Trocámos algumas mensagens durante uns dias e depois

combinámos uma caminhada na praia depois de jantar porque, à noite, tudo soa melhor. «És um violador?», perguntei-lhe numa mensagem antes de sair de casa, acrescentei um emoji sorridente para tentar aliviar a questão, pesada, imensurável, angustiante ainda agora, tantos anos depois. «Certamente não», respondeu. Sentia-me um pouco constrangida, como naqueles encontros perturbadores do Tinder, mas, pelo menos, sabia que ele era alto. Um problema estava, por certo, resolvido. E não correu mal porque ele falou… dele. Mas falou. No meio das suas intermináveis histórias, perguntou-me sobre o que escrevia.

— Hum, género romance?

— Mais ou menos — respondi. — É uma categoria muito abrangente.

— Tipo o «Sei lá» — disse com uma gargalhada.

— Sabes lá? — questionei confusa.

— Aquele livro que depois teve um filme. Lembro-me que todas as minhas amigas leram. É tipo isso?

— Espero que não — respondi com um sorriso.

Não foi uma noite surpreendente, mas fora agradável. E estava tudo a ser satisfatoriamente previsível até ao momento em que se aproximou de mim. Pensei que me ia beijar, mas ele afastou-se subitamente e perguntou-me se tinha gatos. «Cheiro mal?», pensei em pânico. Prestes a ter um ataque de asma, disse-me que era alérgico. «Repetimos?», perguntou no parque de estacionamento a dois metros de mim. «Prometo que tomo um anti-histamínico». Dei uma gargalhada e concordei. Depois do *Flash* e do *Espanhol*, que tinham outras relações, talvez já me contentasse com alguém que, pelo menos, estivesse disponível só para mim. Mesmo a dois metros de distância. E ele era mais do que isso: era inteligente, tinha sentido de humor, não entendia claramente nada de literatura, mas gostava de ler, era médico, tinha objetivos, falava demasiado dele, mas, tirando a quase morte súbita, fora a pessoa mais interessante que conhecera nos últimos tempos.

No sábado, perguntou-me se queria beber um copo ao fim do dia. E eu fui

comprar pastilhas de mentol, o cheiro das de canela deixavam-no enjoado, tal era a perspetiva de um copo passar a jantar.

— Queres ir a pé pela marginal? — perguntou-me, quando me encontrei com ele no parque da praia de Carcavelos.

— Estás a gozar? É longe. — Eram exatamente 5,2 quilómetros e não estava apaixonada ao ponto de levitar.

Ele olhou-me de cima abaixo.

— Essa vida sedentária não te vai levar longe.

Eu dei uma gargalhada, pensei que era uma piada. Mais tarde percebi que não. Se tivéssemos chegado à parte em que ele teria a sorte de me despir, teria visto como, afinal, a coisa ainda não estava assim tão má.

— Podes levar-me às cavalitas — respondi com uma voz melosa.

— Já fiz o meu exercício hoje.

Abriu-me a porta do carro e sentei-me muito direita como uma menina de castigo. Fomos aqueles 5,2 quilómetros em silêncio. E foram 5,2 quilómetros dolorosos e estranhos. Quando chegámos ao restaurante, em São Pedro do Estoril, e enquanto caminhávamos até à porta, entrelacei o meu braço no dele. «Estou muito perto?», perguntei com um sorriso para me redimir da minha vida sedentária. «Não te vejo com asma.» Ele respondeu secamente: «Por enquanto está tudo controlado.» E acelerou o passo.

Depois de nos sentarmos, despi o casaco, fui à casa de banho lavar as mãos e, quando voltei, após tanto tempo em silêncio, a primeira coisa que me disse foi que tinha o botão das calças abertas. «É da minha vida sedentária», respondi. «As calças já não aguentam.» Na verdade, eram umas *Levi's* antigas que comprara numa loja em segunda mão por cinco euros e cujo botão, volta e meia, se abria. Ele levantou os olhos do menu que tinha à sua frente. «Pois, se calhar é isso», comentou. Por esta altura, eu já sabia que ele nunca iria chegar perto de as despir. Mas, de tudo o que de mau pode acontecer num encontro, eu tive direito ao refugo: ao contrário da outra noite, em que palrara como um papagaio, agora estava subitamente mudo e eu já desejava que voltasse a falar só dele, estava

pronta para um monólogo, ansiava por ele. Mas apenas o via a olhar para a janela e a suspirar como se o tivesse obrigado a sair comigo. E questionava-me se me ia embora ou lhe atirava uma pedra de gelo à cabeça. Fazer aqueles 5,2 quilómetros a pé para trás parecia-me, de repente, o melhor plano de todos. Se aqueles minutos de silêncio no carro tinham sido desesperantes, os quarenta e cinco que se seguiram foram uma tortura. Resumiram-se a uma conversa forçada, comigo a fazer perguntas para não ficarmos em silêncio e ele a responder como se estar ali fosse pior do que fazer uma colonoscopia.

Não sabia onde é que a sua personalidade da outra noite se escondera porque, ali, revelara-se presunçoso e arrogante. Porque era médico, porque tinha muito trabalho, porque estava a escrever um *paper* para o congresso nacional não sei das quantas, porque tinha isto, porque tinha aquilo e tudo o que eu fazia era irrelevante, que inconveniência a minha abordar este assunto, porque ele era médico e eu era apenas uma miúda a escrever umas coisas e a deitar-se todos os dias às duas da manhã. «A vida é mesmo assim», disse-lhe a dada altura. «Tens de conseguir desligar do trabalho na tua vida pessoal.» Ele deu uma gargalhada. «Achas que é assim tão fácil? Um médico não desliga, não pode desligar.» Os olhos estavam quase a saltar-lhe das órbitas de tanto os revirar. «Bem, és psicólogo, não és propriamente um cirurgião nas urgências cardíacas», tive a infelicidade de dizer. «Eu evito que muitas pessoas se suicidem, percebes?», explodiu, perdigotos por todo o lado. «Ser psicólogo na urgência de um hospital não é estar sentado num sofá a ouvir miúdas como tu a queixarem-se dos seus problemas.»

Mudei de assunto. Perguntei pelo colega de casa, se era simpático, o que é que fazia. «Sim, ele é fixe, mas vejo-o mais no hospital do que em casa porque, como podes imaginar, trabalhamos por turnos.» Sim, como podia imaginar, eles estariam certamente bem um para o outro. Perguntei pelo cão, pelos pais, pela viagem que fizera há uns meses, pelos amigos, pelo periquito e fiz perguntas aleatórias até ter ficado sem energia para continuar a fazer questões cujas respostas não estava interessada em saber. Ele não me perguntou uma única

coisa. Eu estava convencida de que isto só podia ser para um programa de apanhados e alguém iria saltar a qualquer momento para me gritar que fora apanhada e tudo não passava de uma brincadeira. Deixei de lhe fazer perguntas às quais ele também não parecia querer responder e ficámos simplesmente calados.

Quando atingi o meu limite de o ver a suspirar pela janela enquanto bebia a sua cerveja, disse-lhe que me ia embora. Levantei-me sem esperar pela sua resposta, peguei na minha mala, vesti o casaco e saí. Com a surpresa, ele levantou-se e saiu atrás de mim. Fomos no carro dele de volta ao meu em silêncio. «Bem, bom resto de fim de semana, bom trabalho, boa sorte para o *paper* e, olha, até um dia», disse-lhe quando chegámos. Ele tirou subitamente o cinto e puxou-me pela cintura. «A sério?», exclamei, surpresa. Afastei-me. «Não?», questionou. E foi a primeira pergunta que me fez durante aquela tarde toda. «Desculpa, estou cansado, não estou nos meus melhores dias.»

Podia ter-lhe respondido com o mesmo tamanho do seu silêncio. Mas percebi que, de alguma forma inacreditável, ele não vivera o mesmo encontro que eu nem se apercebera da sua personalidade de merda, eventualmente por estar tão habituado a ela.

Limitei-me a sorrir e bati com a porta.

Não precisava de encaixar. O meu *puzzle* estava perfeito com aquele buraquinho no meio.

Monogamia

Porque é que o mundo continua a não ter constrangimento em nos fazer questões pessoais, se já temos filhos, se já casámos ou porque é que ainda vivemos sozinhas? Ninguém nos pergunta quais são os nossos sonhos ou nos congratula pela porra da nossa carreira.

Sobre as expetativas que temos do amor. «Acho que já me conformei em saber que, com esta idade, não vou voltar a sentir aquela paixão intensa», disse-me Beatriz um dia. «Que dramática», respondi. Mas será? Será que, a dada altura, temos simplesmente de aceitar alguém que não nos irrite profundamente para podermos responder às questões que nos fazem? «Não, já não vivo sozinha», iremos dizer e tirar um peso de cima dos ombros. Porque encaixámos. O nosso lugar no mundo estará, por fim, completo. «O teu problema», disse-me Olívia, «é que estás sempre a sabotar as tuas relações porque continuas agarrada a essa fantasia de que tens de sentir sabe lá Deus o que queres sentir.» Amor? É pedir muito querer amor?

De que forma podemos libertar-nos de toda esta bagagem que carregamos connosco? Dos traumas que as outras pessoas deixaram em nós, a desconfiança, a frustração, a intolerância, mas, acima de tudo, o medo de nos voltarem a magoar? Porque tentamos obsessivamente voltar aos sítios onde já fomos felizes em vez de desbravarmos com coragem novos caminhos? O ser humano tende a agarrar-se a esta bagagem confortável do passado. É um sentimento que já conhecemos. Apegamos-nos facilmente a ele. Eu sou apegada. Apego-me a objetos, memórias, fantasias. Apego-me a filmes, a livros, a música. Volto a ver, volto a ler, volto a ouvir. Apego-me a todas estas memórias e fantasias e ao conforto que me trazem. Torturo-me com elas e repito-as na minha cabeça

porque, ao não sentir o mesmo que senti com elas, sinto que nada mais é relevante de sentir. E não é assim que deveria ser.

Em tempos li que apaixonarmo-nos não é uma questão de destino, aquela ideia de *serendipity* e dos acasos da vida em que gostamos de acreditar, não por culpa nossa, arrisco dizer, já que crescemos com esta representação do amor nas músicas, nos livros, no cinema. É mais uma mistura de biologia, necessidade, educação e contexto. E é involuntário. Podemos escolher o que queremos comer, vestir, estudar, fazer, mas não podemos escolher por quem nos apaixonamos. É um maldito vírus que se instala no âmago do nosso corpo, as pernas tremem, o coração bate mais rápido, a garganta seca, tudo na outra pessoa tem uma força animal em nós. A sua voz, o sorriso, o cheiro, o que diz, a forma como fala, como anda, como mexe as mãos, o seu toque, tudo. É animal, inexplicável e incontrolável. Podemos escolher se queremos ou não alimentar essa paixão, é certo, mas, muitas vezes, é tudo uma grande confusão. E, de certa forma, isso trouxe-me alguma paz. Eu não escolhi apaixonar-me pelo *Espanhol*, não escolhi ter feito tudo o que fiz, o bom e o mau, o certo e o tremendamente errado. E não tive culpa de ele ter conhecido Flávia e ter escolhido ficar com ela mesmo enquanto estava comigo. Talvez ele também não tivesse escolha, talvez comigo também fosse animal, inexplicável e incontrolável para ele. Mas escolhi dizer-lhe adeus quando percebi que, afinal, a escolha sempre fora minha. Ter-me afastado não significa que tenha deixado de gostar dele. Talvez vá gostar para sempre, talvez, afinal, nunca tenha gostado. Ele, o *Mota* ou o Rico fizeram, durante muito tempo, com que sentisse que nunca mais iria conseguir ter aquele sentimento absoluto e incondicional, transformaram-me numa mulher implacável, passei anos a comparar todas as minhas tentativas de relações ao que sentira com eles. Com o tempo, ganharam uma carga emocional fantasiosa e irreal dentro de mim. Toda aquela perfeição, imagine-se, não poderia ser nunca mais replicada. Teria já esgotado as minhas fichas todas? Seria mais sensato, tal como Beatriz dissera, contentar-me em seguir em frente com alguém consciente

de que a paixão, não aquela habitual, mas a intensa que nos suga de dentro para fora, já se esgotara para mim?

Será esta ideia do amor em que nos fizeram acreditar sequer real? Porque procuramos tanto a monogamia quando, afinal, e analisando a história, ela foi criada por imposição para a mulher[15]? Os homens sempre puderam ter várias mulheres, era sinal de virilidade e masculinidade. Ainda hoje, em muitos países e culturas, a poligamia é legal[16], mas, mais uma vez, é o homem que pode ter várias esposas. E embora a poligamia, segundo estudos recentes, esteja a cair em desuso, e a disseminação da ideia de igualdade entre os sexos muito contribuiu para isto, a monogamia, em seu turno, por influência do cristianismo, veio condicionar a forma como vemos o amor e as relações. Se em tempos foi crucial para a sobrevivência e evolução do ser humano, porque as mulheres dependiam dos homens para sobreviver e cuidar dos filhos, à medida que as mulheres se foram tornando cada vez mais independentes, estará esta ideia de amor e casamento a tornar-nos ainda mais infelizes?

Numa palestra em 2019, o investigador Rui Diogo disse que não havia fundamentos biológicos para a monogamia. Os animais não o eram e, se pensássemos nas tribos da Amazónia, onde a poligamia acontecia, havia provas desta ancestralidade natural. Olhando para o passado, no tempo dos humanos caçadores-recoletores, a comida era providenciada pela mulher, pelo que esta detinha o prestígio económico e o poder familiar. Com a agricultura e as religiões, surgiu o conceito de propriedade e a imposição da monogamia, mas apenas para as mulheres. Os homens tinham de garantir que os filhos eram seus para a passagem das heranças e, desta forma, as mulheres tornaram-se também uma propriedade. E fomos sempre, era após era, propriedade. Queimadas na fogueira por sermos bruxas na Idade Média, prostitutas e amantes de nobres e reis durante o século xix, alvo de mutilação genital feminina até há sessenta anos para não procurarmos o prazer com outros homens[17] e a própria aliança de casamento começou por ser um símbolo de que a mulher tinha dono.

Olhando para a própria biologia das emoções, se é que isso existe, quando nos

apaixonamos, o nosso corpo sofre uma descarga de dopamina e oxitocina, um efeito anestesiante que nos deixa com uma sensação de felicidade extrema, vício e dependência da outra pessoa. Nesta altura, a mulher sofre um aumento dos níveis de testosterona, o que dispara a nossa libido e, por sua vez, os homens têm uma redução desta hormona, o que os torna mais carentes e doces. A biologia está feita para que esta sensação dure aproximadamente cinco anos, tempo suficiente para que a relação se torne estável e o casal gere filhos. É meramente uma questão biológica de dar continuidade à espécie. Findo esse prazo, a oxitocina acaba e a testosterona aumenta. Ou seja, podemos amar emocionalmente alguém e ter desejo sexual por outra pessoa e isto aplica-se aos homens e às mulheres.

Hoje tenho consciência de que somos cada vez menos monogâmicos. Não só passamos a vida a conhecer pessoas e a ter mais ou menos desejo por algumas delas, como agora temos todas estas redes sociais que nos fazem manter contactos virtuais com quem quisermos o que, de certa forma, mudou a sociedade. Seria estúpido, diria até irresponsável, acreditarmos hoje numa ideia fantasiada e romantizada da vida em que não olhamos para mais ninguém. Porque o desejo é natural. Claro que podemos escolher ser fiéis e, valha-nos isso, muita gente ainda o escolhe. Acredito que o *Espanhol* gostasse tanto de mim como de Flávia. Talvez ele tenha escolhido, por fim, ser fiel com ela. Talvez nem sequer o seja e tenha descoberto, entretanto, outra rapariga para fugir da sua rotina diária como fazia comigo. No momento em que escrevo isto, o *Espanhol* acabou de ser pai. Soube pelos amigos dele. Podia contactá-lo, acabou por me desbloquear em tudo. Mas iria querer fazê-lo? Não, e essa é uma escolha sensata.

Aceitarmos que somos livres e que o desejo sexual por outras pessoas é natural vai tornar as nossas relações mais saudáveis, menos dependentes e, de certa forma, mais felizes. Todo o medo, a desconfiança e a cobrança geram frustração. Sabermos que a outra pessoa pode ter desejo e, ainda assim, escolher estar connosco, e nós com ela, é uma forma de olhar para as relações com mais

valor. O amor é companheirismo, é tesão, é vício, é família. Mas também tem de ser liberdade. Este é o amor que eu quero.

Invisível

Certa manhã, a caminho de um evento literário, sentia-me uma estrela de outra galáxia. O meu segundo livro, publicado no ano anterior, em três meses já era o livro que a editora mais vendera nesse ano e isso, de certa forma, dera-me uma dose de confiança estratosférica. Sendo uma escritora nova, relativamente anónima e dentro de um padrão contemporâneo, não tivera qualquer divulgação, comunicação ou apoio dos *media*, o que fora, confesso, desolador. Nas semanas que antecederam o lançamento, estava cheia de expetativas. Depois do primeiro livro em que, devido às crises de ansiedade, não tivera capacidade física nem mental para viver aquele momento em pleno, queria dar tudo de mim neste segundo. Queria dar entrevistas, ir à rádio, a um ou outro programa de televisão, imaginava-me a discutir o impacto da literatura jovem na mudança de hábitos de leitura, queria ir a livrarias, queria tudo. E nada aconteceu, ninguém tivera interesse em mim. Claro que era capaz de ignorar a frustração que isto estava a provocar nas minhas entranhas, porque, ao mesmo tempo, o livro tornara-se inesperadamente viral nas redes sociais. Ainda assim, em lágrimas, desolada e a sentir-me profundamente invisível, Beatriz disse-me algo que mudou a minha forma de encarar as coisas. «Qual é a tua métrica de sucesso?», perguntou-me. «Não sei, só queria que me vissem», respondi.

— Se me disseres que só te vais sentir visível quando venderes um milhão de livros, bem, eventualmente vais viver infeliz para o resto da vida — disse-me. — O teu livro não está a ser bem-sucedido?

— Acho que sim.

— Então coloca a tua métrica de sucesso num patamar exequível e não nas mãos das decisões de outras pessoas. Porque o teu êxito não está dependente de

ires a um programa de televisão ou apareceres numa revista. Só tu podes controlar as tuas expetativas para que sejam facilmente maleáveis nas tuas mãos.

Quando fui à Feira do Livro apresentá-lo, num auditório apinhado até às costuras, tive uma sensação de conforto intensa. Lembro-me de pensar que aquele auditório representava toda a minha sede de comunicar e, por estranho que parecesse, naquele momento soube que queria escrever para os leitores, queria aqueles olhos a brilhar à minha frente, queria aqueles sorrisos que, sempre que cruzava o olhar com alguém, se abriam num apoio e num entendimento que ia além da arte e das estrelas que um crítico pudesse dar numa folha de jornal. Subitamente, o livro estava no *top* de vendas, recebia diariamente dezenas e dezenas de mensagens, já tinha perdido a conta às centenas de fotografias em que me tinham marcado, as *reviews* começaram a cair em catadupa em blogues, redes sociais, livrarias *online* e, para minha surpresa, percebi que a sensação de invisibilidade fora, desde sempre, o medo do fracasso. Ao ver outros escritores amplamente divulgados, estabelecidos e apoiados, colocara a minha métrica de sucesso nessa comparação em vez de olhar para o que tinha, uma comunidade digital que estava a levar o meu livro num passa a palavra que, para uma jovem autora anónima, era inacreditável. Aqui estava eu, plena, cheia, bem definida e colorida, visível, visível, visível.

Naquela altura, comecei a apresentar a minha ideia de curadoria literária enquanto venda digital de livros e, num primeiro momento, levei-a a duas grandes livrarias que a rejeitaram. Por mais que explicasse que os livros que o Book Gang[18] sugeria esgotavam e tinham uma grande procura no mercado, embora fosse evidente que a confiança que os leitores já tinham nas minhas escolhas fosse a razão dessa procura, uma vez que o meu foco era divulgar literatura contemporânea que incentivava à leitura, eles não estavam interessados nisso. E como poderiam estar? Eu estava a pedir-lhes dinheiro, quando eles já o ganhavam indiretamente comigo. No final desse verão, percebi que, mais uma vez, estava a colocar as minhas expetativas noutras pessoas e a permitir que

fossem guiadas pelas suas próprias ideias e decisões. O que é que me impedia de ser eu a vender os livros do Book Gang? Porque é que estava a colocar a minha ideia em pausa apenas porque fora rejeitada por duas livrarias? A rejeição foi o incentivo que precisava para começar a trabalhar no meu conceito de curadoria que acabaria por se tornar num clube do livro digital e numa livraria independente. Muitas vezes, sermos rejeitados é precisamente aquilo que precisamos, mesmo que no momento nos pareça arrasador. Ouvir um não faz-nos pensar noutras possibilidades, abrir portas diferentes. Ouvir muitos nãos mudou a minha vida.

Antes de lá chegar. Era apenas uma rapariguinha a mostrar umas ideias meio descabidas às quais ninguém ligava muito. Foram muitos *e-mails* ignorados e reuniões em que se riram de mim quando falava de uma curadoria literária. Mas eu continuava a falar. «As pessoas não estão incentivadas para a leitura porque não sabem o que hão de ler», dizia. «Os leitores de hoje estão no digital e a literatura tem de se adaptar a esta nova forma de comunicar», dizia. «Os livros que estão destacados nas prateleiras das lojas não são os que cativam a minha geração», dizia. Mas ninguém me ouvia, sentia-me a gritar na beira de um precipício, quando a única coisa que ouvia era o meu próprio eco. Agora era inaudível. «Tenho de ser humilde», pensava. Sempre me convenci de que tinha de ser cordial e submissa, saber aprender com os outros, os mais experientes, respeitar e ouvi-los implicava subserviência, nada disto me era estranho, passara anos a ser silenciada pelo *Freddy*. Assim, quando se riam de mim, quando me diziam que a minha ideia de uma curadoria literária era impossível num país como o nosso, ainda que a minha vontade fosse atirar a cadeira pelo ar, porque acreditava que estavam errados, calava-me, sorria e acenava. Ainda que soubesse que esse tipo de amabilidade não me fosse levar a lado nenhum, não era a falar que me iriam ouvir e respeitar, eu tinha de lhes mostrar, tinha de lhes provar o contrário.

Detesto admiti-lo, mas, verdade seja dita, eu sabia que tudo o que eu papagueava era impossível até alguém me abrir uma porta. Só precisava de uma.

E, então, o *Verity* de Colleen Hoover foi publicado e, sem qualquer dinheiro, estava falida e a sobreviver de trabalhos de *freelancers* mal pagos, a editora deixou-me fazer um teste de venda que foi um sucesso, inesperado até para mim. Pedi dinheiro emprestado para mandar fazer materiais, criar uma loja *online*, registar a marca, pagar as despesas inerentes a toda essa burocracia e, nesse mês, abri a minha livraria *online* independente que passou a vender os livros do mês, escolhidos por mim, num clube do livro que, algum tempo depois, já tinha centenas de leitores a comprar todos os meses.

Onde os outros veem falhanço, tens de continuar a ver uma possibilidade de sucesso.

Onde os outros veem descrença, tens de ver progresso.

Quando disserem que a tua ideia é estúpida, lembra-te de que alguém é milionário por ter inventado chouriços de esponja para aulas de natação.

Quando se rirem de ti, ri-te também. Não nos devemos levar demasiado a sério.

Quanto te silenciarem, grita mais alto.

Porque tudo é impossível até alguém o fazer.

E esse alguém podes ser tu.

Voltando àquela manhã. Usava umas calças subidas e um *top* às riscas sem ombros, não que isso fosse relevante, mas queria apresentar-me numa dose equilibrada entre escritora moderna mas suficientemente séria e adulta, e, a levitar no calor do fim do verão, entrei no terraço de um hotel em Lisboa com toda a confiança. Agora as pessoas já olhavam para mim de outra forma, já não era aquela rapariga a falar de uma curadoria literária idiota, talvez fosse sempre isto que os homens sentiam, o respeito dos outros, que, para nós, mulheres, nunca está garantido e, antes de o ganharmos, temos de levar com uma boa dose de desdém.

Durante muito tempo fora aquela rapariga cujo talismã da morte preferido era o manto da invisibilidade porque, durante muito tempo, tentara ser invisível. Aos

trinta e quatro anos, eu queria ser visível, queria gritar para que me vissem e, subitamente, era vista, era ouvida, era respeitada. Cruzei o meu olhar com o de um editor que já encontrara algumas vezes e que, de forma inexplicável, me fazia ter vontade de me atirar a ele como uma pantera. Não sabia o que me atraía nele, não era o homem mais bonito ou alto ou interessante da sala, mas deixava-me as mãos a suar sempre que falava comigo.

A primeira vez. Conhecera-o dois ou três anos antes numa apresentação da editora onde ele trabalhava, nessa manhã estavam a divulgar à imprensa os lançamentos do primeiro semestre e eu sentara-me despreocupada na primeira fila. Quando começou a falar, ainda nem tinha olhado para ele, senti um frio na barriga. Foi uma sensação animal como poucas vezes senti na vida, não posso dizer que tenha sido apenas do meu lado porque via os olhos dele a dardejar na minha direção constantemente, a sua voz parecia música, a forma de falar tão eloquente e, ao mesmo tempo, calma, tudo a fazer-me retrair sempre que os nossos olhares se cruzavam. Quando se apresentou, fingi ter as mãos ocupadas porque as sentia coladas e devo ter balbuciado duas ou três coisas porque tinha o coração acelerado num despropósito que nem sabia justificar. Adicionou-me no Facebook nessa noite, aceitei imediatamente na expetativa de uma mensagem que nunca chegou. Umas semanas depois, em casa de Beatriz, estava a brincar com o telefone dela no Tinder quando o vi. Gritei com o telefone na mão, Beatriz entrou a correr na sala a perguntar se havia algum fogo para apagar, toda aquela eloquência devia-se ao facto de, afinal, o imaginar solteiro. Comecei a seguir religiosamente tudo o que partilhava nas redes sociais, a fazer *like* nos seus *posts*, a atirar dardos para que me visse. Sempre que nos cruzávamos, via-o a olhar para mim, questionava-me porque me olhava tanto se parecia nem sequer me ver. Imaginava que todas as mulheres, tal como eu, eram panteras a tentar abrir-lhe as calças com as suas garras de verniz vermelho e limitava-me a presumir, sem qualquer fundamento para isso, que ele se devia sentir muito cheio de si. Imaginava-o a dormir com quantas panteras quisesse, menos comigo.

Naquela manhã. Quando o vi, a confiança caiu-me aos pés. Outras pessoas

falavam comigo, chamavam-me ou partilhavam ideias, mas era nele que a minha atenção estava focada, e ao longe, a falar com outro escritor, vi-o a olhar para mim. Subitamente, as minhas calças de ganga pareciam ridículas, fiquei consciente de todos os meus defeitos, o rabo-de-cavalo infantil e o que me tinha passado pela cabeça para ter ido de ténis como uma adolescente? Já ele, num fato elegante, um sopro ardente e insuportável a vir na minha direção, da minha parte foi apenas um olá pavoroso que me saiu da boca. Eu sabia que era invisível para ele.

— Não percebes o que estás a fazer? — perguntou-me Beatriz quando lhe contei, nessa noite, como me sentira ridícula. — Já idealizaste esse gajo na tua cabeça e criaste essa fantasia de perfeição que nem sequer é real porque não o conheces. Estás a espelhar as tuas inseguranças no papel que já assumiste que ele representa. Na volta, é um intelectual chato como a merda ou tem mau hálito, sabes lá.

Apercebi-me dec que estava a repetir o mesmo padrão de sempre, a agarrar-me a uma fantasia criada na minha cabeça, a ver nele tamanhas qualidades que talvez nem tivesse, resumindo-me, ao seu lado, a uma insignificância que também não era real, porque ninguém é unidimensional. E isto é tóxico, é profundamente miserável tentarmos competir com uma fantasia porque vamos estar sempre em desvantagem. Ninguém é dono do mundo, nem do nosso mundo, e, muitas vezes, a forma como os outros nos fazem sentir é um reflexo das nossas vulnerabilidades. Afinal, eu continuava a lutar contra o medo de ser demasiado visível ou demasiado invisível e isso não estava relacionado com ele, mas com a minha própria bagagem. Continuava a agarrar-me a fantasias porque, dessa forma, nunca me iria magoar. Nesse dia, apaguei-o das minhas redes sociais, o desgraçado não tinha culpa nenhuma, talvez fosse tão espantoso como o imaginara, mas a minha propensão para fantasias era embriagante e nociva para o meu bem-estar.

Passamos toda a vida em guerra com os nossos corpos, medos, traumas e frustrações, não podemos deixar que ninguém nos faça crer que o nosso

horizonte é menos reluzente do que aquilo que deve ser. Não nascemos para ser invisíveis, estamos cá para encandear o mundo. A única coisa que podemos fazer é garantir que ninguém nos tira a nossa luz.

O conforto

Quando a minha relação com Rico acabou, após dois anos juntos, passámos um tempo infindável na cama porque, de repente, a paixão dera lugar a tesão e este conforto simples do que nos é conhecido ganha sempre lugar de destaque na nossa vida. Eu não queria estar com ele, imagino que ele também não quisesse estar comigo, mas havia tanta familiaridade nas nossas rotinas que acabávamos sempre por passar os fins de semana juntos. Na altura, estava a trabalhar numa casa-abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica e, muitas vezes, ele ia ter comigo para bebermos café quando saía do trabalho porque ficava perto. Quase me consigo ver lá naquele tempo, uma miúda de vinte e três anos que não sabia nada da vida a tentar ajudar mulheres com a sua destruída. E a linha que separava a minha vida pessoal das vidas daquelas mulheres tinha dias que era muito ténue, era difícil que fosse diferente. Passava horas com elas, algumas eram praticamente da minha idade, não obstante a bagagem que carregavam, os filhos que já traziam fruto de relações marcadas pela violência física e emocional, infâncias pautadas pela pobreza e redes familiares de apoio disfuncionais. No dia em que decidimos separar-nos, fazia o turno da noite e, encharcada em ansiolíticos, fui trabalhar e acabei no sofá a chorar com três ou quatro senhoras a tentar consolar-me quando eu é que estava a ser paga para as consolar a elas. Nunca me esqueci do que uma me disse: «Aprendemos as verdades mais profundas sobre nós quando perdemos a vida que achávamos que queríamos.» Olhei para ela e sorri. Quão disparatada era a situação, uma senhora que fugira de casa com dois filhos, porque o marido a tentara sufocar até à morte, a tentar galvanizar o estado de espírito de uma miúda a chorar porque o seu namoro acabara.

Num sábado à noite, dois ou três meses depois de termos terminado, fui a uma festa na praia com Laura e outros amigos. Tinha feito um turno duplo e, depois de sair à meia-noite do trabalho, fui ter com Laura à praia. Não fiquei muito tempo, rapidamente percebi que estava exausta e, depois de me despedir de toda a gente, saí da praia em direção ao meu carro, estacionado do outro lado da marginal. Seriam dois ou três minutos a pé, não pensara muito nisso, sentia-me confortável por estar perto de casa e numa zona que conhecia bem. Mudara de roupa no trabalho e estava com um vestido por cima dos joelhos, não que isso fosse relevante, é certo, mas estava a aprender a lidar novamente com o meu corpo, depois de tanto tempo a sentir-me uma estranha na minha própria pele. Antes de Rico, andava sempre de calças de ganga largas, vestia-me para não chamar a atenção porque, na minha perspetiva, mais valia ser invisível, mas ele apanhara muitos dos meus cacos. Claro que hoje vejo toda a ironia disto, a minha vida tem sido um duelo a tentar encontrar o equilíbrio saudável entre o desejo de ser invisível e visível. Enquanto percorria a marginal em direção ao túnel, para atravessar para o outro lado, percebi que vinham três tipos atrás de mim. Ouvi os seus comentários sobre o meu vestido e acelerei para atravessar. Lembro-me como se fosse hoje de ter tido a sensação de que algo de mau iria acontecer, foi um rasgo de pensamento que me passou à frente dos olhos: se atravessasse o túnel escuro, e provavelmente vazio, eles iriam violar-me. Talvez o meu corpo tivesse ficado mais alerta, a verdade é que pensava muitas vezes nos «e se…» da vida, esses «e se…» corroem-nos por dentro. E se o irmão dele não tivesse aparecido? Comecei a correr pela marginal, eles correram atrás de mim. Às vezes, quando penso nisto, dói lembrar-me que nenhum carro parou ao ver três rapazes perseguirem uma rapariga pela estrada às duas da manhã. Quando um deles, o que vinha mais à frente, me puxou o braço, o meu corpo reagiu instintivamente, e selvaticamente, sem pensar, dei-lhe uma grande joelhada nos genitais. Ele largou-me e, sem sequer olhar, atravessei a marginal a correr, preferia ser atropelada a ser violada. Serpenteei entre os carros até chegar ao meu e, a tremer, abri a porta, liguei a ignição e saí dali aos solavancos. Parei

mais à frente numa bomba de gasolina e, numa crise de ansiedade indescritível, pedi ao rapaz para me arranjar água para tomar um ansiolítico. Deitei-me no carro e liguei a Rico. Ele estava em casa com amigos quando me atendeu. «O que se passa?», perguntou. Em lágrimas disse-lhe que fora perseguida, devo ter dito que estava com uma crise de ansiedade, não sei, precisava dele, precisava de parar de sentir tudo o que estava a sentir, nem sei se era dele que precisava, era apenas a necessidade de conforto. «Mas não estás no carro? Então vai para casa, estou a jogar com eles e estivemos a fumar, não vou conduzir agora», disse-me, a dada altura. Devo ter implorado, no meio de uma crise de ansiedade acho que se perde a coerência de tudo o que se diz. «Escuta, liga o carro e vai para casa, está tudo bem, já estás segura e nada te vai acontecer.» Fiquei durante algum tempo deitada à porta da bomba de gasolina, demasiado tempo, imagino, porque o rapaz saiu e veio bater-me no vidro. Abri uma frincha, talvez ele fosse também um violador, era só nisso que pensava, e perguntou-me se estava bem. «Sim, sim», respondi, «já vou para casa, obrigada.» Ele enfiou-me um chocolate vermelho pela frincha da janela, aquele gesto tão simples emocionou-me profundamente.

Depois daquela noite, estive vários dias sem atender o telefone a Rico. Não estava chateada com ele, antes comigo. Nós já não estávamos juntos e apercebi-me de que tinha de parar de ver nele a solução para todos os meus problemas. Uma vez, tempos antes, ele dissera-me que, por vezes, se sentia uma bengala. «Não entrei na tua vida para resolver os teus problemas, para levar o teu carro à inspeção, para te ir buscar quando sais à noite, para ir contigo a sítios a que não queres ir sozinha, tens de aprender a ser desenrascada e independente», dissera. A verdade é que só depois daquela noite percebi que ele tivera sempre razão. Aquela relação tornara-se mais conforto que amor, por aquela altura nem sabia dizer se gostava dele ou se gostava do que representava na minha vida, a sensação de me sentir segura. Porque estar sozinha sempre fora um grande gatilho para a minha ansiedade. Hoje sei que passei anos a girar em torno da

órbita do *Espanhol* porque ele me proporcionava o conforto de que precisava, mesmo que à distância, era somente a fantasia de não estar sozinha.

Alguns anos depois, Rico disse-me que nunca se esquecera daquela noite e do que fizera e que, mais tarde, ficara a remoer nessa ideia. «Sei que fui egoísta, somos todos um bocado às vezes, não é?» E eu sorri. «Acabei por me transformar naquilo que sempre desejaste para mim», respondi-lhe. A porra de uma mulher independente.

Somos o que vemos

(ou somos como nos veem?)

Para mim, ser mulher é usar a minha voz. Nunca nenhuma geração de mulheres teve acesso a tanta informação e independência através do uso da tecnologia e, hoje, estamos nos ombros de todas as que marcaram o mundo antes de nós. É nosso dever usar o privilégio que nos foi dado para melhorar o mundo para as mulheres que virão depois. E sinto-me revoltada, sinto-me mesmo muito zangada quando vejo mulheres com vergonha da palavra feminista ou a dizer que o feminismo não é necessário nos dias de hoje. Só porque uma mulher é incrivelmente afortunada e nunca teve de enfrentar uma situação em que o seu sexo a prejudicou, isso não significa que o sexismo não exista porque, irmã, ele está profundamente enraizado na nossa sociedade. Só porque os direitos iguais de uma mulher são protegidos, isso não significa que os de todas sejam.

Factos. Muitas mulheres continuam a ser oprimidas e silenciadas (e agredidas e violadas todos os dias) numa sociedade que, historicamente, girou em torno das vozes, perspetivas, experiências e dos desejos masculinos. Foram os homens que lideraram os governos, promulgaram as leis, esculpiram a nossa a cultura, definiram os nossos valores e, resumindo, assumiram o poder. Restringiram a nossa liberdade, impediram-nos de votar, de estudar, de trabalhar, de decidir o que fazer com o nosso corpo, de sentir prazer, de amar. Quando, aos dezoito anos, me questionei por que fora obrigada a estudar e a aprender a cultura portuguesa pela voz dos homens, talvez tenha sido a primeira vez que me confrontei com estas questões, numa altura em que pouco ou nada se falava de feminismo e eu pouco ou nada entendia sobre isso. Quando, aos vinte e dois anos, entrei num projeto das Nações Unidas para a participação política dos

jovens na igualdade entre mulheres e homens e fui a Bruxelas ao Parlamento Europeu debater sobre igualdade de género, já sabia que era aqui que queria usar a minha voz.

E passei muitos anos da minha vida a duvidar das minhas capacidades porque, desde criança, aquilo que o mundo me deu foi a crença de que o meu valor enquanto mulher seria definido pela minha capacidade de atrair um homem, nos seus termos, ou integrar-me numa sociedade que, mais uma vez, fora esculpida pelos termos dos homens. E quando vivemos numa cultura que é cada vez mais focada na aparência, somos o que vemos ou somos como nos veem?

Quando entrei na faculdade, tive uma obsessão pelo *Santos*. Ele era uma personagem relevante da faculdade, presidente da associação de estudantes. Nem era bonito, era um rapaz normalíssimo de cabelo comprido que usava *T-shirts* por cima de camisolas de manga comprida, mas era fascinante, inteligente, falava muito, e bem, e, inconscientemente, eu precisava de uma fantasia a que me agarrar. Sempre que se sentava na minha mesa no bar, o meu corpo tremia, eu ansiava febrilmente por isso todos os dias, pela escapatória das aulas com Clara, nem era tanto para o ver, era para que ele me visse. Para todos os efeitos, eu era a *Miss Caloira* ignorante e não me importava assim tanto em assumir esse atributo. Usava calças justas cor-de-rosa com ténis de plataforma, calções de ganga curtos e *collants* com botas até ao joelho e camisolas cortadas por cima do umbigo. O *Santos* aproveitava qualquer ocasião para falar comigo e conseguia ver, no meio do bar apinhado de miúdos, quando ele sorria e olhava para mim ao longe. As nossas trocas de olhares eram tão puras e intensas como, anos antes, o que vivera com *Mota*.

Quando ia para casa, depois das aulas, trocávamos mensagens sobre temas triviais e por vezes, à noite, ele dava-me toques[19] e eu respondia da mesma forma. Um dia, numa troca de mensagens, ele perguntou-me se aquela história da casa de banho naquela festa era verdade. Achei curioso perguntar-mo porque o veterano em questão era do grupo de amigos dele e, nesse dia, apaixonei-me

ainda mais por não assumir que fosse verdade. Andámos semanas assim, naquela paixão platónica e fulminante em que, ainda que nada acontecesse propriamente, tudo acontecia emocionalmente, o meu peito acelerava só por ele me pegar na mão para fazer uma brincadeira qualquer. Uma tarde, na sala da associação de estudantes, ele fotocopiou as nossas mãos ao lado uma da outra. «Olha como encaixam na perfeição, vou guardar isto para mim», dissera. Dobrou a folha e colocou-a na mochila, mais tarde mandou-me mensagem a dizer que tinha as nossas mãos coladas ao lado da cama, o meu corpo pulsou. Noutra ocasião, fomos a uma manifestação e Clara tirou-nos uma fotografia. «Dás-me uma cópia?», pediu. Eu encolhi os ombros, aquele era um jogo a que estava habituada a jogar. No meio do percurso, ele deu-me a mão e levou-me com ele pela avenida até à Assembleia da República. Senti-me profundamente especial, conectada com ele a um nível celestial.

As minhas aulas acabavam na hora de almoço e eu nunca ficava na faculdade, mas, numa tarde fatídica, entrei no bar a meio da tarde e vi-o sentado de mãos dadas com uma rapariga que nunca antes vira. E, antes de ele me ver, beijou-a. O coração caiu-me aos pés, Clara disse-me para não olhar, mas como poderia fazer isso? Passei lentamente por eles, olhei-o nos olhos e vi a surpresa gravada no seu rosto, vi-o puxar o cabelo para trás, dizer qualquer coisa ao ouvido da rapariga, levantar-se e sair. Mais tarde, enviou-me dezenas de mensagens, passei horas a lê-las repetidamente, mas não respondi a nenhuma. A história era simples: era a namorada dele, estudava noutra faculdade, ele não sabia o que fazer, não conseguia deixar de pensar em mim, não queria perder a minha amizade e um sem fim de desculpas bonitas. Passei a ignorá-lo, imaginei que isso o fosse atormentar, mas passei todo o ano apaixonada por aquela fantasia em que quanto mais o via, mais sofria, mais ansiava por sofrer. Nas festas da faculdade ia propositadamente de vestidos curtos em que mal me podia mexer, deixava que me olhasse, que me mandasse mensagens às quais não respondia, acalentava secretamente pelo dia em que me iria dizer que a relação deles acabara. Claro que nunca o fez.

Perto do fim do primeiro ano da faculdade, um dos rapazes mais velhos do grupo dele começou a namorar com Clara e, numa noite em que fomos sair, ele perguntou se eu e o *Santos* nunca nos tínhamos envolvido. «Ele nunca nos contou o que se passou entre vocês», disse-me, «mas esteve prestes a deixar a Margarida porque tinha uma pancada por ti.» Ouvir aquilo foi uma surpresa, queria saber mais e bombardeei-o de questões. A dada altura ele disse-me: «Lena, não leves a mal o que vou dizer, mas tu és demasiado espalha-brasas e acho que foi isso que o demoveu, ele é um tipo simples, imagino que o deixasses excitado com os teus calções, mas acho que eras demasiado para ele.» Odiei-o por isso, por me ter colocado um rótulo pela forma como me vestia, por ter decidido que não valia a pena o esforço de me conhecer, porque, de alguma forma, a minha aparência, o que quer que isso significasse, fora suficiente para o demover. Contudo, percebi que fizera o mesmo que o seu amigo, o seu silêncio sobre nós era um subterfúgio para criar uma ilusão do que poderia ter acontecido. No ano seguinte, ele passou para as aulas da tarde, eu continuei de manhã e, outro ano volvido, quando também fui para a tarde e o voltei a ver, estava ele já no último ano, pouco ou nada falámos.

Durante esse verão, pensei muito no que o namorado de Clara me dissera. Tinha vinte anos e estava farta de ser vista como a *Miss Caloira ignorante*, rotulada por usar calções curtos, chamada de espalha-brasas, micro-ondas[20], vulgar, mal-comida e outras tantas expressões depreciativas criadas por uma cultura universitária machista que continuava a reduzir as raparigas a objetos que podiam ser avaliados todos os anos pelos veteranos e, ao mesmo tempo, julgadas por aquilo que esperavam que fôssemos, cultura essa da qual ele fazia parte. Todavia, havia tanta coisa que eu queria alcançar, tantos sítios onde queria chegar, que me questionei se a imagem que tinha era aquela que queria continuar a ter. Ser mulher, para mim, era muito mais do que vestir-me para me destacar, para chocar, para chamar a atenção, para criar uma reação nos outros. Eu continuava a ter dentro de mim aquela rapariguinha que gaguejava e ela, consigo

perdoá-la por isso, queria gritar para o mundo, queria ser vista. Mas percebi que o queria fazer através da minha voz.

Hoje, imagino que seja cada vez mais difícil para as jovens raparigas, com o impacto das redes sociais, lidar com esta dualidade. Queremos divertir-nos, ser felizes, ser apreciadas, sensuais e, ao mesmo tempo, nós mesmas, únicas, originais, respeitadas, ouvidas e vistas. Mas os homens continuam a condenar-nos, a diminuir-nos e a magoar-nos por aquilo que julgam que é uma imagem fabricada diariamente ao gosto deles. Nunca ao nosso gosto.

Ser mulher, para mim, é acreditar que somos o que vemos e não como nos veem. Estamos a esculpir o caminho da próxima geração de raparigas e cabe a nós mostrar-lhes que o seu potencial não tem limites, cabe-nos forçar mudanças e abrir portas a um mundo cada vez mais igualitário onde uma rapariga não terá medo de caminhar sozinha na rua ou de ir a casa de um homem, onde a sua voz não será condicionada pela sua aparência, onde o seu corpo não será subordinado por leis criadas por homens, onde o seu valor não será limitado pelo seu sexo. Ser mulher, para mim, é poder usar a minha voz para capacitar outras mulheres à minha volta. Se todas conseguirmos mudar um pouco o mundo que nos rodeia, o mundo em si irá mudar.

As raparigas não podem ser o que não podem ver. Então, sejamos tudo aquilo que o mundo não quer que elas vejam. Sejamos a voz que o mundo quer silenciar. Sejamos a força que, até hoje, os homens nos quiseram tirar.

Medos

Uma tarde, há cerca de um ano, sentada no sofá da terapeuta, disse-lhe que havia algo de muito errado comigo. «E é errado porque tu achas que é errado?», perguntou-me. Podia não ser, mas não era saudável e não sabia como deixar de ser assim. Debitei a minha lengalenga sobre estar continuamente a repetir o mesmo padrão que, eventualmente, começara no *Mota*, o conforto das fantasias a que me agarrava, o desejo que tinha por pessoas com quem não podia estar e a rapidez com que me desinteressava quando me envolvia, como se passasse todo o tempo à procura do primeiro defeito que me faria afastar. «O teu problema não é a fantasia que alimentas dentro de ti, são as tuas barreiras inconscientes e creio que isso significa que continuas agarrada ao medo de seres visível, nunca deixas ninguém entrar muito fundo porque é mais fácil viver na fantasia. A fantasia nunca te vai magoar», disse-me.

A necessidade de controlo. Talvez seja uma característica essencial da mente de quem vive com ansiedade ou sofreu algum tipo de trauma que nos faça ter medo de perder outra vez o comando do nosso corpo. Medo de sofrer. Medo de falhar. Medo de estar errada. Medo de ser mal interpretada. Medo de não ser ouvida. Medo de não ser vista. E muito medo de ser vista. Medo de intimidade. Mas também medo da superficialidade. Medo do que é novo. Mas ainda mais medo da rotina. Medo da minha mente. Medo daquilo que esperam de mim. Medo daquilo que eu espero de mim. Medo de ficar sozinha. Medo de perder os meus pais. Medo da solidão. Medo de morrer. Medo de viver com todos estes medos.

Nas férias em que fiz dezoito anos, eu e Laura fomos para o Algarve para casa de uma amiga, os pais dela tinham concordado em deixar-nos sozinhas durante

um fim de semana de raparigas. Sentíamo-nos fatalmente adultas, independentes, emancipadas, livres e selvagens. Ouvimos música na piscina, bebemos caipirinhas à noite, cozinhámos esparguete, mergulhámos nuas, vimos filmes até adormecermos no sofá. Na noite seguinte, fomos ter a casa de uns rapazes que iam dar uma festa e que conhecíamos de Cascais. Eu tinha uma pancada pelo *Rodas*, o rapaz da minha festa de anos, costumávamos conversar na praia, beijávamo-nos às vezes e, quando saíamos para o Coconuts, ele trabalhava no bar e oferecia-nos bebidas. Tinha cabelo encaracolado por baixo das orelhas, era mais velho, moreno, perfeito, e quando o encontrei naquela festa e me puxou para dançar, senti-me desejada, bonita e especial. Queria corresponder a tudo o que esperava de mim. Bebi o que me ofereceu, deixei que fosse ele a controlar-me, queria ser essa rapariga porque imaginava que fosse isso que ele desejava e, por sua vez, eu queria que ele me desejasse. Quando me levou para um quarto para estarmos mais à vontade, ri-me e deixei-me conduzir. Quando me beijou, beijei-o de volta. Queria tanto que ele me quisesse, mas, ao mesmo tempo, não sabia corresponder ao que ele parecia querer. Tinha perdido a virgindade meia dúzia de meses antes e o sexo ainda era uma coisa nova. Nunca me passara pela cabeça deixar que ele controlasse o meu corpo, via-o apenas como a fantasia infantil que criara dele onde inventava que me beijava e não que tentava à força empurrar a minha cabeça para o seu pénis. Estava demasiado bêbeda, as memórias que retenho daquela noite são as de tudo parecer estar em câmara lenta. Lembro-me de me rir e de dizer que não. Lembro-me de ele dizer «Vá lá, eu sei que queres». E lembro-me de Laura entrar como um foguete dentro do quarto, gritar com ele e me puxar da cama por um braço.

O verão acabou, o Coconuts encerrou e, no ano seguinte, ele já não trabalhava lá e nunca mais o vi. No verão passado, encontrei-o, e foi com surpresa que vi que era mais baixo do que eu, continuava com os mesmos amigos a fumar charros na praia e não se parecia nada com a memória que tinha dele. Até nas minhas memórias eu via a fantasia que criara e não a pessoa real.

«Não te podes deixar atraiçoar pelas fantasias», disse-me a terapeuta. «As

pessoas que imaginas dentro da tua cabeça nunca se vão revelar exatamente assim. Tal como tu não és como as pessoas te imaginam. E isso é saudável, isso permite que conheças a pessoa real e cries uma conexão com ela.» E se nunca a criar?

Numa noite de verão, jantámos num terraço em cima do mar e decidimos que queríamos dançar, queríamos voltar a perder-nos na linguagem dos nossos corpos, da música, ficar leves e libertar-nos tal como fazíamos aos dezasseis anos quando cada noite era longa e mágica. Enquanto descíamos o paredão em direção a uma discoteca na praia do Estoril, vi o *Espanhol*. Não falávamos desde a troca de *e-mails* em que, com tanta graciosidade, me explicara por que me tinha bloqueado e já lá iam dois ou três anos. Beatriz agarrou-me na mão e apertou-a com força. Vê-lo foi estranho, lancinante e, ao mesmo tempo, libertador. Pensei que podia dizer-lhe olá, de qualquer das formas não significaria nada, as nossas vidas tinham seguido rumos diferentes. Mas percebi que não o queria fazer, a única coisa que me restava era poder controlar se queria que as escolhas dele interferissem na forma como me sentia. E, naquela noite, não senti nada. Já não me lembrava do cheiro dele, do som da gargalhada, da forma de falar, de sorrir. Já nem da voz me lembrava. Teria deixado de gostar dele naquela noite anos antes quando saíra do Lux a chorar ou teria sido ali, naquele momento em que o vi? Lembro-me de que os nossos olhares se cruzaram, levantei a cabeça, passei por ele e segui em frente. Nem por uma única vez olhei para trás. Durante a noite, os amigos dele vieram ter connosco, vi-o olhar para mim, vi-o encostado ao bar e vi o esforço desumano que fazia para afastar o olhar do meu corpo a dançar. Deu-me um prazer secreto vê-lo a ver-me, talvez tenha questionado o que perdera, talvez não. Naquele momento não havia nada de sádico no meu comportamento, simplesmente percebi que o controlo tinha estado sempre nas minhas mãos, vê-lo como o homem que era, humano, feio, mundano, banal, tal como eu. Não éramos divinos a caminhar um para o outro como durante anos fantasiara. E não queria mais estar com ele, a fantasia que tinha dele dentro de mim esfumara-se.

«Tens medo de ficar sozinha?», perguntou-me a terapeuta. «Agora não», respondi, «na verdade, tenho medo de nunca mais conseguir gostar de ninguém porque gosto demasiado de estar sozinha.» Ela anuiu e pensou. «Gostas de estar sozinha ou gostas de controlar o que sentes porque assim nunca te irás magoar?», perguntou.

O meu corpo. É meu, pertence-me, só tenho de deixar entrar quem eu quiser. Posso controlar quem entra no meu coração, tal como quem entra no meu corpo. Há uns tempos conheci um homem mais velho e quis muito forçar-me a gostar dele, quis provar a mim mesma que não estava estragada, danificada, não havia nada de errado comigo. Ele era arrogante, autoritário, mas num bom sentido, falava com confiança, dizia-me como me impor nas relações profissionais, dava-me conselhos sobre dinheiro e dizia-me coisas tão arrasadoras como «Lena, defende a tua arte, eleva-a, falas dela com vergonha, como se não fosse nada de especial». E isto encorajava-me. Ele via tantas qualidades em mim que era impossível não gostar um pouco dele por tudo aquilo que puxava de dentro de mim. Mas eu gostava dele ou gostava de ser aquela rapariga que ele via? Quando me beijava, parecia que me queria engolir por inteiro, queria tirar-me tudo e aquela perceção do que ele achava que eu tinha era, afinal, a única coisa que eu gostava nele. Era aquilo que ele via em mim. A dada altura já nem aguentava que me tocasse, quanto mais ele tentava puxar algo de dentro de mim, menos o meu corpo queria dar. Estava exausta de me forçar a gostar dele.

«Quando nos apaixonamos, perdemos o controlo», disse-me a terapeuta, «não controlamos como a outra pessoa nos vai fazer sentir. Mas isso também é a magia do amor, querermos deixar a outra pessoa controlar um pouco. Vai voltar a acontecer, não tens de forçar.»

Ferozes

O amor enriquece a nossa vida, faz magia com o nosso corpo, torna-nos imortais e faz a nossa alma voar, mas é a amizade que nos salva. E são as amizades entre as mulheres que movem o mundo. As amizades em que praticamos a melhor versão de nós mesmas, em que escolhemos mostrar também os nossos medos, o nosso lado mais sombrio, as nossas inseguranças, a nossa humanidade e, ao mesmo tempo, ampliamos a nossa capacidade de ver o melhor umas nas outras. Mesmo quando vivemos e vemos a vida de forma diferente. Quando penso em Laura, Olívia, Beatriz e em todas as outras mulheres do nosso círculo, sei que, calçando os seus sapatos, provavelmente faria escolhas diferentes. O amor verdadeiro entre as mulheres nasce quando, sabendo que faríamos de outra forma, conseguimos respeitar, amar e aceitar a forma como elas decidem viver. Sabemos ver a beleza daquilo que somos, a fascinante e redundante compreensão de que somos todas pedaços umas das outras.

Elas inspiram-me, ajudam-me a ser uma mulher melhor, a ver o mundo de outra forma. Com elas aprendi a torcer pelas outras mulheres mesmo quando a minha vida estava um caco, mesmo quando tinha inveja. Aprendi a escutar mesmo quando pensava que estavam erradas. Aprendi a praticar a empatia mesmo quando era mais fácil julgar. Aprendi a perdoar mesmo quando estava magoada. Perdoei Laura e aceitei as suas escolhas, mesmo que isso signifique que já não façamos parte da vida uma da outra como antigamente. Amamo-nos mesmo que tenhamos seguido caminhos diferentes. E esse é o amor que fica para sempre, que só existe entre as mulheres, é o amor que nos salva.

«Tenho medo da solidão», disse-me um dia Beatriz, «tenho medo de chegar a velha e não ter ninguém.» Pensei no que ela me disse. «A vida dá muitas voltas,

mas acho que nos vamos ter umas às outras», disse-lhe. «Podemos viver no campo juntas?», perguntou-me. Dei uma gargalhada. «Sem dúvida, vamos ter casinhas para cada uma e um grande jardim no meio onde vamos beber *cocktails* e dizer mal dos homens e dos nossos filhos.» A maioria de nós já passou por traumas, por abandono, já experimentou dor ou perda, enfrentou conflitos, desilusões e provações, a vida de todas nós já passou por altos e baixos. Fomos obrigadas a crescer, a moldar-nos às várias mudanças da vida, sem ninguém nos preparar para todas as mutações à nossa volta. E o que teria sido de nós sem outras mulheres para nos levantar?

Sobre o amor. O amor é sentirmo-nos em casa com alguém ao lado. É sermos nós mesmas com alguém ao lado. É fazermos o que quisermos com alguém ao lado. É sermos independentes com alguém ao lado. É partirmos para o mundo com alguém ao lado. É vivermos a nossa vida exatamente da forma como a queremos viver… com alguém ao lado. Alguém que a quer viver da mesma forma ou, pelo menos, quer estar presente enquanto traçamos o nosso caminho. Este é o amor que eu quero. Entre os vinte e os trinta anos, vivi obsessivamente atrás do amor, tentei preencher todos os meus buracos, os meus medos e as minhas dores com uma fantasia daquilo que imaginava que iria salvar-me, um homem, uma relação, alguém para me dizer que tudo ia ficar bem, alguém para me confortar, para me fazer sentir segura e confiante de que estava a corresponder às expetativas que todos tinham de mim. E muitas destas relações, boas ou más, reais ou fantasiosas, ajudaram-me, curaram-me, mudaram-me, deixaram-me cicatrizes, mas mostraram-me que estava farta de investir todo o meu tempo em tudo menos em mim. Porque passei dez anos a ser aquilo que esperavam que fosse, a moldar-me aos gostos de homens, a tentar encaixar-me nos buracos dos seus *puzzles* e, ao tentar ser invisível, quase desapareci dentro de mim mesma.

Durante os últimos anos, vi muitas mulheres à minha volta encaixar. Vi-as colocar o barómetro da sua felicidade em relações e a abrir espaço para que outras pessoas controlassem a sua vida. A maior lição que a vida me deu foi que

a única coisa que podemos controlar é a nossa felicidade. Por vezes vamos ter de atirar a roupa de um *Sem Cojones* para a piscina, vamos ter de perdoar, como Rita perdoou o *Flash*, por vezes as pessoas vão magoar-nos apenas porque não estão bem com elas mesmas, como o *Pila Pequena*, por vezes vão usar-nos como bengalas, como o *Velho*, vão ser egoístas, como o *Pseudo-Intelectual*, por vezes vamos querer fugir da nossa realidade, como eu fiz com o *Gipsy King*, e vamos querer abrir gavetas do passado em busca de outros tempos mais felizes, como com o *Mota*, e, lamentavelmente, por vezes, vamos amar alguém que nunca nos irá amar de volta, como o *Espanhol*.

Muitas pessoas vão deixar-nos com feridas, com bagagem espalhada pela casa, vão magoar-nos, transformar-nos, partir-nos em bocados até não sobrar quase nada. Mas a escolha é sempre nossa. Conheço muitas mulheres que escolhem ficar em relações de merda porque é muito mais confortável que o desconhecido. Talvez essas relações só sejam assim aos meus olhos, para elas talvez sejam peças do *puzzle* que encaixaram na perfeição. E há beleza nestas dualidades, há amor no respeito que temos por todas as mulheres à nossa volta e pelas vidas que escolheram ter. Conheço mulheres que já são mães, que já casaram, que compraram casas, que têm empregos estáveis e uma vida delineada e segura. E conheço mulheres que ainda não encontraram a sua voz, que não sabem o que querem fazer com o seu tempo por cá, que nem sequer sabem se querem ter filhos, que ainda andam a saltar de emprego em emprego e de relação em relação. E esta é a verdadeira ferocidade das mulheres. Todas percorremos um caminho que é só nosso, não estamos aqui para competir com ninguém à nossa volta. Todas estamos precisamente onde temos de estar. E todos os dias temos a escolha de seguir a direção que nos faça mais feliz.

Todos os dias são uma oportunidade para nos tornarmos nas mulheres que queremos ser, para encontrarmos a nossa voz, para deixarmos de ser invisíveis, não obstante toda a dor que carregamos aos ombros. Todos os dias são um novo começo para deixarmos para trás empregos que não nos estimulam, relações

violentas, amizades tóxicas, para encontrarmos o nosso propósito, para usarmos os nossos dons para tornar o mundo melhor para quem vier depois de nós.

O mundo pode silenciar-nos. As pessoas podem magoar-nos. Os homens podem maltratar o nosso corpo. A sociedade pode tentar tornar-nos invisíveis.

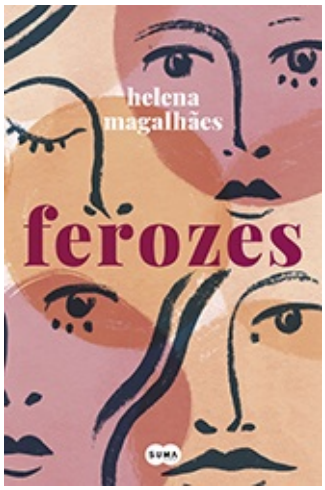
Mas nós elevamo-nos. As nossas feridas tornam-se belas cicatrizes que ostentamos com orgulho. O nosso corpo torna-se uma carapaça capaz de tudo, até de gerar uma nova vida. A nossa voz quebra barreiras, grita por justiça, fomenta mudanças, cria arte, leva ao progresso, muda o mundo. O amor cura-nos. A amizade salva-nos.

Tornamo-nos ferozes.

Obras de Helena Magalhães
na Suma de Letras:

Raparigas como nós
Feroze

Um livro que é uma ode às mulheres e um grito de força e superação



Ferozes é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o que é ser mulher nos dias de hoje e um grito de autodescoberta e emancipação. Numa voz intimista e com humor, a escritora Helena Magalhães analisa o impacto da cultura patriarcal em que as mulheres continuam a viver, enquanto partilha histórias pessoais que nos fazem pensar sobre o crescimento, a descoberta de quem somos e qual é o nosso propósito. Tudo isto enquanto lidamos com as amizades, mudanças de empregos, família, perda, traumas e, claro, o amor.

Esta é uma história sobre os triunfos e as frustrações da vida adulta e os medos e incertezas que nos condicionam. Sobre aprendermos a deixar de ser como os outros nos veem para sermos aquilo que vemos em nós. E sobre os laços entre mulheres e a força transformadora das amizades femininas.

Porque é nessa jornada, com tudo o que carregamos aos ombros, que nos tornamos ferozes.

Helena Magalhães nasceu em Lisboa em 1985 e, depois de alguns anos no jornalismo, dedicou-se à literatura a tempo inteiro. Em 2017, escreveu o seu primeiro livro e, em 2019, publicou Raparigas como nós, que se tornou um bestseller em Portugal. Ativista literária, criou o clube do livro Book Gang para incentivar a geração digital a ler mais e para divulgar literatura no feminino.



Edição em digital: novembro de 2021

© 2021, Helena Magalhães
©© desta edição: 2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de Penguin Random House Grupo Editorial
©Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
©correio@penguinrandomhouse.com

Edição: Diana Garrido
©Revisão: Ana Bárbara Pedrosa
©Capa: Helena Soares e Sara Costa
©Ilustração da capa © Helena Soares
©Fotografia da autora © Aline Macedo

ISBN: 978-989-784-479-9

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] Discoteca no Monte Estoril que, nos anos noventa e início do milénio, era o ponto de encontro de todos os jovens de Cascais. À sexta-feira, entre as oito e a meia-noite, havia matinés para os adolescentes.

[2] Escrever isto fez-me sentir da idade da pedra. Em 2008, usávamos CD para tudo, desde guardar fotografias até músicas para depois ouvirmos no carro.

[3] Fonte do Relatório Anual de Segurança Interna.

[4] Dados de 2021 da Organização Mundial da Saúde.

[5] Naquela altura, os nossos telemóveis não tinham memória. Para recebermos mensagens, tínhamos de apagar outras. Copiá-las para um caderno, para as guardar, era uma rotina bonita.

[6] Tiroidite de Hashimoto, uma doença auto-imune em que o sistema imunitário, que nos devia proteger, se vira contra nós e ataca a tiroide, provocando gradualmente a sua destruição e a produção insuficiente de hormonas da tiroide, que é o meu caso.

[7] A ideia era uma festa com referências a animais (eu fui bastante criativa, com umas orelhas de gato), mas num contexto, à falta de melhor palavra, erótico.

[8] O mIRC era uma espécie de sala de ***chat*** virtual nos primórdios da Internet em Portugal. E os leitores que experienciaram esta magia sabem exatamente do que estou a falar.

[9] Acordos de cooperação no domínio da Saúde em que crianças provenientes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) são transferidas para Portugal para fazer tratamentos oncológicos.

[10] Música »Dizer que Não», do álbum *Magnólia*, lançado em 1999.

[11] Música «Batuta e Batota» de Samuel Úria.

[12] A Literatura de Cordel era um género literário popular em forma de folhetos que se penduravam num cordel nas portas das livrarias, escritos frequentemente em rimas e o seu sucesso deveu-se, em grande parte, ao preço inferior ao dos livros. Mais tarde, por volta do século xviii, Gil Vicente viria a iniciar o teatro de cordel. E imagino que todos tenhamos estudado o *Auto da Barca do Inferno* na escola (eu fui o Diabo na peça escolar) e nos lembremos das rimas satíricas. Hoje em dia, a gíria romance de cordel é comummente associada aos romances tipicamente *light* no sentido de os catalogar como literatura inferior (já que mais barata não é).

[13] Referência a Hannibal Lecter, claro. Ele era, e continua a ser, um vilão.

[14] Do livro *O Mundo à Beira de Um Ataque de Nervos*.

[15] Investigação de Rui Diogo, especialista em biologia evolutiva e antropologia e professor na Faculdade de Medicina na Universidade de Howard, em Washington.

[16] A maioria está em África, região com muita concentração da religião muçulmana onde o Alcorão permite ao homem ter até quatro esposas.

[17] Atualmente, cerca de 68 milhões de raparigas encontram-se em risco de sofrer mutilação genital feminina até 2030, maioritariamente em África e no Médio Oriente. E, embora ilegal na Europa, estima-se que vivam 600 mil mulheres que foram vítimas desta prática e que outras 180 mil raparigas ainda estejam sob risco em treze países europeus. Como disse a eurodeputada Maria Noichl, «infelizmente, os corpos das mulheres sempre foram um campo de batalha. Trata-se sempre do controlo masculino sobre os corpos femininos».

[18] Clube do Livro digital que, hoje, tem uma subscrição mensal e uma livraria independente.

[19] Dar um toque para o telemóvel hoje não faz sentido, mas, no início do milénio, era isso que

fazíamos, uma espécie de lembrete de que estávamos a pensar na outra pessoa. Muitos amores começaram com trocas de toques.

[20] Expressão que era muito usadana minha faculdade sobre as raparigas que serviam para aquecer.

Índice

Ferozes

Nota da autora

Primeira: Caloira ignorante

Segunda: Por qué no te callas? (não, porque é que nos calamos?)

Sorte

Um trauma é válido mesmo que:

O meu corpo Tenho medo do meu corpo. Tenho medo de que seja demasiado

Dualidades

Uma história de amor

Subitamente nos trinta

Romances fast food

Retrospetiva noturna

«A culpa não é tua, Lena, Lena…»

É normal sentirmo-nos (por vezes) uma fraude

Velha infância

Sem controlo

Opiniões

Sonhos

Um emprego (quase) de sonho

Viver atrás do telemóvel

O topo da cadeia

Histórias de terror

Piquenique no átrio do edifício

Despedida às quatro da manhã

Um tête-à-tête com a inspeção do trabalho

Um corno da Chanel

A liberdade dos dezoito anos

Sintonia

A Arca de Nu é

Uma brisa

Uma conversa constrangedora

Uma noite no Porto

Soldadinha de chumbo

Loucura

Despedidas e recomeços

(falta de) Representação

Quando em Paris

As gavetas da nossa vida

Subir o Everest

A Atomic Kitty

A vida vivida através de um ecrã

Intimidade

A carta

O poder dos livros

Impenetrabilidade

Raparigas em missão

As nossas palavras são asteróides

Barcelona

Dor

Sabedoria revivalista

Três Tinder surpresa

O Artista amargurado

O das meias rotas

O Porta-Chaves

Cedências

Mudanças

Ansiedade

Trintona

A nossa vida num puzzle

Monogamia

Invisível

O conforto

Somos o que vemos (ou somos como nos veem?)

Medos

Ferozes

Obras de Helena Magalhães na Suma de Letras

Sobre o livro

Sobre Helena Magalhães

Créditos

Notas